



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO CURSO
DE LETRAS-TRADUÇÃO

JULIANA REIS BATISTA

**THE SECRET GARDEN:
A TRADUÇÃO ENTRE CONTO E ADAPTAÇÃO**

Brasília – DF

2021

JULIANA REIS BATISTA

THE SECRET GARDEN: A TRADUÇÃO ENTRE CONTO E ADAPTAÇÃO

Projeto Final de Tradução apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês.
Orientadora Prof^a. Dr^a Rachael Anneliese Radhay

Brasília - DF
2021

AGRADECIMENTOS

À Deus que acredito estar presente em cada segundo dessa jornada chamada vida.

À professora Rachel. Foi muito gentil aceitar o convite para ser minha orientadora, mesmo que eu tenha me apresentado aos 45 segundos do segundo tempo. Sou extremamente grata pelo seu 'sim'.

À todos os professores da Universidade de Brasília que estiveram presentes na minha vida acadêmica até aqui. O conhecimento compartilhado é uma arma poderosa, foi uma honra ser aluna de cada um.

À minha mãe por estar presente nos melhores e piores cenários ao meu lado. Eu gastaria páginas e páginas descrevendo o quão é incrível ela é, por essa razão, vou me limitar somente ao clássico eu te amo.

À minha família por ter aguentado firme mesmo com as perdas que tivemos esse ano. Aos meus amigos por compartilharem suas experiências – desastrosas ou não – sobre Trabalhos de Conclusão de Curso. Não diminuiu o nervosismo, mas causou boas risadas.

Por último, mas não menos importante à minha avó. Sinto sua falta todos os dias.

RESUMO

O objetivo deste Projeto Final é propor a tradução para o português da obra infantojuvenil *The Secret Garden* da autora inglesa Frances Hodgson Burnett através de oito capítulos do conto original (1911) e de oito capítulos da adaptação através da editora *Eli Readers*(2011), analisando os ganhos e os perdimentos que ocorrem da interação com dois materiais diferentes e tendo como embasamento teórico os principais conceitos propostos pelos estudiosos da área como Itamar Even Zohar (1978), Paulo Henriques Britto (2012) e Anthony Pym (2000). Além disso, apresenta-se uma reflexão sobre o lugar da literatura infantojuvenil nos Estudos de Tradução. Ademais, para mostrar os resultados do processo tradutório usa-se o esquema de tradução literária proposto pelos estudiosos José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985) em conjunto com conceitos e estratégias propostas por Mona Baker (1992).

Palavras chaves: Tradução Literária; Literatura Infantojuvenil; *The Secret Garden*; Conto; Adaptação.

ABSTRACT

The purpose of this Final Year Project is to propose the translation of the children's work *The Secret Garden* by the English author Frances Hodgson Burnett into Brazilian Portuguese through eight chapters from the original tale (1911) and through eight chapters from the book adaptation by the publisher Eli Readers (2011), as well to analyze the gains and losses resulting from articulating two different sets of material with a view to understanding literary translation. The theoretical focus is based mainly upon work by Itamar Even-Zohar (1978), Henriques Britto (2012), Anthony Pym (2000) and Mona Baker (1992). In addition, this project seeks to situate children's translation within Translation Studies. Finally, the analysis of the translations done for this final year project is based mainly on the framework for literary translation developed by José Lambert and Hendrik Van Gorp (1985).

Keywords: Literary Translation; Children and Juvenile Literature; *The Secret Garden*; Tale; Adaptation.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 APRESENTAÇÃO DE <i>THE SECRET GARDEN</i>	11
2.1 A obra.....	11
2.2 A autora.....	11
2.3 O livro e o seu contexto	12
3 CONCEITOS TEÓRICOS.....	14
3.1 A concepção de infantojuvenil através da história	14
3.2 A literatura infantojuvenil	15
3.3 Tradução infantojuvenil	22
3.4 Textos literários e os dilemas ou as complexidades da tradução	24
3.5 Tradução de adaptação.....	28
3.6 O esquema Lambert e Van Gorp.....	29
3.7 A teoria dos polissistemas	31
4 PROCESSO TRADUTÓRIO.....	36
4.1 Esquema teórico José Lambert e Hendrik Van Gorp.....	36
4.1.1 Como funciona.....	36
4.1.2 Dados preliminares.....	36
4.1.3 Nível macroestrutural.....	38
4.1.4 Nível microestrutural.....	40
4.1.5 Contexto Sistêmico	41
4.2 Traduções das obras	42
4.2.1 A conjunção	42
4.2.2 O poema de Mary.....	45
4.2.3 O dialeto de Yorkshire	47
4.2.4 Expressões idiomáticas.....	52
4.2.5 As palavras emprestadas.....	52

4.2.6 A linguagem do jardim.....	58
4.2.7 Impressões sobre o processo tradutório.....	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS	70
ANEXO 1.....	70
ANEXO 2.....	136

1 INTRODUÇÃO

Se as principais fontes históricas da humanidade pudessem ser classificadas elas estariam delimitadas da seguinte maneira: vestígios arqueológicos, registros orais, representações pictóricas e documentos textuais. Dando ênfase a esse último, os documentos textuais abrangem várias formas de escrita que vão de relatos reais, como por exemplo, o mundialmente famoso diário de Anne Frank, passando por ficção científica com *Frankenstein* de Mary Shelley, até histórias fictícias dotadas de heterônimos como Mensagem de João Pessoa. A questão é que todo tipo de gênero literário se encontra protegido por algo maior chamado literatura.

A arte da linguagem escrita tem várias formas e significados diferentes, o que é considerado um clássico da literatura brasileira, pode não ser considerado um clássico na literatura francesa, talvez uma pessoa espanhola goste menos de Dom Quixote e mais de Os Miseráveis, e vice e versa. Independente da obra que uma pessoa decide adotar como sua favorita quando tem independência para executar tal escolha, é certo afirmar que todos os indivíduos iniciam a jornada como leitores críticos do mesmo ponto de partida: a literatura infantojuvenil.

O nome diz tudo: literatura infantojuvenil é uma literatura para crianças e jovens, em outras palavras, em meio à duas das principais fases da vida infância e adolescência se encontra a literatura infantojuvenil. Não é surpresa mencionar que o que é entendido como um texto infantojuvenil em uma cultura, pode não ser compreendido dessa maneira em outra, embora haja um senso comum de que a maioria das pessoas leu sobre O Pequeno Príncipe e Alice no País das Maravilhas em suas respectivas versões originais ou adaptações, ou como tratados neste trabalho conto e adaptação.

Pensando nisso surge o Projeto Final de Tradução, *The Secret Garden*: A tradução entre conto e adaptação, conto porque refere-se a “uma obra de ficção” (IPED, 2021, p.1), e adaptação porque “implica modificações do texto original” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2021, p.1) ou para os tradutores “um tipo de 'intervenção' (...) entre as quais uma distinção deve ser feita entre "deliberada intervenções" e desvios da literalidade” (SALDANHAe BAKER, 2009, p.3). Durante a infância e juventude os clássicos da Disney são assistidos com o objetivo de despertar o lúdico e nas escolas obras infantojuvenis são introduzidas aos alunos

com o propósito de letramento; a questão é que em algum momento é descoberto que aquela história apresentada no passado nada mais era do que uma apresentação remoldada conforme o propósito dos adultos para determinada faixa-etária.

Neste trabalho acadêmico é apresentada a obra literária, *The Secret Garden*, ou em português, O Jardim Secreto. O estudo foi desenvolvido através de dois textos em língua inglesa: o conto original de Frances Hodgson Burnett de 1911 e a adaptação de Jane Bowie de 2011 através da editora *Eli Readers*. A obra original tem uma narrativa longa, composta de 27 capítulos, já a adaptação é uma versão resumida do conto, elaborando somente os acontecimentos principais em capítulos curtos e com linguagem menos elaborada do que a apresentada no livro original durante oito capítulos.

Mary Lennox é uma garotinha mimada e sem educação que perde os pais durante um dos surtos de cólera na Índia, sendo uma órfã, ela é levada para morar com um parente que nunca viu na vida, o senhor Archibald Craven. Sua nova residência fica às beiras de uma charneca no norte da Inglaterra, uma mansão cercada por jardins majestosos e misteriosos, mas a menina descobre com o tempo que não são somente os jardins que podem esconder segredos.

O objetivo geral é apresentar uma tradução que esteja voltada para o público infantojuvenil usando como base teórica conceitos criados por estudiosos como Itamar Even Zohar (1978), Paulo Henriques Britto (2012) e Anthony Pym (2000). Os objetivos específicos visam mostrar a prática tradutória com base no esquema teórico de José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985) e estratégias de Mona Baker (1992), trazendo as diferenças tradutórias entre conto e adaptação, os ganhos e perdas do processo, além dos desafios da tradução de literatura infantojuvenil quando trata-se de oralidade. O Projeto Final de Tradução tem foco principalmente nos trabalhos desenvolvidos por Paulo Henriques Britto (2012), Anthony Pym (2000) e Mona Baker (1992).

The Secret Garden é uma obra que já teve várias traduções para língua portuguesa ao longo dos anos, por isso a tradução feita nesse Projeto Final de Tradução é uma retradução.

Isso acontece porque:

toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra é então uma retradução (...) as traduções envelhecem e porque nenhuma é a tradução: assim vemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento. (SciELOBrasil, 2017, p.1).

Para fins tradutórios foram escolhidos 8 capítulos do conto, sendo eles: I - *There Is No One Left*, II - *Mistress Mary Quite Contrary*, IV - *Martha*, VII - *The Key Of The Garden*, XIII - *I am Colin*, XX - *I Shall Live Forever And Ever And Ever*, XXIII - *Magic*, XXVII - *In The*

Garden, XXVII - *In The Garden*. Todosos 8 capítulos da adaptação foram traduzidos, sendo eles: *The Forgotten Girl*, *The Key*, *New Friends*, *Colin*, *Spring Has Come*, *I Will Live Forever!*, *Magic* e *In The Garden*.

Considerando a quantidade de laudas exigidas para o Projeto Final de Tradução (50 laudas mínimas) recomenda-se a banca a leitura de todos os capítulos da versão Jane Bowie e 3 capítulos da versão Frances Hodgson Burnett: *I – ThereIs No One Left*, *II - Mistress Mary Quite Contrary* e *IV - Martha*.

O projeto divide-se em 4 partes principais: apresentação de *The Secret Garden*, onde apresenta-se sobre a autora e sua obra; considerações teóricas, onde é abordado questões teóricas pertinentes ao tema; processo tradutório, onde discorre as estratégias adotadas para a tradução e por último considerações finais.

A obra foi escolhida com base no contato prévio que havia tido com a tradução da adaptação em disciplinas literárias, e depois movida pela curiosidade de finalmente ler e traduzir o conto original. O Jardim Secreto é um clássico da língua inglesa na Inglaterra, envolto em uma camada de melancolia inicialmente, mas que aos poucos vai se desfazendo e mostrando as verdadeiras cores de um novo mundo. Hodgson (1911) conseguiu fazer um contraste entre a dura realidade que se vive durante a perda de alguém querido e esperança de reconstruir-se após a morte, mostrando que esses sentimentos atingem todas as idades. Talvez essa seja sua fórmula secreta.

2 APRESENTAÇÃO DE *THE SECRET GARDEN*

2.1 A obra

A obra escolhida para esse trabalho acadêmico foi *The Secret Garden*, da escritora britânica Frances Hodgson Burnett (1849 – 1924). A trama gira em torno de Mary Lennox, uma garotinha mimada que é enviada para morar com seu tio recluso em uma das cidades mais tradicionalistas da Inglaterra – Yorkshire -, depois que seus pais faleceram durante uma pandemia.

O público alvo se encontra no gênero textual infantojuvenil. A narração dos acontecimentos é exposta em terceira pessoa por um narrador onisciente, ou seja, ele sabe tudo sobre todos – seus sentimentos, seus pensamentos, passados e futuros hipoteticamente - mesmo não estando presente no enredo.

Curiosamente, *The Secret Garden* havia sido uma publicação seriada da revista *The American Magazine* antes de seu lançamento como livro. O segundo debate ocorreu em 1911 pela *Frederick A. Stokes*, enquanto sua estréia no Brasil deu-se por meio da editora Ediouro com tradução de Paulo Silveiro.

A segunda fonte é uma adaptação resumida e recontada, feita pela editora *Eli Readers* em 2011. O livro manifesta somente os acontecimentos principais em capítulos curtos, com linguagem menos elaborada e descritiva do que a que está presente no livro original, uma vez que sua função é ensinar estudantes que estão no nível intermediário da língua inglesa.

De modo geral, por se tratar de um conteúdo em domínio público, diferentes empresas têm suas próprias versões. A versão utilizada para este Projeto Final de Tradução em sua versão século XX está disponível na internet através do *The Project Gutenberg*. Um trabalho idealizado por um dos pioneiros dos *e-books*, Michael Heart, criado com o objetivo inicial de digitalizar obras como a retratada neste estudo.

2.2 A autora

Frances Hodgson Burnett nasceu em Manchester, Inglaterra, em 24 de novembro de 1849. Sua juventude foi consideravelmente abastada até a morte de seu pai – o provedor da família Hodgson –. A fatalidade obrigou a família a mudar-se para o Tennessee.

Em razão da condição financeira desfavorável, Frances não completou seus estudos, mas era uma leitora e escritora assídua, foi com esse talento que conseguiu ajudar a sustentar sua família. Ela começou escrevendo histórias para revistas femininas tendo seu primeiro trabalho publicado quando tinha apenas 19 anos.

A vida da senhora Frances Hodgson era cheia de reviravoltas; migrou para os Estados Unidos a procura de uma vida melhor; casou-se 2 vezes, sendo uma delas com um homem 10 anos mais novo – o que era um escândalo considerando a época –, segundo uma das colunistas do site *Long Island Weekly*, Christy Hinko (2021), por conta desse acontecimento a britânica foi até mesmo taxada de ‘*new woman*’, pois era o termo pejorativo da época para referir-se a mulheres que não seguiam as convenções propostas pela sociedade vitoriana.

Embora tenha escrito para adultos também, o sucesso da autora deve-se pelo que pode ser chamado de a trindade literária de Frances Hodgson Burnett que é composta pelos contos infantis: *O Pequeno Lorde* (1886); *A Pequena Princesa* (1905); *O Jardim Secreto* (1911).

Infelizmente a *Magnum Opus* da escritora foi inspirada em um fato doloroso de sua vida; a morte do filho mais velho Lionel Burnett. O primogênito faleceu de tuberculose enquanto ela escrevia *The Secret Garden*, o que levou a inspiração do personagem Colin Craven que é uma criança igualmente doente.

A britânica faleceu em 1924 - exatamente 97 anos atrás - nos Estados Unidos e encontra-se sepultada no cemitério Roslyn, famoso por sua seção dedicada aos soldados mortos na Guerra Civil.

2.3 O livro e o seu contexto

Feita uma introdução sobre a obra e a autora; é de suma importância situar *The Secret Garden* no tempo e no espaço.

De acordo com a relação tempo e história, o livro tem lançamento datado do século passado, ou seja, século XX. Nessa época a Índia estava sob domínio da Grã Bretanha, período que começou em 1858 e perpetuou até a independência do país em 1947 (BRITANNICA, 2021, p. 5); ademais, calcula-se que os primeiros acontecimentos sobre as aventuras da menina inglesa ocorrem no que é considerada pelos historiadores como sendo a

sexta onda de cólera que teve seu cenário situado entre 1899–1923 (HISTORY, 2017). Considerando o ano de lançamento do livro (1911) a narrativa fica compreendida entre duas épocas de onde emergiram alguns dos maiores clássicos da literatura de língua inglesa, sendo o fim da Era Vitoriana em 1901 que teve autores como Bram Stoker (Drácula) e Emily Brontë (O Morro dos Ventos Uivantes), e o começo da Era Eduardiana que durou até 1910.

Em relação ao espaço, obviamente a narrativa toma maior forma quando a protagonista volta para o país colonizador, a Inglaterra, no entanto, em vários momentos o país colônia onde ela viveu é citado.

É importante destacar que mesmo que a obra tenha status de uma leitura infantil clássica para as crianças, ela não escapa das discussões desenvolvidas posteriormente a sua publicação. *The Secret Garden* contém diálogos com questões racistas e xenofóbicas que podem levar o leitor mais crítico ao desconforto, além de levar a interpretações que podem transformar o conteúdo em um assunto sensível. É válido citar que algumas editoras já são adeptas de notas de advertência sobre esse assunto presente no conteúdo ao publicarem suas próprias versões.

Recomenda-se a leitura de *The Secret Garden* com a mente aberta; afinal é preciso entender que as discussões que são pertinentes hoje, talvez não fossem importantes para Frances Hodgson Burnett dentro de seu modelo de vida e nas configurações sociais nas quais ela estava inserida. Então, após tais avisos, ressalta-se que a leitura fica por conta de ser um ato subjetivo e a cada um cabe tirar as suas próprias conclusões.

3 CONCEITOS TEÓRICOS

3.1 A concepção de infantojuvenil através da história

Para compreender o surgimento da literatura infantojuvenil é necessário primeiramente entender como a ideia de um indivíduo localizado entre a infância e a adolescência surgiu e se alterou através da história.

Assim como a maioria das descobertas da humanidade, a descoberta da infância e da juventude passou por um período sombrio para então chegar ao que é conhecido hoje. Por exemplo, na Idade Média (compreendida entre os séculos X e XV), vários estudiosos apontam que as crianças eram vistas como mini adultos, ou seja, não havia distinção entre eles, trabalhavam igualmente como os mais velhos e era exigido o mesmo nível de compreensão sobre o mundo.

Essa falta de divisão entre sujeitos de diferentes idades chega a ser compreensível dado a época que foi marcada pelas principais características e fatos: feudalismo, guerras pela Terra Santa e peste negra. O caos desse período era tanto, que não havia tempo para considerar que as pessoas deveriam sim, ser entendidas como diferentes dependendo da idade que tivessem.

Felizmente o cenário mudou com a chegada do iluminismo (XVII - XVIII). Entre tantas mudanças políticas e sociais, uma ‘luz’ também caiu sobre os mais novos que tinham apoio para desenvolvimento vindo principalmente da igreja católica que tinha interesse em catequizar a juventude daquela época. Segundo Jennifer Melo (2020, p.1), Philippe Ariès, um dos principais estudiosos da área sugere que:

No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade que a distinguia dos adultos. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar, lançado às numerosas representações de crianças do início do século XVII. (ÁRIES, 1981, p. 70, apud Revista Educação Pública).

Para concretizar o raciocínio: o infantojuvenil finalmente tem o seu lugar reconhecido dentro da sociedade, por ser o primeiro estágio da vida, há um grande interesse no desenvolvimento pleno desse ser garantido e protegido pelas leis, pelo menos na teoria, sabes se que muitas coisas não funcionam na prática.

3.2 A literatura infantojuvenil

A ideia de literatura infantojuvenil tem berço Europeu. Quem nunca ouviu os contos Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida e Cinderela? Todos os três ganharam popularidade entre os pequenos através das adaptações feitas pelo ‘pai da literatura infantil’ Charles Perrault (1697). Para se ter uma noção de sua popularidade, uma de suas histórias é citada dentro do livro original traduzido desse Projeto Final de Tradução.

É importante atentar-se a essa palavra: adaptação. As primeiras histórias da literatura infantojuvenil eram derivadas de narrativas orais que eram tudo, menos para crianças. Temas como estupro, assassinato e tortura eram comuns, mas com a evolução da humanidade, surgimento das noções de ‘o que é’ e ‘o que não é’ adequado para cada idade, as adaptações ganharam novas roupagens que serviram para concretizarem as características base desse tipo de narrativa literária.

Como dito no tópico anterior deste trabalho, o gênero infantojuvenil teve seu prelúdio entre os séculos XVII e XVIII junto às mudanças que começaram a considerar as particularidades e diferenças que as crianças tinham em relação aos adultos. No entanto, literatura para crianças, não significa que todas tinham acesso igualitário a ela.

Os clássicos da literatura infantojuvenil ficavam restritos a crianças de classes mais elevadas, enquanto aquelas que pertenciam às classes mais baixas, ficavam limitadas a uma literatura menos elaborada, transmitida oralmente por pessoas mais velhas e que não se importavam com a diferenciação entre o universo infantil e universo adulto, pois uma criança naquele tempo não era vista como uma criança, mas sim um ‘pequeno adulto.’ (ORRICO e SANTOS, 2015).

Considerando os dias atuais, esse tipo de literatura pode manifestar-se através de diferentes formatos que podem ser: fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2021).

Infelizmente não existe uma resposta exata sobre qual é a idade adequada para começar e terminar a faixa etária para a literatura infantojuvenil. Alguns dizem que deve começar aos 9 anos de idade e terminar aos 11 (PROJETO EDITORA, 2021); outros indicam a iniciação aos 8 anos e término aos 12 (COZER, 2013); existem aqueles que vão ainda mais longe e sugerem entre 11 e 16 anos (REDAÇÃO ZOOM, 2019).

A definição de o que é literatura infantojuvenil, assim como a faixa etária, não cabe dentro de um conceito bem delimitado também, pois com frequência as palavras ‘infanto’ e

‘juvenil’ são tratadas como distintas, e tratando-as como distintas, é possível obter as seguintes respostas de determinados estudiosos.

Com base no Glossário Ceale, Ligia Cademartori explica a literatura infantil como:

[...] um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo determinado à leitura pela criança e é, a partir desse juízo, que atrasa a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros. Portanto, o que é classificado como literatura infantil não independente da concepção que a sociedade tem da criança e de seu entendimento do que seja. Mas os dois conceitos são instáveis, uma vez que variam em diferentes épocas e culturas. Vários teóricos, entre eles Peter Hunt, estabeleceram uma característica distintiva a partir de qual se pode conceituar o que é literatura infantil. (CADEMARTORI, 2020, p.1).

O teórico citado pela tradutora é considerado o pioneiro em estudos sobre literatura infantil como disciplina universitária. Em seu livro *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, Peter Hunt apresenta uma teoria crítica voltada especialmente para essa área e o mesmo admite que:

Não pode haver uma definição única de "literatura infantil". O que se considera um “bom” livro pode sê-lo no sentido prescrito pela corrente literária/acadêmica dominante; “bom” em termos de eficácia para educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o entretenimento de uma determinada criança ou grupo crianças de circunstâncias específicas; ou "bom" em algum sentido moral, religioso político; ou ainda em um sentido terapêutico. “Bom”, como uma aplicação abstrata, e "bom para", como uma aplicação prática, estão em constante conflito nas resenhas sobre literatura infantil. (HUNT, 2010, p. 54).

Em relação a literatura juvenil, a professora graduada em letras – português - Maria Fátima Albuquerque, através do dicionário eletrônico de termos literários conclui que:

A Literatura Juvenil se dirige a um público de idade superior aos doze anos, pois, cognitivamente, dá-se por essa altura o acesso à (pré-)adolescência: os jovens entram, então, numa fase de crescimento em que iniciam a interpretação do mundo, procedendo a um alargamento cognitivo do ‘eu’ e, muitas vezes, a um distanciamento do seu universo imediato que passa a ser encarado dum modo crítico. No que diz respeito à Literatura, aprendem a encarar o lido como uma forma de aprendizagem, preparando-se assim para interiorizar um dos mais importantes contributos da leitura para a vida de cada um. (ALBUQUERQUE, 2009, p.1).

Em suma, as principais características da literatura infantojuvenil podem ser organizadas da seguinte maneira conforme o site *Capacitação Profissional a Distância* (2021, p.2).

Quadro 1: organização do conto infantojuvenil¹

Introdução	Geralmente, as primeiras palavras indicam se
------------	--

¹Quadro retirado de *Capacitação Profissional a Distância (CTP)* (2021, p.2).

	é uma história verdadeira ("Quando eu nasci..."), um conto de fadas ("Era uma vez..."), uma lenda ("Naquela aldeia..."), um conto de amor ("Nunca se viu um amor tão lindo..."). É importante lembrar que a introdução tem a mesma importância que o fim do conto.
Desenvolvimento	É nesta parte que se resolvem todas as dúvidas do público para a compreensão da trama, por isso, é necessário não omitir detalhes. O desenvolvimento deve ter clareza e uma sequência lógica que faça fluir o conto com harmonia.
Clímax	Este é o ponto culminante do conto. O contador deve dar muita ênfase e entonação, nesse momento, deve ter capacidade de poder transmitir toda a emoção desse instante.
Conclusão	Deve ser rápida e clara. A voz e a entonação não devem cair. Se o conto tem alguma mensagem, esta deve ser deixada a cargo do entendimento do público, cabendo ao narrador dar-lhes os elementos.

Fonte: CPT (2021, p.2).

Ainda, o conto infantojuvenil tem as seguintes características estilísticas, que devem ser levadas em conta na tradução e na adaptação do conto infantojuvenil. Veja o quadro 2 abaixo:

Quadro 2: características estilísticas do conto infantojuvenil²

Foco Narrativo	Normalmente o conto é narrado em terceira pessoa, isto é, quem conta a história não
----------------	---

² Quadro retirado do site Português (2021, p. 3-4)

	participa dela.
Espaço	<p>Normalmente, o espaço é apresentado por meio de recursos descritivos que caracterizam o lugar. Esse elemento da narrativa pode ocupar dois níveis: espaço físico, também conhecido como geográfico, e espaço social.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Espaço físico: é literalmente o espaço físico em que ocorre a narrativa. O espaço pode ser descrito detalhadamente ou suas características podem ser evidenciadas ao longo do texto. • Espaço social: é o espaço que condiz com as condições socioeconômicas, morais ou psicológicas dos personagens. Esses espaços podem determinar a vida dos personagens ou servir apenas de parte da composição da narrativa. Dessa forma, um espaço descrito como macabro, por exemplo, pode referir-se à tristeza do personagem, a uma lembrança de morte etc.

Tempo	<p>O tempo compõe as marcas cronológicas na narrativa, expressas por meio de construções como dia, mês, ano, estações do tempo etc. Também pode ocorrer por meio de marcas psicológicas do personagem ou narrador. Esse elemento da narrativa possui três níveis: tempo cronológico, tempo psicológico e a técnica do <i>flashback</i>.</p> <ul style="list-style-type: none">• Tempo cronológico: o tempo transcorre de forma linear em relação aos fatos, do começo para o final. Trata-se de um tempo que pode ser medido em horas, meses, anos, séculos.• Tempo psicológico: é o tempo “interior”, aquele que ocorre com base na imaginação ou memória do narrador ou personagem e é marcado pelas sensações experimentadas por ele em relação a um determinado momento. Não é linear, pois os acontecimentos não ocorrem de forma natural.• A técnica do <i>flashback</i>: trata-se de uma marca que consiste em voltar no tempo em relação ao que está sendo narrado. Ocorre quando o personagem ou narrador relembra um fato ou compartilha esses acontecimentos lembrados.
-------	--

Verossimilhança	Verossimilhança possui o significado daquilo que é “provável”, ou seja, um universo possível de ser realizado dentro de uma narrativa ficcional, dando ao leitor a ideia de que tais acontecimentos são perfeitamente possíveis no mundo real.
-----------------	--

Fonte: Português.com

Além disso, em seu artigo A Questão da Faixa Etária na Literatura Infantil, Elaine Aparecida Rodrigues da Silva, Lucinéia Silva de Freitas e Estela Natalina Mantovani Bertoletti (2006) investigam a questão da faixa etária na literatura infantil usando como uma de suas referências o psicólogo Jean Piaget (1896-1980) que dedicou parte de seus estudos a observação da educação para crianças. O esquema abaixo é usado para explicar qual livro é indicado para a criança de acordo com sua idade e estágio em que se encontra (SILVA, FREITAS e BERTOLETTI, 2006, p.2) e segundo as autoras foi retirado dos estudos de Ana Mariza Ribeiro Filipousky (1982) a partir de estudos de Piaget. Desse modo, a literatura infantojuvenil focam seguintes habilidades:

Quadro 3: o conto infantojuvenil no desenvolvimento cognitivo ³

Desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil		Desenvolvimento da leitura	
Idade	Estágio de desenvolvimento personalidade	Estágio de desenvolvimento	Tipo de leitura
3 e 6 anos	Pensamento pré-conceitual Construção dos símbolos. Mentalidade mágica. Indistinção eu/mundo.	Pré-leitura – desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras: som, ritmo.	Livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.

³ Quadro retirado de Filipousky (1982)

6 a 8 anos	<p>Pensamento intuitivo –</p> <p>Aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica.</p> <p>Autoestima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real.</p>	<p>Leitura compreensiva – textos curtos.</p> <p>Leitura silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.</p>	<p>Aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasias, e problemas infantis.</p>
8 a 11 anos	<p>Operações concretas –</p> <p>Pensamentos descentrados da percepção e ação.</p> <p>Capacidade de classificar, enumerar e ordenar.</p>	<p>Leitura interpretativa – desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo.</p> <p>Fantasia.</p>	<p>Contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo.</p>
11 a 13 anos	<p>Operações formais</p> <p>Domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato.</p> <p>Maior orientação para o real.</p> <p>Permanência eventual da</p>	<p>Leitura informativa, ou factual – desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto á idéia, estrutura e</p>	<p>Aventuras sensacionalistas: detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, história de amor.</p>

	fantasia.	linguagem. Introdução à leitura crítica.	
13 a 15 anos	Operações formais Descoberta do mundo interior. Formação de juízos de valor.	Leitura crítica – capacidade de assimilar idéias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com material de leitura.	Aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, crônicas, contos.

Independente de qual explicação mais se aproxima da noção de ‘o que é infantojuvenil dentro da literatura’, é possível identificar semelhança entre os diversos autores quando partem da mesma premissa de que leitura de materiais desse gênero literário é considerado como introdutório para o vasto mundo da leitura.

3.3 Tradução infantojuvenil

A literatura infantil e juvenil chegou às mãos do público brasileiro quando o País já havia passado por movimentos literários distintos como romantismo – surgido na Europa e traduzido para o Brasil usando a exaltação da natureza e do regionalismo como algumas de suas características – e realismo – uma manifestação contrária ao romantismo que relatava os fatos como eles realmente eram -. Não se pode deixar de citar outras escolas literárias como o barroco, arcadismo e parnasianismo.

Levando em consideração a quantidade de escolas literárias mencionadas, torna-se fundamental considerar que não houve espaço para a literatura voltada especialmente para crianças e jovens até a chegada de Figueiredo Pimentel (1869-1914). Chamamos de ‘especialmente’ pois antes da organização criada pelo mesmo, traduções infantojuvenis eram “publicações esporádicas e de circulação precária na medida em que, antes da fase republicana, o Brasil não parecia comportar uma linha regular de publicações para jovens.” (ZILBERMAN e LAJOLO, 2007, p.29-30).

Historicamente falando, Monteiro Lobato foi quem ganhou o título de ‘pai da literatura infantil brasileira’ por suas notáveis contribuições para o público brasileiro através de seus livros, entretanto, não se deve esquecer que Pimentel foi o autor e tradutor precursor do que viria a ser o primeiro contato com a literatura infantil traduzida para crianças e jovens falantes de língua portuguesa através de textos estrangeiros do continente Europeu.

Mesmo que o gênero infantojuvenil seja um subtópico da literatura, dentro dos Estudos de Tradução, o tema tradução infantojuvenil ocupa certo espaço quando se trata de produção científica realizada por estudiosos brasileiros. Futuramente, talvez consiga maior visibilidade, por enquanto, os dispostos a aceitarem o desafio de escrever algo sobre isso discorrem os seguintes pontos de vista que podem ser vistos abaixo.

Muitos consideram Göte Klingberg (1918-2006) responsável por iniciar os estudos desse conteúdo. Ele foi o primeiro aluno de doutorado da Suécia a escrever sobre literatura infantil e de acordo com o mesmo, conforme citado por Nouf S. Al-Fouzan em *Cultural Norms in Translating Children's Literature* (2019, p.7).

A tradução de literatura infantil é um tipo específico de tradução, que deve considerar as habilidades cognitivas e linguísticas de seu destinatário - a criança. Normas culturais na tradução de literatura infantil. (KLINGBERG, 2019, p. 7, tradução minha).⁴

Textos infantojuvenis são constantemente entrelaçados ao ensino pedagógico, e parece que nem mesmo Klingberg (1986, p. 10) escapa de admitir isso, pois considera que uma tradução para público infantil deve ser revisada com o objetivo de “dar ao leitor um texto que ele compreenda e contribuir para o desenvolvimento do conjunto de valores dele”.

As estudiosas brasileiras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007, p. 30-31) compartilham da mesma opinião, pois para elas ocorreu algo além de somente traduzir contos europeus para brasileiros, houve em conjunto “a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos”. Essa apropriação tinha como objetivo a “iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais.” (ibid, p. 23).

⁴Klingberg argues that children’s literature translation is a specific kind of translation, which has to consider cognitive and linguistic abilities of its recipient – the child. (KLINGBERG, 2019, p. 7).

Através de seu estudo denominado Tradução & literatura infantil e juvenil, Azenha Junior (2015) toma para si a função de teórico e exterioriza que a tradução desse gênero - e as criações textuais encontradas dentro do mesmo - na maioria das vezes está ligada a função de educar e trazer o aspecto lúdico. Além disso, a atividade requer que o tradutor demonstre que sabe manusear os elementos linguísticos e estilísticos que estão localizados dentro daquela determinada língua e cultura para qual está traduzindo, pois deve-se ter em mente que o seu cliente precisa compreender a versão final de seu trabalho. Mais do que o cuidado com o texto, é ser vigilante em relação a si, Azenha transmite com as palavras de RiittaOittinen que:

(...) suas decisões nesse sentido são obviamente influenciadas por sua cultura, língua, sexo e pela imagem que fazem das crianças. (OITTINEN, 2006, p.251).

Para reforçar o papel do autor na tradução, Tymoczko (2014, p. 182) apresenta os efeitos ideológicos. Esses tais efeitos estariam no texto fonte – que apresentaria sua ideologia parcialmente – e seriam complementados pela tradução, pois tradução é uma metainformação, ou seja, “uma informação sobre uma informação” (TECHTARGET, 2021, p.1). Ainda assim Tymoczko (ibid. p. 183) considera que as ideologias do tradutor mudam até mesmo em diferentes traduções de um mesmo texto, pois a ideologia está além do texto a ser traduzido, está também no tradutor, sua relevância para o público receptor a até mesmo sua postura como tradutor.

3.4 Textos literários e os dilemas ou as complexidades da tradução

No Brasil, as obras literárias estrangeiras são consumidas em maior quantidade do que as obras nacionais. Os números não mentem; segundo o *Publishnews*⁵ - portal especializado em mercado editorial -, a lista de livros mais vendidos até setembro de 2021, considerando seu top 10, era formada por 7 livros internacionais contra apenas 3 livros brasileiros.

Esses dados mostram que existe uma grande demanda e oferta para traduções literárias, principalmente aquelas de língua inglesa. Conseqüentemente, tradutores são beneficiados em meio a procura por produtos importados. Carlos Carrenho - proprietário do site de compras citado acima - afirmou 4 anos atrás que esse fenômeno não é exclusividade do País.

Precisamos levar em conta o domínio do mercado mundial por autores ingleses e americanos. A França, por exemplo, pode ter grandes escritores, mas Harry Potter talvez tenha vendido mais do que todos eles juntos. (CARRENHO, 2018, p. 1).

⁵ RFI, 2018.

No capítulo A Tradução de Ficção, encontrado dentro do livro A Tradução Literária, Paulo Henriques Britto (2012), discute a função poética que os textos literários apresentam conforme a teoria jakobsoniana (1978), pois a comunicação feita através de mensagens, ou seja, da linguagem escrita que assume essa função.

Ainda em A Tradução Literária, o autor afirma que o texto literário é: “o texto em que predomina essa função, ou seja, aquele em que a ênfase recai no próprio texto, e não nos outros componentes da situação de comunicação” (BRITTO, 2012, p. 59). Assim, segundo Britto, o texto literário é um objeto estético porque o foco do objeto está em si mesmo. Em outras palavras, segundo Mundo Educação (2021), uma vez que o texto literário é subjetivo por conta de sua estética, então um mesmo texto pode assumir vários sentidos.

O autor usa a palavra “correspondência” como uma espécie de adjetivo para exemplificar o resultado do que pode vir a ser considerada uma boa tradução. Correspondência significa literalmente “ato, processo ou efeito de corresponder(-se), de apresentar ou estabelecer reciprocidade.” (OXFORD LANGUAGES, 2021).

Britto (2004) também chama isso de relação analógica, onde A e B são “mais ou menos próximos” por causa de algumas características importantes presentes no texto de função poética, a correspondência teria de surgir de um jeito que “se uma pessoa que conheça o idioma mas desconheça o idioma leia B, pode-se dizer que ela leu A.” (BRITTO, 2004, p.1). Essa tal correspondência poderia seguir dois caminhos: o formal e o funcional.

Através de poemas Britto (2004) analisa a correspondência formal como aquela que tenta “recriar formas análogas às do original com os recursos do português”, enquanto a correspondência funcional tenta “procurar encontrar no nosso idioma recursos formais que tenham, no contexto poético lusófono, um significado análogo ao das formas utilizadas no original.” (ibid, 2004, p. 4); a correspondência funcional também incluiria procurar elementos que possuíssem “mesmas conotações, ou conotações próximas, na língua-meta.” (ibid, 2004, p.2).

No mesmo texto, Britto explica que tem relação entre “correspondência formal/correspondência funcional” e “equivalência formal/equivalência dinâmica” sugerida por Eugene Nida (1964), mas que existem diferenças entre os conceitos sugeridos. Dorothy Kenny⁶ (2009, p.96) apresenta a equivalência como um tema destaque da teoria da tradução, mas que muda a definição de acordo com o estudioso. De acordo com Baker (SALDANHA e

⁶ Equivalence is a central concept in translation theory, but it is also a controversial one. Approaches to the question of equivalence can differ radically: some theorists define translation in terms of equivalence relations

Baker, 2009, p.96) se usa a equivalência “por uma questão de conveniência porque a maioria dos tradutores estão acostumados com isso, em vez de porque têm qualquer status teórico (BAKER, 1992:5-6), enquanto Nida usa a equivalência para “reproduzir na linguagem receptora o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua fonte, primeiro em termos de significado e, em segundo lugar, em termos de estilo.” (CCJK, 2013, p.2). Em contrapartida, outro estudioso do tópico seria Gideon Toury (1980) que defendia a equivalência na tradução entre texto fonte e texto alvo como certa, mas que ela apareceria em tipos e graus diferentes. (KENNY, 2009, p.99).

Para o autor brasileiro um texto traduzido não consegue ser equivalente ao texto original, que Nida nesse sentido está focado em traduzir o significado do texto, mas que o máximo que pode conseguir é captar “algumas das características reconhecidas como importantes do poema original.” (ibid, 2004, p.3). A correspondência muda de tradução para tradução, sendo os elementos traduzidos em níveis hierárquicos da seguinte maneira:

- (i) identificar as características poeticamente significativas do texto poético;
- (ii) atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema; e
- (iii) recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas — ou seja, tentar encontrar correspondências para elas. (BRITTO, 2004, p.4).

A frase que define todo o processo é dita da seguinte maneira:

A função da tradução é produzir um texto T1, que substitua um texto T, para que possa ser lido por pessoas que leem o idioma em que T1, foi escrito, mas não o idioma em que T foi escrito. Deve haver, pois, uma determinada relação de correspondência entre T e T1 para que a leitura de T, possa ser considerada, até certo ponto e em muitas situações, como correspondendo a uma leitura de T, de tal modo que o leitor de T1 possa dizer, sem faltar com a verdade, que leu T.” (BRITTO, 2012, p. 59).

Segundo Gilles Jean Abes (2015, p. 472), baseando-se nas explicações de Britto (2012) a relação de correspondência entre T e T1 não pode se limitar apenas ao plano do significado, mas deve ir além considerando a sintaxe (parte da gramática que estuda regras e relações entre as palavras dentro de uma frase) (MAIS BOLSAS, 2021, p.1), os registros linguísticos (tipos de variações que ocorrem de acordo com o grau de formalismo existente em uma determinada situação) (PORTUGÊS, 2021, p.1) e vários outros.

Susan Bassnett (2003), assim como Britto acredita que a correspondência é um princípio constante na tradução mesmo que ela varie em sua natureza, sendo o leitor o centro

(Catford 1965; Nida and Taber 1969; Toury 1980a; Pym 1992a, 1995a, 2004; Koller 1995) while others reject the theoretical notion of equivalence, claiming it is either irrelevant (Snell-Hornby 1988) or damaging (Gentzler 1993/2001) to translation studies. Yet other theorists steer a middle course: Baker uses the notion of equivalence

‘for the sake of convenience – because most translators are used to it rather than because it has any theoretical status’ (1992: 5–6) (KENNY, 2009, p. 96 -99).

de tudo e o tradutor o responsável por resolver as questões da língua fonte de uma maneira que língua alvo corresponda a língua fonte, no entanto, a autora pede cautela por parte do tradutor, pois como dito anteriormente, a correspondência varia de acordo com a natureza. A autora traz a visão do tradutor Hence Albrecht Neubert (1930-2017) sobre a tradução do soneto ‘*Shall I compare thee to a summer’s day?*’ de Shakespeare, onde o poema não pode ser traduzido semanticamente em uma língua onde verões são considerados desagradáveis. A autora conclui que o tradutor não é autor da SL, mas tem responsabilidade moral com a TL. (BASNETT, 2003, p. 31).

Para outros autores a tradução literária pode ganhar dois extremos, para explicar isso, Britto (2012) apresenta o pensamento dicotômico Friedrich Schleiermacher (1838) na obra *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução*. Segundo Britto, o autor alemão considera que o tradutor pode estrangeirizar ou domesticar a obra, devendo assumir uma posição única. A estrangeirização leva o leitor até o original, onde ele lerá o texto com suas marcas originais, mesmo que elas apresentem, por exemplo, uma linguagem do século passado que deixe a leitura do texto mais difícil. A domesticação traz a obra até o leitor, visando a facilitação da leitura se por exemplo, for uma linguagem do século, ela será adaptada para encaixar-se na linguagem atual (BRITTO, 2012).

Britto (2012) discorre no texto a desvantagem em recorrer somente a uma posição ao traduzir, então baseado em suas próprias experiências como tradutor e observando como teórico, para ele o que os tradutores mais fazem é “adotar posições intermediárias entre os dois extremos” (BRITTO, 2012), isso ocorre após o tradutor analisar os fatores relevantes para aquele determinado texto com o qual irá trabalhar, exemplificado, um fator relevante é o público alvo.

Considerando o objetivo geral desse Projeto Final de Tradução, a posição adotada para traduzir *The Secret Garden* para o público infantojuvenil é composta pelo meio-termo sugerido por Britto, pois existem elementos do texto original que estão em desuso atualmente e tiveram que passar por uma domesticação para atualizar a obra, também existem fatores semânticos que foram ou permaneceram estrangeirizados. Além disso, por se tratar de uma leitura infantojuvenil a tradução visa a facilitação da leitura e pende mais para a domesticação, uma correspondência formal, uma vez que Britto (2012) conceitua que esse público tem uma menor sofisticação intelectual, mas ainda assim priorizando uma correspondência de uma maneira que o leitor não tenha dificuldades em se corresponder com o texto.

3.5 Tradução de adaptação

Para falar sobre Estudos de Tradução e Estudos de Adaptação, John Milton (2009) em *Translation Research 2 Projects* cita *Adaptation and Appropriation* da autora Julia Sanders (2005) onde ela “ênfatiza que uma ‘adaptação’ geralmente conterà omissões, reescritas, talvez adições, mas ainda será reconhecida como a obra do autor original, onde o ponto original de a enunciação permanece.” (MILTON, 2009, p. 50).⁷

Dando continuidade ao assunto, o autor (ibid. p. 52) diz que as traduções de adaptações ocorrem de acordo com os gostos dos consumidores de uma determinada cultura, na maioria das vezes voltados para a literatura infantil, pois “contém ajustes que podem ser considerados necessários por adaptadores ou tradutores”⁸ (MILTON, 2009).

O autor ainda cita seu próprio estudo Milton (2009) que analisou as publicações da editora Clube do Livro (1943-1989) onde os livros clássicos eram editados conforme o interesse da mesma, assim: livros de apenas 1 volume eram divididos em 2 partes; livros com linguajar considerados ofensivos sofriam omissões; elementos estilísticos eram cortados.

Assim, podemos ver uma série de restrições que influenciam as decisões do adaptador ou do tradutor: a) os requisitos do público-alvo em termos de idade (literatura infantil), deficiência (textos para deficientes auditivos) e classe social (Clube do Livro). Fatores comerciais também podem influenciar. Para manter os custos de produção baixos, todas as do Clube do Livro as traduções deveriam caber em 160 páginas. (MILTON, 2009, p. 53).⁸

Em um pensamento final o autor concluiu que no ano de 2009 os Estudos da Adaptação ainda não tinham referencial teórico somente seu, mas que ainda se apoiavam nos Estudos da Tradução.

⁷ Here I shall use the distinctions made by Julie Sanders in *Adaptation and Appropriation* (Sanders 2006: 26 passim), in which she emphasizes that an “adaptation” will usually contain omissions, rewritings, maybe additions, but will still be recognized as the work of the original author, where the original point of enunciation remains. This is similar to Dryden’s classic definition of “paraphrase” (see, for example, Bassnett-McGuire 1980:60) (MILTON, 2009, p.50). ⁸Children’s literature frequently contains adjustments that may be considered necessary by adaptors or translators (MILTON, 2009, p.51).

⁸Thus we can see a number of constraints that will influence the adapter’s or translator’s decisions: a) the requirements of the target audience in terms of age (children’s literature), disability (texts for the hardofhearing), and social class (Clube do Livro). Commercial factors may also influence. In order to keep production costs down all of the Clube do Livro’s translations had to fit into 160 pages (MILTON, 2009, p.53).

Por fim, na enciclopédia de Saldanha e Baker (2009, p.4), há uma explicação bastante detalhada de como funciona a adaptação na tradução. Primeiramente, é discutido que as adaptações sempre existiram, mas o ápice ocorreu entre os séculos XVII e XVIII através das *belles infidèles* (belas infiéis) que tinham como objetivo adaptar textos estrangeiros sob a justificativa de moldar aos gostos e hábitos da cultura alvo. Os seguintes aspectos podem ser considerados: apropriação, domesticação, imitação, reescrita e assim por diante, assim como apresentado por Sanders. Na mesma discussão há uma lista de modos, condições e restrições que influenciam o trabalho do adaptador. Por exemplo, existe omissão e eliminação de parte do texto, também existe a substituição dos chamados dos “trechos exóticos” que podem conter dialetos.

A discussão é encerrada com as teorias. Do ponto de vista de alguns teóricos, adaptação é um conceito muito abrangente, por isso é trazida a nomenclatura ‘tradaptação’ para se referir aos dois processos - tradução e adaptação -. Infelizmente, assim como abordado por Milton, esse tópico é cercado de incertezas por causa de fatores ideológicos desde a tradução da bíblia, mas reconhece que esse tópico dentro dos Estudos da Tradução dentro dos seus próprios termos e como uma estratégia legítima da tradução. (SALDANHA e BAKER, 2009, p.8).⁹

3.6 O esquema Lambert e Van Gorp

O esquema teórico desenvolvido por José Lambert e Hendrik Van Gorp para análise de traduções é uma apresentação de ideias bem flexíveis e um modelo bastante abrangente nas questões de tradução literárias, uma vez que faz utilização dos processos descritivos para demonstrar um esquema claro e conciso.

Basicamente como dito no parágrafo anterior, o esquema abrange elementos básicos (esses que também podem ser entendidos como elementos base; necessários; iniciais) da atividade tradutória, eles podem ser organizados da seguinte maneira:

Tabela 1:

⁹ Translation studies as an independent discipline now enables us to study adaptation on its own terms, as both a local and a global procedure. (SALDENHA et, 2009, p.8)

LÍNGUA DE PARTIDA	TRADUTOR	LÍNGUA DE CHEGADA
Autor 1	↔	Autor 1
Texto 1		Texto 2
Leitor 1		Leitor 2

(Fonte: adaptado de LAMBERT e VAN GORP, 2014, *The Manipulation of Literature*, p.43)

Com base nessa tabela, percebe-se que o tradutor está entre os elementos dos dois extremos aqui representados, ele fica responsável por ser filosoficamente a ‘ponte’ entre o texto de partida e a língua de chegada. No entanto, essa ligação não é uma cadeia fechada, muito pelo contrário, como o excerto de *The Manipulation of Literature* indica, o símbolo representa “relação aberta, cuja natureza exata dependerá das prioridades do comportamento do tradutor - que por sua vez tem que estar em função das normas dominantes do sistema alvo.”¹⁰ (LAMBERT e VAN GORP, 2014, pg. 43, tradução minha).

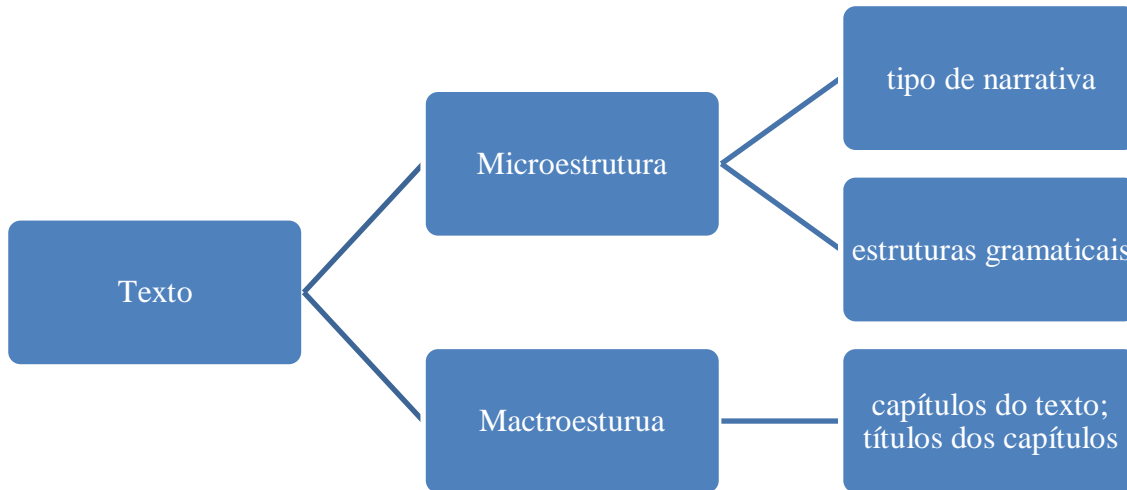
Em outras palavras; o tradutor fica responsável por compreender e estabelecer uma conexão do texto de partida e o texto de chegada, isso através de recursos que visem compreender os aspectos culturais da língua receptora, as características do público alvo e até mesmo a problemática do tempo no qual o texto está inserido, que pode ser compreendido como uma imitação ou adaptação (LAMBERT e VAN GORP, 2014).

Considera-se que a fase mais importante do trabalho de Lambert e Van Gorp esteja concentrada na organização macroestrutural e microestrutural. A partir dela surge o norte para

¹⁰ The symbol - indicates that the link between source and target communication cannot really be predicted; it stands for an open relation, the exact nature of which will depend on the priorities of the translator’s behaviour - which in turn has to be seen in function of the dominant norms of the target system. (LAMBERT e VAN GORP, 2014, pg. 43).

definir as prioridades que o tradutor quer que estejam presentes em seu trabalho, como os dois autores sugerem.

Para fim demonstrativo, está o esquema:



(Fonte: produção nossa com dados de LAMBERT e VAN GORP, 2014, *The Manipulation of Literature*)

3.7 A teoria dos polissistemas

A Teoria dos Polissistemas pode ser encarada como uma teoria que permite englobar tudo o que pode ser trabalhado dentro das questões literárias e tradutórias: economia, ideologia, leis, as pessoas e a sociedade na qual elas estão inseridas... Todos esses fenômenos são levados em conta nessa teoria, sobretudo a tradução, pois não se pode negar que traduzir é uma combinação de fatores que vão além de transpor uma língua para a outra.

Em suma, a base da teoria dos polissistemas surgiu através de uma observação do formalismo russo - escola de crítica literária que predominou na Rússia por quase 30 anos -.

Seus estudiosos eram chamados de estruturalistas e a ideia compartilhada era:

Uma obra literária não é estudada isoladamente, mas como parte de um sistema literário, que por si só é definido como "um sistema de funções da ordem literária que estão em inter relação contínua com outras ordens." (TYNJANOV 1972/1971, p.72, tradução minha)¹¹.

Assim sendo, o linguista israelense Itamar Even-Zohar (1979) criou suas próprias ideias acerca do conteúdo. Segundo ele, a fonte principal dos polissistemas é a cultura - o

¹¹ A literary work was not studied in isolation but as part of a literary system, which itself is defined as 'a system of functions of the literary order which are in continual interrelationship with other orders'. (TYNJANOV, 1927/1971, p. 72).

maior polissistema entre os polissistemas – e dentro dela localizam-se os demais sistemas semióticos que abrangem campos que podem ir da religião até a filosofia. Nada na cultura está isolado, muito pelo contrário, o dinamismo, a flexibilidade, a heterogeneidade e hierarquia (SILVA e TAVARES, 2017) são elementos que mantêm os polissistemas ativos interagindo dentro de seus próprios eixos e com os demais, as chamadas “intra” e “interligações” respectivamente.

A literatura é o principal objeto de estudo de Even-Zohar (1990, p.2) porque o autor buscava explicar a literatura de seu próprio país, além de tentar resolver problemas bem característicos da teoria da tradução, como o mesmo observa no volume 11 de seu livro *Polysystem Studies*¹².

De acordo com a obra *Introducing Translation Studies* de Jeremy Munday (2016, p. 171)¹³, os estudos do linguista israelense desprendem-se parcialmente de sua influência estruturalista quando investiga esse sistema semiótico, pois Even-Zohar (1990) contesta abertamente o fato de que a escola literária russa somente se concentrou nas literaturas que considerava ‘elevadas’ ou ‘com melhores status’ em uma interpretação livre do que pode ser a palavra “*high*”, assim deixando de lado alguns sistemas literários e gêneros literários menos favorecidos, como por exemplo, a literatura infantil e a literatura traduzida. Em outras palavras; se um indivíduo visa entender a teoria dos polissistemas pelos olhos de seu criador, ele precisa incluir em seus estudos das camadas mais privilegiadas até as menos favorecidas, fenômeno esse que pode ser chamado de relação de centro e periferia.

No caso do sistema literário, seu centro é dominado pelas obras canônicas - aquelas com maior prestígio dentro da cultura -, e suas bordas são ocupadas pelas obras não canônicas - aquelas que estão marginalizadas pela cultura -. As obras que estão no topo da pirâmide, normalmente trazem algo inovador, enquanto as que estão nos níveis mais baixos apresentam algum tipo de conservadorismo, mas essas características também dependem do momento histórico pelo qual a cultura de um lugar passou ou está passando; a obra que é considerada ultrapassada agora, no passado pode ter estado no centro.

¹²Polysystem theory emerged in my own work out of the need to solve certain very specific problems (having to do with translation theory [Even-Zohar 1971] as well as the intricate historical structure of Hebrew literature [Even-Zohar 1970, 1972, etc.] (EVEN-ZOHAR, 1990, p.2).

¹³ Although building on work by the Formalists, Even-Zohar reacts against ‘the fallacies of the traditional aesthetic approach’ (Even-Zohar 1978: 22), which had focused on ‘high’ literature and had disregarded as unimportant literary systems or genres such as children’s literature, thrillers and the whole system of translated literature. (MUNDAY, 2016, p.171).

Enquanto a literatura com suas obras canônicas lutam para manter-se no centro do poder, a literatura traduzida tenta ao menos ser reconhecida como um sistema. Não se pode negar que a tradução é um componente de extrema importância na história da humanidade, sem ela não haveria acesso a outras culturas em outras línguas. Segundo Even-Zohar (ibid p.45-46) a questão é que embora a literatura traduzida tenha papel fundamental na “cristalização de culturas nacionais”, ela é encontrada esporadicamente ao longo da história, mas nunca como um estudo concreto, por isso não consegue se estabelecer. O autor continua discorrendo que por causa dessa inconsistência, fica difícil definir qual é a função da tradução e qual posição ocupa dentro de um sistema literário. Como argumento final, o autor expõe que a literatura traduzida flui de acordo com a cultura e que assume papel primário ou secundário no sistema semiótico de acordo com a tendência naquele determinado momento. Ficar em primeiro ou segundo plano depende muito da heterogeneidade dos sistemas semióticos que têm influência como discutido anteriormente, naquele determinado tempo. Assim:

- primário: fica no centro do sistema semiótico porque está ligada a um grande evento que está ocorrendo naquele momento.
- secundário: fica na periferia do sistema semiótico porque não tem influência ou importância no sistema central.

Em *Center and Periphery: Power Relations In The World of Translation* as estudiosas Marija Zlatnar Moe, Tanja Žigon e Tamara Mikolič Južnič (2019) criam uma discussão mais profunda acerca da condição da literatura traduzida; elas trazem à tona a hierarquia e o etnocentrismo bem contrário ao relativismo que existe no mundo das traduções, além de algumas características que influenciam para que algumas línguas sejam mais traduzidas do que outras.

Começando pelo fator mais importante: a língua. O inglês é apresentado como a língua que está no centro e no topo da pirâmide de línguas traduzidas, tanto que recebe o nome de *hyper-central language*. Quem pensa nesse critério é o autor Johan Heilbron (1999, 2000, 2010) que embora use a teoria de Even-Zohar (1990) para fazer algumas de suas explicações, discorda parcialmente da abordagem dos polissistemas quando há passagem de uma obra de determinada cultura dominante para outra. Na verdade o autor explica que o que define principalmente se uma língua é dominante, não é a força do seu capital cultural, mas sim “a participação de traduções desse idioma no mercado mundial de livros traduzidos.”, conforme

citado por Moe, Žigon e Južnič (2019, p. 33). Para provar seu ponto, Heilbron mostra que desde 1980 a tradução de língua inglesa apresenta 50% a 70% das traduções só na Europa. (ibid. p.33).¹⁴

Enquanto Johan Heilbron mede a força de uma língua através da quantidade de traduções que fazem dela, Pascale Casanova (2004, 2010) julga o mesmo requisito através do chamado “capital literário”.

Normalmente, línguas dominadas ou subordinadas têm pouco capital literário, carecem de reconhecimento internacional, [...] são pouco conhecidas e permaneceram invisíveis por muito tempo nos grandes centros literários (ibid.:288). As línguas dominantes, por outro lado, possuem um enorme capital literário graças ao seu prestígio específico, a sua idade e o número de textos neles escritos que são considerados universais. (CASANOVA, 2004, p. 288).

A ideia de prestígio considerada por Pascale vai de encontro às ideias de Even-Zohar, onde também se acredita que uma literatura pode ser selecionada para tradução de acordo com o seu prestígio e dominação (EVEN ZOHAR, 1990, p.66-68), obviamente, ele ainda considera que o poder cultural da língua de origem é a fonte de tudo. Aqui a noção de etnocentrismo pode ser inserida: segundo a antropologia é a “visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais.” (OXFORD LANGUAGE, 2021, p.1). Em seu livro *Cultura: Um Conceito Antropológico*, Roque Laraia (2001, p. 35) discorre que é normal uma pessoa considerar a sua cultura como sendo a mais correta entre todas as outras, vendo-a como centro da humanidade pois culturas diferente, o etnocentrismo é um fenômeno descrito como universal.

Outro agente importante para tradução contínua de uma obra tem a ver com o igual prestígio da editora, segundo Even-Zohar (ibid p.169), editoras podem ser encontradas dentro dos chamados “aspectos econômicos e políticos da instituição literária” onde também estão localizados grupos de escritores, instituições educacionais e a mídia por exemplo. O autor explica que:

Eles podem apoiar ou ignorar os escritores que quiserem (...) Esta politização dos meios de existência literária pode explicar a posição periférica de certos escritores que, se desejassem "o consenso aceito", provavelmente poderiam ter ocupado um posição central forte. Isso é verdade para a direita e escritores comunista igualmente. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.171, tradução minha).¹⁵

¹⁴ He locates English in the hyper-central role, as its share was already at 40% in 1980, and it is still growing (in Europe, it accounts for between 50% and 70% of all translations). (MOE, ŽIGON e e JUZNIČ, 2019, p.33)

¹⁵ They could support or ignore whichever writers they pleased (...) This politicization of the means of literary existence can explain the peripheral position of certain writers who, had they belonged to "the accepted consensus," could have probably occupied a strong central position. This is true of right-wing and communist writers alike. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.171).

The Secret Garden aparentemente obteve as principais características para ser considerado um texto canônico da literatura infantojuvenil. Primeiramente, foi originalmente escrito na língua mais traduzida do mundo, o inglês; em segundo, sua autora vem do continente Europeu, caracterizado por distribuir uma grande quantidade de obras canônicas para as demais culturas que não a sua, em terceiro, há várias edições e traduções do livro até os dias atuais. Em terceiro lugar, considerando o contexto brasileiro, a editora que adquiriu os direitos autorais para publicação do livro no Brasil – Ediouro – tinha uma posição de prestígio no sistema brasileiro uma vez que foi responsável por publicar Histórias Extraordinárias de Edgar Allan Poe traduzido por Clarice Lispector que já era um nome consagrado da literatura e da tradução; além de *O Pequeno Príncipe* (1943) que embora seja um livro mais atual em relação à *The Secret Garden*, foi traduzido primeiro para a língua portuguesa através do selo Agir, pertencente a Ediouro Publicações. Por último, uma característica que pode ser compreendida como negativa ou positiva: a narrativa do texto encontra-se dentro de um contexto onde os fatos só correm através de uma cultura e grupo étnico dominante.

4 PROCESSO TRADUTÓRIO

4.1 Esquema teórico José Lambert e Hendrik Van Gorp

4.1.1 Como funciona

É importante ressaltar que os autores dessa estrutura são seguidores dos ensinamentos de Even-Zohar e Toury, além de adeptos dos Estudos Descritivos da Tradução.

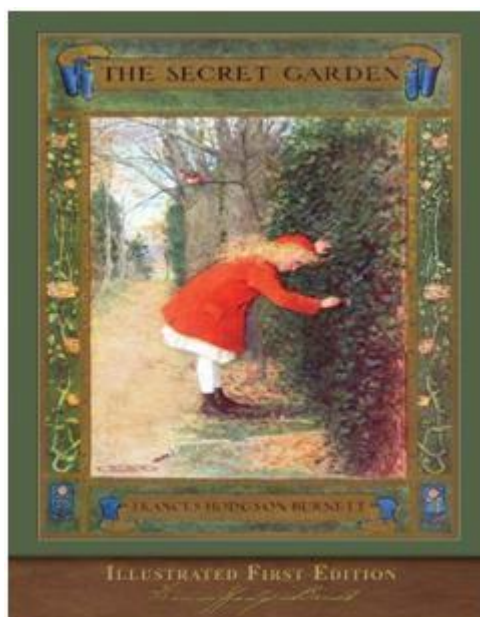
O esquema teórico-metodológico proposto por Lambert e Van Gorp (1985) oferece uma comparação entre o sistema literário do texto original – texto fonte, abreviação ST - e o texto alvo - texto alvo, abreviação TT - A comparação consiste em quatro fases (MUNDAY, 2016, p. 189 - 190):

- 1.Dados preliminares;
- 2.Nível macroestrutural;
- 3.Nível microestrutural;
- 4.Contexto sistêmico;

4.1.2 Dados preliminares

O primeiro estágio deve conter informações sobre os elementos que antecedem o texto: capa, contracapa, logos ou selos, etc.

Figura 1 - capa edição Frederick A. Stokes Company



Fonte1: library of congress, 2021

Capa

Estados Unidos (primeira versão): a capa traz o título do livro; a ilustração onde é possível ver a personagem principal Mary Lennox - usando casaco vermelho e galochas - mexendo no muro cercado com heras, enquanto o tordo a observa sentado no galho de uma árvore, fazendo alusão a um dos principais momentos do livro que é o encontro do jardim secreto; e nome da autora.

Eli Readers (versão adaptação): a folha de rosto dessa versão traz mais elementos do que a capa da obra original, na seguinte ordem aparece o nome da autora; no título, pode-se visualizar um ninho de passarinho na letra T de *Secret*, um tordo na letra G de *Garden* e folhas de uma árvore na letra D da mesma palavra, além do que parece ser uma flor no final; o nome do ilustrador; a ilustração que também retrata a personagem Mary Lennox, dessa vez sendo vista através da fechadura de uma porta enquanto segura uma chave, referindo-se ao momento em que a menina descobre o jardim; há o nome da editora brasileira do livro e finalmente a versão a qual o livro pertence.

Contracapa

Estados Unidos (primeira versão): apresenta o nome da obra (*The Secret Garden*), em seguida o nome da autora (Frances Hodgson Burnett), os nomes de outras obras que ela escreveu (*The Shuttle*, *The Making of a Marchioness*, *The Methods Of Lady Walderhurst*, *The Lass o' Lowries*, *Through One Administration*, *Little Lord Fauntleroy* e *A Lady of Quality*). Na mesma página há o local de publicação (New York), nome da editora (*Stokes Company Publishers*), ano de publicação (1911) e mês da publicação (agosto).

A capa de *Eli Readers* (versão adaptação): mostra o título do livro (*The Secret Garden*), nome da autora (Frances Hodgson Burnett), nome da revisora e adaptadora da obra para o projeto *Teen Readers* (Jane Bowie), nome do ilustrador (Philip Giordano). Em seguida aparecem os nomes dos fundadores e editores da série *Eli Readers* (Paola Accattoli, Grazia Ancillani, Daniele Garbuglia; o nome do manager de produção (Francesco Capitano) e ano da edição (2011).

4.1.3 Nível macroestrutural

O nível macroestrutural expõe a divisão do texto, títulos e apresentação dos capítulos, a estrutura narrativa interna e qualquer comentário autoral aberto. (MUNDAY, 2016, p. 190).

	Versão original	Versão <i>Eli Readers</i>
Quantidade de capítulos	27 capítulos	8 capítulos
Estilísticas dos capítulos	Os títulos dos capítulos são representados no livro por algarismos romanos. No sumário esses algarismos aparecem antes dos nomes dos capítulos, mas trocam de posição no começo de cada nova divisão, assim: III <i>Across The Moor,</i> XI <i>The Nest of The Missel Thrush,</i> VII <i>The Key of The Garden</i>	Os títulos dos capítulos vêm antes dos números, assim: Chapter 1 <i>The Forgotten Girl</i> Chapter 2 <i>The Key</i> Chapter 3 <i>New Friends</i>

Fonte: *The Secret Garden*, livro, 1911

Fonte: *The Secret Garden*, livro, 2011

Em relação às páginas, *The Secret Garden* assume 375 páginas contabilizando desde o capítulo 1 até o capítulo 37 intercalado com as gravuras. A obra original não apresenta quaisquer comentários autorais vindos de Burnett, nem mesmo de terceiros, mas traz a primeira ilustração de Maria Louise Kirk para o livro, famosa ilustradora infantil da época. A imagem mostra Mary e Dickon sentados na grama do jardim secreto cercados pelos animais de estimação do garoto.

A obra recontada está entre as páginas 10 e 47, no começo há uma pequena introdução explicativa sobre o que é *Eli Readers*, além de uma apresentação ilustrada dos personagens.

Os textos compartilham algumas características como notas de rodapé, com o intuito de explicar algumas palavras históricas e expressões idiomáticas que surgem no decorrer da história, e também o uso das aspas para indicar diálogos.

Para equilibrar o número de capítulos traduzidos entre o conto de Frances Hodgson Burnett e a adaptação de Jane Bowie, eles estão divididos da seguinte maneira dentro deste trabalho:

	Versão Frances Hodgson Burnett	Versão Jane Bowie
Capítulos	<p><i>Chapter I - There Is No One Left</i></p> <p><i>Chapter II - Mistress Mary Quite Contrary</i></p> <p><i>Chapter IV - Martha</i></p> <p><i>Chapter VII - The Key Of The Garden</i></p> <p><i>Chapter XIII - I am Colin</i></p> <p><i>Chapter XX - I Shall Live Forever And Ever And Ever</i></p> <p><i>Chapter XXIII - Magic</i></p> <p><i>Chapter XXVII - In The Garden</i></p>	<p><i>Chapter 1 - The Forgotten Girl</i></p> <p><i>Chapter 2 - The Key</i></p> <p><i>Chapter 3 - New Friends</i></p> <p><i>Chapter 4 - Colin</i></p> <p><i>Chapter 5 - Spring has Come</i></p> <p><i>Chapter 6 - I Will Live Forever</i></p> <p><i>Chapter 7 - Magic</i></p> <p><i>Chapter 8 - In The Garden</i></p>

Através da tabela observa-se que os enxertos retirados da versão original, foram escolhidos com base nos títulos semelhantes da versão *Eli Readers*. De fato, o segundo livro traz um resumo dos principais acontecimentos do conto original.

4.1.4 Nível microestrutural

O nível microestrutural é reconhecido principalmente por apresentar o ponto de vista narrativo usado no texto e os padrões gramaticais do mesmo.

Como dito anteriormente, a narração dos acontecimentos é exposta em terceira pessoa por um narrador onisciente, assim, ele sabe tudo sobre todos – seus sentimentos, seus pensamentos, passados e futuros hipoteticamente - mesmo não estando presente no enredo, como consequência ficando responsável pelo discurso indireto em alguns trechos do livro. Esse tipo de narração é igual para ambos os textos, versão 1911 e adaptação de 2011, no entanto, o modo como isso se estrutura em cada objeto é diferente.

A versão original de *O Jardim Secreto* tem sentenças extremamente longas e repetitivas que chegam a ocupar até 15 linhas de um mesmo parágrafo - fator esse que pode ser considerado dentro do nível macroestrutural -; além de uma descrição minuciosa dos fatos, das coisas e das pessoas. Na versão *Eli Readers* também há uma constante repetição de palavras da narrativa, no entanto, entende-se que tal fato acontece em prol de indivíduos que não têm o inglês como primeira língua, pois estão em fase de aprendizagem.

Em sua tese, Johnwill Faria (2009) afirma que o terceiro ponto de Lambert e Van Gorp também pode incluir os chamados níveis de língua que compreendem variedades linguísticas como dialetos, idioletos e socioletos (FARIA, 2009, p.47). Segundo Luciana Araújo (MUNDO EDUCAÇÃO, 2019, p.1) esses níveis se dividem em cinco partes principais que incluem divisões como a gíria (nível 4) e a linguagem vulgar (nível 5), mas para a análise de *The Secret Garden* - principalmente da obra original -, duas dessas divisões são o suficiente. São elas:

Nível 1. Norma culta/padrão: é utilizada tanto no texto de 1911 quanto no texto de 2011, sendo seus principais adeptos os personagens que representam a classe social mais alta, ou seja, Mary, Colin e o Sr. Craven.

Nível 3. Linguagem regional: os personagens que estão nas classes sociais mais baixas fazem uso desse nível, principalmente Martha e Ben Weatherstaff. A senhora Medlock é um caso interessante, pois ela transita entre as duas classes, por ser a governanta de Misselthwaite

a personagem sabe se comunicar através da norma culta, entretanto, em alguns trechos do livro original é possível “lê-la” regionalmente em alinhamento com os demais empregados da mansão.

Em seu ensaio *The Mem Sahib, the Worthy, the Raja and His Minions: Some Reflections on the Class Politics of The Secret Garden* Jerry Phillips (1993) afirma que uma das primeiras ações de Mary Lennox ao pisar em solo britânico é fazer uma associação entre o dialeto falado na Índia e o dialeto de Yorkshire. O autor afirma que a menina não faz isso porque visa agradá-los, no caso dos serviçais indianos “agradar os colonizados”, mas sim em razão de concretizar seu controle social sobre as classes mais baixas.

Ainda dedicando-se ao nível de linguagem regional, é certo afirmar a presença de línguas distinguidas por “características de vocabulário, gramática e pronúncia”. (ALPHATRAD, 2020, p.2).

Não é a primeira vez que o dialeto de Yorkshire fica em evidência através de um livro britânico de muito sucesso. O maior exemplo pode ser encontrado em *O Morro dos Ventos Uivantes*, escrito por Emily Brontë. Em sua análise sobre o tema, Greyce Kelly Fabbro e Leila Filipini afirmam:

Durante a leitura, é possível perceber variações dialetais nas falas de personagens, como Joseph, Hareton e Zillah, que têm em comum o fato de não terem aprendido a norma culta da língua inglesa, por conta de sua posição social e econômica na história. A autora foi muito criteriosa nas escolhas dos traços linguísticos, buscando um grau de autenticidade que revelasse não só a condição social das personagens, mas também os aspectos culturais que herdaram de outros povos através da linguagem. (FABBRO, FILIPINI, 2018, p.972).

Com base nas palavras de Fabbro e Filipini (2018), infere-se que em ambas as obras, as autoras usaram a transcrição do sotaque Yorkshire como estratégia para evidenciar as diferenças sociais entre os personagens presentes nas narrativas. Todo esse aspecto linguístico não se manifesta na adaptação da *Eli Readers*, o discurso regional de Martha e Ben transforma-se em norma culta/padrão na adaptação.

4.1.5 Contexto Sistêmico

O último nível é uma junção dos níveis micro e macro, texto e teoria, relações intertextuais (relações com outros textos incluindo traduções) e relações inter sistêmicas (relações com outros gêneros ou códigos) (MUNDAY, 2016, p. 189 - 190).

The Secret Garden é uma obra privilegiada, visto que existem as mais diversas formas de reprodução de seu conteúdo no mercado editorial desde o seu lançamento. Existem diversas traduções além da primeira por Paulo Silveiro; uma tradução feita por Marcos Maffei para a editora 34 em 2013, outra adaptação por Ana Maria Machado para a Reencontro Infantil que segue o mesmo estilo resumido da *Eli Readers*, além de livro para colorir da autora Johanna Basford e traduzido por Renata Dib com a editora Sextante. Obviamente, dentro deste trabalho a prova mais evidente é a adaptação através da *Eli Readers*, mas alcançando outros campos como o cinematográfico, existem 3 adaptações até hoje, além de uma série de anime japonês chamada *Himitsu No Hanazono*.

Levando em conta a teoria dos polissistemas, onde um dos fatores que define a força do autor mede-se pelo número de vezes que sua obra é reproduzida, neste caso traduzida, pode-se dizer que Frances Hodgson Burnett é notória, pelo menos quanto se trata de O Jardim Secreto.

4.2 Traduções das obras

Este tópico tem como objetivo apresentar o processo tradutório aplicado à retradução da obra *The Secret Garden* através de trechos retirados de ambos os objetos de estudo. Os exemplos foram escolhidos com base nos aspectos que mais podem atrair a atenção em questão de estratégias para resolução ou não de problemas na tradução.

4.2.1 A conjunção

O Jardim Secreto possui vários elementos que podem ser considerados relevantes para a análise descritiva deste projeto, a primeira vista, querer discutir sobre conjunção talvez cause estranheza pela sua aparente simplicidade, afinal é uma “palavra invariável que relaciona duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática.” (SBROGIO, 2021). No livro *In Other Words* é explicado que “Os idiomas variam enormemente no tipo de conjunções que preferem usar bem como a frequência com que usam esses itens.” (BAKER, 1992). A frequente repetição do conectivo ‘and’ em ambas as versões é incômoda, e enquanto no inglês isso não parece ser um problema, no português cria-se um problema.

Ambos os excertos abaixo são referentes aos parágrafos de introdução das respectivas obras, primeiramente o livro original e em segundo a adaptação. Nota-se que fazem apresentação do mesmo assunto, abordando-os com escritas diferentes.

Exemplo 1: o uso da conjunção ‘and’

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
<p>When Mary Lennox was sent to Misselthwaite Manor to live with her uncle everybody said she was the most disagreeable-looking child ever seen. It was true, too. She had a little thin face and a little thin body, thin light hair and a sour expression. Her hair was yellow, and her face was yellow because she had been born in India and had always been ill in one way or another. Her hair was yellow, and her face was yellow because she had been born in India and had always been ill in one way or another.</p>	<p>Quando Mary Lennox foi enviada à mansão Misselthwaite para morar com seu tio, todos disseram que era a criança de aparência mais desagradável que já haviam visto. Isso era verdade. Seu rosto pequeno tinha uma expressão azeda (,) o corpo era magro (,) os cabelos finos e claros. Seu cabelo e rosto eram amarelos, mas seu rosto era daquela cor porque nascera na Índia e sempre ficava doente de um jeito ou de outro.</p>

Para se ter uma noção geral do problema, usando o software de análise textual e linguística de corpus *AntConc* através da ferramenta *Wordlist*, é possível ver a ‘and’ como a palavra que aparece com mais frequência no conto original (1.162 vezes) e a segunda na adaptação (353 vezes). Na versão original ‘and’ na maioria das vezes está ligando 3 ações ou 3 adjetivos como por exemplo “*The rain-storm had ended and the gray mist and clouds had been swept away in the night by the wind.*”. Na versão *Eli Readers*, isso acontece menos, na maioria das vezes ‘and’ liga 2 frases como “*They had to wait for more than a week because it was very windy and Colin had a cold.*”

Mona Baker (1992) apresenta um caso similar onde Louis TonkoMilic (1963) através de sua obra *A quantitative approach to the style of Jonathan Swift* repara que o autor que dá nome ao seu estudo faz o uso excessivo da conjunção aditiva ‘and’.

apart from questions of naturalness, accuracy, and the ‘logic’ of a text, there are sometimes stylistic considerations which may make the translation of conjunctions particularly difficult. For instance, Milic (1970) suggests that one of the most striking features of Jonathan Swift’s style relates to the way he uses conjunction. Swift’s favourite conjunctions, according to Milic, are and, but, and for. He apparently makes ‘unusually heavy use’ of these items (Milic; 1970: 246) (BAKER, 1992, p.202).

A estratégia sugerida por ela é adotar diferentes conjunções. Aqui a estratégia adotada foi a vírgula (,), mas ao longo das traduções as conjunções ‘além de’ e ‘nem’ foram alguns dos exemplos adotados para frear o uso de ‘e’ como tradução para ‘and’.

Assim como Swift, o uso de ‘and’ por Hodgson é hipoteticamente um traço estilístico de sua obra. Em acréscimo, se for analisado por uma perspectiva educacional, pode-se dizer que também é um traço da literatura infantil. Em seu estudo sobre a influência de conectivos na leitura para crianças *The influence of connectives on young readers’ processing and comprehension of text*, Kate Clain e Hannah M. Leeds (2011) opinam que:

A aquisição desses conectivos seguem um padrão de desenvolvimento. Conectivos para expressar aditivo relações, como e, geralmente são adquiridas primeiro, seguidas por conectivos para expressar relações temporais, causais e, finalmente, adversativas (Bloom, Lahey, Hood, Lifter, & Fiess, 1980) (CLAIN e LEEDS, 2011, p. 5, tradução minha).¹⁶

Como vírgula não é um elemento “inusitado” que causa estranheza como Britto (2012) afirma; não vejo a necessidade de uma tradução marcada. Assim, se a repetição de ‘and’ é um elemento convencional da língua inglesa, creio que a correspondência possa ser expressada através do sinal gráfico vírgula que também é um elemento convencional da língua portuguesa usada para separar frases encadeadas entre si ou elementos dentro de uma frase (OXFORD LANGUAGE, 2021, p.1).

O objetivo de apresentar essa problemática não é afirmar que a autora está errada ao usar o conectivo ‘and’, muito pelo contrário, o tradutor precisa ter respeito perante a obra

¹⁶apart from questions of naturalness, accuracy, and the ‘logic’ of a text, there are sometimes stylistic considerations which may make the translation of conjunctions particularly difficult. For instance, Milic (1970) suggests that one of the most striking features of Jonathan Swift’s style relates to the way he uses conjunction. Swift’s favourite conjunctions, according to Milic, are and, but, and for. He apparently makes ‘unusually heavy use’ of these items (Milic; 1970: 246) (BAKER, 1992, p.202).

original. Aqui somente é apresentada uma opinião sobre o que pode se tornar uma barreira ou não para o tradutor dependendo do estilo tradutório que ele tem.

4.2.2 O poema de Mary

Mary, Mary, Quite Contrary é um marco poético e cultural da história inglesa. É uma única estrofe de quatro versos.

O verso é composto por uma oração em uma composição poética. É o elemento que define a poesia, em oposição à prosa. O grupo de vários versos com sentido completo é denominado de estrofe. (EDUCA MAIS BRASIL, 2019, p.1)

Seu primeiro registro para o público infantil surgiu por volta de 1744 quando o livro de canções de ninar *Pretty Song Book* de *Tommy Thumb 's* foi publicado. A rima ficou mais conhecida entre as crianças, apagando da memória do público seu aspecto macabro original. A personagem central deste poema é na verdade Mary Tudor, popularmente conhecida como Bloody Mary, o reinado desta mulher foi marcado por sua impopularidade e como consequência disso uma das teorias mais aceitas é a de que o poema foi originado entre os populares como forma de satirizar a rainha.

A presença do poema no texto também é uma forma de provocação à personagem, pois além de compartilhar o mesmo nome, ela é igualmente desprezada pelas pessoas à sua volta.

Exemplo 2: *poema Mary, Mary, Quite Contrary*

Versão conto

rima	tradução
Mistress Mary, quite contrary, How does your garden grow? With silver bells, and cockle shells, And marigolds all in a row	Mary sinhazinha, bem chatinha, Como seu jardim cresce? Com sinos de prata e conchas de berbigão, E tagetes em uma fileira não é não?

Versão adaptação

rima	tradução

Mistress Mary, quite contrary, How does your garden grow?	Mary garotinha, tão chatinha Como cresce o seu jardim?
With silver bells, and cockle shells,	Com flores de sino e hibiscos
And marigolds all in a row	Mas enfileirados bem assim'

Segundo Baker (1992) “um número muito pequeno de tipos de texto, como poemas, anúncios, e piadas, ocasionalmente manipulam ou desrespeitam as regras gramaticais da linguagem para criar um efeito especial” (BAKER, 1992, p. 85).¹⁷

A leitura dessa passagem me fez refletir sobre a tradução errônea que se originou na versão *Eli Readers*. A última rima ‘não é não’ lembra a linguagem oral, coisa que não deveria ser reproduzida em um texto. Acreditei também que a palavra *sinhazinha* não teria problemas para ser reconhecida pelo público uma vez que está introduzida historicamente na língua portuguesa para referir a uma moça jovem, no entanto, segundo o dicionário online de português (2021) *sinhá* era a “forma com a qual os escravos designavam a senhora, a patroa.” O conto já lida com muitos diálogos racistas e xenófobos, mas esses traços problemáticos não aparecem na adaptação e deveriam ser mantidos assim, por isso se tivesse a oportunidade de traduzir novamente substituiria ‘*sinhazinha*’.

A maior preocupação ao traduzir o poema *Mistress Mary, Quite Contrary* estava relacionada a manter a métrica, pois queria reproduzir o mesmo número de palavras presentes no verso original na tradução. Em segundo lugar, não queria substituir as flores mencionadas no verso, a questão é que essa não substituição levou ao que é visto na tradução da *Eli Readers*, visando não cometer o mesmo erro tive que abrir mão do traduzir literal.

Menciono tradução literal, pois quando traduzi o poema da adaptação acreditava que esse era um gênero textual que deveria ser tratado separadamente do restante do texto exatamente por haver intenção de rima. Validei meu pensamento através do estudioso Newmark (1988) que defendia a ideia de fidelidade semântica na escrita, mas morfossintaxe adaptada às normas gramaticais da língua de chegada.

Mudei a linha de raciocínio sustendo-me no argumento de Britto (2012) onde a domesticação é utilizada como recurso para deixar a leitura agradável ao leitor. Esse é o

¹⁷ Languages vary tremendously in the type of conjunctions they prefer to use as well as the frequency with which they use such items. (BAKER, 1992, p. 85).¹⁸

ponto. Não quero que meus leitores se afastem do sexto, e se não quero isso, neste ponto a fidelidade não é importante, contanto que a mensagem seja transmitida ainda dentro do contexto demonstrado na língua de partida.

Além disso, levo em consideração as sugestões de Britto (2006) quanto a tradução satisfatória de um poema também. Em suas palavras:

Uma tradução satisfatória do poema deveria levar em conta essas características formais e semânticas. Ainda que não seja possível reconstruir exatamente todas elas na tradução, é necessário estabelecer as mesmas homologias no plano da forma e entre o da forma e o do sentido, afirmar as mesmas polaridades ao mesmo tempo que se aponta para a impossibilidade de traçar distinções absolutas entre um pólo e o outro. (BRITTO, 2006, p. 6-7).

Assim, uma tradução satisfatória do poema deveria levar em conta essas características formais e semânticas. Ainda que não seja possível reconstruir exatamente todas elas na tradução, é necessário estabelecer as mesmas homologias no plano da forma e entre o da forma e o do sentido, afirmar as mesmas polaridades ao mesmo tempo que se aponta para a impossibilidade de traçar distinções absolutas entre um pólo e o outro.

Para fechar essa reflexão, trago as reflexões que Clifford E. Landers tem sobre o papel do tradutor dentro do texto poético. Segundo ele, o tradutor não precisa ser um poeta para traduzir poesia, mas ressalta que deve haver uma sensibilidade poética nele para executar essa tarefa, mesmo que nunca tenha manipulado um texto com esse tipo de elemento. O conselho para manter a rima é “O som é fundamental para os poetas, e mais de um tradutor já ouviu isso do poeta da língua fonte: Quando for impossível preservar o significado e o som, vá com o som.” (LANDERS, 2001, p.99).¹⁸

4.2.3 O dialeto de Yorkshire

O dialeto de Yorkshire é inexistente na versão *Eli Readers*, sendo assim, a comunicação entre os personagens está na mesma ‘frequência’ o tempo todo considerando os níveis de linguagem tradicionais. Ao ter o primeiro contato com a obra original foi uma

¹⁸Any translation should — make that must — be read aloud for sonority. Sound is paramount to poets, and more than one translator has been told by the SL poet, When it's impossible to preserve both meaning and sound, go with the sound.” (LANDERS, 2001, p.99).

surpresa encontrar o dialeto escrito - nem mesmo sabia que esse tipo de manifestação era possível em textos de língua inglesa -. Essa é a maior variação do texto.

Quando os tradutores se confrontam com as marcas de uma variedade, aquilo que deve ser traduzido não é a variedade do texto fonte [...]. Aquilo que deve ser traduzido é a variação, a alteração sintagmática de distância, o desvio relativo da norma. Se esses desvios podem ser traduzidos, como geralmente acontece, então podemos considerar que as marcas foram traduzidas e nenhuma reclamação poderá ser feita. (PYM, 2000, p.2).¹⁹

Exemplo 3: o dialeto no diálogo entre Martha e Mary traduzido por mim

Versão conto Texto de partida	Texto de chegada
<p>"What is that?" she said, pointing out of the window.</p> <p>Martha, the young housemaid, who had just risen to her feet, looked and pointed also.</p> <p>"That there?" she said.</p> <p>"Yes."</p> <p>"That's th' moor," with a good-natured grin. "Does tha' like it?"</p> <p>"No," answered Mary. "I hate it."</p> <p>(...)</p> <p>"Who is going to dress me?" demanded Mary.</p> <p>Martha sat up on her heels again and stared. She spoke in broad Yorkshire in her amazement.</p> <p>"Canna' tha' dress thysen!" she said.</p>	<p>"O que é aquilo?" disse ela, apontando para fora da janela.</p> <p>Martha, a jovem empregada doméstica, que acabava de se levantar olhou e apontou também.</p> <p>"Aquilo ali?" ela perguntou de volta.</p> <p>"Sim."</p> <p>"É a charneca," respondeu com um sorriso bem-humorado. "Tu gostou?"</p> <p>"Não," respondeu Mary. "Eu odiei."</p> <p>(...)</p> <p>"Quem vai me vestir?" Mary exigiu saber .</p> <p>Martha sentou-se nos calcanhares novamente e ficou olhando. Então respondeu espantada com seu forte sotaque de Yorkshire. "Tu não consegue se ajeitar sozinha não?!" ela perguntou.</p>

¹⁹ When translators are confronted with the markers of a variety, the thing to be rendered is not the source-text variety (such things, by definition, do not move, and translation is in any case the replacement of the base source-text variety, by definition) (PYM, 2000, p.2).

Embora tenha me assustado, Landers (2001, p.116) afirma que dialetos “são tão reais e conspícuos para nós quanto um dialeto irlandês ou Yorkshire seria para um inglês ou um dialeto da Nova Inglaterra ou sul para um americano.”²⁰

A estratégia utilizada para traduzir o dialeto de Yorkshire, ocorreu através de considerações geográficas. O condado de Yorkshire está ao norte da Inglaterra, tendo essa informação, iniciou-se uma pesquisa para saber qual seria o estado correspondente a essa localização no Brasil. A resposta para esse questionamento foi Tocantins, logo, Yorkshire e Tocantins estão na mesma coordenada geográfica em seus respectivos países.

Segundo Jéssica Iane, o estado sofre influência de vários estados diferentes e como resultado há uma grande mistura de expressões regionais. (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO, 2021, p.1). O dialeto presente no estado é conhecido como dialeto Serra Amazônica.

O dialeto da serra amazônica ou como as vezes é chamado, dialeto do arco do desflorestamento, conhecido na sua região geográfica como "sotaque dos migrantes", não é um dialeto coeso, justamente por sua peculiaridade de formação. Esse dialeto existe no sudeste do Pará, sudoeste do Maranhão, norte do Mato Grosso, em Rondônia e no Tocantins. O termo "Serra Amazônica" ou "Amazônico da Serra" foi cunhado pela primeira vez para identificar este dialeto nos trabalhos do I Colóquio de Letras FPA em 2010. (THE FOOLS, 2019, p.1).

Dentro da tradução do conto, o principal traço do dialeto tocantinense está marcado pelo pronominal pessoal ‘tu’ que equivale ao pronominal de tratamento ‘você’. No texto de partida ‘you’ é usado como ‘thee’ pelos falantes do dialeto de Yorkshire, mas é importante ressaltar que era considerada uma palavra antiquada até mesmo na época em que o livro se passa. (COLLINS, 2021).

Para mostrar os dois lados de uma mesma moeda: Landers mostra-se contrário à tradução de dialetos, para o autor:

Dialeto está sempre ligado, geograficamente e culturalmente, a um meio que não existe no cenário da língua-alvo. A substituição de um dialeto “equivalente” está fadada ao fracasso. O melhor conselho sobre para traduzir dialeto: não tente. (LANDERS, 2001, p.117, tradução minha).

Do outro lado, as estudantes de tradução Greyce Fabbro e Leila Filipini não concordam com essa ideia, pois:

Falar uma língua é de certa maneira, falar determinado dialeto pertencente a esta língua. Ao contrário do que uma visão antropocêntrica possa sugerir, não existem

²⁰ A frequently encountered problem in literary translation is how to convey dialect. As translators we are familiar with the variants found within the range of native speakers of the SL with which we deal. They are as real and as conspicuous to us as an Irish or a Yorkshire dialect would be to an Englishman or a New England or Southern dialect to an American. Can they be translated? (LANDERS, 2001, p. 116).

dialetos “bons” ou “ruins”. Qualquer variação linguística que caracteriza um grupo de falantes dentro de um idioma pode ser entendida como um dialeto. (FABRRO e FILIPINI, 2018, p. 986).

Entre tradutores que são contra e tradutores que são a favor de traduções de dialetos, traz-se um terceiro ponto de vista: o do autor Gill Paul (2009, p.45) em seu livro *Translation in Practice*, cita a autora libanesa Hanan al Shaykh que acreditava que os dialetos presentes em seus livros poderiam sim ser traduzidos, mesmo quando o tradutor não se disponha a fazer isso. Entretanto, ele ressalta que esse ato pode enfraquecer o livro, pois o tradutor terá que recorrer a notas de rodapé e glossários para situar o leitor sobre o que está ocorrendo ali.

Embora deixando muitas referências culturais "desconhecidas", enfraquecer um livro, e perder leitores, deve, ainda, haver uma essência de algo diferente. Alguns idiomas precisam de longas explicações, o que pode ser complicado e forçar o tradutor a confiar em glossários e notas para fornecer as explicações necessárias. (PAULL, 2009, p.45, tradução minha).²¹

Para entender como os demais tradutores se comportam perante esse desafio, optei por consultar as traduções feitas por José Luiz Perota e Bianca Carvalho em 2012, e Paulo Silveiro em 1997. Todos os tradutores fizeram a ‘tradução’ do dialeto de Yorkshire, a diferença entre a tradução deles e a minha deu-se através das escolhas regionais. Pela leitura de alguns trechos de suas traduções é possível identificar a influência caipira, sertaneja e até mineira.

É claro que não haveria dialeto sem a presença da oralidade; vários diálogos ao longo do texto têm essa característica através de expressões idiomáticas e termos usados naquela época, então se quero que os personagens adeptos do dialeto de Yorkshire sejam reconhecidos na linguagem atual, preciso traduzir a oralidade, assim trazendo o efeito verossimilhança, para que parece que o dialeto traduzido é uma verdade existente dentro da língua portuguesa.

Como afirmado pro Britto (2012 p. 101) “A boa marca de oralidade é aquela que provoca um efeito de verossimilhança sem chamar demais a atenção para si própria”. Além disso, aqui também nota-se a explicação de Pym²² (2014) aplicada ao caso concreto onde sabe-se que a

²¹ While leaving in too many ‘unknown’ cultural references will weaken a book, and lose readers, there must, still, be an essence of something different. Some languages need lengthy explanations, which can be cumbersome, and force the translator to rely on glossaries and notes in order to provide the necessary explanations.(PAULL, 2009, p. 45).

²² Sabemos que a paródia está em ação quando somos levados a acreditar que estamos recebendo apenas marcadores reduzidos e extremos de uma variedade mais verdadeira. Na verdade, a paródia parece ser uma das principais maneiras pelas quais a noção de uma variedade coerente é projetada (PYM, 2014, p.1, tradução minha).

paródia, esse efeito de fazer parecer que os personagens falantes do dialeto pareçam submissos e menos inteligentes comparados aos personagens que falam a norma culta, é apenas um marcador menor de algo maior, ou seja, existe a língua e a norma padrão do inglês, no entanto, o dialeto de Yorkshire é algo menor localizado dentro disso.

Sabemos que a paródia está em ação quando somos levados a acreditar que estamos recebendo apenas marcadores reduzidos e extremos de uma variedade mais verdadeira. Na verdade, a paródia parece ser uma das principais maneiras pelas quais a noção de uma variedade coerente é projetada (PYM, 2014).

Considerando os aspectos históricos, Britto (2012, p. 60) afirma através dos estudos de Schleiermacher (1813) que é possível transformar as marcas de antiguidade de um texto em uma linguagem contemporânea de uma determinada língua, nesse caso do português.

Exemplo 4: palavra em desuso dentro do dialeto

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
<p>"Art tha' th' little wench from India?" he asked.</p> <p>Mary nodded.</p> <p>"Then no wonder tha'rt lonely. Tha'lt be lonelier before tha's done," he said.</p>	<p>"Tu é aquela garota da Índia?" perguntou ele .</p> <p>Mary acenou com a cabeça.</p> <p>"Então, não é de admirar que seja sozinha. Tu vai tá ainda mais sozinha antes disso aqui terminar." respondeu o homem.</p>

Atualmente a palavra '*wench*' considerada uma palavra arcaica que está associada aos sinônimos 'prostituta' e 'vagabunda' em inglês. A estratégia adotada foi exatamente visando o contexto atual. Esse diálogo não está na versão adaptação de Jane Bowie.

Exemplo 5: o dialeto no diálogo entre Mary e Ben Weatherstaff traduzido por mim

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
------------------	------------------

<p>"I have no friends at all," said Mary. "I never had. My Ayah didn't like me and I never played with any one."</p> <p>It is a Yorkshire habit to say what you think with blunt frankness, and old Ben Weatherstaff was a Yorkshire moor man.</p> <p>"Tha' an' me are a good bit alike," he said. "We was wove out of th' same cloth. We're neither of us good lookin' an' we're both of us as sour as we look. We've got the same nasty tempers, both of us, I'll warrant."</p>	<p>"Não tenho amigos," disse Mary. "Nunca tive. Minha aia não gostava de mim e nunca brinquei com ninguém."</p> <p>Era um hábito de Yorkshire dizer o que pensava com franqueza, e o velho Ben Weatherstaff era um homem da charneca de Yorkshire.</p> <p>"Então somos um tantinho parecidos," disse ele. "Farinha do mesmo saco, nenhum de nós é bonito e os dois malhumorados como parecemos. Eu posso garantir pra tu que temos os mesmos temperamentos desagradáveis."</p>
---	--

4.2.4 Expressões idiomáticas

No livro *In Other Words*, Baker (1992, p. 68) expressa que o tradutor ao se deparar com um material para traduzir, deve estar pronto para entender que a equivalência entre língua de chegada e língua de partida não ocorre com facilidade, pois expressões idiomáticas são:

padrões congelados da linguagem que permitem pouca ou nenhuma variação na forma e frequentemente trazem significados que não podem ser deduzidos a partir dos seus componentes individuais. (MONA BAKER, 1992, tradução terra língua, 2019).

No exemplo a seguir, a estratégia utilizada ocorreu através de uso de tradução por meio da paráfrase, ou seja, a expressão idiomática da língua de partida é traduzida através de uma expressão da língua de chegada; ressalta-se esse tipo de estratégia não é sobre palavras parecidas entre partida e chegada, mas sim sobre significados pelos quais são possíveis transmitir a mesma mensagem.

Exemplo 6: expressões idiomáticas

Versão conto	
Texto de partida	Texto de chegada

<p>"If he does live and that Indian child stays here I'll warrant she teaches him that the whole orange does not belong to him, as Susan Sowerby says. And he'll be likely to find out the size of his own quarter."</p>	<p>"Se ele viver e aquela criança indiana ficar aqui, garanto que ela o ensinará que o mundo não gira em torno dele, como diz Susan Sowerby. E é provável que ele descubra o tamanho de sua própria empáfia."</p>
---	--

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
<p>"I've heard Jem Fettleworth's wife say th' same thing over thousands o' times— callin' Jem a drunken brute," said Ben Weatherstaff dryly. "Summatallus come o' that, sure enough. He gave her a good hidin' an' went to th' Blue Lion an' got as drunk as a lord."</p>	<p>"Já ouvi a esposa do Jem Fettleworth xingando ele de bêbado bruto milhares de vezes," disse Ben Weatherstaff secamente. "Dito e feito, ele deu uma surra nela e depois foi pro Blue Lion, acabou bêbado que nem um gambá."</p>

Os diálogos acima não estão presentes na adaptação da *Eli Readers*; referem-se ao diálogo entre a enfermeira e o médico de Colin, e o momento de Ben Weatherstaff no jardim respectivamente.

Outra estratégia adotada pela autora²³ é classificada como aquela onde procura-se uma expressão idiomática na língua de chegada parecida com a da língua de partida com itens lexicais equivalentes e que podem ser encontrados ocasionalmente. A estratégia foi aplicada ao exemplo seguinte que lida com o adjetivo '*plain*', em tradução literal para o português '*plano*' e que figurativamente também pode ser compreendido como algo que se caracteriza pela "simplicidade." (OXFORD LANGUAGE, 2021, p.1).

Exemplo 5: o uso de '*plain*'

²³This strategy involves using an idiom in the target language which conveys roughly the same meaning as that of the source-language idiom and, in addition, consists of equivalent lexical items. This kind of match can only occasionally be achieved. (BAKER, 1992, p.72).

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
'She is very plain! ' said Mrs. Medlock to the officer's wife.	'Ela é bem comum! ' disse a Sra. Medlock para a esposa do oficial.

A palavra *plain* é usada na cultura britânica para se referir a uma pessoa que não é atraente, que tem uma aparência simples e não se destaca.

Exemplo 6: o uso de 'poorthing'**Versão conto**

Texto de partida	Texto de chegada
"Nobody ever dared to do anything you didn't like—because you were going to die and things like that. Youweresuch a poorthing."	"Ninguém jamais se atreveu a fazer nada que você não gostasse, porque você ia morrer e essas coisas. Você era um pobre coitado."

Outra possibilidade oferecida por Baker (1992. p. 77) seria a tradução por omissão quando “não há correspondência próxima no idioma de destino e seu significado não pode ser parafraseado facilmente, ou por razões estilísticas.”

Na obra de Frances Hodgson Burnett, Dickon tem dois esquilos, um chamado '*Nut*' e outro chamado '*Shell*', em tradução literal 'casca de noz', mas compreende-se que é um trocadilho no texto original. Primeiramente foi pensado em trazer os nomes originais do inglês para o português da maneira que estavam, no entanto, o nome do corvo – outro animal de estimação do menino – foi traduzido, '*Soot*' virou 'Fuligem' em português. Não queria que houvesse desigualdade entre os nomes dos bichos, pois se traduzi um então deveria traduzir todos. Dentro das laudas traduzidas os esquilos ganharam nomes traduzidos, mas se tivesse que traduzir todo o livro, recorreria a omissão das expressões – pois compreendo trocadilhos também como expressões idiomáticas algumas vezes – em alguns trechos do texto por razões estilísticas.

Exemplo 7: a tradução de ‘Nutshell’

Texto de partida	Texto de chegada
<p>Nut and Shell were on his shoulders and he held a long-eared white rabbit in his arm and stroked and stroked it softly while it laid its ears along its back and enjoyed itself.</p>	<p>Os esquilos Casca e Noz estavam em seus ombros, ele segurava um coelho branco de orelhas compridas em seus braços e fazia carinho suavemente enquanto o animal se divertia.</p>

4.2.5 As palavras emprestadas

Baker define as palavras emprestadas de outros idiomas da seguinte maneira:

O uso de palavras emprestadas no texto de partida apresenta um problema especial na tradução. Além de seus respectivos significados proposicionais, palavras emprestadas como *au fait*, *chic* e *alfresco* em inglês são frequentemente usados por seu valor de prestígio, porque podem adicionar um ar de sofisticação ao texto ou ao assunto. Isso muitas vezes se perde na tradução porque nem sempre é possível encontrar um empreste uma palavra com o mesmo significado no idioma de destino. (BAKER, 1992, p.25. tradução minha).

The Secret Garden faz uso de palavras estrangeiras tanto no conto quanto na adaptação, principalmente quando apresenta informações sobre a língua híndi, idioma oficial da Índia.

Quando estava traduzindo a versão *Eli Readers*, expressei a mesma convicção da qual Baker fala no enxerto acima, a de que palavras vindas de outras línguas devem ser mantidas pois agregam valor ao texto.

Exemplo 7: o uso de ‘ayah’

Texto de partida	Texto de chegada

<p>‘I have no friends,’ said Mary ‘I never had. My ayah didn't like me and I never played with anyone.’</p>	<p>‘Eu não tenho amigos,’ disse Mary. ‘Eu nunca tive. Minha ayah não gostava de mim e eu nunca brinquei com ninguém’.</p>
--	--

Nessa tradução mantive a palavra estrangeirizada, no entanto, ao traduzir a versão original repensei os conceitos que tinha usado na adaptação e decidi que não gostaria mais de utilizados pelos seguintes motivos: primeiramente, estou fazendo uma tradução infantojuvenil, então não preciso de todo esse grau de sofisticação no texto, em segundo lugar, se existem palavras no português que podem fazer substituições apropriadas dessas palavras vindas do exterior, então por que não?

Ao traduzir *The Secret Garden* lidei com 3 tipos de palavras estrangeiras: as que tinham correspondentes no português, as que não tinham correspondência no português e as que não deveriam ser traduzidas.

O caso concreto deu-se por meio das palavras ‘ayah’ e ‘rajah’, traduzidas respectivamente como ‘aia’ e ‘rajá’ - essa última não está presente nas laudas selecionadas para esse projeto, mas está no texto original-, porque no português havia traduções para essas.

Na segunda categoria estavam as palavras ‘*Mem Sahib*’ e ‘*Saidie*’ que não apresentam traduções no português, entendendo isso, optei por traduzir com base na estratégia que troca a palavra estrangeira por uma palavra mais geral, plano sugerido por Baker (1992, p.25) na categoria *loan words*.

Exemplo 8: a substituição ‘*Mem Sahib*’ por uma palavra mais geral

Versão conto

<p>Texto de partida</p>	<p>Texto de chegada</p>
-------------------------	-------------------------

<p>She had not wanted a little girl at all, and when Mary was born she handed her over to the care of an Ayah, who was made to understand that if she wished to please the Mem Sahib she must keep the child out of sight as much as possible.</p>	<p>Quando Mary nasceu ela a entregou aos cuidados de uma aia, que logo entendeu que se desejasse agradar a patroa, deveria manter a criança fora de vista o máximo possível.</p>
---	---

Na terceira base, a palavra *salaam* chamou minha atenção. *Salaam* é uma expressão comumente usada por árabes e muçulmanos para cumprimentar/saudar as pessoas, significa “que a paz esteja com você” (SIGNIFICADOS, 2016. p.1).

Confesso que houve receio da minha parte ao traduzir o termo, pois a crença religiosa e a manifestação cultural estão sendo desrespeitadas e ridicularizadas pela personagem Mary Lennox inconscientemente, pois muitas vezes durante a leitura o fato de Mary ser angloindiana passa despercebido uma vez que a criança nasceu e foi criada na Índia, mas com valores britânicos. O impasse fica por conta de não saber se essa era a perspectiva real que a autora Frances Burnett tinha dos nativos ou se é somente uma narrativa fantasiosa criada com o intuito de mostrar que a personagem é alguém extremamente cruel que precisa ter seus hábitos mudados no decorrer da história, como dito por Roque Laraia (2001):

“comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.” (LARAIA, 2001, p.39).

Salaam ganhou 2 traduções diferentes na minha tradução, pois manifesta-se em formato de sujeito no enxerto abaixo. Como queria manter a proposta estrangeira da palavra, utilizei a estratégia *loan word + explanation*, em uma tradução minha ‘palavra estrangeira seguida de explicativo.’

Exemplo 9: a não tradução ‘*salaam*’ seguida de explicação

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
Mary listened to her with a grave,	Mary a ouviu com uma expressão

<p>puzzled expression. The native servants she had been used to in India were not in the least like this. They were obsequious and servile and did not presume to talk to their masters as if they were their equals. They made salaams and called them "protector of the poor" and names of that sort. Indian servants were commanded to do things, not asked.</p>	<p>perplexa. Os servos nativos com os quais estava acostumada na Índia não eram nem um pouco assim. Eles eram obedientes e servis, e não ousavam falar com seus senhores como se fossem seus iguais. Eles os cumprimentavam com salaam, uma saudação muçulmana, e os chamavam de "protetores dos pobres" ou nomes desse tipo. Os servos indianos eram ordenados a fazerem coisas, não solicitados. Não era costume dizer "por favor" e "obrigada".</p>
--	---

Na segunda aparição, a autora usou '*they're servants who must salaam to you*' e entendendo isso como um verbo, deste modo, *salaam* é traduzido como saudar.

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
<p>"You thought I was a native! You dared! You don't know anything about natives! They are not people—they're servants who must salaam to you. You know nothing about India. You know nothing about anything!"</p>	<p>"Você pensou que eu era uma nativa! Como ousa?! Você não sabe nada sobre os nativos! Eles não são gente, eles são servos que devem nos saudar. Você não sabe nada sobre a Índia. Você não sabe nada sobre nada!"</p>

4.2.6 A linguagem do jardim

O Jardim Secreto revelou que até mesmo flores, plantas e seres não humanos podem ganhar traduções diferenciadas ao serem traduzidas. Baker (1992) considera que essa manifestação está dentro de um aspecto semântico onde a divisão planta se subdivide em

flores, arbustos e árvores por exemplo. Descobriu-se que plantas normalmente ganham traduções regionais e figurativas dependendo do país.

Por exemplo, ‘*cockle shells*’ pode ser traduzido como molusco que é um animal invertebrado “comestível e de ampla ocorrência no litoral brasileiro, onde vive enterrado no lodo.” (OXFORD LANGUAGE, 2021, p.1). No entanto, em Santa Catarina é conhecido como ‘berbigão’. Outro caso citado dessa vez no conto original é a palavra ‘*broom*’ que literalmente significa vassoura, mas é uma arbustiva de cor amarela que tem o nome ‘giesta’ na língua portuguesa.

Exemplo 10: o uso de ‘*ivy*’

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
<p>She was just thinking this when she saw that, at the end of the path she was following, there seemed to be a long wall, with ivy growing over it. She was not familiar enough with England to know that she was coming upon the kitchen-gardens where the vegetables and fruit were growing.</p>	<p>Ela estava pensando nisso quando viu que, no final do caminho que estava seguindo, parecia haver uma longa parede, com plantas trepadeiras crescendo sobre ela. Ela não estava familiarizada o suficiente com a Inglaterra para saber que estava chegando às hortas onde os vegetais e frutas cresciam.</p>

Exemplo 11: o uso de ‘*snapdragon*’

Versão adaptação

Texto de partida	Texto de chegada
<p>‘This is a snapdragon,’ he said, ‘and it grows out in the fields, but the garden one is bigger and grander. And this is columbine. It looks like blue and white butterflies.’</p>	<p>‘Essa é uma boca de leão,’ disse ele. ‘Cresce nos campos, mas o jardim é maior e mais grandioso. Isso é uma aquilegia, parece uma borboleta azul e branca.’</p>

Por último, mas não menos importante, um emblemático personagem do livro: o pássaro de peito vermelho.

O canto puro e melodioso do tordo de peito vermelho tem as mesmas funções que o seu peitilho flamejante: é um aviso severo para que outros peitos-vermelhos fiquem fora do seu território. Ao encontrar um intruso, ele torna-se arrogante como um valentão, arrepia suas penas e exhibe a grande mancha vermelha do seu papo. Se essa ameaça não funciona, tem início uma batalha a bicadas. Os tordos de peito vermelho habitam principalmente a Europa e migram no outono para a África e o Oriente Médio. Nessa época eles necessitam da colaboração do homem, pois não conseguem eles próprios encontrar os alimentos. Na primavera eles recomeçam sua caça aos insetos, lesmas, larvas de todas as espécies e, especialmente, minhocas. (VIDA ANIMAL, 2020, p.1).

Entre todas as flores e bichos presentes nessa obra, é certo afirmar que a nomeação e tradução desse bichinho a mais difícil de concluir. Pintarroxo, papo-ruivo, papo-roxo, ‘robin’, pisco-do-peito-vermelho, pássaro do peito vermelho, tordo-eurásio, tordo-de-peitovermelho... Todos esses nomes são considerados corretos, no entanto, qual seria a melhor tradução?

A minha resposta é que todas as traduções estão corretas, mas preciso pensar em qual delas representa o melhor encaixe para o público que lerá a tradução. Quando li a adaptação pela primeira vez associei a palavra ‘robin’ ao personagem fictício ajudante do super herói *Batman*, e como ‘robin’ não era considerada uma palavra estrangeira no português, optei por fazer a transferência do inglês para o português sem alterá-la.

Os ‘robins’ existem tanto na Europa, quanto na América. Segundo Molly Jasinski (2021) do site *Birds and Blooms* enquanto o ‘robin’ americano “se junta a grandes bandos de outros tordos durante o outono e inverno”, o ‘robin’ europeu é “conhecido por ser mais solitário em todas as estações do que o robin americano.”

O passarinho simpático de *The Secret Garden* pode ser compreendido através de duas vertentes, uma metafórica e a outra social. Assim como Mary, Colin e Archibald, o tordo foi privado das relações com seus semelhantes por conta de um evento trágico que o privou dessas convivências. A ave - que na verdade é um tordo macho - se torna a única de sua ninhada a permanecer nos jardins de Misselthwaite, assim ela adapta-se a nova vida e faz do jardim secreto sua casa onde vive sozinha, mas o adjetivo sinônimo ‘solitário’ nem sempre significa algo negativo. O estilo de vida britânico justifica isso pois:

A sociedade no Reino Unido tende a focar e reforçar as realizações individuais, pois os britânicos são geralmente bastante reservados em sua natureza. “A casa de um inglês é o seu castelo” é um provérbio que demonstra este ponto. As pessoas se sentem mais capazes de serem elas mesmas quando estão em casa. Fora de casa, eles obedecem às normas sociais.” (EXPATICA, 2021, p.1)

Além disso, os animais são muito estimados na cultura britânica, 81% das pessoas consideram e tratam seus animais de estimação como “um membro da família”. (ABC *School of English*, 2020) e é por isso que o jardineiro Ben cuida do passarinho como muito carinho, mas mostra-se uma pessoa “fria” com os demais personagens por algum tempo.

O ‘robin’ é o pássaro oficial da Grã-Bretanha, segundo Jin Designs (2021, p.1) a ave de peito vermelho simboliza boa sorte, felicidade e renascimento dentro do folclore britânico; além de ser o mensageiro de entes queridos que já se foram. Para comprovar tal frase, existe até a crença européia de que quando esses seres estão por perto, significa que os parentes falecidos estão visitando os vivos espiritualmente (JOHN BYRNE AWARD, 2021, p.1). A presença desse personagem em *The Secret Garden* não é uma escolha qualquer feita pela autora, na verdade, o ‘robin’ está a frente do simbolismo das festas de fim de ano e começou a ganhar destaque principalmente na época vitoriana quando surgiu em cartões natalinos. Curiosamente, os carteiros do Royal Mail, o serviço postal nacional do Reino Unido, se vestem até os dias de hoje com uniformes vermelhos, uma verdadeira alusão ao pássaro mensageiro.

Como é possível ver, minha opinião mudou ao traduzir o conto, simplesmente e puramente baseado nas minhas próprias experiências, sem teoria ou estratégia tradutória. Afinal, o tradutor também põe sua visão de mundo em suas traduções. Se associei ‘robin’ a um personagem que já conhecia, então os demais também poderiam fazer a mesma associação, com isso em mente, alterei ‘robin’ para tordo.

Figura 4 - Robin europeu	Figura 5 - Cartão de Natal com o robin europeu
	

Fonte: Pinterest, 2021.

Fonte: Paper Tiger, 2021

Exemplo 12: a tradução de ‘robinredbreast’

Versão conto

Texto de partida	Texto de chegada
Doesn't tha' know? He's a robin redbreast an' they're th' friendliest, curioucest birds alive. They're almost as friendly as dogs—if you know how to get on with 'em. Watchhimpeckin' about there an' lookin' round at us now an' again. He knows we're talkin' about him."	"Tu não sabe? Ele é um tordo de peito vermelho e são os pássaros mais amigáveis e curiosos. Eles são quase tão amigáveis quanto cachorros se souber como lidar com eles. Observa ele bicando lá e olhando pra nós. Ele sabe que tamo falando dele."

4.2.7 Impressões sobre o processo tradutório

The Secret Garden é uma obra que está no mercado literário há pouco mais de 100 anos e há exatamente 24 anos dentro do mercado literário brasileiro através de traduções. A sua sobrevivência de longa data deve-se principalmente ao fato ser produzida na língua mais falada do mundo – o inglês – além de pertencer ao continente europeu – mais especificamente a Grã-Bretanha – que como dito anteriormente neste trabalho, é um grande produtor de literatura canônica, principalmente por ser uma das nações mais antigas do mundo e que por muito tempo foi referência de cultura etnocêntrica.

As ações aplicadas aqui - desde a seleção das laudas até a impressão final do trabalho - levaram a reflexões muito importantes acerca da literatura infantojuvenil. Olhando de um ponto de vista geral, pode-se dizer que as pessoas não percebem o quanto as obras trabalhadas nos primeiros 12 anos de vida – sim, opino que a literatura infantojuvenil vai até os 12 anos de idade – os acompanham por outras fases da vida também. Elas nunca se vão, somente se adaptam a um novo estilo, por exemplo, o clássico Cinderela ganhou um conto adolescente através de Cinderela Pop escrito pela autora Paula Pimenta, mas perdeu sua narrativa inocente quando Julia Quinn adaptou a história da menina de sapatos de cristal através de um reconto para o gênero *New Adult* através de Um Perfeito Cavalheiro.

The Secret Garden ainda não ganhou novos gêneros literários além daquele voltado para crianças e jovens, mas não deixa nada a desejar quando trata-se de perpetuação de sua reprodução, são milhares e milhares de edições espalhadas pelo mundo e se o que Even-Zohar (1978) diz na teoria dos polissistemas sobre a sobrevivência do autor depender de seu reconhecimento em determinada cultura, pelo menos no Brasil o livro nunca estará como periférico, pois existem muitas traduções para o português, incluindo a minha.

Embora seja discutido por Britto (2012) que quanto maior o prestígio do autor, mais estrangeirizada a obra será, minha posição como tradutora foi domesticar o que podia ser domesticado, por exemplo, as expressões na língua hindi, pela questão da faixa etária, ou seja, foi minha questão política adotada.

A versão da *Eli Readers* perdeu completamente a oralidade, mas assim como me questiono a razão de não reproduzirem algo tão marcante, igualmente entendo que editores literários sabem mais sobre o que os jovens gostam do que uma aluna de tradução. Ainda assim, gostaria que os leitores tivessem a oportunidade de ler o dialeto de Yorkshire, por meio de qualquer tradutor, pois como Pym (2000) discorre, não se pode fingir que essas características 'desviantes' não existem para sempre.

Na adaptação houve uma reescrita do conto original, assim como apresentado por Milton (2009), omitindo personagens - a versão original obtém muitos personagens que não aparecem na versão cortada, e isso é um perdimento - e as questões que atualmente são consideradas xenofóbicas. Nem todas as perdas que o livro original teve ao ser adaptado foram ruins, não lidar com essas questões ideológicas também facilitou o meu trabalho.

As diferenças tradutórias deram-se principalmente através dos vocabulários, na obra original era sempre uma palavra mais específica e na adaptação era uma palavra mais geral, assim como Mona Baker (1992) recomenda que se faça ao traduzir, nesse caso, as palavras eram adaptadas para sinônimos mais gerais. Frances Hodgson Burnett (1911) tinha excesso de descrição, Janie Bowie (2011) se atentou mais aos diálogos; foi preciso ter em mente que não estava traduzindo somente uma autora, mas também uma adaptadora e sendo eu mesma ao mesmo tempo, uma tradutora das duas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Projeto Final de Tradução teve como objetivo apresentar a tradução da obra infantojuvenil *The Secret Garden* (O Jardim Secreto) através de oito capítulos do conto original e oito capítulos de uma adaptação, em conjunto com teorias e descrições das estratégias aplicadas ao processo tradutório. Apresentando então os principais conceitos propostos pelos estudiosos da área como Itamar Even Zohar (1978), Paulo Henriques Britto (2012) e Anthony Pym (2000). Além de mostrar os resultados do processo tradutório com o esquema de tradução literária proposto pelos estudiosos José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985) e conceitos e estratégias propostas por Mona Baker (1992).

A conclusão tirada deste trabalho é que se todos os tradutores pudessem trabalhar em um pré-projeto de uma obra antes de realmente traduzir a obra pretendida, suas traduções poderiam ter resultados melhores. Obviamente, se isso não demandasse tempo, o que na prática não acontece. Foi de extrema importância trabalhar primeiramente com a versão adaptação, pois quando o momento de traduzir a obra original chegou, os erros cometidos na tradução anterior puderam ser repensados e corrigidos, além de criar a noção do que encontraria no texto.

O tradutor é como o esquema de Lambert e Van Gorp (1985) descreve, ele é o ponto de ligação entre partida e chegada, uma obra não é introduzida para os não falantes de uma língua sem o seu trabalho, sem propagação não existe reconhecimento. Em continuidade, considero agora que tradutores de literatura infantojuvenil são os principais tradutores da vida de alguém, pois são eles que fazem a iniciação a obras estrangeiras.

Enfim, espero que este Projeto Final de Tradução acrescente algo a opinião daqueles que o lerem, principalmente se estiverem interessados em tradução infantojuvenil, pois ainda é um campo que precisa ser melhor situado na Teoria da Tradução, para isso novos estudiosos precisam aderir ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABES, Gilles Jean. **Britto, Paulo Henriques. A Tradução Literária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ADAPTAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/adaptacao/>>. Acesso em: 08 de Nov. de 2021.

ALBUQUERQUE, Maria Fátima. Literatura Juvenil. **E-Dicionário de Termos Literários.** Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-juvenil/>>. Acesso em: 10 de set. 2021.

AL-FOUZAN. Nouf. **Cultural Norms in Translating Children's Literature.** Arab World English Journal. Riyadh, Saudi Arabia p. 1- 53. 2008.

ARAÚJO Luciana. Níveis de Linguagem. **Mundo Educação.** Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/niveis-linguagem.htm>>. Acesso em: 15 de set. de 2021.

A RETRADUÇÃO como espaço da tradução. **SciELO Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ct/a/MjngmrLsrVKzVfLGnYNR6MB/?lang=pt>>. Acesso em 21 de nov. de 2021

AZENHA JUNIOR, J. **Tradução & literatura infantil e juvenil.** In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., e STUPIELLO, ÉNA., orgs. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 209-232. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-10.pdf>. Acesso em 02 de out. de 2021.

BAKER, M. **In other words.** Londres: Routledge, (1992) 2011.

BASSNET. S. **Translation Studies.** 3ª Edição. 2002. p.101.

BASSNET. S. **Translation Studies.** 3ª Edição. 2002. p.54.

BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução de Ficção.** 2012. p.60.

BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária.** 2012. p. 59.

BRITTO, Paulo Henriques. **Correspondência Formal e Funcional em Tradução Poética.** 2005.

CADEMARTORI, Lígia. Literatura Infantil. **Glossário Ceale.** Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>>. Acesso em: 10 de set. de 2021.

CALLAGHAN, James. Are lost loved ones near when Robins appear?. **John Byrne Award**. Disponível em: <<https://www.johnbyrneaward.org.uk/entries/are-lost-loved-ones-near-whenrobins-appear/>>. Acesso em: 09 de Nov. de 2021.

CHOLERA. **History**. Setembro, 2017. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/inventions/history-of-cholera>>. Acesso em 21 de set de 2021.

COMO decidir sobre a faixa etária mais adequada de um livro?. **Projeto editora**. Disponível em: <http://www.lojaeditoraprojeto.com.br/faixas-etarias-pg-48547>>. Acesso em: 10 de set. de 2021.

COMO se estrutura um conto infantil. **Cursos CTP**. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-educacao-infantil/artigos/como-se-estrutura-um-conto-infantil>>. Acesso em 11 de nov. de 2021.

CORRESPONDÊNCIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/correspondencia/>>. Acesso em: 02 de out. de 2021.

DA SILVA, Elaine Aparecida Rodrigues; DE FREITAS, Lucinéia Silva; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **A Questão da Faixa Etária na Literatura Infantil**. 1ª Edição. Paranaíba, 2006.

DIALETOS do português brasileiro. **The Fools**. Disponível em: <<https://www.thefools.com.br/blog/post/dialetos-do-portugues-brasileiro>>. Acesso em 10 de Nov. de 2021.

EM debate: por que o brasileiro não lê romances nacionais?. **RFI**. 01 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/br/brasil/20180301-brasileiros-nao-leem-livros-brasileiros>>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

FABRRO, Greyce; FILIPINI, Leila. **Uma análise comparativa do dialeto de Yorkshire presente na obra Wuthering Heights e de sua representação na tradução da mesma obra de 2011**. p.1-5.

FARIA, Johnwill Costa. Of mice and men, de **John Steinbeck: a oralidade na literatura como problema de tradução**. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385277-literatura-juvenil-ganhasubdivisooes-e-alimenta-discussao-sobre-perfis-dos-leitores.shtml>>. Acesso em: 11 de set. de 2021.

HINKO, Christy. Frances Eliza Hodgson Burnett: Forever Tending The Garden. **LongIsland Weekly**. Disponível em: <<https://longislandweekly.com/frances-eliza-hodgson-burnettforever-tending-the-garden/>> 21 de set. de 2021.

HUNT, P. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. 1ª Edição Eletrônica, 2015. p. 54.

IANE, Jessica. Tocantins: Estado mais novo da Federação abriga culturas de todas as regiões. **Secretaria de Comunicação**. Disponível em:
<<https://www.to.gov.br/secom/noticias/tocantins-estado-mais-novo-da-federacao-abrigaculturas-de-todas-as-regioes/7dpq19wxr1fy>>. Acesso em 10 de nov. de 2021.

IBANEZ, Frédérick. A diferença entre a língua e o dialeto. **Alphatrad**. Disponível em:
<<https://www.alphatrad.pt/noticias/diferenca-lingua-dialeetosotaque>>. Acesso em: 10 de out. 2021.

JASINSKI Molly. What's the Difference: European Robin vs American Robin. **Birds and Blooms**. 22 de Fevereiro de 2021. Disponível em:
<<https://www.birdsandblooms.com/birding/european-robin-vs-american-robin/>>. Acesso em: 09 de Nov. de 2021.

LAJOLO, M.; Zilberman, R. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e históricas**. 6^a edição. Editora Ática. 2007. p. 29-30.

LAMBERT , José; VAN GORP, Hendrik. **The Manipulation of Literature**. 2014. p.43.

LANDERS, Clifford. **Literary Translation: a practical guide**. Editora Geoffrey Brown. 2001 Pg. 106-116.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14^a edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LITERATURA infantil: reflexões e práticas. **Base Nacional Comum**. Disponível em:
<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-depraticas/aprofundamentos/203-literatura-infantil-reflexoes-epraticas?highlight=WyJsXHUwMGZhZGljbyJd>> Acesso em: 08 de set. de 2021.

LITERATURA juvenil ganha e subdivisões e alimenta discussão sobre perfis de leitores. MELHORES livros Infantojuvenis: 14 obras para crianças e jovens lerem em 2020. **Zoom**. 02 de outubro de 2019. Disponível em:
<https://www.zoom.com.br/livros/deumzoom/melhoreslivros-infanto-juvenis>. Acesso em: 10 de set. de 2021.

MELO, Jennifer Silva. Breve histórico da criança no Brasil: conceituando a infância a partir do debate historiográfico. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 2, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/2/breve-historico-da-criancano-brasil-conceituando-a-infancia-a-partir-do-debate-historiografico>. Acesso em: 08 de set. de 2021.

METAINFORMATION. **TechTarget**. Disponível em
<<https://searchoracle.techtarget.com/definition/metainformation>>. Acesso em: 09 de nov. de 2021.

MILTON, John; PYM, Anthony (org); Perekrestenko, Alexander(org). **Translation Research Projects 2**. Tarragona, 2009.

MOE, M. et al. **Center and Periphery: Power Relations In The World of Translation**. 1ª Edição. Ljubljana, 2019.

Munday, Jeremy. **Introducing Translation Studies- Theories and Applications**. Chapter 7. p.171. Disponível em: <https://www.academia.edu/35098158/Introducing_Translation_Studies_Theories_and_Applications>. Acesso em: 01 de out. de 2021.

O que são contos literários?. **CurosIped**. Disponível em: <<https://www.iped.com.br/materias/enem-gratis/contos-literarios.html>>. Acesso em: 09. de nov. de 2021.

O que são contos literários?. **Iped**. Disponível em: <<https://www.iped.com.br/materias/enemgratis/contos-literarios.html>>. Acesso em: 08 de Nov. de 2021.

OLIVEIRA, Felipe. Verso. **Educa Brasil**. Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/verso>>. Acesso em: 11 de out. de 2021.

ORRICO, José Paulo Santos. A importância da Literatura Infanto-Juvenil no Fundamental. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/aimportancia-literatura-infanto-juvenil-no-fundamental-ii.htm>>. Acesso em: 09 de set. de 2021.

PLAIN. **Oxford Language**. Disponível em: <<https://languages.oup.com/>>. Acesso em: 11 de out. de 2021.

PYM, Anthony. **Translating Linguistic Variation: Parody and the Creation of Authenticity**. Anthony Pym Website. Disponível em: <<https://usuaris.tinet.cat/apym/online/translation/authenticity.html>>. Acesso em: 10 de set. 2021.

SALDANHA, Gabriela; BAKER, Mona (eds.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies** .2ª Edição. Abingdon. Editora Routledge, 2009.

SARTEL, Marcelo. **Português.com**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/o-conto-suas-demarcacoes-.html>. Acesso em 11 de nov. de 2021.

SBROGIO, Patrícia Cordeiro. **Conjunção - E, mas, ou, logo, pois, que, como, porque. Educação Bol**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/conjuncao-e-mas-ou-logo-pois-que-como-porque.htm>. Acesso em: 09 de nov. 2021.
SIGNIFICADO de Salamaleico. **Significados**. 2016. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/salamaleico/>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

SILVA. Daniele Cristina Agostinho. Literatura Infanto Juvenil. **Info Escola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>> Acesso em: 11 de set. de 2021.

SINTAXE: o que é, funções e elementos. **Mais Bolsas**. Disponível em: <https://www.maisbolsas.com.br/enem/lingua-portuguesa/sintaxe-o-que-e-funcoes-e-elementos>. Acesso em: 09 de Nov. de 2021.

THE Secret Garden. **Library of Congress**. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/11021580/>>. Acesso em 01 ago. de 2021. TORDO de peito vermelho. **Vida Animal**. 23 de janeiro. Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/animais/tordo_de_peito_vermelho.htm#:~:text=O%20canto%20puro%20e%20melodioso,mancha%20vermelha%20do%20seu%20papo.>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

TRADUÇÃO de expressões idiomáticas. **Traduzimos Palavras em Negócio**. 2014. Disponível em: <https://blog.terralingua.com.br/traducao-de-expressoes-idiomaticas/>. Acesso em: 12 out. de 2021.

TRANSLATION Theories – Eugene Nida and Dynamic Equivalence. **CCJK**. 15 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.ccjk.com/translation-theories-eugene-nida-and-dynamicequivalence/>. Acesso em 10. de nov. de 2021.

TYMOCZKO, Maria; Pérez, María Calzada (org). **Apropos of Ideology Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies**. Nova York, 2014. WHEN robins appear... facts and folklore about Britain's best loved bird. **Jin Designs**. Disponível em: <<https://jindesigns.com/blogs/latest-news/when-robins-appear-facts-and-folklore-about-britains-best-loved-bird>>. Acesso em: 09 de Nov. de 2021.

WOLÉRT, Stanley. British raj Indian and Pakistani history. **Brittanica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/British-raj>>. Acesso em: 21 de set de 2021.

ANEXOS

Seguem abaixo os dois anexos deste Projeto Final. O primeiro contém a versão corrida para o público infantojuvenil e o segundo a tradução espelhada.

ANEXO 1

CAPÍTULO 1

NÃO RESTOU NINGUÉM

Quando Mary Lennox foi enviada à mansão Misselthwaite para morar com seu tio, todos disseram que era a criança de aparência mais desagradável que já haviam visto. Isso era verdade. Seu rosto pequeno tinha uma expressão azeda, o corpo era magro, os cabelos finos e claros. Seu cabelo e rosto eram amarelos, mas seu rosto era daquela cor porque nascera na Índia e sempre ficava doente de um jeito ou de outro.

Seu pai trabalhava para o governo inglês, estava sempre ocupado e doente, enquanto sua mãe era uma grande beldade que se importava apenas com ir a festas e se divertir com pessoas boêmias. A mulher não queria a menininha de jeito nenhum. Quando Mary nasceu ela a entregou aos cuidados de uma aia, que logo entendeu que se desejasse agradar a patroa deveria manter a criança fora de vista o máximo possível.

Então, quando Mary era um bebezinho doente, irritado e feio, foi mantida fora do caminho, e mesmo quando já estava maiorzinha engatinhando e inquieta, continuou sendo afastada dos pais. Ela não se lembrava deles, somente dos rostos sombrios de sua aia e dos outros servos nativos, e como eles sempre a obedeciam e faziam tudo o que ela queria, pois a patroa ficaria brava se fosse perturbada por seu choro, aos seis anos, Mary era a criança mais egoísta e tirana de todos os tempos.

A jovem governanta inglesa que veio ensiná-la a ler e a escrever a odiou tanto que abandonou o cargo em três meses e quando outras vinham para tentar substituí-la, sempre iam embora em menos tempo do que a primeira. Por isso, se Mary não tivesse decidido que realmente queria ler livros por si mesma, ela nunca teria aprendido.

Numa manhã terrivelmente quente, quando tinha cerca de nove anos, acordou sentindo-se mal-humorada e ficou ainda mais quando viu que a serva ao lado de sua cama não era sua aia.

"Por que está aqui?" ela perguntou a uma mulher estranha. "Eu não vou deixar você ficar. Vá chamar minha aia."

A mulher parecia assustada, mas apenas gaguejou que a aia não poderia vir e quando Mary enfureceu-se batendo-a e chutando-a, ela apenas pareceu ainda mais assustada e repetiu que não era possível a aia vir até garotinha.

Havia algo misterioso no ar naquela manhã. Nada foi feito em sua ordem normal e vários dos servos pareciam faltar, enquanto aqueles que Mary viu se esgueiraram ou se apressavam com rostos tímidos e assustados. Mas ninguém disse nada a ela e sua aia não apareceu. Na verdade, ela foi deixada sozinha à medida que a manhã avançava e, por fim, saiu para o jardim e começou a brincar sozinha sob uma árvore perto da varanda. Mary fingiu que estava fazendo um canteiro de flores e enfiou grandes flores de hibisco escarlate em pequenos montes de terra, ficando cada vez mais zangada e murmurando para si mesma as coisas que diria e os nomes que chamaria sua babá quando ela voltasse.

"Porca! Porca! Filha de Porcos!", disse ela, porque chamar um nativo de porco era o pior de todos os insultos.

Estava rangendo os dentes e dizendo isso repetidamente quando ouviu sua mãe sair na varanda com alguém. A mulher estava acompanhada de um rapaz, os dois conversavam estranhamente em voz baixa. Mary o conhecia. Tinha ouvido falar que era um oficial muito jovem que acabara de chegar da Inglaterra. A criança não o fitou tanto, mas sim a mãe.

Ela sempre fazia isso quando tinha a chance de vê-la, porque a senhora da casa - Mary costumava chamá-la assim mais do que qualquer outra coisa - era uma pessoa muito alta, esguia e bonita que usava lindas roupas. Seus cabelos eram cachos sedosos, ela tinha um narizinho delicado que parecia desdenhar das coisas, seus olhos eram grandes e sorridentes.

Todas as suas roupas eram finas e flutuantes, e Mary disse que estavam “enfeitadas”. Elas pareciam mais enfeitadas do que nunca esta manhã, mas seus olhos não estavam alegres, estavam grandes e assustados erguendo-se suplicantes para o rosto do oficial jovem.

"Oh, é tão ruim assim?" Mary ouviu a mãe questionar.

"Terrível," o jovem respondeu com a voz trêmula. "Senhora Lennox, você deveria ter ido para as colinas há duas semanas. "

A patroa contorceu as mãos

"Oh, eu sei que sim!" ela choramingou. "Somente fiquei para ir àquele jantar bobo. Que tola eu fui!"

Naquele exato momento, um grito irrompeu tão alto dos aposentos dos servos que ela agarrou o braço do jovem rapaz e Mary ficou de pé, tremendo da cabeça aos pés. O lamento foi ficando cada vez mais alto.

"O que... O que é isso?" A senhora Lennox gaguejou.

"Alguém morreu", respondeu o oficial. "Você não disse que seus servos estavam doentes."

"Eu não sabia!" gritou a patroa "Venha comigo!" e virou-se correndo para dentro de casa.

Depois disso, coisas terríveis aconteceram e o mistério da manhã foi explicado a Mary. A cólera eclodiu em sua forma mais fatal e as pessoas morriam como moscas. A aia adoeceu durante a noite, e foi porque ela havia acabado de morrer que os servos choravam nas cabanas. Antes do dia seguinte, três outros funcionários estavam mortos e outros fugiram aterrorizados. Havia pânico por todos os lados e pessoas morrendo em todos os bangalôs.

Durante a confusão e perplexidade do segundo dia, Mary se escondeu no quarto e foi esquecida por todos. Ninguém pensava nela, ninguém a queria, e aconteceram coisas estranhas das quais ela nada sabia.

A menina alternou entre o choro e o sono durante horas. Ela somente sabia que as pessoas estavam doentes e que ouvia sons misteriosos e assustadores. Uma vez andou até a sala de jantar encontrando-a vazia, embora uma refeição parcialmente terminada estivesse na

mesa e as cadeiras e pratos parecessem ter sido empurrados apressadamente para trás quando as pessoas se levantaram de repente por algum motivo.

A criança comeu algumas frutas e biscoitos e, estando com sede, bebeu uma taça de vinho que estava quase cheia. Era doce e ela não sabia o quão forte era. Logo ficou profundamente sonolenta e voltou para o quarto trancando-se novamente, assustada com os gritos que ouvia nas cabanas e com o som de passos apressados. O vinho a deixou com tanto sono que mal conseguia manter os olhos abertos, então se deitou na cama e não soube mais nada por um longo tempo.

Muitas coisas aconteceram durante as horas em que dormiu pesadamente, mas Mary não ficou perturbada com os choros e o som de coisas sendo carregadas para dentro e para fora do bangalô.

Quando acordou, a menina sentou-se na cama e olhou para a parede. A casa estava perfeitamente quieta. Ela nunca soube que fosse tão silencioso antes. Não ouviu vozes, nem passos, se perguntou se todos tinham ficado bons da cólera e todo o problema tinha acabado. Também se perguntou quem cuidaria dela agora que sua aia estava morta. Haveria uma nova aia, e talvez ela conhecesse algumas novas histórias, pois estava cansada das antigas.

Ela não chorou porque sua cuidadora havia morrido. Ela não era uma criança afetuosa e nunca se importou muito com ninguém. O barulho, a pressa e os gemidos por causa da cólera a assustaram, e ela ficou com raiva porque ninguém parecia se lembrar de que ela estava viva. Todos estavam em pânico demais para pensar em uma garotinha de quem ninguém gostava. Quando as pessoas contraíam cólera, parecia que não se lembravam de nada além de si mesmas, mas se todos tivessem sarado, certamente alguém se lembraria e viria procurá-la.

Ninguém apareceu e enquanto ela esperava, a casa parecia ficar cada vez mais silenciosa. A menina ouviu algo farfalhar na esteira e quando olhou para baixo viu uma pequena cobra deslizando, olhando para ela com seus olhos parecidos com joias. Ela não estava assustada, porque era uma coisinha inofensiva que não a machucaria, além disso, ela parecia com pressa de sair dali. O animal deslizou por baixo da porta enquanto ela o observava.

"Está tão silencioso e estranho," disse ela. "Parece que não há ninguém no bangalô além de mim e a cobra."

No instante seguinte, ela ouviu passos no complexo e depois na varanda. Os passos eram de homens que entraram no bangalô e conversavam em voz baixa. Ninguém foi encontrá-los ou falar com eles que pareciam abrir portas e olhar os quartos.

"Que devastador!" ouviu uma voz dizer. "Aquele mulher linda! Suponho que a criança também. Ouvi dizer que havia uma, embora ninguém nunca a tenha visto."

Mary estava parada no meio do quarto quando abriram a porta alguns minutos depois. Ela parecia uma coisinha feia e zangada, carrancuda porque estava começando a sentir fome e vergonhosamente negligenciada. O primeiro homem que entrou era um grande oficial que viu conversando com seu pai. Ele parecia cansado além de preocupado, mas quando a viu, ficou tão surpreso que quase deu um pulo para trás.

"Barney!" ele gritou. "Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Em um lugar como este! Por Deus, quem é ela?!"

"Eu sou Mary Lennox," disse a menina, endireitando-se rigidamente. Ela achou o homem muito rude ao chamar o bangalô de seu pai de "Um lugar como este!" "Eu dormi enquanto todos estavam com cólera e acabei de acordar. Por que ninguém veio me buscar?"

"É a criança que ninguém viu!" exclamou o homem, voltando-se para seus companheiros. "Ela foi realmente esquecida!"

"Fui esquecida, por quê?" Mary disse, batendo o pé. "Por que ninguém veio?"

O jovem cujo nome era Barney olhou para ela com muita tristeza. Mary teve a impressão de que o viu piscar os olhos como se fosse para afastar as lágrimas.

"Pobre criança!" disse ele. "Não restou ninguém."

Foi dessa maneira estranha e repentina que Mary descobriu que não tinha pai nem mãe; que morreram e foram levados à noite, e que os poucos servos nativos que não morreram também deixaram a casa o mais rápido que puderam, nenhum deles sequer tinham lembrando que havia a filha dos patrões. Então era por isso que o lugar estava tão quieto, não havia ninguém no bangalô, exceto ela e a pequena cobra farfahante.

CAPÍTULO 2

MARY GAROTINHA CHATINHA

Mary gostava de observar sua mãe à distância e achava ela muito bonita, mas como a conhecia pouco, dificilmente poderia esperar que a amasse ou sentisse falta dela quando partisse. Na verdade, não sentia saudade alguma, e como era uma criança egocêntrica, pensava inteiramente em si mesma, como sempre fizera. Se fosse mais velha, sem dúvida ficaria muito preocupada por ser deixada sozinha no mundo, mas era muito jovem e, como sempre fora cuidada, supôs que sempre seria. O que ela pensava era que gostaria de saber se estava indo para pessoas boas, que seriam educadas com ela, se dedicando totalmente a sua criação como sua aia e os demais servos haviam feito.

Sabia que não ficaria na casa do clérigo inglês para onde fora levada a princípio. Não queria mesmo ficar. O clérigo era pobre e tinha cinco filhos, quase todos da mesma idade; eles usavam roupas surradas, estavam sempre brigando e roubando brinquedos uns dos outros. Mary era tão desagradável com eles que depois de um ou dois dias ninguém mais brincava com ela. Ela odiava o bangalô desarrumado. No segundo dia, eles lhe deram um apelido que a deixou furiosa.

Foi Basil quem começou tudo. Ele era um garotinho de olhos azuis atrevidos e nariz arrebitado, Mary o odiava. Assim como no dia em que a cólera surgiu, ela estava brincando sozinha debaixo de uma árvore fazendo montes de terra e caminhos para um jardim quando Basil apareceu, rondando por perto para observá-la. Logo ele ficou bastante interessado e de repente fez uma sugestão.

"Por que você não coloca um monte de pedras e faz de conta que é uma cascata?" ele disse. "Lá no meio," e se inclinou sobre ela para apontar.

"Vá embora!" gritou Mary. "Eu não quero meninos aqui. Vá!"

Por um momento, Basil pareceu zangado, então começou a provocar. Ele sempre fazia isso com suas irmãs. O menino dançou em volta dela fazendo caretas, cantando e rindo.

"Mary garotinha, tão chatinha Como cresce o seu jardim?"

Com flores de sino e hibiscos

Mas enfileirados bem assim".

Basil continuou até que as outras crianças ouvissem e rissem também; e quanto mais irritada Mary ficava, mais eles cantavam. Depois disso, quando falavam dela e quando falavam com ela, seu apelido era "Mary, garotinha chatinha".

"Você será mandada para casa no final da semana," disse Basil. "estamos felizes por isso."

"Eu também estou," respondeu Mary. "Onde é essa "casa"?"

"Ela não sabe onde é!" disse o menino de sete anos com seu tom zombeteiro. "Na Inglaterra, é claro. Nossa avó vive lá e nossa irmã Mabel foi morar com ela ano passado. Você não está indo morar com a sua, porque você não tem uma. Está indo morar com seu tio. O nome dele é Archibald Craven."

"Eu não sei nada sobre ele," retrucou Mary.

"Eu sei que não," respondeu Basil. "Você não sabe de nada. Garotas nunca sabem. Eu ouvi meus pais falando sobre ele. Ele mora em uma casa de campo velha, grande e isolada. Seu tio é tão ranzinza que ninguém chega perto dele sem permissão. Ele é corcunda e é horrível."

"Eu não acredito em você," Mary disse dando as costas para o menino colocando os dedos nos ouvidos, pois não queria ouvir mais nada.

Infelizmente ela pensou muito sobre isso depois, e quando a Sra. Crawford disse naquela noite que em poucos dias ela seria mandada para a Inglaterra para morar com seu tio, o Sr. Archibald Craven, que vivia na mansão Misselthwaite, a menina parecia tão aborrecida e teimosamente desinteressada que eles não sabiam o que pensar sobre ela.

Eles tentaram ser gentis com Mary, mas quando a Sra. Crawford tentou beijá-la, ela virou o rosto, e quando o Sr. Crawford deu um leve tapinha em seu ombro, ela se manteve rígida."

"Se a mãe dela tivesse usado toda aquela beleza e boas maneiras para criar Mary, talvez as coisas fossem diferentes. É muito triste, ela teve que morrer, para lembrar que muitas pessoas sequer sabiam que ela tinha uma filha."

"Eu acredito que ela mal olhava para a menina," suspirou o Sr. Crawford. "Quando a aia dela morreu, não havia ninguém para dar atenção àquela coisinha. Pense nos servos

fugindo e deixando-a sozinha naquele bangalô deserto. O coronel McGrew disse que quase morreu de susto quando abriu a porta e encontrou-a sozinha no meio da sala."

Mary fez uma longa viagem até a Inglaterra sob os cuidados da esposa de um oficial que estava levando os filhos para um internato. Ela estava bem concentrada em suas próprias crianças, e muito ficou contente em entregar a garotinha à mulher que o Sr. Archibald Craven enviou para encontrá-la em Londres.

A mulher era governanta da mansão Misselthwaite, seu nome era Sra. Medlock. Ela era uma mulher robusta, com bochechas vermelhas e olhos negros afiados. Usava um vestido roxo, um manto de seda preta com franjas e um chapéu preto com flores de veludo roxas que balançavam quando ela movia a cabeça. Mary não gostou dela, mas como raramente gostava das pessoas não havia nada demais nisso, além do que era muito evidente, a Sra. Medlock não pensava muito dela também.

"Minha nossa! Ela é uma coisinha de aparência bem normal," comentou ela. "E nós ouvimos que sua mãe era uma beldade. Ela não puxou muito a genitora, não é, minha senhora?"

"Talvez ela melhore à medida que envelhece," disse a esposa do oficial bemhumorada. "Se ela não fosse tão pálida e tivesse uma expressão mais agradável, suas características seriam boas. As crianças mudam bastante."

"Então ela terá que mudar para melhor," respondeu a Sra. Medlock. "E não há nada como Misselthwaite para melhorar as crianças, se você me perguntar!"

As mulheres pensavam que Mary não estava ouvindo por estar um pouco distante delas. Ela estava na janela do hotel privado que tinham se hospedado, observava os ônibus, táxis e pessoas que passavam, mas ouviu muito bem, ficando curiosa sobre seu tio e o lugar em que ele morava.

Que tipo de lugar era, e como ele seria? O que era um corcunda? Ela nunca tinha visto um. Talvez não houvesse nenhum na Índia.

Desde que vinha morando na casa de outras pessoas e não tinha aia, Mary começara a sentir-se sozinha e ter pensamentos estranhos que eram novidade para ela. Ela se perguntou por que nunca parecia pertencer a alguém, mesmo quando seu pai e mãe estavam vivos.

Outras crianças pareciam pertencer aos seus pais e suas mães, mas ela nunca pareceu ser a garotinha de ninguém. A menina tinha servos, comida e roupas, mas ninguém se assumiu responsável por ela. Mary não sabia que isso era porque ela era uma criança desagradável, mas então, é claro, ela não sabia. Muitas vezes achava que outras pessoas eram, mas não pensava isso de si mesma.

Ela achava a Sra. Medlock a pessoa mais desagradável que já tinha visto, com sua cara comum, altamente colorida e seu chapéu fino. Quando, no dia seguinte, elas partiram em sua jornada para Yorkshire, Mary caminhou pela estação até o trem com a cabeça erguida e tentando manter-se o mais longe possível da governanta, porque não queria que parecesse que pertencia àquela mulher, a deixava irritada pensar que as pessoas imaginavam que ela era sua filha.

A Sra. Medlock não estava nem um pouco perturbada com a garotinha e seus pensamentos. Ela era o tipo de mulher que "não ligava para as basteiras dos jovens", pelo menos, isso era o que teria dito se tivesse sido questionada. Ela não queria ter ido a Londres justamente quando a filha de sua irmã Maria iria se casar, mas tinha uma posição confortável e bem paga como governanta da mansão Misselthwaite, e única maneira de manter isso seria fazer de uma vez o que o Sr. Archibald Craven disse. Ela nunca se atreveu a fazer uma pergunta sequer.

"O capitão Lennox e sua esposa morreram da cólera," disse o Sr. Craven do seu jeito curto e frio. "Ele era o irmão da minha esposa e eu sou o guardião da filha deles. Você deve ir a Londres buscá-la e trazê-la para cá."

Então ela fez as malas e viajou.

Mary sentou-se em seu lugar no vagão, parecendo irritada. Ela não tinha nada para ler ou olhar, por isso entrelaçou as mãos pequenas com luvas pretas no colo. O vestido preto a deixava mais amarela do que nunca, e seu cabelo claro e fino escorria por debaixo do chapéu preto.

"A jovem mais mimada que vi em toda minha vida," pensou a Sra. Medlock. Ela nunca tinha visto uma criança que ficasse tão quieta sem fazer nada; enfim ela se cansou de observá-la, começando a falar com uma voz rápida e áspera.

"Eu suponho que deveria contar a você sobre o lugar que está indo," disse ela. "Sabe alguma coisa sobre o seu tio?"

"Não," respondeu Mary.

"Nunca ouviu seu pai e sua mãe falarem sobre ele?"

"Não," disse Mary franzindo o cenho. A menina reagiu assim porque não se lembrava sobre o pai ou a mãe conversarem com ela sobre nada em particular. Certamente eles nunca lhe disseram nada.

"Humph," murmurou Sra. Medlock, fitando a careta estranha de Mary. Ela não disse mais nada por instantes, mas então começou a falar novamente.

"Na minha opinião, algo deveria ter sido dito para prepará-la. Afinal, você está indo para um lugar estranho."

Mary nada disse, e a Sra. Medlock parecia bastante desconcertada com sua aparente indiferença, mas, depois de tomar um fôlego, ela continuou.

"É um lugar grandioso, mas de uma forma sombria. O Sr. Cravenorgulha-lhe da residência à sua maneira e de certo modo isto é sombrio também. A casa tem seiscentos anos e está à beira de uma charneca, há cerca de cem quartos nela, embora a maioria esteja fechada e trancada. Há quadros, móveis antigos finos e coisas que estão lá há anos. Existe um grande parque ao redor, jardins e árvores com galhos que arrastam-se até o chão." Ela fez uma pausa e respirou fundo. "Mas, não há mais nada," disse a governanta por fim.

Mary tinha começado a ouvir alguém além de si mesma. Tudo soava tão diferente da Índia e algo novo a atraiu. Entretanto, ela não pretendia agir como se estivesse interessada, essa era uma de suas infelizes e desagradáveis maneiras. Então permaneceu calada.

"Então," perguntou a Sra. Medlock. "O que acha?"

"Nada," ela respondeu. "Eu não sei nada sobre lugares assim."

Isso fez a Sra. Medlock soltar uma risada curta.

"Puxa!" disse ela, "mas você é como uma velha. Você não se importa?"

"Não importa o que eu acho ou não," respondeu Mary.

"Você está certa," disse a Sra. Medlock. "Não importa. Desconheço o motivo pelo qual está sendo mandada para Misselthwaite, a não ser que seja porque é a coisa mais fácil a se fazer. Ele não vai se incomodar com você, disso tenho certeza. Ele nunca se preocupa com ninguém."

A Sra. Melock interrompeu-se como se tivesse lembrado de algo bem a tempo.

"Ele tem uma corcunda," disse ela. "Isso passa uma ideia errada dele. O Sr. Archibald era um jovem aborrecido que não aproveitava todo o seu dinheiro e grande fortuna até se casar."

Apesar de sua intenção de não parecer interessada, os olhos de Mary voltaram-se para ela. Isso a deixou um pouco surpresa, nunca tinha pensado em um aleijado sendo casado. A Sra. Medlock notou isso e como era uma mulher muito falante continuou com mais interesse. De qualquer jeito, essa era uma maneira de passar o tempo.

"Ela era uma mulher bonita e gentil. Ele teria andado o mundo inteiro para pegar uma folha de grama se ela quisesse. Ninguém pensou que ela se casaria com ele, mas ela casou, as pessoas diziam que foi por dinheiro, mas com certeza não foi por isso. Quando ela morreu..."

Mary sobressaltou-se involuntariamente.

"Oh! Ela morreu!" exclamou, sem querer. Ela acabara de recordar um conto de fadas francês que havia lido certa vez, chamado Riquê do Topete. O conto era sobre um pobre corcunda e uma linda princesa. De repente Mary sentiu pena do Sr. Archibald Craven.

"Sim, ela morreu," respondeu Sra. Medlock. "E isso o fez ficar mais esquisito do que nunca. Ele não se importa com ninguém, não vai ver as pessoas. Na maioria das vezes fica fora, e quando está em Misselthwaite fecha na ala oeste e não deixa ninguém vê-lo além de Pitcher. Pitcher é um velho amigo, mas cuidou do Sr. Archibald quando ele era criança e conhece seus hábitos."

Aquilo parecia algo tirado de um livro e Mary não ficou contente. Uma casa com cem quartos, quase todos fechados e com portas trancadas - uma casa à beira de uma charneca, seja lá o que isso fosse - parecia sombrio. Um homem corcunda que se trancou lá também! Ela olhou para fora da janela com os lábios apertados. Parecia natural que a chuva tivesse começado a cair em linhas oblíquas cinzentas, respingando e escorrendo pelas vidraças. Se a

bela esposa estivesse viva, ela poderia ter alegrado as coisas sendo alguém como sua própria mãe, entrando e saindo, indo a festas como ela fazia com vestidos "cheios de renda", entretanto, ela não estava.

"Não espere vê-lo, pois é uma chance em um milhão," disse a Sra. Medlock. "Não deve esperar que haja pessoas para conversar com você. Terá que brincar sozinha e cuidar de si mesma. Você será informada em quais quartos pode entrar e quais deve evitar. Há jardins suficientes, mas quando estiver em casa, não fique vagando e bisbilhotando. O Sr. Craven não vai aceitar."

"Não vou querer ficar bisbilhotando," disse a pequena e azeda Mary; e tão repentinamente como começou a sentir pena do Sr. Archibald Craven, começou a deixar de sentir e a pensar que ele era desagradável o suficiente para merecer tudo o que lhe acontecera.

Ela virou o rosto para as vidraças da janela do vagão e olhou a tempestade cinzenta que parecia que iria durar para todo o sempre. Mary observou por tanto tempo com afincamento que o cinza ficou cada vez mais pesado diante de seus olhos e ela adormeceu.

CAPÍTULO 4

MARTHA

Quando abriu os olhos pela manhã, foi porque uma jovem empregada tinha entrado em seu quarto. Ela estava ajoelhada no tapete da lareira limpando as cinzas ruidosamente para acender o fogo. Mary ficou deitada e a observou por alguns instantes, então começou a olhar ao redor do recinto.

Ela nunca tinha visto um quarto como aquele, achou curioso e sombrio. As paredes eram cobertas por uma tapeçaria com uma cena de floresta bordada nela, haviam pessoas fantasiosamente vestidas sob as árvores e ao longe avistou as torres de um castelo. Naquela mesma imagem tinham caçadores, cavalos, cães e mulheres, Mary sentia como se estivesse na floresta com eles; por uma janela grande podia ver uma grande extensão de terra que parecia não ter árvores, mas se assemelhava a um mar infinito, sombrio e púrpuro.

"O que é aquilo?" disse ela, apontando para fora da janela.

Martha, a jovem empregada doméstica que acabava de se pôr de pé, olhou e apontou também.

"Aquilo ali?" ela perguntou de volta.

"Sim."

"É a charneca," respondeu com um sorriso bem-humorado. "Tu gostou?"

"Não," respondeu Mary. "Eu odiei."

"Isso é porque tu não tá acostumada," disse Martha, voltando para a lareira. "Agora tu acha que é muito grande e vazio, mas vai gostar."

"Você gosta?" Mary perguntou.

"Sim, eu gosto", respondeu Martha, alegremente limpando a lareira. "Eu simplesmente adoro. A terra não é desnuda, tá coberta de coisas crescendo com cheiro doce. É lindo na primavera e no verão quando os tojos, as giestas e as urzes florescem. Aqui tem muito ar fresco, cheira a mel, o céu parece tão alto, as abelhas, além de que cotovias fazem um barulho tão bom cantarolando e cantando. Ah! Eu não viveria longe da charneca por nada."

Mary a ouviu com uma expressão perplexa. Os servos nativos com os quais estava acostumada na Índia não eram nem um pouco assim. Eles eram obedientes e servis, e não ousavam falar com seus senhores como se fossem seus iguais. Eles os cumprimentavam com *salaam*, uma saudação muçulmana, e os chamavam de "protetores dos pobres" ou nomes desse tipo. Os servos indianos eram ordenados a fazerem coisas, não solicitados. Não era costume dizer "por favor" e "obrigada".

Mary sempre batia na cara de aia quando estava com raiva, ela se perguntou o que essa garota faria se alguém lhe desse uma tapa. Martha era uma criatura gordinha, rosada e de aparência bem-humorada, mas tinha um jeito bobalhão que fez a senhorita Mary questionar se ela se importaria de estapear de volta a pessoa que a esbofeteou - mesmo que essa pessoa fosse apenas uma garotinha -.

"Você é uma criada estranha," disse ela de seus travesseiros, com bastante arrogância.

Martha sentou-se nos calcanhares, com a escova de engraxar na mão, e riu, sem parecer nem um pouco irritada.

"Ah! Sei disso," disse ela. "Se Misselthwaite tivesse uma patroa, nunca que eu seria uma das empregadas, talvez copeira, mas nunca subiria as escadas. Eu sou muito comum e

meu sotaque Yorkshire é muito carregado, mas essa casa é engraçada, apesar de ser tão grandiosa, parece que não tem nem dono nem dona, a não ser pelo o Sr. Pitcher e a Sra. Medlock. O Sr. Craven não se preocupa com nada quando ele tá aqui, e quase sempre tá ausente. A Sra. Medlock me deu essa posição por gentileza, ela disse que nunca teria feito isso se Misselthwaite fosse como as outras casas grandes."

"Você será minha serva?" Mary perguntou, ainda de seu pequeno jeito imperialista britânico.

Martha começou a esfregar a grade da lareira novamente.

"Eu sou empregada da Sra. Medlock," disse ela com firmeza. "E ela é empregada do Sr. Craven, mas eu sou encarregada de cuidar dos serviços daqui de cima e de te ajudar um pouco, só que eu não acho que tu precise muito."

"Quem vai me vestir?" Mary exigiu saber.

Martha sentou-se nos calcanhares novamente e ficou olhando. Ela falou com um forte sotaque de Yorkshire com espanto.

"Tu não consegue se ajeitar sozinha não?!" ela perguntou.

"O que você quer dizer? Não entendo sua língua," disse Mary.

"Nossa! Eu esqueci," exclamou Martha. "A Sra. Medlock me disse pra ter cuidado ou tu não entenderia o que eu falo. Quero dizer, você não pode colocar suas próprias roupas?"

"Não," respondeu Mary indignada. "Eu nunca fiz isso na minha vida. Minha aia me vestia, é claro."

"Bem," disse Martha, evidentemente nem um pouco ciente de que Mary era atrevida, "é hora de aprender. Antes tarde do que nunca, vai fazer bem pra ti. Minha mãe sempre diz que não entende como os filhos de gente rica não viram idiotas quando eles tem babás pra lavar, vestir e levar pra passear como se fosse um bando de cachorrinhos!" "É diferente na Índia," disse Mary com desdém. Ela mal podia suportar isso.

Mas Martha não ficou nada abalada.

"Ah! Eu posso vê que é diferente," ela respondeu quase simpática. "Me atrevo dizer que é porque tem muito preto lá em vez de brancos respeitáveis. Quando soube que tu vinha da Índia, pensei que tu também era preta."

Mary sentou-se furiosa na cama.

"O que!?" ela gritou. "Você pensou que eu era um nativa! Você... Sua filha de um porco!"

Martha a encarou e parecia brava.

"Quem tu tá xingando aí?" ela disse. "Não precisa ficar tão aborrecida. Essa não é a maneira de uma jovem dama falar. Não tenho nada contra gente preta, quando tu lê sobre eles em folhetos, eles são sempre muito religiosos. Tu sempre lê que eles também são homens e filhos de Deus. Nunca vi uma pessoa preta e fiquei bastante satisfeita em pensar que ia ver uma de perto. Quando entrei para acender o fogo da tua lareira hoje de manhã, fui de mansinho até a cama e puxei o cobertor pra olhar pra tua cara e lá tu tava: não mais escura do que eu, então por que tu tá sendo escandalosa?"

Mary nem mesmo tentou controlar sua raiva e humilhação.

"Você pensou que eu era uma nativa! Como ousa?! Você não sabe nada sobre os nativos! Eles não são gente, eles são servos que devem nos saudar. Você não sabe nada sobre a Índia. Você não sabe nada sobre nada!"

Mary estava com tanta raiva e se sentiu tão impotente diante do simples olhar daquela garota, que de alguma forma experimentou a terrível sensação de estar solitária e longe de tudo que entendia e que a entendia. A menina se jogou de bruços nos travesseiros e começou a soluçar fortemente. Ela soluçava tanto que a afável Martha de Yorkshire ficou um pouco assustada, com muita pena dela, por isso foi até a cama e curvou-se sobre ela.

"Ei! Não chora!" ela implorou. "Tu com certeza não deve chorar. Eu não sabia que tu ia ficar aborrecida. Eu não sei nada sobre nada, assim como tu disse. Me desculpa, senhorita. Para de chorar."

Havia algo de reconfortante e realmente amigável em sua estranha fala de Yorkshire e em seu jeito vigoroso que teve um bom efeito em Mary. Ela gradualmente parou de chorar, ficando quieta. Martha parecia aliviada.

"É hora de se levantar agora," disse ela. "A Sra. Medlock disse que eu devia levar o café da manhã, o chá e o jantar pro quarto do lado desse. Foi transformado em uma sala pra ti. Vou te ajudar com suas roupas se tu sair da cama, se os botões tiverem nas costas, tu não vai conseguir abotoar sozinha."

Quando Mary finalmente decidiu se levantar, as roupas que Martha tirou do guardaroupa não eram as que ela usava quando chegara na noite anterior com a Sra. Medlock.

"Essas não são minhas," disse ela. "Minhas roupas são escuras."

Ela olhou para o casaco e vestido de lã branca grossa e acrescentou com uma fria aprovação:

"Essas são melhores do que as minhas."

"Essas são as que deve ser colocadas," respondeu Martha. "O Sr. Craven ordenou que a Sra. Medlock trouxesse lá de Londres. Ele disse: 'Eu não vou deixar uma criança vestida de preto vagando como uma alma perdida, isso tornaria o lugar mais triste do que já é. Ponha cor nela.' Mãe disse que sabia o que ele queria dizer, ela sempre sabe o que uma pessoa transmite pela cor que ela tá usando. Ela mesma não usa roupas pretas."

"Eu odeio coisas pretas," disse Mary.

O processo de vestimenta ensinou algo às duas. Martha havia "abotoado" suas irmãs e irmãos menores, mas nunca vira uma criança que ficasse parada e esperasse que outra pessoa fizesse coisas para ela como se não tivesse mãos ou pés.

"Por que tu não calça os próprios sapatos?" ela disse quando Mary quietamente estendeu o pé.

"Minha aia fazia isso," respondeu Mary, olhando-a fixamente. "Era o costume."

Ela dizia isso "era o costume" com frequência. Os servos nativos sempre diziam isso, se alguém lhes dissesse para fazer algo que seus ancestrais não faziam há mil anos, eles olhavam suavemente para essa pessoa e diziam: "não é o costume" e assim sabiam que era o fim do assunto.

Não era costume que a senhorita Mary fizesse qualquer coisa a não ser ficar de pé e se permitir ser vestida como uma boneca, mas antes de estar pronta para o café da manhã, ela

começou a suspeitar que sua vida na mansão Misselthwaite terminaria por ensinar uma série de coisas novas como: calçar seus próprios sapatos, colocar as próprias meias, além de pegar coisas que ela mesma deixou cair.

Se Martha fosse uma jovem doméstica bem treinada, ela teria sido mais submissa e respeitosa. A empregada saberia que a sua função era escovar os cabelos, pôr as botas e pegar coisas para Mary. Ela era, no entanto, apenas uma caipira inexperiente de Yorkshire que havia sido criada em uma cabana na charneca com um enxame de irmãos e irmãs que nunca sonharam em fazer nada além de cuidar de si mesmos e dos mais jovens que eram bebês de colo ou estavam aprendendo a engatinhar e tropeçar nas coisas.

Se Mary Lennox fosse uma criança acostumada a se divertir, talvez risse da disposição de Martha para falar, mas apenas a ouviu com frieza e se admirou com seu jeito extrovertido.

A princípio, ela não ficou nem um pouco interessada, mas aos poucos, à medida que a menina tagarelava com seu jeito bem-humorado e caseiro, Mary começou a notar o que ela dizia.

"Ah! Tu devia vê eles," disse ela. "Nós é doze e meu pai só ganha dezesseis xelins por semana, mas minha mãe consegue fazer mingau pra todo mundo. Meus irmãos vão pra charneca e brincam lá o dia todo, minha mãe fala que o ar da charneca engorda eles. Ela diz que acredita que eles comem grama igual os pôneis selvagens. Nosso Dickon tem 12 anos e tem um pônei bebezinho."

"Onde ele conseguiu um?" perguntou Mary.

"Ele encontrou o pônei junto com a mãe dele quando o animal era pequeno, começou a fazer amizade com pedaços de pão e arrancando grama pra ele comer. O pônei começou a gostar dele, então segue ele e deixa que o Dickon suba nas costas dele. Meu irmão é um rapaz gentil e os bicho gosta dele."

Mary nunca teve um animal de estimação e sempre achou que deveria gostar de um. Então ela começou a sentir um leve interesse por Dickon e, como nunca antes se interessou por ninguém além de si mesma, foi o surgimento de um sentimento novo.

Quando entrou no quarto que havia sido transformado em uma sala para ela, descobriu que era bem parecido com aquele em que havia dormido. Não era um quarto de criança, mas sim de uma pessoa adulta, com fotos antigas sombrias nas paredes e cadeiras pesadas de

carvalho. Uma mesa no centro estava posta com um café da manhã bem reforçado. Mas ela sempre teve pouco apetite e olhou com algo mais do que indiferença para o primeiro prato que Martha colocou diante dela.

"Eu não quero isso," disse a menina.

"Tu não quer o teu mingau?!" Martha exclamou incrédula.

"Não."

"Tu não sabe como é bom. Coloca um pouco de melado ou um pouco de açúcar."

"Eu não quero," repetiu Mary.

"Ah!" disse Martha. "Não posso tolera que alimentos bons sejam desperdiçados, se meus irmãos tivesse nessa mesa, eles limpariam em cinco minutos."

"Por que?" Mary quis saber friamente.

"Por que?!" repetiu Martha. "Porque eles raramente ficam de barriga cheia. Eles tão sempre com fome que nem os falcões e as raposas."

"Não sei o que é sentir fome," disse Mary, com a sua ignorância e indiferença.

Martha parecia indignada.

"Seria bom se tu tentasse comer. Escuta aqui..." disse ela abertamente. "Eu não tenho paciência pra gente que fica que nem estátua olhando um bom prato de comida. Juro por Deus! Eu queria que o Dickon, o Phil, a Jane, e o resto deles tivesse o que tu tem na sua frente agora."

"Por que você não leva para eles?" sugeriu Mary.

"Porque não é meu," respondeu Martha com firmeza. "E esse não é meu dia de folga. Eu tenho meu dia de descanso uma vez por mês igual todo mundo, aí vou pra casa limpar tudo pra minha mãe e dou pra ela um dia de descanso."

Mary bebeu um pouco de chá e comeu um pouco de torrada com geléia.

"Tu se aquece, corre e brinca," disse Martha. "Isso vai te abrir o apetite."

Mary foi até a janela. Havia jardins, caminhos e grandes árvores, mas tudo parecia sombrio e invernal.

"Lá fora? Por que eu deveria sair em um dia como este?"

"Bem, se não sair, tu vai ficar. É isso que tu quer fazer?"

Mary olhou ao seu redor. Não havia nada para fazer. Quando a Sra. Medlock preparou o quarto, ela não pensou em se divertir, talvez fosse melhor ir ver como eram os jardins.

"Quem irá comigo?" ela perguntou.

Martha ficou olhando.

"Vai sozinha," respondeu ela. "Tu vai ter que aprender a brincar como as outras crianças fazem quando não tem irmãos e irmãs. Dickon vai pra charneca sozinho e brinca por horas. Foi assim que ele fez amizade com o pônei. Na charneca tem ovelhas que conhecem ele e uns pássaros que vem come na palma da mão dele. Mesmo que nossa comida seja pouca, ele sempre guarda um pouco do pão pra persuadir os animais de estimação."

Foi a menção a Dickon que de fato fez com que Mary decidisse sair, no entanto, ela não sabia disso. Não haviam pôneis ou ovelhas do lado de fora, mas haviam passarinhos, eles eram diferentes dos pássaros da Índia e ela poderia se divertir olhando-os.

Martha deu a Mary um casaco, um chapéu e um par de botas robustas. Sendo assim, mostrou o caminho enquanto descia as escadas.

"Se for por aqui, vai chegar nos jardins," Martha disse apontando para um portão em uma parede de arbustos. "Tem muitas flores no verão, mas não tem nada florescendo agora." Ela pareceu hesitar por um segundo antes de acrescentar: "Um dos jardins tá trancado. Ninguém entra faz dez anos."

"Por que?" perguntou Mary. Aqui estava mais uma adição para a lista de cem portas trancadas naquela casa estranha.

"O Sr. Craven fechou quando a esposa morreu. Ele não deixa ninguém entrar porque era o jardim dela; então ele trancou a porta, cavou um buraco e enterrou a chave. O sino da Sra. Medlock tá tocando, tenho que me apressar."

Depois que Martha se foi, Mary desceu o caminho que levava à porta no matagal. A menina não conseguia deixar de pensar no jardim que ninguém visitava há dez anos, se perguntou como seria e se ainda haviam flores vivas.

Assim que passou pelo portão cercado de arbustos, Mary viu-se em um lugar enorme cheio de gramados e caminhos sinuosos enfeitados. Havia árvores, canteiros de flores e arbustos cortados em formatos estranhos, além disso, tinha uma grande piscina com um fonte velha da cor cinza bem no meio. Apesar disso, os canteiros de flores estavam vazios e congelados, a fonte não estava ligada. Este não era o jardim que estava fechado.

Como um jardim pode ser fechado? Você sempre pode entrar em um jardim.

Ela estava pensando nisso quando viu que, no final do caminho que estava seguindo, parecia haver uma longa parede, com plantas trepadeiras crescendo sobre ela. Ela não estava familiarizada o suficiente com a Inglaterra para saber que estava chegando às hortas onde os vegetais e frutas cresciam. Mary foi em direção àquele muro e descobriu que havia uma porta aberta por debaixo daquelas heras. Este não era o jardim fechado, evidentemente, e ela poderia entrar nele.

Ao entrar, descobriu que o jardim tinha paredes e que era apenas um dos vários outros que também eram murados. Um jardim dentro de outro jardim. A criança viu outra porta aberta, revelando arbustos e caminhos entre canteiros contendo vegetais de inverno. As árvores frutíferas eram apoiadas contra a parede e, sobre alguns dos canteiros, haviam molduras de vidro. O lugar estava vazio e feio o suficiente, pensou Mary, enquanto se levantava e olhava ao redor. Podia ser mais agradável no verão, quando as coisas eram verdes, mas não havia nada de bonito nisso agora.

Logo, um velho com uma pá nos ombros entrou pela porta que dava para o segundo jardim. Ele pareceu surpreso ao ver Mary. O homem tinha um rosto velho e carrancudo, e não parecia nada satisfeito em vê-la, mas ela também não estava feliz vê-lo, além de estar desapontada com o jardim, exibiu sua expressão "Mary Garotinha Chatinha".

"O que é este lugar?" perguntou.

"Uma das hortas," respondeu ele.

"O que tem do outro lado?" Mary apontou para a outra porta verde.

"Outro pomar como esse."

"Posso ir até lá?" perguntou Mary.

"Se quiser, mas não tem nada para vê."

Mary não respondeu, apenas desceu o caminho e passou pela segunda porta. Ela encontrou mais paredes e vegetais de inverno nas molduras de vidro, mas na segunda parede havia outra porta verde que não estava aberta; talvez conduzisse ao jardim que ninguém via há dez anos.

Como não era uma criança tímida e sempre fazia o que queria, Mary foi até a porta girando a maçaneta. Ela esperava que a porta não abrisse porque queria ter certeza de que havia encontrado o jardim misterioso, mas abriu facilmente e ela passou por ele vendo outro pomar.

Haviam paredes ao redor também e árvores frutíferas, mas sem frutos crescendo na grama congelada pelo inverno, no entanto, não havia nenhuma porta verde à vista em qualquer lugar. Mary procurou por uma e quando entrou na última parte do jardim, notou que o muro não parecia terminar no pomar, mas sim estender-se além dele como se terminasse do outro lado.

Ela podia ver o topo das árvores acima da parede, e quando parou, viu um pássaro de peito vermelho brilhante sentado no galho mais alto, de repente ele explodiu em uma canção de inverno, quase como se tivesse pego a menina observando-o e agora chamava por ela.

Mary ouviu o assobio alegre e amigável dele, isso de alguma forma despertou uma sensação de paz, porque mesmo uma menina desagradável como ela podia estar se sentindo solitária. A grande casa fechada, a grande charneca vazia e os grandes jardins desnudos fizeram como se naquele momento não tivesse ninguém no mundo, além dela mesma.

Se a menina fosse uma criança afetuosa, acostumada a ser amada, a música do passarinho teria partido seu coração, mas sendo "Mary Garotinha Chatinha" ela estava desolada e o pássaro de peito brilhante parecia olhar seu rostinho azedo quase com um sorriso. Ela o ouviu até que voasse. Ele não era como um pássaro indiano, mas gostava dele. A menina perguntou se o veria novamente, talvez ele vivesse no jardim misterioso e soubesse tudo sobre como era lá dentro.

Talvez pensava muito no jardim deserto porque não tinha absolutamente nada para fazer. Ela estava curiosa sobre isso e queria ver como era. Por que o Sr. Archibald Craven enterrou a chave? Se ele gostava tanto da esposa, qual era o porquê de odiar o jardim dela? Ela se perguntou se deveria vê-lo um dia, mas sabia que, se o fizesse, não deveria gostar dele, e ele não gostaria dela, e que ela deveria apenas ficar parada e olhar para ele sem dizer nada, embora ela devesse estar terrivelmente querendo perguntar a razão de fazer uma coisa tão estranha.

"As pessoas nunca gostam de mim e eu nunca gosto das pessoas," pensou ela. "E eu nunca consigo falar como as crianças Crawford falavam. Elas estavam sempre conversando, rindo e fazendo barulho."

Ela pensou no passarinho e na maneira como ele parecia cantar para ela, e quando ela se lembrou do topo da árvore em que ele se empoleirou, parou repentinamente no caminho.

"Acredito que aquela árvore estava no jardim secreto, tenho certeza que estava," disse ela. "Tinha uma parede em volta do local e não havia porta."

Ela voltou para a primeira horta em que havia entrado e encontrou o velho cavando ali. Ela ficou ao lado dele observando por alguns momentos com seu jeito esnobe. Ele não a notou e, por fim, ela falou com ele.

"Já estive nos outros jardins", disse ela.

"Não tinha nada te impedindo," ele respondeu de maneira grossa.

"Eu fui ao pomar."

"Não tinha nenhum cachorro na porta para te morder", respondeu ele.

"Não havia porta para o outro jardim", disse Mary.

"Que jardim?" ele perguntou em uma voz áspera, parando de cavar por um momento.

"Aquele do outro lado da parede," respondeu Mary. "Há árvores lá, eu vi o topo delas. Um pássaro de peito vermelho estava pousado em uma delas cantando."

Para sua surpresa, o velho de rosto maltratado e castigado pelo tempo realmente mudou de expressão. Um sorriso lento se espalhou sobre ele e o jardineiro parecia bem

diferente. Isso a fez pensar que era curioso como uma pessoa ficava mais bonita quando sorria. Ela não tinha pensado nisso antes.

O homem se virou para o lado do pomar no jardim começando a assobiar baixinho. Ela não conseguia entender como um homem tão rude poderia fazer um som tão agradável.

No momento seguinte, uma coisa maravilhosa aconteceu. Ela ouviu um vôo suave e rápido no ar. Era o pássaro de peito vermelho voando na direção deles, e ele realmente pousou no grande torrão de terra bem perto do pé do jardineiro.

"Aqui tá ele," riu o velho, e então falou com o pássaro como se estivesse conversando com uma criança. "Onde tu tava atrevido? Não te vi hoje. Começou a procurar uma namoradinha logo cedo nessa temporada? Seu espertinho!"

O pássaro inclinou sua pequena cabeça de lado e olhou para o velho com seus olhos brilhantes que eram como gotas de orvalho negras. Ele parecia bastante familiarizado, nem um pouco com medo, a ave saltou e bicou a terra rapidamente, procurando sementes e insetos. Aquilo fez surgir um sentimento estranho no coração de Mary, porque ele era tão bonito e alegre que parecia um humano. Ele tinha um corpo minúsculo e rechonchudo, um bico delicado e pernas finas.

"Ele sempre vem quando você o chama?" ela perguntou quase em um sussurro.

"Sim, eu conheço desde que era um filhote. Ele saiu do ninho do outro jardim, quando voou pela primeira vez sobre o muro, ele tava fraco demais pra voar de volta, ficou aqui por alguns dias e ficamos amigos. Quando ele voltou pra pular o muro, o resto da ninhada já tinha ido e ele ficou sozinho, então voltou pra mim."

"Que espécie de pássaro é ele?" Mary perguntou.

"Tu não sabe? Ele é um tordo de peito vermelho e são os pássaros mais amigáveis e curiosos. Eles são quase tão amigáveis quanto cachorros se souber como lidar com eles. Observa ele bicando lá e olhando pra nós. Ele sabe que tamo falando sobre ele."

Foi a coisa mais estranha do mundo ver o velho. Ele olhou para o pequeno pássaro rechonchudo de colete escarlate como se estivesse orgulhoso e apaixonado pelo mesmo.

"Ele é um vaidoso. Gosta de ouvir as pessoas falarem dele, além disso é curioso. Deus do céu! Nunca vi um bicho tão curioso e intrometido assim! Ele sempre vem pra ver o que eu

to plantando. Ele sabe de tudo, se importa mais do que o patrão Craven, ele é o jardineiro chefe daqui. "

O pisco-de-peito-ruivo saltava ocupado bicando o solo e de vez em quando parava e olhava um pouco para eles. Mary pensou que seus olhos negros a fitavam com grande curiosidade. Realmente parecia que ele estava descobrindo tudo sobre ela. A sensação estranha em seu coração aumentou.

"Para onde o resto da ninhada voou?" ela perguntou.

"Não tem como saber. Os mais velhos tiram eles do ninho e fazem eles voar, então eles se espalham antes que tu perceba. Esse daqui sabe como é ser sozinho."

Senhorita Mary deu um passo para mais perto do tordo e fitou-o com muita atenção.

"Eu me sinto sozinha," disse ela.

Ela não sabia antes que essa era uma das coisas que a deixava amarga e contrariada, pareceu descobrir quando o tordo olhou para ela e ela olhou para o tordo.

O velho jardineiro empurrou o boné para trás na cabeça calva e olhou para ela por um minuto.

"Tu é aquela garota da Índia?" perguntou ele.

Mary acenou com a cabeça.

"Então, não é de admirar que seja sozinha. Tu vai tá ainda mais sozinha antes disso aqui terminar." respondeu o homem.

Ele começou a cavar novamente, cravando a pá profundamente no rico solo negro do jardim enquanto o tordo saltava muito ocupado.

"Qual é o seu nome?" Mary perguntou.

Ele se levantou para responder.

"Ben Weatherstaff," respondeu, e então acrescentou com uma risada mal-humorada, "Eu também sou sozinho, menos quando ele tá comigo", e apontou o polegar em direção ao tordo. "Ele é o único amigo que eu tenho."

"Não tenho amigos," disse Mary. "Nunca tive. Minha aia não gostava de mim e nunca brinquei com ninguém."

Era um hábito de Yorkshire dizer o que pensava com franqueza, e o velho Ben Weatherstaff era um homem da charneca de Yorkshire.

"Então somos um tantinho parecidos," disse ele. "Farinha do mesmo saco, nenhum de nós é bonito e os dois mal-humorados como parecemos. Eu posso garantir pra tu que temos os mesmos temperamentos desagradáveis."

Isso era claro, e Mary Lennox nunca tinha ouvido a verdade sobre si mesma em toda a sua vida. Os servos nativos sempre a saudavam e se submetiam a ela, seja lá o que fizesse. Ela nunca tinha pensado muito sobre sua aparência, mas se perguntou se era tão feia quanto Ben Weatherstaff. Mary também quis saber se parecia tão azeda como ele parecia antes de o tordo chegar. Na verdade, ela também começou a se perguntar se tinha "temperamento desagradável" e isso a deixou desconfortável.

De repente, um pequeno som estourou perto da menina, então ela se virou, Mary estava parada a poucos metros de uma macieira e o tordo voou para um de seus galhos cantando bem alto sua música. Ben Weatherstaff riu alto.

"Por que ele fez isso?" perguntou Mary.

"Ele decidiu fazer amizade com tu," respondeu o jardineiro. "Que um raio caia na minha cabeça se ele não tiver gostado de ti."

"Sério?" perguntou Mary movendo-se suavemente em direção à pequena árvore e olhando para cima.

"Você faria amizade comigo?" ela perguntou ao tordo como se estivesse falando com uma pessoa. "Faria?" A garota não disse isso com sua voz dura e arrogante como de costume, mas sim em um tom suave, ansioso e persuasivo que fez Ben Weatherstaff ficar tão surpreso quanto ela quando o ouviu assobiar.

"Ora," ele gritou, "Tu falou com ele como se fosse uma criança de verdade, em vez de uma velha astuta. Ficou parecida com o Dickon, quando ele fala com as criaturas selvagens na charneca."

"Você conhece Dickon?" Perguntou Mary, virando-se com pressa.

"Todo mundo conhece. Dickon tá vagando por toda parte, as próprias amoras-pretas e urze-sinos conhecem ele. Garanto que as raposas mostram pra ele onde são os filhotes delas e as cotovias não escondem os ninhos dele."

Mary queria fazer mais algumas perguntas. Ela estava quase tão curiosa sobre Dickon quanto sobre o jardim deserto, mas naquele exato momento, o tordo que havia encerrado sua música, agitou suas asas, abriu-as e voou para longe. Ele havia feito sua visita e tinha outras coisas para fazer.

"Ele voou por cima do muro!" Mary gritou, olhando para ele. "Ele voou para o pomar através da outra parede! Ele voou para o jardim onde não há porta!"

"Ele mora lá," disse o velho Ben. "Ele saiu do ovo lá. Se ele tá cortejando umas tordos fêmeas, também tá magoando algumas que vivem nas roseiras velhas de lá."

"Roseiras," repetiu Mary. "Existem roseiras lá?"

Ben Weatherstaff pegou sua pá novamente e começou a cavar.

"Existiam há dez anos atrás," ele murmurou.

"Eu gostaria de ver," disse Mary. "Onde está a porta? Deve haver uma em algum lugar."

Ben enfiou a pá bem fundo e parecia tão irritado quanto quando a viu pela primeira vez.

"Tinha dez anos atrás, agora não tem mais," disse ele.

"Deve haver uma porta!" ela gritou.

"Ninguém pode encontrar essa porta e não é qualquer um que pode. Não seja uma jovem intrometida e meta o seu nariz onde não é chamada. Devo continuar meu trabalho, vai brincar, não tenho mais tempo pra conversar."

E ele realmente parou de cavar, jogou a pá por cima do ombro e saiu andando, sem nem mesmo olhar para trás ou se despedir.

CAPÍTULO 7

A CHAVE DO JARDIM

Dois dias se passaram. Quando Mary acordou, sentou-se na cama imediatamente chamando por Martha.

"Olhe! Olhe para a charneca!"

A tempestade tinha acabado. Durante a noite, a névoa cinzenta e as nuvens haviam sido varridas pelo vento e agora com a brisa cessada um céu brilhante e azul escuro erguia-se sobre a charneca.

Mary nunca tinha visto um céu tão azul. Na Índia estava sempre quente e resplandecente enquanto na Inglaterra era de um azul frio e profundo que quase parecia cintilar como as águas de um lindo lago sem fundo, e aqui e ali, no alto, flutuavam pequenas nuvens de lã branca como a neve. O vasto mundo da charneca em si parecia suavemente azul ao invés de preto-púrpura sombrio ou cinza terrivelmente sombrio.

"Sim," disse Martha com um sorriso alegre. "A tempestade passou um pouco. É assim nessa época do ano, ela desaparece durante a noite como se nunca tivesse tado aqui. Isso acontece porque a primavera tá chegando, tá um tantinho longe, mas tá chegando."

"Achei que na Inglaterra sempre chovesse ou ficasse escuro," disse Mary.

"Claro que não!" respondeu Martha, sentando-se sobre calcanhares com a escova de limpar a lareira e. "Conversa pra boi dormir!"

"O que isso significa?" perguntou Mary seriamente. Na Índia, os nativos falavam dialetos diferentes que poucas pessoas entendiam, então ela não se surpreendeu quando Martha usou palavras que ela não conhecia.

Martha riu como na primeira manhã.

"Vamo com calma," disse ela. "Falei com o sotaque de Yorkshire de novo quando a Sra. Medlock disse pra não fazer isso. 'Conversa fiada' significa que não é verdade," Martha pronunciou devagar e com cuidado. "Leva muito tempo pra isso acontecer, mas quando acontece, Yorkshire é o lugar mais ensolarado da terra! Eu disse que tu ia gostar da charneca em breve, espera só pra ver as flores florindo, as borboletas voando, os zumbidos das abelhas,

as cotovias voando e cantando... Tu vai querer sair todo dia pra ver o sol nascer que nem o Dickon."

"Eu posso ir à sua casa?" perguntou Mary melancolicamente, olhando pela janela para o azul distante. Era tudo tão novo, grande, maravilhoso e de uma cor tão celestial.

"Sei não," respondeu Martha. "Tu parece que nunca usou as pernas desde o dia que nasceu. São cinco milhas até a nossa casa, acho que tu não consegue andar tanto."

"Eu gostaria de ver seu vilarejo."

Martha a fitou curiosamente por um momento antes de pegar a escova de polir e começar a esfregar a grade novamente. A empregada estava pensando em como o rosto pequeno de Mary não parecia tão azedo como na primeira vez em que a viu. Ela parecia com sua irmã mais nova Susan Ann quando queria muito algo.

"Vou perguntar pra minha mãe" disse ela. "Ela é uma daquelas pessoas que sempre dá um jeito de fazer as coisas. Hoje é meu dia de folga e vou para casa. Ah! Eu fico muito feliz que a Sra. Medlock pensa na minha mãe, talvez ela podia falar com ela."

"Gosto da sua mãe," disse Mary.

"Eu sei que sim," concordou Martha ainda limpando.

"Eu nunca a vi," disse Mary.

"É mesmo não é?" respondeu Martha.

Ela sentou-se nos calcanhares novamente e torceu o nariz como se estivesse confusa por um momento, mas terminou de fazer sua tarefa.

"Minha mãe é sensata, trabalhadora e bem-humorada de um jeito que ninguém pode gostar de deixar dela, mesmo que nunca tivesse visto ela pessoalmente. Quando vou pra casa no meu dia de folga, ela pula de alegria quando me vê cruzando a charneca."

"Gosto de Dickon" acrescentou Mary. "E eu nunca o vi."

"Oras," disse Martha com firmeza, "Eu te disse que todos os animais gostam dele. Fico pensando... O que o Dickon ia pensar de tu?"

"Ele não gostaria de mim," Mary disse com seu jeito frio de sempre "Ninguém nunca gosta."

Martha pareceu pensativa novamente.

"É o que tu acha?" ela perguntou, como se realmente estivesse curiosa para saber.

Mary hesitou por um momento e pensou a respeito.

"Talvez," ela respondeu. "Mas eu nunca pensei nisso antes."

Martha deu um meio sorriso como se tivesse lembrado de uma coisa.

"Minha mãe me falou algo parecido isso uma vez," comentou ela. "Eu tava de mau humor falando mal do povo enquanto ela tomava banho, quando ela se virou pra mim e começou a me arremedar. 'Aquele moleque do Vixon! Fica dizendo que não gosta de fulano, fica dizendo que não gosta de ciclano!'. Ver tu falando assim me trouxe essa memória de novo."

Martha foi embora logo após o desjejum de Mary. Ela estava animada, andaria oito quilômetros até a casa de campo onde ajudaria a mãe a se lavar, a fazer os assados da semana e a se divertir muito.

Mary sentiu-se mais sozinha do que nunca quando soube que não estava mais em casa. Ela saiu para o jardim o mais rápido possível e a primeira coisa que fez foi correr dez vezes em volta do jardim da fonte. A menina contou as voltas com cuidado e ao terminar, seu ânimo estava melhor.

O sol fazia todo o lugar parecer diferente. O céu, profundo e azul se arqueava sobre Misselthwaite, bem como sobre a charneca, e ela continuava erguendo o rosto e olhando para o alto, tentando imaginar como seria se deitar em uma das pequenas nuvens brancas como a neve e flutuar. Ela foi até a primeira horta e encontrou Ben Weatherstaff trabalhando lá com outros dois jardineiros. A mudança no tempo parecia ter feito bem a ele, tanto que falou com Mary por conta própria.

"A primavera tá chegando," disse ele. "Consegue sentir o cheiro?"

Mary inspirou o ar e achou que podia.

"Sinto um cheiro agradável, fresco e úmido," disse ela.

"Essa é uma terra rica e boa," respondeu ele cavando. "Ela tá de bom humor, fazendo com que as coisas cresçam. Fico feliz quando chega a hora de plantar porque é monótono durante o inverno quando não tem mais o que fazer. Nos jardins de flores lá fora, as coisas tão se agitando embaixo da terra, o sol tá aquecendo elas. Tu vai ver os brotos verdes saindo do solo preto depois de um tempo."

"O que vai nascer?" perguntou Mary.

"Açafrões, flocos de neve e daffodils. Nunca viu?"

"Não. Na Índia tudo era quente, úmido e verde depois da chuva," disse Mary. "E as coisas cresciam em uma noite."

"Isso aqui não vai crescer em uma noite," disse Weatherstaff. "Vai ter que esperar. Primeiro elas vão cutucar um pouco pro alto aqui, depois empurrar uns espinhos ali, desenrolar umas folhas lá... Vai ter que ficar de olho."

"Eu vou," respondeu Mary.

A menina logo ouviu o farfalhar suave de asas novamente e soube imediatamente quem tinha voltado. O tordo era muito atrevido e animado, pulou perto dos pés dela inclinando a cabeça para o lado com tanta astúcia que ela teve que perguntar a Ben Weatherstaff.

"Você acha que ele se lembra de mim?" perguntou.

"Se ele lembra de tu?!" Weatherstaff exclamou indignado. "Se ele conhece cada toco de repolho nos jardins, imagina as pessoas. Ele nunca viu uma menina aqui antes e tá decidido a descobrir tudo sobre tu. Nem tenta esconder nada dele."

"As coisas também estão crescendo lá embaixo, no escuro, naquele jardim onde ele mora?" Mary perguntou.

"Que jardim?" grunhiu Weatherstaff, tornando-se ranzinza novamente.

"Aquele onde estão as roseiras antigas." ela não pôde deixar de perguntar, porque queria muito saber. "Todas as flores estão mortas ou algumas delas voltam no verão? Alguma vez houve rosas?"

"Pergunta pra ele," respondeu Ben Weatherstaff, curvando os ombros na direção do tordo. "Ele é o único que sabe. Ninguém entrou lá por dez anos."

Dez anos era muito tempo, pensou Mary. Ela nascera há dez anos atrás.

Mary se afastou lentamente, pensando: ela começou a gostar do jardim assim como começou a gostar do tordo, da mãe de Dickon e Martha, até mesmo da própria Martha. Esse parecia um bom número de pessoas para gostar quando você não estava acostumado a gostar de ninguém. Ela pensava no tordo como uma das pessoas. Saiu para caminhar fora da longa parede coberta de hera, sobre a qual ela podia ver as copas das árvores; e na segunda vez que subiu e desceu a coisa mais interessante e emocionante que aconteceu com ela foi através do tordo de Ben Weatherstaff.

Ela ouviu um gorjeio, e quando olhou para o canteiro de flores vazio à sua esquerda, ele estava pulando e fingindo bicar coisas da terra para persuadi-la de que não a seguiria, mas sabia que ele a tinha seguido e a surpresa a encheu de alegria que quase estremeceu.

"Você se lembra de mim!" ela gritou. "Lembra sim! Você é mais bonito do que qualquer outra coisa no mundo!"

Mary cantou e ele gorjeou de volta balançando o rabo como se estivesse falando com ela. Ele estufava o peito vermelho como se estivesse mostrando que era realmente tão grandioso e tão bonito quanto um humano. Naquele momento, Mary esqueceu-se de como sempre fora ranzinza por toda sua vida, enquanto ele permitiu que ela se aproximasse cada vez mais dele tentando imitar os sons de um tordo.

Oh! Pensar que ele realmente a deixou chegar tão perto dele assim! O tordo sabia que nada no mundo a faria estender a mão em sua direção para assustá-lo, sabia disso porque ele era o ser mais legal desse mundo. Mary estava tão feliz que mal ousava respirar.

O canteiro de flores não estava totalmente vazio. Não tinha flores porque as plantas perenes haviam sido cortadas para o descanso de inverno, mas havia arbustos altos e baixos que cresciam juntos na parte de trás do pequeno jardim, e quando o tordo pulou sobre eles, ela

o viu pousar sobre uma pequena pilha de terra recém mexida procurando uma minhoca. A terra havia sido revirada porque um cachorro cavou um buraco bem fundo enquanto tentava pegar uma toupeira.

Mary olhou para ele, sem saber realmente por que o buraco estava ali, e quando olhou viu algo quase enterrado no solo recém-revolvido. Era algo como um anel de ferro enferrujado ou latão, e quando o tordo voou para uma árvore próxima, ela estendeu a mão e pegou o anel. Era mais do que um anel, era uma chave velha que parecia estar enterrada há muito tempo.

A senhorita levantou-se e olhou para ele com uma cara quase assustada enquanto o artefato pendia em seu dedo.

"Talvez esteja enterrado há dez anos," disse ela em um sussurro. "Talvez seja a chave do jardim!"

CAPÍTULO 13

"EU SOU COLIN"

Mary levou a foto de volta para casa e quando chegou a hora do jantar, mostrou-a a Martha.

"Ah!" disse ela cheia de orgulho. "Eu não sabia que o Dickon era tão esperto. A foto desse tordo aí em um ninho parece gigante e duas vezes mais natural do que na vida real".

Oh, como ela gostava daquele garoto esquisito! Mary soube que Dickon queria que a imagem fosse uma mensagem; significava que ele manteria seu segredo, pois o jardim era seu ninho e ela o tordo.

Ela esperava que ele voltasse no dia seguinte, dormiu ansiando por isso, mas você nunca sabe o que o tempo fará em Yorkshire, especialmente na primavera. A menina foi acordada no meio da noite pelo som de fortes gotas de chuva batendo contra a janela, chovia torrencialmente e o vento "uivava" por todos os lados da enorme casa velha.

Mary sentou-se na cama com raiva.

"Essa chuva é mais irritante do que eu! Só veio porque sabia que eu não a queria."

Ela se jogou novamente na cama enterrando o rosto nos travesseiros. Não chorou, mas ficou deitada odiando o som do temporal, do vento e do barulho. O ruído infeliz a manteve acordada porque ela também se sentia triste, se estivesse alegre, provavelmente já teria adormecido, mas aquele barulho de água colidindo contra os vidros...

“Parece uma pessoa vagando pela perda pela charneca enquanto chora sem parar,” refletiu ela.

Mary estava acordada, revirando no colchão de um lado para o outro por cerca de uma hora, quando de repente algo a fez sentar-se na cama e virar a cabeça em direção à porta para ouvir.

"Não é o vento agora," murmurou. "É diferente, é o choro que ouvi antes."

A porta de seu quarto estava entreaberta e o som veio pelo corredor; parecia um choro distante e fraco. Ela escutou por algum tempo, e a cada minuto ela ficava mais certa de que precisava descobrir o que era. Aquilo era ainda mais estranho do que o jardim secreto e a chave enterrada, talvez o fato de ela estar com um humor rebelde a tenha tornado ousada.

Mary ficou de pé e disse:

"Vou descobrir o que é. Todos estão na cama e eu não me importo com a Sra. Medlock, não mesmo!"

Ela pegou uma vela que havia ao lado da cama e saiu suavemente do quarto. O corredor parecia muito longo e escuro, mas Mary estava muito animada para se importar com isso, assim, pensou em quais cantos deveria virar para encontrar o corredor mais curto com a porta coberta com tapeçaria - aquele que a Sra. Medlock atravessou no dia em que se perdeu.

O som estava vindo daquela passagem, então, ela continuou com sua luz fraca, quase tateando, enquanto o coração batia forte de um jeito que ela achou que poderia ouvi-lo. O choro continuou guiando-a, às vezes parava por um momento ou mais para começar de novo.

"Este é o lugar certo para virar?" ela pensou. "Sim, desça esta passagem, vire à esquerda, depois suba dois degraus largos e depois para a direita novamente. Vai haver uma tapeçaria."

Mary empurrou a tal porta com muito cuidado e fechou-a atrás de si. Estava no corredor e podia ouvir o choro muito claramente, embora não fosse alto. Ficava do outro lado da parede à sua esquerda e alguns metros adiante havia uma porta, ela podia ver um lampejo de luz vindo por debaixo da fresta. Alguém estava chorando naquela sala, alguém muito jovem.

Dessa maneira, ela caminhou até a porta e a abriu.

Finalmente ela estava naquele lugar! Era um grande quarto com móveis bonitos e antigos. Havia uma lareira com um fogo brilhando fracamente, uma vela queimava ao lado de uma cama de quatro colunas protegida com um mosquitoireiro. Ali deitado, havia um menino chorando.

Mary se perguntou se estava em um lugar real ou se havia voltado a dormir sem saber.

Seu rosto era fino e delicado da cor de marfim, seus olhos eram grandes, ele também tinha muito cabelo, com mechas grossas que caíam sobre a testa, fazendo o rosto magro parecer ainda menor. O menino parecia doente, mas chorava mais como se estivesse cansado e zangado do que com dores.

Mary estava perto da porta com a vela na mão, prendendo a respiração. Então ela se esgueirou pelo quarto e, ao se aproximar, a luz atraiu a atenção do menino e ele virou a cabeça no travesseiro encarando-a fixamente com seus olhos cinzentos arregalados.

"Quem é você?" perguntou ele finalmente em um sussurro meio assustado. "É um fantasma?"

"Não, não sou," respondeu Mary, seu próprio sussurro parecendo assustado também. "Você é?"

Eles observaram um ao outro.

Mary não pôde deixar de notar a cor estranha que os olhos dele possuíam, eram ágata cinza com cílios pretos envolta deles e pareciam grandes demais para seu rosto. "Não," respondeu ele depois de esperar um momento ou mais. "Eu sou Colin."

"Quem é Colin?" ela vacilou.

"Eu sou Colin Craven. Quem é você?"

"Eu sou Mary Lennox. O Sr. Craven é meu tio."

"Ele é meu pai," respondeu o menino.

"Seu pai!" Mary engasgou. "Ninguém nunca me disse que ele tinha um filho! Por quê não?"

"Venha aqui," disse ele, ainda mantendo seus olhos estranhos fixos nela com uma expressão ansiosa.

Ela se aproximou da cama e ele estendeu a mão tocando-a.

"Você é real, não é?" quis saber o menino. "Eu tenho sonhos reais com frequência, você pode ser um deles."

Mary tinha vestido um xale antes de sair do quarto e agora colocava um pedaço do agasalho entre os dedos dele.

"Esfregue isso e veja como é espesso e quente," coordenou ela. "Vou beliscar você um pouco, se quiser, para mostrar como eu sou real. Por um minuto pensei que você também poderia ser um sonho."

"Você veio de onde?" ele perguntou.

"Do meu próprio quarto. O vento soprava tanto que eu não conseguia dormir, então ouvi alguém chorando e queria saber quem era. Por que você estava chorando?"

"Porque eu também não consigo dormir, minha cabeça está doendo. Diga-me seu nome de novo."

"Mary Lennox. Ninguém nunca te disse que vim morar aqui?"

Ele ainda estava tocando o tecido de sua vestimenta, parecia que estava começando a acreditar nela.

"Não," respondeu ele. "Eles não ousariam."

"Por que?" perguntou Mary.

"Porque eu teria medo de que você me visse. Nunca deixo os outros me verem e falarem comigo."

"Por que?" Mary perguntou novamente, sentindo-se mais perplexa a cada momento.

"Porque eu sou sempre assim, doente e acamado. Meu pai também não deixa ninguém falar de mim, os servos não têm permissão. Meu pai odeia pensar que posso ser como ele."

"Oh, essa casa é muito esquisita!" Mary reclamou. "Tudo é uma espécie de segredo. Os quartos estão trancados, os jardins estão trancados... E você! Você foi trancado também?"

"Não. Eu fico neste quarto porque não quero ser tirado dele, isso me cansa muito."

"Seu pai vem te ver?" Mary arriscou perguntar.

"Às vezes. Geralmente quando estou dormindo. Ele não quer me ver."

"Por que?" Mary não pôde deixar de perguntar de novo.

Uma espécie de sombra raivosa passou pelo rosto do menino.

"Minha mãe morreu quando eu nasci e ele fica péssimo só de olhar para mim. Ele acha que eu não sei, mas já ouvi as pessoas falando. Ele meio que me odeia."

"Ele odeia o jardim porque ela morreu," disse Mary, falando para si mesma.

"Que jardim?" o menino questionou.

"Oh! Apenas... Apenas um jardim de que ela gostava," gaguejou a menina. "Você sempre esteve aqui?"

"Quase sempre. Eu já fui a lugares à beira-mar, mas não fico porque as pessoas me olham estranho. Eu costumava usar uma coisa de ferro para manter minhas costas retas, mas um médico bem renomado veio de Londres para me ver e disse que era aquilo era estúpido, mandou que tirassem e me mantivessem ao ar livre. Odeio ar fresco e não quero sair."

"Eu também odiava quando cheguei aqui," disse Mary. "Por que você continua me olhando assim?"

"Por causa dos sonhos que são tão reais," ele respondeu um tanto aborrecido. "Às vezes, quando abro os olhos, não acredito que estou acordado."

"Estamos ambos acordados," Mary argumentou olhando ao redor da sala com seu teto alto, cantos sombrios e luz fraca do fogo. "Parece um sonho, estamos acordados no meio da

casa enquanto todos na casa estão dormindo, menos nós." "Não quero que seja um sonho," disse o menino, inquieto.

Mary pensou em algo de repente.

"Se não gosta que as pessoas vejam você," ela começou, "você quer que eu vá embora?"

Ele ainda segurava a dobra do casaco de Mary e deu um pequeno puxão.

"Não," disse ele. "Eu teria certeza de que é um sonho caso você fosse, se for real, sente-se naquele banquinho e converse comigo. Quero ouvir sobre você."

Mary pousou a vela na mesa perto da cama e sentou-se no banquinho almofadado. Ela não queria ir embora de jeito nenhum, gostaria de ficar na sala misteriosa escondida e falar com o menino misterioso.

"O que você quer que eu diga?"

Colin queria saber há quanto tempo ela estava em Misselthwaite; em que corredor ficava o quarto dela; o que ela estava fazendo; se ela não gostava da charneca como ele não gostava; onde ela havia morado antes de vir para Yorkshire. Ela respondeu a todas essas perguntas e muitas mais, e ele deitou-se no travesseiro ouvindo-a.

Ele a fez contar sobre a Índia e sobre sua viagem através do oceano. Mary descobriu que por ser adoentado, Colin não aprendera as coisas como as outras crianças; foi uma de suas enfermeiras que o ensinou a ler quando era bem pequeno, ele estava sempre lendo e olhando imagens em livros esplêndidos.

Embora seu pai raramente o visse quando estava acordado, Colin recebeu todos os tipos de coisas maravilhosas para se divertir, entretanto, ele nunca pareceu se divertir. O menino poderia ter qualquer coisa que pedisse e nunca foi obrigado a fazer nada que não gostasse de fazer.

"Cada um é obrigado a fazer o que me agrada," falou com indiferença. "Fico doente de raiva. Ninguém acredita que vou viver para crescer."

Ele disse isso como se estivesse tão acostumado com a ideia que já não importava mais.

Colin gostava da voz de Mary, pois enquanto ela falava, ele ouvia com um ar sonolento e interessado. Uma ou duas vezes ela se perguntou se ele não estava caindo aos poucos no sono, mas por fim, ele fez uma pergunta que abriu um novo assunto.

"Quantos anos você tem?"

"Eu tenho dez anos," respondeu Mary, esquecendo-se de si mesma por um momento, "e você também."

"Como sabe disso?" ele exigiu com uma voz surpresa.

"Porque quando você nasceu, a porta do jardim foi trancada e a chave enterrada. Está trancada há dez anos."

Colin que estava sentado, se virou para ela apoiando-se nos cotovelos.

"A porta de qual jardim estava trancada? Quem foi? Onde a chave foi enterrada?" ele exclamou como se de repente estivesse muito interessado.

"Foi ... foi o jardim que o Sr. Craven odeia," disse Mary nervosamente. "Ele fechou e ninguém sabe onde ele enterrou a chave."

"Que tipo de jardim é esse?" Colin persistiu ansiosamente.

"Ninguém teve permissão para entrar nele por dez anos," foi a resposta cuidadosa de Mary.

Infelizmente era tarde demais para ter cuidado. Ele era muito parecido com ela, também não tinha nada para fazer e a ideia de um jardim escondido o atraía tanto quanto a ela. Ele fez pergunta após pergunta. Onde estava? Ela nunca tinha procurado a porta? Ela nunca perguntou aos jardineiros?

"Eles não vão falar sobre isso. Eu acho que eles foram instruídos a não responder às perguntas."

"Eu os faria abrir," disse Colin.

"Você poderia?" Mary vacilou, começando a se sentir assustada. Se ele pudesse fazer as pessoas responderem a perguntas, quem sabe o que poderia acontecer!

"Todos são obrigados a me agradar. Eu já disse isso," respondeu Colin por fim "Se eu fosse viver, este lugar algum dia pertenceria a mim. Todos eles sabem disso. Eu os faria me dizer."

Mary não sabia que ela mesma tinha sido mimada, mas podia ver claramente que aquele menino misterioso tinha sido. Ele pensava que o mundo inteiro pertencia a ele. Quão peculiar ele era e com que frieza falava de não viver.

"Você acha que não vai viver?" perguntou ela, em parte porque estava curiosa e em parte na esperança de fazê-lo esquecer o jardim.

"Acho que não vou," respondeu ele com a mesma indiferença que falava antes. "Desde que me lembro, tenho ouvido as pessoas dizerem que não vou conseguir. No início achavam que eu era muito pequeno para entender e agora acham que não escuto, mas escuto. Meu médico é primo do meu pai, ele é bem pobre e se eu morrer, ele terá Misselthwaite quando meu pai morrer. Eu deveria pensar que ele não iria querer que eu vivesse."

"Você quer viver?" perguntou Mary.

"Não," respondeu ele, de uma maneira zangada e cansada. "Mas não quero morrer. Quando me sinto mal, fico aqui deitado e penso nisso até chorar."

"Eu ouvi você chorar três vezes," disse Mary, "Mas não sabia quem era. Você estava chorando por causa disso?" Ela queria muito que ele esquecesse o jardim.

"Pode-se dizer que sim" respondeu ele. "Vamos conversar sobre outra coisa. Fale sobre aquele jardim. Você não quer vê-lo?"

"Quero," Mary respondeu, em uma voz baixa.

"Quer?," ele continuou persistentemente. "Acho que nunca quis ver nada antes, mas quero ver esse tal jardim. Quero a chave desenterrada e a porta destrancada. Eu faria os empregados abrirem, deixaria que me levassem lá na minha cadeira de rodas e assim pegaria ar fresco."

Colin ficou tão animado que seus olhos estranhos começaram a brilhar como estrelas e pareciam mais imensos do que nunca.

"Eles têm que me agradar," disse ele. "Vou fazer com que me levem lá e vou deixar você ir também."

Mary cruzou as mãos firmemente. Ele estragaria tudo! Dickon nunca mais voltaria e ela nunca mais se sentiria como um tordo em seu ninho escondido e seguro.

"Oh, não faça isso!" ela gritou.

Ele a encarou como se achasse que ela tinha enlouquecido!

"Por que?" exclamou. "Você disse que queria ver."

"Sim," ela respondeu quase soluçando, "mas se fizer os empregados abrirem a porta, nunca mais será um segredo."

Ele se inclinou ainda mais para frente.

"Um segredo," ecoou ele. "O que quer dizer? Diga-me."

As palavras de Mary quase tropeçaram umas nas outras.

"Você... Você..." ela ofegou, "Imagine que só nós dois sabemos sobre o jardim e que talvez tenha uma porta por debaixo da hera daninha, mas não é certeza, nós poderíamos encontrá-la, passar por ela juntos e fechar atrás de nós. Ninguém saberia que estamos lá dentro, então chamaríamos de o jardim secreto e fingiríamos que somos tordos em um ninho, brincando lá todos os dias, cavando e plantando sementes fazendo tudo ganhar vida."

"Está morto?" ele a interrompeu.

"Logo estará, se ninguém fizer nada," ela continuou. "Os bulbos viverão, mas as rosas..."

Ele a parou novamente tão excitado quanto ela mesma.

"O que são bulbos?"

"São plantas que vivem por um longo tempo. Narcisos, lírios e flores de sino; elas estão debaixo da terra agora, trabalhando para que os pontos verdes claros brotem porque a primavera está chegando."

"Como é a primeira? Você não vê as estações quando está doente em um quarto."

"É o sol brilhando na chuva e a chuva caindo enquanto faz sol, as coisas crescem e florescem da terra," disse Mary. "Se o jardim fosse um segredo e pudéssemos entrar nele poderíamos ver as coisas crescerem a cada dia, e ver quantas rosas estão vivas. Você não vê como seria melhor se fosse um segredo? "

Ele recostou-se no travesseiro e ficou deitado com uma expressão estranha no rosto.

"Eu nunca tive um segredo, exceto sobre esse de que não viverei o suficiente para me tornar adulto. Eles não sabem que eu sei disso, então é uma espécie de segredo, mas gosto mais desse tipo."

"Se não os obrigar a levá-lo ao jardim," suplicou Mary, "talvez... Tenho quase certeza de que poderei descobrir como entrar em algum momento. Então se o médico quiser que saia em sua cadeira de rodas, talvez possamos encontrar algum garoto para empurrá-la para você e se puder fazer o que quer, poderíamos ir sozinhos e isso sempre seria um jardim secreto."

"Eu deveria..." disse ele muito lentamente, seus olhos parecendo sonhadores. "Eu gostaria disso. Não me importaria de ar fresco em um jardim secreto."

Mary começou a recuperar o fôlego e a se sentir mais segura porque a ideia de guardar o segredo parecia agradá-lo. Ela tinha quase certeza de que se continuasse falando e pudesse fazê-lo ver o jardim em sua mente como ela o vira, ele gostaria tanto que não suportaria pensar que todos poderiam pisar nele quando quisessem.

"Vou lhe dizer como acho que seria, se pudéssemos entrar," disse ela. "Está fechado há tanto tempo que as coisas se tornaram um emaranhado, talvez."

Ele ficou imóvel e ouviu enquanto ela falava sobre as rosas que poderiam ter escalado de árvore em árvore e se pendurado, sobre os muitos pássaros que poderiam ter construído seus ninhos ali por ser tão seguro. Finalmente ela contou sobre o tordo e Ben Weatherstaff, e havia tanto a contar sobre o tordo e era tão fácil e seguro falar sobre isso que ela parou de sentir medo. O tordo o agradou tanto que ele sorriu até ficar quase bonito, e a princípio Mary pensou que ele era ainda mais sem graça do que ela, com seus olhos grandes e grossas mechas de cabelo.

"Eu não sabia que pássaros podiam ser assim," disse ele, "mas se você ficar em um quarto, nunca verá as coisas. Quantas coisas você sabe, sinto como se você tivesse estado dentro daquele jardim."

Ela não sabia o que dizer, então não disse nada. Ele evidentemente não esperava uma resposta e no momento seguinte ele a surpreendeu.

"Vou deixar você olhar uma coisa," disse ele. "Vê aquela cortina de seda rosa pendurada na parede acima da lareira?"

Mary não tinha notado antes, mas olhou para cima e viu. Era uma cortina de seda macia pendurada sobre o que parecia ser uma imagem.

"Sim," ela respondeu.

"Há uma corda pendurada nela," disse Colin. "Vá e puxe."

Mary se levantou, muito perplexa, e encontrou o cordão. Quando puxou, a cortina rolou para trás revelando uma imagem. Era a foto de uma garota com um rosto sorridente. Ela tinha cabelos brilhantes amarrados com uma fita azul e seus olhos alegres eram exatamente como os infelizes de Colin, cinza ágata e parecendo duas vezes maiores do que realmente eram por causa dos cílios pretos ao redor deles.

"Ela é minha mãe," disse Colin reclamando. "Não vejo por que ela morreu. Às vezes a odeio por isso."

"Que estranho!" disse Mary.

"Se ela estivesse viva, acredito que não teria ficado doente para sempre," resmungou ele. "Acho que eu viveria também, e meu pai não odiaria olhar para mim, ousou dizer que eu teria costas fortes. Feche a cortina novamente."

Mary obedeceu e voltou para o banquinho.

"Ela é muito mais bonita do que você," disse ela, "mas seus olhos são iguais aos seus, pelo menos têm a mesma forma e cor. Por que a cortina está fechada sobre ela?"

Ele se mexeu desconfortavelmente.

"Eu os obriguei a fazer isso," disse ele. "Às vezes não gosto de vê-la olhando para mim. Ela sorri demais quando estou doente e infeliz, além disso, ela é minha e não quero que ninguém a veja."

Houve um momento de silêncio e então Mary falou.

"O que a Sra. Medlock faria se descobrisse que estive aqui?" ela perguntou.

"Ela faria o que eu dissesse para fazer," respondeu ele. "E eu deveria dizer a ela que queria que você viesse aqui e conversasse comigo todos os dias. Estou feliz que veio."

"Eu também, irei sempre que puder, mas..." a menina hesitou. "Terei de procurar todos os dias a porta do jardim."

"Sim, você tem," disse Colin, "e pode me contar sobre isso depois."

Ele ficou pensando por alguns minutos, como fizera antes, e então falou novamente.

"Acho que você também será um segredo," disse ele. "Não vou contar até que descubram. Sempre posso mandar a enfermeira sair da sala e dizer que quero ficar sozinho. Você conhece Martha?"

"Sim, eu a conheço muito bem," respondeu Mary. "É ela quem cuida de mim."

Ele indicou com a cabeça em direção ao corredor externo.

"É ela quem está dormindo no outro quarto. A enfermeira foi embora ontem para ficar a noite toda com a irmã e sempre manda Martha para ficar comigo quando quer sair. Ela vai dizer quando você deve vir aqui."

Então Mary entendeu o olhar preocupado de Martha quando fez perguntas sobre o choro.

"Martha sabia de você o tempo todo?" ela disse.

"Sim; ela costuma me atender também. A enfermeira gosta de se fugir de mim e aí vem Martha."

"Estou aqui há muito tempo," disse Mary. "Devo ir embora agora? Seus olhos parecem sonolentos."

"Eu gostaria de poder dormir antes de você me deixar," disse ele um tanto timidamente.

"Feche os olhos," disse Mary, puxando o banquinho para mais perto, "e farei o que minha aia costumava fazer na Índia. Vou dar um tapinha em sua mão, acariciá-la e cantar algo bem baixinho."

"Talvez eu goste disso," disse ele sonolento.

De alguma forma, ela sentia pena dele e não queria que ficasse acordado, então encostou na cama pegando na mão dele dando leves tapinhas enquanto cantava uma canção de ninar em hindustâni, uma língua do norte da Índia.

"Isso é bom," disse ele ainda mais sonolento.

Mary ela continuou cantando e segurando a mão de Colin, mas quando ela olhou para ele novamente, seus cílios negros estavam bem perto de suas bochechas, pois seus olhos estavam fechados e ele dormia profundamente. Então ela se levantou suavemente, pegou sua vela e se afastou sem fazer barulho.

CAPÍTULO 20

EU VOU VIVER PARA SEMPRE

Entretanto as crianças foram obrigadas a esperar mais uma semana, porque primeiro vieram alguns dias de muito vento, e em seguida Colin ameaçou ficar resfriado. Sem sombra de dúvidas, as duas coisas acontecendo, uma após a outra, deixaram o menino furioso, mas havia um planejamento cuidadoso para que Dickon entrasse e contasse tudo o que estava acontecendo na charneca, nas vielas, nos jardins e nas beiras dos riachos.

As coisas que ele tinha para dizer sobre as casas de lontras; texugos; ratos-d'água; ratos do campo e suas tocas; sem falar nos ninhos de pássaro, bastavam para vibrar de empolgação ao ouvir todos os detalhes íntimos de um encantador de animais, além de perceber o entusiasmo e a ansiedade com a qual o submundo estava ocupado trabalhando.

"Eles são igual a gente," disse Dickon, "só que precisam construir as casas deles todos os anos, e isso deixa eles tão ocupados que eles lutam pra concluir elas."

Ainda mais interessante do que isso, entretanto, eram os preparativos a serem feitos para o transporte sigiloso de Colin até o jardim. Ninguém deveria ver a cadeira de rodas, nem Dickon ou Mary depois que eles dobrassem certa esquina do grande quintal e comessem a caminhada fora das paredes cobertas de hera. A cada dia que passava, Colin se apegava cada

vez mais em seu sentimento de que o mistério que cercava o jardim era um de seus maiores encantos. Nada deveria estragar isso, ninguém poderia suspeitar que tinham um segredo.

As pessoas deveriam pensar que Colin estava saindo com Mary e Dickon simplesmente porque gostava deles e não se opunha a que olhassem para ele. Os três tiveram longas e agradáveis conversas sobre sua rota; iriam subir por este caminho e descer por aquele, cruzar o outro e dar a volta entre os canteiros de flores da fonte como se estivessem olhando as plantas que o jardineiro-chefe, Sr. Roach, havia arranjado.

Pareceria uma coisa tão racional de se fazer que ninguém pensaria que era estranho. A caminhada desviaria para os arbustos até chegarem às longas paredes. Era quase tão sério e elaborado quanto os planos de marcha feitos pelos grandes generais em tempo de guerra.

Rumores sobre as novidades e curiosidades que estavam ocorrendo nos aposentos do inválido tinham, é claro, se espalhado na sala dos empregados, passando os pátios do estábulo e fora da mansão entre os jardineiros. Mas apesar disso, o Sr. Roach ficou um tanto surpreso quando um dia recebeu ordens para se apresentar nas acomodações do patrão Colin, onde nenhum estranho jamais tinha ido, pois o próprio desejava falar com ele.

"Ora, ora," ele disse a si mesmo enquanto trocava apressadamente o casaco, "o que será que ele quer? Sua Alteza Real que não gostava de ser visto, agora chama um homem que nunca viu."

O Sr. Roach estava curioso. Nunca tinha visto o menino, mas tinha ouvido uma dúzia de histórias exageradas sobre sua aparência, seu jeito estranho e seu temperamento difícil. A coisa que ouvia com mais frequência era que Colin poderia morrer a qualquer momento. Além das inúmeras descrições fantasiosas sobre costas arqueadas e membros frágeis, dadas por pessoas que nunca o tinham visto.

"As coisas estão mudando nesta casa, Sr. Roach," disse a Sra. Medlock, enquanto o conduzia escada acima para o corredor no qual se abria a câmara até então misteriosa.

"Vamo torcer pra que elas tejam mudando pra melhor senhora," respondeu ele.

"Elas não poderiam ficar piores," ela continuou; "e por mais estranho que seja, elas estão deixando nossos deveres muito mais fáceis. Não se surpreenda ao se ver em meio a um

zoológico ou Dickon e Martha Sowerby mais confortáveis do que você e eu jamais poderíamos ser. "

Realmente havia uma espécie de magia em Dickon, como Mary sempre acreditou em particular. Quando o Sr. Roach ouviu seu nome, sorriu com tolerância.

"Dickon se sentiria em casa fosse no palácio de Buckingham ou no fundo de uma mina de carvão," respondeu ele. "E ainda assim não seria atrevimento, ele é um bom rapaz."

Talvez tenha sido bom que ele estivesse preparado ou poderia ter se assustado. Quando a porta do quarto foi aberta, um grande corvo, que parecia bastante em casa, empoleirado no encosto alto de uma cadeira entalhada, anunciou a entrada de um visitante dizendo "crau-crau" bem alto. Apesar do aviso da Sra. Medlock, o Sr. Roach escapou por pouco de pular para trás assustado.

O jovem rajá não estava na cama nem no sofá. Ele estava sentado em uma poltrona com um cordeirinho parado ao lado dele, sacudindo o rabo enquanto Dickon estava ajoelhado alimentando-o com uma mamadeira. Um esquilo estava empoleirado nas costas curvadas de Dickon, mordiscando atentamente uma noz. A garotinha da Índia estava sentada em um grande banquinho olhando.

"Aqui está o Sr. Roach, patrão Colin," disse a Sra. Medlock.

O jovem rajá se virou e olhou para seu empregado, pelo menos foi o que o jardineirochefe sentiu que aconteceu.

"Oh, você é Roach, não é?" ele disse. "Mande chamá-lo para lhe dar algumas ordens muito importantes."

"Muito bem, senhor." respondeu Roach, perguntando-se se deveria receber instruções para derrubar todos os carvalhos do parque ou para transformar os pomares em jardins aquáticos.

"Vou sair na minha cadeira de rodas esta tarde," disse Colin. "Se o ar fresco estiver bom para o meu gosto, posso sair todos os dias. Quando eu sair, nenhum dos jardineiros deve estar em perto da trilha ao longo dos muros do jardim. Devo sair por volta das duas horas e todos devem ficar longe até que eu mande dizer que podem voltar ao trabalho. "

"Muito bem, patrão," respondeu o Sr. Roach, aliviado em saber que os carvalhos poderiam permanecer e que os pomares estavam seguros.

"Mary," disse Colin, voltando-se para ela, "o que é aquela coisa que você diz na Índia quando termina de falar e quer que as pessoas se vá?"

"Você diz: 'Você tem minha permissão para ir,' " respondeu Mary.

O rajá acenou com a mão.

"Você tem minha permissão para ir, Roach," disse ele. "Mas, lembre-se, isso é muito importante."

"Crau-Crau!" observou o corvo com voz rouca, mas não indelicada.

"Muito bem, senhor. Obrigado," disse o Sr. Roach, e a Sra. Medlock o tirou da sala.

Lá fora, no corredor, sendo um homem bastante afável, o Sr. Roach sorriu até quase rir.

"Santo Deus!" ele disse, "ele se comporta como um nobre, não é? Parece uma família real inteira reunida, sendo ele o príncipe consorte e tudo."

"Sim!" protestou a Sra. Medlock, "tivemos que deixá-lo pisar em cada um de nós desde que nasceu e agora ele pensa que nascemos para sermos seus servos."

"Talvez ele mude, se viver," sugeriu o Sr. Roach.

"Bem, uma coisa é certa: " disse a Sra. Medlock. "Se ele viver e aquela criança indiana ficar aqui, garanto que ela o ensinará que o mundo não gira em torno dele, como diz Susan Sowerby. E é provável que ele descubra o tamanho de sua própria empáfia."

Dentro da sala, Colin estava recostado nas almofadas.

"Está tudo bem agora," disse ele. "E esta tarde eu verei, esta tarde estarei nele!"

Dickon voltou para o jardim com suas criaturas e Mary ficou com Colin. Ela não achou que ele parecesse cansado, mas ficou muito quieto antes de o almoço chegar e permaneceu calado enquanto comiam. Ela se perguntou por que e perguntou a ele sobre isso.

"Que olhos grandes você tem, Colin," disse ela. "Quando você está pensando, eles ficam grandes como bola de bilhar. No que está pensando agora?" "Não consigo deixar de pensar em como será," respondeu ele.

"O jardim?" perguntou Mary.

"A primavera," disse ele. "Eu estava pensando que realmente nunca vi ela antes. Eu quase nunca saía e quando saía, nunca olhava de verdade. Eu nem pensei sobre isso."

"Nunca vi isso na Índia também, porque lá não tem primavera," disse Mary.

A vida do menino tinha sido isolada e mórbida, por isso Colin tinha mais imaginação do que ela, mas pelo menos, passava muito tempo olhando livros e fotos maravilhosas.

"Naquela manhã, quando entrou correndo e disse 'Chegou! Chegou!' você fez com que me sentisse estranho. Parecia que uma grande procissão estava vindo com grandes explosões e músicas. Tenho uma imagem como essa em um dos meus livros: multidões de pessoas e crianças adoráveis com coroas de flores sobre suas cabeças, cada uma rindo e dançando, se aglomerando e tocando flauta. Foi por isso que eu disse, 'Talvez possamos ouvir trombetas douradas' e te disse para abrir a janela. "

"Que engraçado!" disse Mary. "É exatamente desse jeito e se todas as flores, folhas, coisas verdes, pássaros e criaturas selvagens passassem ao mesmo tempo, que multidão seria! Tenho certeza que eles dançariam, cantariam e tocaram músicas bem altas com as flautas. "

Os dois riram, mas não porque a ideia fosse ridícula, mas porque ambos gostaram.

Um pouco depois, a enfermeira deixou Colin pronto. Ela percebeu que, em vez de ficar deitado como um tronco de árvore enquanto suas roupas eram colocadas, ele se sentava e fazia alguns esforços para se ajudar, enquanto conversava rindo com Mary o tempo todo.

"Ele está em um de seus dias bons senhor," disse ela ao doutor Craven, que apareceu para inspecioná-lo. "O patrão Colin está de tão bom humor que ficou mais forte."

"Ligarei novamente no final da tarde, depois que ele chegar," disse o Dr. Craven. "Devo ver como ele vai reagir a saída. Eu gostaria," murmurou o médico, "que ele deixasse você ir com ele."

"Senhor, eu prefiro ficar aqui como foi sugerido inicialmente," respondeu a enfermeira com repentina firmeza.

"Eu realmente não tinha sugerido isso," disse o médico, com um repentino nervosismo. "Vamos tentar a experiência. Dickon é um rapaz a quem eu confiaria um filho recém-nascido."

O laçao mais forte da casa carregou Colin escada abaixo e o colocou em sua cadeira de rodas perto da qual Dickon esperava do lado de fora. Depois que ele arrumou seus tapetes e almofadas, o rajá acenou com a mão para o homem que o ajudara e a enfermeira.

"Vocês têm minha permissão para ir," disse ele, e os dois desapareceram rapidamente. Ambos riram quando estavam em segurança dentro de casa

Dickon começou a empurrar a cadeira de rodas lenta e firmemente. Mary caminhou ao lado dele enquanto Colin se recostava erguendo o rosto para o céu. O arco parecia muito alto e as pequenas nuvens brancas pareciam pássaros brancos flutuando de asas abertas abaixo do céu azul cristalino. O vento soprava como grandes e suaves respirações, com um doce cheiro forte e selvagem. Colin não parava de inspirar para sentir aquele cheiro e seus olhos grandes pareciam como se estivessem ouvindo em vez de seus ouvidos.

"Existem tantos sons de cantos, zunidos e gritos," disse ele. "O que é esse cheiro que as rajadas de vento trazem?"

"É o tojo na charneca que tá se abrindo," respondeu Dickon. "Nossa! As abelhas tão maravilhosas hoje."

Nenhuma criatura humana foi vista nos caminhos que eles tomaram. Na verdade, todo jardineiro ou ajudante parecia ter sido enfeitiçado, mas eles entravam e saíam entre os arbustos contornando ao redor da fonte, seguindo sua rota cuidadosamente planejada pelo mero e misterioso prazer dela. Quando finalmente entraram no caminho que levava a parede coberta de heras, a sensação de empolgação aumentou de um jeito que não podiam explicar, então a menina disse em um sussurro:

"É isso. Esse é o lugar onde eu costumava andar para cima e para baixo para me maravilhar."

"É aqui?" gritou Colin, e seus olhos começaram a procurar a hera com uma ávida curiosidade. "Mas não consigo ver nada," ele sussurrou. "Não há porta."

"Foi o que pensei," disse Mary.

Então houve um silêncio confortável entre eles enquanto a cadeira girava.

"Esse é o jardim onde Ben Weatherstaff trabalha," disse Mary.

"É mesmo?" disse Colin.

Mais alguns metros e Mary sussurrou novamente.

"Foi aqui que o tordo voou por cima da parede."

"Aqui?!" exclamou Colin. "Oh! Eu queria que ele viesse de novo!"

"E ali," disse Mary com alegria solene, apontando para um grande arbusto de lilases, "é onde ele se empoleirou no montinho de terra e me mostrou a chave."

Então Colin se sentou.

"Onde? Onde? Lá?" ele gritou, e seus olhos estavam tão grandes quanto os do lobo em Chapeuzinho Vermelho, quando ela chegou mais perto para observá-lo.

Dickon parou e a cadeira parou junto com ele.

"E aqui," disse Mary, pisando no canteiro perto da hera, "é onde falei com ele quando ele gorjeou para mim do alto da parede. E esta é a hera que o vento soprou de volta". Mary segurou a cortina verde pendurada.

"Oh! É isso!" engasgou Colin.

"E aqui está a maçaneta da porta. Dickon empurre-o para dentro, rápido!"

E Dickon fez isso com um empurrão forte, firme e esplêndido.

Colin levou um solavanco contra as almofadas, embora estivesse ofegante de animação. Ele cobriu os olhos com as mãos e assim foi até que estivesse dentro do jardim com

a cadeira parada e a porta fechada. Somente então, ele os abriu e olhou em volta, assim como Dickon e Mary haviam feito.

Nas árvores, sobre a terra, nos ramos e gavinhas balançando, o belo véu verde de pequenas folhas delicadas, rastejava. Na grama sob as árvores e nas urnas cinzentas nas alcovas aqui e ali, em todos os lugares, havia toques ou salpicos de dourado, roxo e branco. As árvores exibiam tons rosa e branco neve acima de sua cabeça, ouvia-se asas batendo e cantos tênues e zumbidos, cheiros e aromas. O sol brilhou quente no rosto de Colin como um toque gentil. Maravilhados, Mary e Dickon se levantaram e olharam para ele. Ele parecia tão estranho e diferente porque um tom rosado tinha realmente se espalhado sobre ele, rosto, pescoço de marfim, mãos e todo o resto.

Na grama sob as árvores, nas urnas cinzentas, nas alcovas... Em todos os lugares haviam toques ou salpicos de ouro, roxo e o branco, além das árvores que mostravam rosa e branco neve acima de sua cabeça, também haviam asas batendo, suaves zumbidos e cheiros. O brilho sol caiu quente no rosto de Colin como uma mão com um toque adorável. Maravilhados, Mary e Dickon se levantaram e olharam para ele. Ele parecia tão estranho e diferente porque um tom rosado tinha realmente se espalhado sobre ele - rosto e pescoço de marfim e mãos e tudo.

"Eu vou ficar bem! Eu vou ficar bem!" ele gritou. "Mary! Dickon! Vou ficar bem! E eu vou viver para sempre!"

CAPÍTULO 23

MAGIA

O Dr. Craven estava esperando há algum tempo em casa quando eles voltaram. Ele realmente começou a se perguntar se não seria sensato enviar alguém para procurá-los nos caminhos do jardim. Quando Colin foi trazido de volta para seu quarto, o pobre homem olhou para ele seriamente.

"Você não deveria ter ficado tanto tempo," disse ele. "Você não deve se esforçar demais."

"Não estou nem um pouco cansado," disse Colin. "Isso me fez bem. Amanhã eu vou sair de manhã assim como à tarde."

"Não sei se posso permitir isso," respondeu o Dr. Craven. "Temo que não seja sábio."

"Não seria sensato tentar me impedir," Colin respondeu muito sério. "Eu vou."

Até mesmo Mary descobriu que uma das principais peculiaridades de Colin era que ele absolutamente não sabia o quão rude era o seu jeito de mandar nas pessoas. O menino viveu em uma espécie de ilha deserta toda a sua vida e como tinha sido o rei, havia criado suas próprias maneiras e não tinha ninguém com quem se comparar.

De fato, Mary era bastante parecida com ele e, desde que começará a morar em Misselthwaite, descobriu aos poucos que seus próprios modos não eram nada agradáveis. Depois de fazer essa descoberta, ela naturalmente achou que era interessante o suficiente para comunicar isso a Colin. Então a menina se sentou e olhou para ele com curiosidade por alguns minutos depois que o Dr. Craven saiu. Queria que ele perguntasse por que ela estava fazendo isso e é claro que ele assim o fez.

"Por que está olhando para mim?" ele disse.

"Estou pensando que sinto muito pelo Dr. Craven."

"Eu também," disse Colin calmamente, mas não sem um ar de satisfação. "Ele não vai pegar Misselthwaite agora, eu não vou morrer."

"Lamento por ele por causa disso também, é claro," disse Mary, "mas eu estava pensando que deve ter sido horrível ter que ser educado por dez anos com um menino que sempre foi rude. Eu nunca teria feito isso."

"Eu sou rude?" Colin perguntou imperturbável.

"Se você fosse o filho dele e ele fosse o tipo de homem que bate," disse Mary, "ele teria dado um tapa em você."

"Mas ele não ousaria" disse Colin.

"Não, ele não ousaria," respondeu a menina, pensando a respeito sem preconceito. "Ninguém jamais se atreveu a fazer nada de que você não gostasse, porque você ia morrer e essas coisas. Você era um coitadinho."

"Mas," anunciou Colin teimosamente, "não vou ser digno de pena. Não vou deixar que as pessoas pensem que sou um coitadinho. Fiquei de pé esta tarde."

"É o seu jeito de ser que o torna sempre tão esquisito," continuou Mary, pensando em voz alta.

Colin virou a cabeça, carrancudo.

"Eu sou esquisito?" Ele exigiu saber.

"Sim," respondeu Mary, "muito. Mas você não precisa ficar zangado," acrescentou ela com imparcialidade, "porque eu também sou esquisita, e Ben Weatherstaff também. Mas não sou tão esquisita quanto antes de começar a gostar de pessoas e antes de encontrar o jardim."

"Não quero ser assim," disse Colin. "Eu não vou ser assim," e ele franziu a testa novamente com determinação.

Ele era um menino muito orgulhoso. Ele ficou pensando por um tempo e então Mary viu seu lindo sorriso começar a mudar gradualmente todo o seu rosto.

"Vou parar de ser esquisito," disse ele, "se for todos os dias ao jardim. Há magia ali - boa magia, você sabe, Mary. Tenho certeza de que existe."

"Eu também," disse Mary.

"Mesmo que não seja magia real", disse Colin, "podemos fingir que é. Algo está lá!"

"É magia," disse Mary, "não magia negra, mas clara como a neve."

Eles sempre chamaram isso de mágica e de fato parecia que era nos meses que se seguiram. Meses esses que foram maravilhosos, radiantes e incríveis. Oh! As coisas que aconteceram naquele jardim! Se nunca teve um jardim, não pode entender, e se já teve, saberá que seria necessário um livro inteiro para descrever tudo o que aconteceu ali.

A princípio parecia que os pontos verdes nunca cessariam de abrir caminho na terra, na grama, nos canteiros, até mesmo nas fendas das paredes. Então os pontos verdes começaram a mostrar botões e esses botões começaram a florir e a mostrar cores, todos os tons de azul, todos os tons de púrpura e todos os tons de carmesim.

Em seus dias felizes, as flores estavam em cada centímetro, buraco e canto. Ben Weatherstaff tinha visto isso e ele mesmo raspou a argamassa entre os tijolos da parede e fez bolsões de terra para que lindas flores penduradas pudessem crescer. Íris e lírios brancos se erguiam da grama em feixes, as alcovas verdes se preenchiam com um exército incrível de flores em formato de lanças altas azuis e brancas de delfínios, aquilegias ou campânulas.

"Ela gostava muito dessas," disse Ben Weatherstaff. "Ela costumava dizer que gostava porque apontavam pro céu, não que ela não gostasse das plantas que tivessem presas na terra, mas ela preferia aquelas que apontavam pro céu azul, eram as que mais alegravam a dona."

As sementes que Dickon e Mary plantaram cresceram como se fadas tivessem cuidado. Papoulas acetinadas, brilhantes como cetim e de todas as cores dançavam aos poucos com a brisa, alegremente desafiando as flores que viveram no jardim por anos e que se pudessem falar questionariam como essas pessoas novas haviam chegado ali.

As rosas estavam erguendo-se da grama, prendendo-se em torno do relógio de sol, enrolando os troncos das árvores e pendurando-se em seus galhos, subindo pelas paredes e espalhando-se por elas como longas guirlandas caindo em cascatas, ganhavam vida dia a dia, hora a hora. Haviam folhas frescas e botões que eram minúsculos no início, mas que iam inchando até que explodissem e se transformassem em recipientes de perfume, derramado-se delicadamente sobre suas bordas e enchendo o ar do jardim.

Colin viu tudo, observando cada mudança conforme ocorria. Todas as manhãs ele era levado para fora, quando não chovia, ele passava todas as horas de cada dia no jardim. Mesmo os dias cinzentos o agradavam. Ele ficava deitado na grama "vendo as coisas crescerem", disse ele. Se você observasse por tempo suficiente, declarou ele, poderia ver os botões se desembainhando. Além disso, você pode conhecer coisas estranhas e insetos ocupados correndo em várias tarefas desconhecidas, mas evidentemente sérias, às vezes carregando pequenos pedaços de palha, penas ou comida, ou escalando folhas de grama como se fossem árvores de cujos topos pudessem dar uma visão do país.

Uma toupeira jogando seu montículo no final de sua toca e finalmente abrindo caminho com as patas de unhas compridas que pareciam mãos de elfo, o absorveu uma manhã inteira. Os caminhos das formigas, dos besouros, das abelhas, dos sapos, dos pássaros, das plantas, deram-lhe um novo mundo para explorar e quando Dickon revelou todos e acrescentou os caminhos das raposas, das lontras, dos furões, os caminhos dos esquilos, os

caminhos das trutas, dos ratos-d'água e dos texugos, não havia fim para as coisas para falar e refletir.

Isso não era a mísera metade da magia. O fato de que ele realmente havia se levantado uma vez fez Colin pensar muito e quando Mary lhe contou sobre o feitiço que ela havia trabalhado, ele ficou animado e aprovou. Ele falava disso constantemente.

"É claro que deve haver magia no mundo," disse ele sabiamente um dia, "mas as pessoas não sabem como é ou como fazê-la. Talvez para começar apenas deva dizer que coisas boas vão acontecer até que você as faça acontecer. Vou tentar experimentar."

Na manhã seguinte, quando foram ao jardim secreto, ele mandou chamar Ben Weatherstaff imediatamente. Ben veio o mais rápido que pôde e encontrou o rajá de pé sob uma árvore e parecendo muito grandioso, mas também sorrindo lindamente.

"Bom dia, Ben Weatherstaff," disse ele. "Quero que você, Dickon e Mary fiquem em uma fileira e me escutem, porque vou lhes contar algo muito importante."

"Sim, sim, senhor!" respondeu Ben Weatherstaff, tocando sua testa. (Um dos encantos ocultos de Ben Weatherstaff era que, em sua infância, uma vez ele fugiu para o mar e fez viagens. Portanto, ele podia responder como um marinheiro.)

"Vou tentar um experimento científico," explicou o rajá. "Quando eu crescer, farei grandes descobertas científicas e vou começar agora com esse experimento."

"Sim, sim, senhor!" disse Ben Weatherstaff prontamente, embora esta fosse a primeira vez que ele ouvia falar de grandes descobertas científicas.

Foi a primeira vez que Mary ouviu falar daquilo, mas a garotinha começou a perceber que, estranho como era, Colin tinha lido sobre muitas coisas singulares e era de alguma forma um tipo de garoto muito convincente. Quando ele erguia a cabeça e fixava aqueles olhos estranhos em alguém, era difícil de não acreditar no que dizia, embora ele tivesse apenas dez anos - quase onze. Nesse momento ele foi especialmente convincente porque de repente sentiu o fascínio de realmente fazer uma espécie de discurso como um adulto.

"As grandes descobertas científicas que farei," continuou ele, "serão sobre magia. Magia é uma coisa grande e quase ninguém sabe sobre ela, exceto alguns estudiosos em livros antigos, e Mary um pouco, porque ela nasceu na Índia, onde há faquires, aqueles tipos de

peessoas que fazem magia. Acredito que Dickon saiba um pouco de magia, mas talvez ele não saiba que sabe. Ele encanta animais e pessoas. Eu nunca o teria deixado vir me ver se não fosse um encantador de animais, mas ele é um menino encantador também, porque o menino é um animal. Tenho certeza de que há magia em tudo, só que não temos bom senso para controlá-la e fazer com que ela faça coisas por nós, como eletricidade, cavalos e vapor."

Isso soou tão forte que Ben Weatherstaff ficou muito animado e realmente não conseguia ficar parado.

"Sim, senhor," ele disse começando a se endireitar.

"Quando Mary encontrou este jardim, parecia morto," prosseguiu o orador. "Então algo começou a empurrar as plantas para fora do solo fazendo as coisas aparecerem do nada. Um dia estavam lá e no outro não estavam. Eu nunca tinha visto nada assim antes, por isso me deixou muito curioso. Os cientistas estão sempre curiosos, então eu vou ser um cientista, eu fico dizendo para mim mesmo 'será que é isso mesmo?' porque pode ser alguma coisa, mas pode não ser nada. Não sei como se chama, por isso chamo de magia. Nunca vi o sol nascer, mas Mary e Dickon viram, e pelo que dizem, tenho certeza que é magia. É algo que só surge. Às vezes, desde que comecei a vir para o jardim, olho para o céu por entre as árvores e tenho a estranha sensação de estar feliz, como se algo estivesse empurrando e puxando meu peito me fazendo respirar rápido. A magia está sempre empurrando, puxando e criando coisas do nada. Tudo é feito de magia, folhas e árvores, flores e pássaros, texugos e raposas, esquilos e pessoas. Portanto, deve estar ao nosso redor, neste jardim e em todos os lugares. A magia deste jardim me fez levantar sabendo que vou viver para ser um homem. Vou fazer a experiência científica de tentar conseguir um pouco de magia para colocá-la dentro de mim fazendo com que eu empurre, atraia e me torne mais forte. Nem sei como fazer, mas acho que se você continuar pensando e chamando, talvez apareça. Um passo de cada vez, assim como quando eu tentei ficar em pé pela primeira vez enquanto Mary repetia que eu conseguiria. É claro que eu tinha que fazer por mim mesmo, mas a magia dela me ajudou, e a de Dickon também... Todas as manhãs e todas as noites, e sempre que me lembro durante o dia, direi: 'A magia está em mim! A magia está me deixando bem! Vou ser tão forte quanto Dickon, tão forte quanto Dickon!' E todos vocês devem fazer isso também. Esse é o meu experimento. Você vai ajudar, Ben Weatherstaff?"

"Sim, senhor!" disse Ben Weatherstaff. "Sim, sim!"

"Se você continuar fazendo isso todos os dias com a mesma regularidade que os soldados fazem exercício, veremos o que acontecerá e descobriremos se o experimento foi bem-sucedido. Você aprende as coisas dizendo-as repetidamente e pensando sobre elas até que permaneçam em sua mente para sempre. Acho que é o mesmo com magia, se você continuar chamando-a para vir até você e ajudá-lo, ela fará parte de você fará as coisas."

"Certa vez, ouvi um oficial na Índia dizer à minha mãe que havia faquires que diziam palavras inúmeras vezes," disse Mary.

"Já ouvi a esposa do JemFettleworthxingando ele de bêbado bruto milhares de vezes," disse Ben Weatherstaff secamente. "Dito e feito, ele deu uma surra nela e depois foi pro Blue Lion, acabou bêbado que nem um gambá."

Colin franziu as sobrancelhas pensando por alguns minutos. Então se animou.

"Bem," ele disse, "você vê que algo resultou disso. Ela usou a magia de forma errada, se tivesse usado do jeito certo e dito algo bom, talvez seu marido não tivesse ficado bêbado como um gambá, ele podia ter comprado um gorro novo para ela."

Ben Weatherstaff deu uma risadinha, havia admiração em seus olhos pequenos e velhos.

"Tu é um rapaz tão inteligente, quanto tuas pernas são retas, patrão Colin," disse ele. "Da próxima vez que eu vê Bess Fettleworth, vou dar essa pequena dica de magia pra ela. A senhora vai ficar muito satisfeita se essa tal de magia funcionar no Jem."

Dickon ouvia a palestra, seus olhos redondos brilhando com um curioso deleite. Casca e Noz estavam em seus ombros, ele segurava um coelho branco de orelhas compridas em seus braços e fazia carinho suavemente enquanto o animal se divertia.

"Você acha que o experimento vai funcionar?" Colin perguntou a ele, imaginando o que estava pensando, Colin se perguntava muitas vezes o que se passava na cabeça de Dickon quando olhava para ele ou suas criaturas sorrindo largamente.

Ele sorria alegremente agora e seu sorriso estava maior do que o normal.

"Sim," ele respondeu, "vai funcionar da mesma forma que as sementes fazem quando o sol brilha sobre elas. Vai funcionar com certeza. Vamo começar agora?"

Colin ficou encantado e Mary também. Estimulado pelas lembranças de faquires e devotos nas ilustrações, Colin sugeriu que todos deveriam sentar-se de pernas cruzadas sob a árvore que formava um dossel.

"Será como se sentar em uma espécie de templo," disse Colin. "Estou muito cansado e quero me sentar."

"Nossa!" disse Dickon, "Não deve começar dizendo que tá cansado. Isso pode estragar a magia."

Colin se virou e olhou para ele - em seus inocentes olhos redondos.

"Isso é verdade," disse ele lentamente. "Eu só devo pensar na magia."

Tudo parecia mais majestoso e misterioso quando eles se sentaram em seu círculo. Ben Weatherstaff sentiu como se de alguma forma tivesse sido levado a comparecer a uma reunião de oração. Normalmente ele era contra ao que chamavam de 'grupo de oração', mas sendo este o caso do rajá, ele não ficava aborrecido e estava realmente inclinado a ficar satisfeito por ser chamado para ajudar.

Mary sentiu-se solenemente extasiada. Dickon segurou seu coelho nos braços, e talvez tenha feito algum sinal encantador que ninguém ouviu, pois quando ele se sentou de pernas cruzadas como os demais, o corvo, a raposa, os esquilos e o cordeiro se aproximaram lentamente fazendo parte do círculo, estabelecendo cada um em um local de descanso como se quisessem fazer aquilo também.

"As criatura chegaram," disse Colin gravemente. "Elas querem nos ajudar."

Colin realmente parecia muito bonito, pensou Mary. Ele mantinha a cabeça erguida como se fosse uma espécie de padre e seus olhos estranhos tinham uma aparência maravilhosa. A luz brilhou sobre ele através da copa das árvores.

"Agora vamos começar," disse ele. "Mary? Devemos balançar para frente e para trás, como se fôssemos dervixes?"

"Não posso balançar para trás e pra frente," disse Ben Weatherstaff. "Eu tenho reumatismo."

"A magia vai levar isso embora Ben," disse Colin em um tom de Sumo Sacerdote,

"mas não vamos balançar até que isso aconteça. Vamos apenas cantar."

"Não posso cantar," disse Ben Weatherstaff um tanto irritado. "Eles me expulsaram do coro da igreja na única vez em que tentei."

Ninguém sorriu. Estavam todos muito sérios. O rosto de Colin nem mesmo foi atravessado por uma sombra, ele estava pensando apenas na magia.

"Então eu irei cantar," disse ele e começou, parecendo um espírito. "O sol está brilhando, está brilhando. As flores crescem, as raízes se mexem. A magia está em mim, está em mim. Está em cada um de nós, está nas costas de Ben Weatherstaff. Magia! Magia! Venha e ajude!"

Ele disse isso muitas vezes, não mil vezes, mas um bom número. Mary ouviu tudo transe. Ela se sentia ao mesmo tempo esquisita e bela e queria que ele continuasse indefinidamente.

Ben Weatherstaff começou a se sentir calmo em uma espécie de sonho bastante agradável. O zumbido das abelhas nas flores misturou-se à voz cantante e, sonolentemente, se transformou em um cochilo. Dickon estava sentado de pernas cruzadas com o coelho dormindo em seu braço e uma mão apoiada nas costas do cordeiro. A fuligem afastou um esquilo e se aninhou perto dele em seu ombro, uma cor cinza caiu sobre seus olhos. Por fim, Colin parou.

"Agora vou dar uma volta pelo jardim," anunciou.

A cabeça de Ben Weatherstaff acabara de cair para a frente e ele a ergueu com um solavanco.

"Você estava dormindo," disse Colin.

"Nada disso," murmurou Ben. "O sermão foi bom, mas devo sair antes da coleta."

Ele ainda não estava totalmente acordado.

"Você não está na igreja," disse Colin.

"Sei disso," disse Ben, endireitando-se. "mas quem disse que eu tava? Tu disse que tinha magia nas minhas costas, mas o médico diz que tem é reumatismo."

O rajá acenou com a mão.

"Essa mágica foi usada errada," disse ele. "Você vai melhorar. Você tem minha permissão para ir para o seu trabalho, mas volte amanhã."

"Eu gostaria de ver tu caminhando ao redor do jardim," grunhiu Ben.

Não foi um grunhido hostil, mas foi um grunhido. Na verdade, sendo um velho teimoso e não tendo fé total na magia, ele decidiu que, se fosse mandado embora, subiria sua escada e olharia por cima do muro para estar pronto para mancar de volta se houvesse algum tropeço.

O rajá não se opôs à sua permanência e assim a procissão foi formada. Realmente parecia uma procissão. Colin estava à frente com Dickon de um lado e Mary do outro. Ben Weatherstaff caminhava atrás deles, e os animais iam atrás deles, o cordeiro e o filhote de raposa mantendo-se perto de Dickon, o coelho branco pulando ou parando para mordiscar e Fuligem os seguia com a solenidade de uma pessoa que se sentia no comando.

Foi uma procissão que se moveu lentamente, mas com dignidade. A cada pouco metro, parava para descansar. Colin apoiou-se no braço de Dickon e Ben Weatherstaff manteve uma vigilância atenta, mas de vez em quando Colin tirava a mão do suporte e andava alguns passos sozinho. Sua cabeça ficava erguida o tempo todo e ele parecia grandioso.

"A magia está em mim!" ele dizia. "A magia está me deixando forte! Eu posso sentir isso! Eu posso sentir isso!"

Parecia muito certo que algo o estava sustentando e enaltecendo. Ele se sentou nos assentos nas alcovas, e uma ou duas vezes sentou-se na grama e várias vezes parou no caminho apoiando-se em Dickon, mas não desistiu até ter percorrido todo o jardim. Quando ele voltou para a árvore de dossel, suas bochechas estavam vermelhas e ele parecia triunfante.

"Eu consegui! A magia funcionou!" ele chorou. "Essa é minha primeira descoberta científica."

"O que o Dr. Craven vai dizer?" interrompeu Mary.

"Ele não vai dizer nada," Colin respondeu, "porque ele não vai ouvir. Este deve ser o maior segredo de todos. Ninguém deve saber nada sobre isso até que eu fique tão forte que eu

possa andar e correr como qualquer outro menino. Virei aqui todos os dias na minha cadeira de rodas e serei levado de volta. Não permitirei que as pessoas sussurem ou façam perguntas, nem deixarei meu pai ouvir sobre isso até que o experimento tenha sido bem sucedido . Então, algum dia, quando ele voltar para Misselthwaite, irei simplesmente entrar em seu escritório e dizer 'Aqui estou; sou como qualquer outro menino. Estou muito bem e viverei para ser um homem. Consegui através de experimento científico. ' "

"Ele vai pensar que está sonhando," gritou Mary. "Não vai acreditar no que está vendo."

Colin corou triunfante. Acreditava que iria ficar bom, o que era mais da metade da batalha, se ele soubesse disso. O pensamento que o estimulou mais do que qualquer outro foi este imaginar como ficaria seu pai quando visse que tinha um filho tão vivo e forte quanto os filhos de outros pais. Um de seus sofrimentos mais sombrios nos últimos dias doentes e mórbidos foi seu ódio de ser um menino de dorso fraco cujo pai tinha medo de olhar.

"Ele será obrigado a acreditar," disse ele. "Uma das coisas que vou fazer depois que a magia funcionar e antes de começar a fazer descobertas científicas, é ser atleta."

"Devemos te levar para o boxe em uma semana ou mais," disse Ben Weatherstaff. "Assim vai acabar ganhando o cinturão e vai ser campeão de toda a Inglaterra."

Colin fixou os olhos nele severamente.

"Weatherstaff," disse ele, "isso é desrespeitoso. Você não deve tomar liberdades porque estamos em segredo. Por mais que a magia funcione, não serei um lutador. Serei cientista."

"Perdão senhor," respondeu Ben, tocando a testa em saudação. "Eu deveria ter pensado que não era questão de brincadeira," mas seus olhos brilharam e secretamente ele estava imensamente satisfeito. Ele realmente não se importava de ser esnobado, já que isso significava que o rapaz estava ganhando força e espírito.

CAPÍTULO 27

NO JARDIM

Enquanto o jardim secreto ganhava vida e duas crianças ganhavam vida com ele, havia um homem vagando por alguns lugares lindos e distantes nos fiordes noruegueses e nos vales e montanhas da Suíça. Ele era um homem que por dez anos guardou sua mente enchendo-a de pensamentos sombrios de partir o coração. Ele não tinha sido corajoso; nunca havia tentado colocar quaisquer outros pensamentos no lugar dos sombrios, havia vagado por lagos azuis e pensado neles; havia se deitado nas encostas das montanhas com lençóis de gencianas de um azul profundo florescendo ao seu redor e o aroma de flores enchendo todo o ar enquanto pensava.

Uma terrível tristeza caiu sobre ele quando foi feliz e sua alma com tanta escuridão, que ele se recusou a permitir que qualquer feixe de luz entrasse. Aquele homem tinha esquecido e abandonado sua casa e seus deveres. Quando viajava, a escuridão pairava sobre ele de tal forma que vê-lo fazia mal a outras pessoas, porque era como se envenenasse o ar ao seu redor com escuridão. A maioria dos estranhos pensava que devia ser meio louco ou um homem com algum crime oculto na alma. Ele era um senhor alto, de rosto tenso e ombros tortos, e o nome que sempre registrava nos cartões dos hotéis era: "Archibald Craven, Misselthwaite Manor, Yorkshire, Inglaterra".

A hera pendia grossa sobre a porta, a chave estava enterrada sob os arbustos e nenhum ser humano havia passado por aquela porta durante aqueles dez anos solitários. Ainda assim, ouviam-se sons de dentro do jardim. Eram sons de pés correndo, parecendo que iriam parar atrás das árvores, eram sons estranhos de vozes abafadas e reprimidas, exclamações e gritos sufocados de alegria. Na verdade, parecia que havia crianças rindo, o riso incontrolável de crianças que tentavam não ser ouvidas, mas que em algum momento, conforme sua empolgação aumentava, iam explodindo.

Santo Deus! Ele estava sonhando? Ele tinha mesmo acabado de ouvir aquilo? Ele tinha perdido a razão e começara a ouvir coisas que não eram para ouvidos humanos? Era isso que a voz em sua cabeça queria dizer?

Então chegou o momento incontrolável em que os sons se esqueceram de se silenciar. Os pés correram cada vez mais rápido se aproximando da porta do jardim. Houve uma respiração rápida e forte, então uma explosão selvagem de gargalhadas que não puderam ser

contidas. A porta na parede foi escancarada, as folhas de hera balançaram para trás e um menino passou a toda velocidade, sem ver a pessoa que estava do lado de fora, quase caindo em seus braços.

O Sr. Craven estendeu as mãos bem a tempo de salvá-lo da queda como resultado de sua investida cega contra ele, e quando o segurou para olhá-lo surpreso por estar ali, ele realmente perdeu o fôlego.

Aquele era um menino alto e bonito. Ele brilhava cheio de vida e sua corrida enviou uma cor esplêndida ao seu rosto. Ele jogou o cabelo grosso para trás da testa e ergueu um par de olhos cinzentos estranhos - olhos cheios de riso infantil e com cílios negros e uma franja. Foram os olhos que fizeram o Sr. Craven respirar fundo.

"Quem... O quê? Quem?!" ele gaguejou.

Isso não era o que Colin esperava, não era o que havia planejado. Ele nunca tinha pensado em tal reunião, no entanto, sair correndo e vencer uma corrida, talvez fosse ainda melhor. Ele se ergueu em sua altura máxima. Mary, que corra com ele e também atravessara a porta, acreditava que ele conseguia parecer bem mais alto do que antes.

"Pai!" disse ele. "Você não pode acreditar! Eu mal posso acreditar! Sou eu, Colin!"

Como a Sra. Medlock, ele não entendeu o que seu pai quis dizer quando falou apressadamente:

"No jardim! No jardim!"

"Sim," apressou-se Colin. "Foi o jardim que fez isso, Mary e Dickon, os animais... E a magia. Ninguém sabe, nós o guardamos para quando você viesse. Estou bem, posso vencer Mary em uma corrida. Eu serei um atleta."

Rosto corado e palavras tropeçando umas nas outras com ansiedade. Ele disse tudo tão como um menino saudável que a alma do Sr. Craven estremeceu de alegria incrédula.

Colin estendeu a mão e pousou-a no braço do pai.

"Você não está feliz, pai?" ele terminou. "Eu vou viver para sempre!"

O Sr. Craven colocou as mãos nos ombros do menino mantendo-o imóvel. Ele sabia que o filho não ousaria falar por um momento.

"Leve-me para o jardim, meu menino," disse ele por fim. "E me conte tudo sobre isso."

E então eles o conduziram.

O lugar era um deserto de ouro outonal, roxo, azul violeta e escarlate flamejante. Em todos os lados havia feixes de lírios tardios juntos - lírios que eram brancos ou brancos e rubi. Ele se lembrava bem de quando o primeiro deles havia sido plantado, para que justamente nesta estação do ano suas últimas glórias se revelassem. Rosas também tardias subiam, penduravam e se agrupavam, e o sol aprofundava o tom das árvores amareladas dando a sensação de estar em um templo ornamentado de ouro. O recém chegado ficou em silêncio, assim como as crianças ficaram quando chegaram ali pela primeira vez. Ele olhou em volta.

"Eu pensei que estaria morto," disse ele.

"Mary pensou assim no início," disse Colin. "Mas ele ganhou vida."

Em seguida, eles se sentaram sob a árvore, todos menos Colin, que queria ficar de pé enquanto contava a história.

Foi a coisa mais estranha que ele já tinha ouvido, Archibald Craven pensou, enquanto era bombardeado com informações através do filho. Mistério, magia e criaturas selvagens, o estranho encontro da meia-noite, a chegada da primavera, a paixão do orgulho insultado que arrastou o jovem rajá para desafiar o velho Ben Weatherstaff cara a cara. O estranho companheirismo, a atuação teatral, o grande segredo guardado com tanto cuidado. O ouvinte riu até que as lágrimas brotassem de seus olhos e às vezes lágrimas brotavam de seus olhos quando ele não estava rindo. O Atleta, palestrante e cientista era um jovem humano alegre, adorável e saudável.

"Agora," disse ele no final da história, "não precisa mais ser segredo. Atrevo-me a dizer que irão se assustar quando me virem, nunca mais irei sentar na cadeira de rodas. Eu devo caminhar de volta com você pai, para a casa."

As funções de Ben Weatherstaff raramente o tiravam dos jardins, mas nesta ocasião ele deu uma desculpa para levar alguns vegetais para a cozinha e, sendo convidado pela Sra.

Medlock para o salão dos criados para beber um copo de cerveja, ele estava no local em desejava estar, quando o evento mais dramático que a mansão Misselthwaite presenciou durante a geração atual realmente aconteceu.

Uma das janelas das quais se via o pátio, também dava uma visão para o gramado. A Sra. Medlock, sabendo que Ben tinha vindo dos jardins, esperava que ele pudesse ter avistado seu patrão e até mesmo por acaso ter encontrado Colin.

"Viu algum deles, Weatherstaff?" ela perguntou.

Ben tirou a caneca de cerveja da boca e enxugou os lábios com as costas da mão.

"Sim, eu vi," ele respondeu com um ar significativamente astuto.

"Ambos?" sugeriu a Sra. Medlock.

"Os dois," respondeu Ben Weatherstaff. "Muito obrigado, senhora, posso tomar outra caneca?"

"Juntos?" disse a Sra. Medlock, enchendo apressadamente sua caneca de cerveja com empolgação.

"Juntos, senhora," e Ben engoliu metade de sua bebida em um só gole.

"Onde estava o senhor Colin? Como ele estava? O que eles disseram um ao outro?"

"Eu não ouvi nada," disse Ben, "eu só tava olhando por cima da parede, mas vou te dizer uma coisa: tem umas coisas acontecendo lá fora que vocês aqui de dentro não sabem, mas vão descobrir em breve."

E não demorou dois minutos antes que ele engolisse o último gole de sua cerveja e acenasse solenemente com sua caneca em direção à janela que dava para um pedaço de gramado através dos arbustos.

"Olha ali," disse ele, "se tiverem curiosidade. Olhem o que tá acontecendo na grama."

Quando a Sra. Medlock olhou, ela ergueu as mãos dando um pequeno grito que todos os empregados puderam ouvir dispararam pelo salão dos criados e ficaram olhando pela janela com os olhos quase saltando das cabeças.

Do outro lado do gramado vinha o senhor de Misselthwaite e parecia como muitos deles nunca o tinham visto. E ao seu lado, com a cabeça erguida e os olhos cheios de alegria, caminhava com tanta força e firmeza quanto qualquer menino em Yorkshire - Colin!

ANEXO 2

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER I	CAPÍTULO 1
THERE IS NO ONE LEFT	NÃO RESTOU NINGUÉM
<p>When Mary Lennox was sent to Misselthwaite Manor to live with her uncle everybody said she was the most disagreeable-looking child ever seen. It was true, too. She had a little thin face and a little thin body, thin light hair and a sour expression. Her hair was yellow, and her face was yellow because she had been born in India and had always been ill in one way or another.</p>	<p>Quando Mary Lennox foi enviada à mansão Misselthwaite para morar com seu tio, todos disseram que era a criança de aparência mais desagradável que já haviam visto. Isso era verdade. Seu rosto pequeno tinha uma expressão azeda, o corpo era magro, os cabelos finos e claros. Seu cabelo e rosto eram amarelos, mas seu rosto era daquela cor porque nascera na Índia e sempre ficava doente de um jeito ou de outro.</p>

<p>Her father had held a position under the English Government and had always been busy and ill himself, and her mother had been a great beauty who cared only to go to parties and amuse herself with gay people. She had not wanted a little girl at all, and when Mary was born she handed her over to the care of an Ayah, who was made to understand that if she wished to please the Mem Sahib she must keep the child out of sight as much as possible.</p>	<p>Seu pai trabalhava para o governo inglês, estava sempre ocupado e doente, enquanto sua mãe era uma grande beldade que se importava apenas com ir a festas e se divertir com pessoas boêmias. A mulher não queria a menininha de jeito nenhum. Quando Mary nasceu ela a entregou aos cuidados de uma aia, que logo entendeu que se desejasse agradar a patroa deveria manter a criança fora de vista o máximo possível.</p>
<p>So when she was a sickly, fretful, ugly little baby she was kept out of the way, and when she became a sickly, fretful, toddling thing</p>	<p>Então, quando Mary era um bebezinho doente, irritado e feio, foi mantida fora do caminho, e mesmo quando já estava</p>
<p>she was kept out of the way also. She never remembered seeing familiarly anything but the dark faces of her Ayah and the other native servants, and as they always obeyed her and gave her her own way in everything, because the Mem Sahib would be angry if she was disturbed by her crying, by the time she was six years old she was as tyrannical and selfish a little pig as ever lived.</p>	<p>maiorzinha engatinhando e inquieta, continuou sendo afastada dos pais. Ela não se lembrava deles, somente dos rostos sombrios de sua aia e dos outros servos nativos, e como eles sempre a obedeciam e faziam tudo o que ela queria, pois a patroa ficaria brava se fosse perturbada por seu choro, aos seis anos, Mary era a criança mais egoísta e tirana de todos os tempos.</p>

<p>The young English governess who came to teach her to read and write disliked her so much that she gave up her place in three months, and when other governesses came to try to fill it they always went away in a shorter time than the first one. So if Mary had not chosen to really want to know how to read books she would never have learned her letters at all.</p>	<p>A jovem governanta inglesa que veio ensinála a ler e a escrever a odiou tanto que abandonou o cargo em três meses e quando outras vinham para tentar substituí-la, sempre iam embora em menos tempo do que a primeira. Por isso, se Mary não tivesse decidido que realmente queria ler livros por si mesma, ela nunca teria aprendido.</p>
<p>One frightfully hot morning, when she was about nine years old, she awakened feeling very cross, and she became crosser still when she saw that the servant who stood by her bedside was not her Ayah.</p>	<p>Numa manhã terrivelmente quente, quando tinha cerca de nove anos, acordou sentindose mal-humorada e ficou ainda mais quando viu que a serva ao lado de sua cama não era sua aia.</p>
<p>"Why did you come?" she said to the strange woman. "I will not let you stay. Sendmy Ayahto me."</p>	<p>"Por que está aqui?" ela perguntou a uma mulher estranha. "Eu não vou deixar você ficar. Vá chamar minha aia."</p>
<p>The woman looked frightened, but she only stammered that the Ayah could not come and when Mary threw herself into a passion and beat and kicked her, she looked only more</p>	<p>A mulher parecia assustada, mas apenas gaguejou que a aia não poderia vir e quando Mary enfureceu-se batendo-a e chutando-a, ela apenas pareceu ainda mais assustada e</p>
<p>frightened and repeated that it was not possible for the Ayah to come to Missie Sahib.</p>	<p>repetiu que não era possível a aia vir até garotinha.</p>

<p>There was something mysterious in the air that morning. Nothing was done in its regular order and several of the native servants seemed missing, while those whom Mary saw slunk or hurried about with ashy and scared faces. But no one would tell her anything and her Ayah did not come. She was actually left alone as the morning went on, and at last she wandered out into the garden and began to play by herself under a tree near the veranda. She pretended that she was making a flower-bed, and she stuck big scarlet hibiscus blossoms into little heaps of earth, all the time growing more and more angry and muttering to herself the things she would say and the names she would call Saidie when she returned.</p>	<p>Havia algo misterioso no ar naquela manhã. Nada foi feito em sua ordem normal e vários dos servos pareciam faltar, enquanto aqueles que Mary viu se esgueiraram ou se apressavam com rostos tímidos e assustados. Mas ninguém disse nada a ela e sua aia não apareceu. Na verdade, ela foi deixada sozinha à medida que a manhã avançava e, por fim, saiu para o jardim e começou a brincar sozinha sob uma árvore perto da varanda. Mary fingiu que estava fazendo um canteiro de flores e enfiou grandes flores de hibisco escarlate em pequenos montes de terra, ficando cada vez mais zangada e murmurando para si mesma as coisas que diria e os nomes que chamaria sua babá quando ela voltasse.</p>
<p>"Pig! Pig! Daughter of Pigs!" she said, because to call a native a pig is the worst insult of all.</p>	<p>"Porca! Porca! Filha de Porcos!", disse ela, porque chamar um nativo de porco era o pior de todos os insultos.</p>
<p>She was grinding her teeth and saying this over and over again when she heard her mother come out on the veranda with some one. She was with a fair young man and they stood talking together in low strange voices. Mary knew the fair young man who looked like a boy. She had heard that he was a very</p>	<p>Estava rangendo os dentes e dizendo isso repetidamente quando ouviu sua mãe sair na varanda com alguém. A mulher estava acompanhada de um rapaz, os dois conversavam estranhamente em voz baixa. Mary o conhecia. Tinha ouvido falar que era um oficial muito jovem que acabara de</p>
<p>young officer who had just come from England. The child stared at him, but she stared most at her mother.</p>	<p>chegar da Inglaterra. A criança não o fitou tanto, mas sim a mãe.</p>

<p>She always did this when she had a chance to see her, because the Mem Sahib—Mary used to call her that oftener than anything else— was such a tall, slim, pretty person and wore such lovely clothes. Her hair was like curly silk and she had a delicate little nose which seemed to be disdainful things, and she had large laughing eyes. All her clothes were thin and floating, and Mary said they were "full of lace." They looked fuller of lace than ever this morning, but her eyes were not laughing at all. They were large and scared and lifted imploringly to the fair boy officer's face.</p>	<p>Ela sempre fazia isso quando tinha a chance de vê-la, porque a senhora da casa - Mary costumava chamá-la assim mais do que qualquer outra coisa - era uma pessoa muito alta, esguia e bonita que usava lindas roupas. Seus cabelos eram cachos sedosos, ela tinha um narizinho delicado que parecia desdenhar das coisas, seus olhos eram grandes e sorridentes. Todas as suas roupas eram finas e flutuantes, e Mary disse que estavam "enfeitadas". Elas pareciam mais enfeitadas do que nunca esta manhã, mas seus olhos não estavam alegres, estavam grandes e assustados erguendo-se suplicantes para o rosto do oficial jovem.</p>
<p>"Is it so very bad? Oh, is it?" Mary heard her say.</p>	<p>"Oh, é tão ruim assim?" Mary ouviu a mãe questionar.</p>
<p>"Awfully," the young man answered in a trembling voice. "Awfully, Mrs. Lennox. You ought to have gone to the hills two weeks ago."</p>	<p>"Terrível," o jovem respondeu com a voz trêmula. "Senhora Lennox, você deveria ter ido para as colinas há duas semanas. "</p>
<p>The Mem Sahib wrung her hands.</p>	<p>A patroa contorceu as mãos</p>
<p>"Oh, I know I ought!" she cried. "I only stayed to go to that silly dinner party. What a fool I was!"</p>	<p>"Oh, eu sei que sim!" ela choramingou. "Somente fiquei para ir àquele jantar bobo. Que tola eu fui!"</p>

<p>At that very moment such a loud sound of wailing broke out from the servants' quarters that she clutched the young man's arm, and Mary stood shivering from head to foot. The wailing grew wilder and wilder.</p>	<p>Naquele exato momento, um grito irrompeu tão alto dos aposentos dos servos que ela agarrou o braço do jovem rapaz e Mary ficou de pé, tremendo da cabeça aos pés. O lamento foi ficando cada vez mais alto.</p>
<p>"What is it? What is it?" Mrs. Lennox gasped.</p>	<p>"O que... O que é isso?" A senhora Lennox gaguejou.</p>
<p>"Some one has died," answered the boy officer. "You did not say it had broken out among your servants."</p>	<p>"Alguém morreu", respondeu o oficial. "Você não disse que seus servos estavam doentes."</p>
<p>"I did not know!" the Mem Sahib cried. "Come with me! Come with me!" and she turned and ran into the house.</p>	<p>"Eu não sabia!" gritou a patroa "Venha comigo!" e virou-se correndo para dentro de casa.</p>
<p>After that appalling things happened, and the mysteriousness of the morning was explained to Mary. The cholera had broken out in its most fatal form and people were dying like flies. The Ayah had been taken ill in the night, and it was because she had just died that the servants had wailed in the huts. Before the next day three other servants were dead and others had run away in terror. There was panic on every side, and dying people in all the bungalows.</p>	<p>Depois disso, coisas terríveis aconteceram e o mistério da manhã foi explicado a Mary. A cólera eclodiu em sua forma mais fatal e as pessoas morriam como moscas. A aia adoeceu durante a noite, e foi porque ela havia acabado de morrer que os servos choravam nas cabanas. Antes do dia seguinte, três outros funcionários estavam mortos e outros fugiram aterrorizados. Havia pânico por todos os lados e pessoas morrendo em todos os bangalôs.</p>
<p>During the confusion and bewilderment of the second day Mary hid herself in the nursery and was forgotten by every one. Nobody thought of her, nobody wanted her,</p>	<p>Durante a confusão e perplexidade do segundo dia, Mary se escondeu no quarto e foi esquecida por todos. Ninguém pensava nela, ninguém a queria, e aconteceram coisas</p>

<p>and strange things happened of which she knew nothing.</p>	<p>estranhas das quais ela nada sabia.</p>
<p>Mary alternately cried and slept through the hours. She only knew that people were ill and that she heard mysterious and frightening sounds. Once she crept into the dining-room and found it empty, though a partly finished meal was on the table and chairs and plates looked as if they had been hastily pushed back when the diners rose suddenly for some reason.</p>	<p>A menina alternou entre o choro e o sono durante horas. Ela somente sabia que as pessoas estavam doentes e que ouvia sons misteriosos e assustadores. Uma vez andou até a sala de jantar encontrando-a vazia, embora uma refeição parcialmente terminada estivesse na mesa e as cadeiras e pratos parecessem ter sido empurrados apressadamente para trás quando as pessoas se levantaram de repente por algum motivo.</p>
<p>The child ate some fruit and biscuits, and being thirsty she drank a glass of wine which stood nearly filled. It was sweet, and she did not know how strong it was. Very soon it made her intensely drowsy, and she went back to her nursery and shut herself in again, frightened by cries she heard in the huts and by the hurrying sound of feet. The wine made her so sleepy that she could scarcely keep her eyes open and she lay down on her bed and knew nothing more for a long time.</p>	<p>A criança comeu algumas frutas e biscoitos e, estando com sede, bebeu uma taça de vinho que estava quase cheia. Era doce e ela não sabia o quão forte era. Logo ficou profundamente sonolenta e voltou para o quarto trancando-se novamente, assustada com os gritos que ouvia nas cabanas e com o som de passos apressados. O vinho a deixou com tanto sono que mal conseguia manter os olhos abertos, então se deitou na cama e não soube mais nada por um longo tempo.</p>
<p>Many things happened during the hours in which she slept so heavily, but she was not disturbed by the wails and the sound of things being carried in and out of the bungalow.</p>	<p>Muitas coisas aconteceram durante as horas em que dormiu pesadamente, mas Mary não ficou perturbada com os choros e o som de coisas sendo carregadas para dentro e para fora do bangalô.</p>
<p>When she awakened she lay and stared at the wall. The house was perfectly still. She had never known it to be so silent before. She</p>	<p>Quando acordou, a menina sentou-se na cama e olhou para a parede. A casa estava perfeitamente quieta. Ela nunca soube que</p>

<p>heard neither voices nor footsteps, and wondered if everybody had got well of the cholera and all the trouble was over. She wondered also who would take care of her now her Ayah was dead. There would be a new Ayah, and perhaps she would know some new stories. Mary had been rather tired of the old ones.</p>	<p>fosse tão silencioso antes. Não ouviu vozes, nem passos, se perguntou se todos tinham ficado bons da cólera e todo o problema tinha acabado. Também se perguntou quem cuidaria dela agora que sua aia estava morta. Haveria uma nova aia, e talvez ela conhecesse algumas novas histórias, pois estava cansada das antigas.</p>
<p>She did not cry because her nurse had died. She was not an affectionate child and had never cared much for any one. The noise and hurrying about and wailing over the cholera had frightened her, and she had been angry because no one seemed to remember that she was alive. Every one was too panic-stricken to think of a little girl no one was fond of. When people had the cholera it seemed that they remembered nothing but themselves. But if every one had got well again, surely some one would remember and come to look for her.</p>	<p>Ela não chorou porque sua cuidadora havia morrido. Ela não era uma criança afetuosa e nunca se importou muito com ninguém. O barulho, a pressa e os gemidos por causa da cólera a assustaram, e ela ficou com raiva porque ninguém parecia se lembrar de que ela estava viva. Todos estavam em pânico demais para pensar em uma garotinha de quem ninguém gostava. Quando as pessoas contraíam cólera, parecia que não se lembravam de nada além de si mesmas, mas se todos tivessem sarado, certamente alguém se lembraria e viria procurá-la.</p>
<p>But no one came, and as she lay waiting the house seemed to grow more and more silent. She heard something rustling on the matting and when she looked down she saw a little snake gliding along and watching her with eyes like jewels. She was not frightened, because he was a harmless little thing who would not hurt her and he seemed in a hurry to get out of the room. He slipped under the door as she watched him.</p>	<p>Ninguém apareceu e enquanto ela esperava, a casa parecia ficar cada vez mais silenciosa. A menina ouviu algo farfalhar na esteira e quando olhou para baixo viu uma pequena cobra deslizando, olhando para ela com seus olhos parecidos com joias. Ela não estava assustada, porque era uma coisinha inofensiva que não a machucaria, além disso, ela parecia com pressa de sair dali. O animal deslizou por baixo da porta enquanto ela o observava.</p>

<p>"How queer and quiet it is," she said. "It sounds as if there was no one in the bungalow but me and the snake."</p>	<p>"Está tão silencioso e estranho," disse ela. "Parece que não há ninguém no bangalô além de mim e a cobra."</p>
<p>Almost the next minute she heard footsteps in the compound, and then on the veranda. They were men's footsteps, and the men entered the bungalow and talked in low voices. No one went to meet or speak to them and they seemed to open doors and look into rooms.</p>	<p>No instante seguinte, ela ouviu passos no complexo e depois na varanda. Os passos eram de homens que entraram no bangalô e conversavam em voz baixa. Ninguém foi encontrá-los ou falar com eles que pareciam abrir portas e olhar os quartos.</p>
<p>"What desolation!" she heard one voice say. "That pretty, pretty woman! I suppose the child, too. I heard there was a child, though no one ever saw her."</p>	<p>"Que devastador!" ouviu uma voz dizer. "Aquele mulher linda! Suponho que a criança também. Ovi dizer que havia uma, embora ninguém nunca a tenha visto."</p>
<p>Mary was standing in the middle of the nursery when they opened the door a few minutes later. She looked an ugly, cross little thing and was frowning because she was beginning to be hungry and feel disgracefully neglected. The first man who came in was a large officer she had once seen talking to her father. He looked tired and troubled, but when he saw her he was so startled that he almost jumped back.</p>	<p>Mary estava parada no meio do quarto quando abriram a porta alguns minutos depois. Ela parecia uma coisinha feia e zangada, carrancuda porque estava começando a sentir fome e vergonhosamente negligenciada. O primeiro homem que entrou era um grande oficial que viu conversando com seu pai. Ele parecia cansado além de preocupado, mas quando a viu, ficou tão surpreso que quase deu um pulo para trás.</p>
<p>"Barney!" he cried out. "There is a child here! A child alone! In a place like this! Mercy on us, who is she!"</p>	<p>"Barney!" ele gritou. "Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Em um lugar como este! Por Deus, quem é ela?!"</p>
<p>"I am Mary Lennox," the little girl said,</p>	<p>"Eu sou Mary Lennox," disse a menina,</p>

<p>drawing herself up stiffly. She thought the man was very rude to call her father's bungalow "A place like this!" "I fell asleep when every one had the cholera and I have only just wakened up. Why does nobody come?"</p>	<p>endireitando-se rigidamente. Ela achou o homem muito rude ao chamar o bangalô de seu pai de "Um lugar como este!" "Eu dormi enquanto todos estavam com cólera e acabei de acordar. Por que ninguém veio me buscar?"</p>
<p>"It is the child no one ever saw!" exclaimed the man, turning to his companions. "She has actually been forgotten!"</p>	<p>"É a criança que ninguém viu!" exclamou o homem, voltando-se para seus companheiros. "Ela foi realmente esquecida!"</p>
<p>"Why was I forgotten?" Mary said, stamping her foot. "Why does nobody come?"</p>	<p>"Fui esquecida, por quê?" Mary disse, batendo o pé. "Por que ninguém veio?"</p>
<p>The young man whose name was Barney looked at her very sadly. Mary even thought she saw him wink his eyes as if to wink tears away.</p>	<p>O jovem cujo nome era Barney olhou para ela com muita tristeza. Mary teve a impressão de que o viu piscar os olhos como se fosse para afastar as lágrimas.</p>
<p>"Poor little kid!" he said. "There is nobody left to come."</p>	<p>"Pobre criança!" disse ele. "Não restou ninguém."</p>
<p>It was in that strange and sudden way that Mary found out that she had neither father nor mother left; that they had died and been carried away in the night, and that the few native servants who had not died also had left the house as quickly as they could get out of it, none of them even remembering that there was a Missie Sahib. That was why the place was so quiet. It was true that there was no one in the bungalow but herself and the little rustling snake.</p>	<p>Foi dessa maneira estranha e repentina que Mary descobriu que não tinha pai nem mãe, que morreram e foram levados à noite, e que os poucos servos nativos que não morreram também deixaram a casa o mais rápido que puderam, nenhum deles sequer tinham lembrando que havia a filha dos patrões. Então era por isso que o lugar estava tão quieto, não havia ninguém no bangalô, exceto ela e a pequena cobra farfalhante.</p>

--	--

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER II	CAPÍTULO 2
MISTRESS MARY QUITE CONTRARY	MARY GAROTINHA CHATINHA
<p>Mary had liked to look at her mother from a distance and she had thought her very pretty, but as she knew very little of her she could scarcely have been expected to love her or to miss her very much when she was gone. She did not miss her at all, in fact, and as she was a self-absorbed child she gave her entire thought to herself, as she had always done. If she had been older she would no doubt have been very anxious at being left alone in the world, but she was very young, and as she had always been taken care of, she supposed she always would be. What she thought was that she would like to know if she was going to nice people, who would be polite to her and give her her own way as her Ayah and the other native servants had done.</p>	<p>Mary gostava de observar sua mãe à distância e achava ela muito bonita, mas como a conhecia pouco, dificilmente poderia esperar que a amasse ou sentisse falta dela quando partisse. Na verdade, não sentia saudade alguma, e como era uma criança egocêntrica, pensava inteiramente em si mesma, como sempre fizera. Se fosse mais velha, sem dúvida ficaria muito preocupada por ser deixada sozinha no mundo, mas era muito jovem e, como sempre fora cuidada, supôs que sempre seria. O que ela pensava era que gostaria de saber se estava indo para pessoas boas, que seriam educadas com ela, se dedicando totalmente a sua criação como sua aia e os demais servos haviam feito.</p>
<p>She knew that she was not going to stay at the English clergyman's house where she was taken at first. She did not want to stay. The English clergyman was poor and he had five children nearly all the same age and they wore shabby clothes and were always quarreling and snatching toys from each other. Mary hated their untidy bungalow and was so disagreeable to them that after the first day or two nobody would play with her. By the second day they had given her a nickname which made her furious.</p>	<p>Sabia que não ficaria na casa do clérigo inglês para onde fora levada a princípio. Não queria mesmo ficar. O clérigo era pobre e tinha cinco filhos, quase todos da mesma idade; eles usavam roupas surradas, estavam sempre brigando e roubando brinquedos uns dos outros. Mary era tão desagradável com eles que depois de um ou dois dias ninguém mais brincava com ela. Ela odiava o bangalô desarrumado. No segundo dia, eles lhe deram um apelido que a deixou furiosa.</p>
<p>It was Basil who thought of it first. Basil was</p>	<p>Foi Basil quem começou tudo. Ele era um</p>

<p>a little boy with impudent blue eyes and a turned-up nose, and Mary hated him. She was playing by herself under a tree, just as she had been playing the day the cholera broke out. She was making heaps of earth and paths for a garden and Basil came and stood near to watch her. Presently he got rather interested and suddenly made a suggestion.</p>	<p>garotinho de olhos azuis atrevidos e nariz arrebitado, Mary o odiava. Assim como no dia em que a cólera surgiu, ela estava brincando sozinha debaixo de uma árvore fazendo montes de terra e caminhos para um jardim quando Basil apareceu, rondando por perto para observá-la. Logo ele ficou bastante interessado e de repente fez uma sugestão.</p>
<p>"Why don't you put a heap of stones there and pretend it is a rockery?" he said. "There in the middle," and he leaned over her to point.</p>	<p>"Por que você não coloca um monte de pedras e faz de conta que é uma cascata?" ele disse. "Lá no meio," e se inclinou sobre ela para apontar.</p>
<p>"Go away!" cried Mary. "I don't want boys. Go away!"</p>	<p>"Vá embora!" gritou Mary. "Eu não quero meninos aqui. Vá!"</p>
<p>For a moment Basil looked angry, and then he began to tease. He was always teasing his sisters. He danced round and round her and made faces and sang and laughed.</p>	<p>Por um momento, Basil pareceu zangado, então começou a provocar. Ele sempre fazia isso com suas irmãs. O menino dançou em volta dela fazendo caretas, cantando e rindo.</p>
<p>"Mistress Mary, quite contrary,</p>	<p>"Mary garotinha, tão chatinha</p>
<p>How does your garden grow?</p>	<p>Como cresce o seu jardim?</p>
<p>With silver bells, and cockle shells,</p>	<p>Com flores de sino e hibiscos</p>
<p>And marigolds all in a row."</p>	<p>Mas enfileirados bem assim".</p>
<p>He sang it until the other children heard and laughed, too; and the crosser Mary got, the more they sang "Mistress Mary, quite contrary"; and after that as long as she stayed with them they called her "Mistress Mary Quite Contrary" when they spoke of her to each other, and often when they spoke to her.</p>	<p>Basil continuou até que as outras crianças ouvissem e rissem também; e quanto mais irritada Mary ficava, mais eles cantavam. Depois disso, quando falavam dela e quando falavam com ela, seu apelido era "Mary, garotinha chatinha".</p>
<p>"You are going to be sent home," Basil said to her, "at the end of the week. And we're glad of it."</p>	<p>"Você será mandada para casa no final da semana," disse Basil. "estamos felizes por isso."</p>

<p>"I am glad of it, too," answered Mary. "Where is home?"</p>	<p>"Eu também estou," respondeu Mary. "Onde é essa "casa"?"</p>
<p>"She doesn't know where home is!" said Basil, with seven-year-old scorn. "It's England, of course. Our grandmama lives there and our sister Mabel was sent to her last year. You are not going to your grandmama. You have none. You are going to your uncle. His name is Mr. Archibald Craven."</p>	<p>"Ela não sabe onde é!" disse o menino de sete anos com seu tom zombeteiro. "Na Inglaterra, é claro. Nossa avó vive lá e nossa irmã Mabel foi morar com ela ano passado. Você não está indo morar com a sua, porque você não tem uma. Está indo morar com seu tio. O nome dele é Archibald Craven."</p>
<p>"I don't know anything about him," snapped Mary.</p>	<p>"Eu não sei nada sobre ele," retrucou Mary.</p>
<p>"I know you don't," Basil answered. "You don't know anything. Girls never do. I heard father and mother talking about him. He lives in a great, big, desolate old house in the country and no one goes near him. He's so cross he won't let them, and they wouldn't come if he would let them. He's a hunchback, and he's horrid." "I don't believe you," said Mary; and she turned her back and stuck her fingers in her ears, because she would not listen any more.</p>	<p>"Eu sei que não," respondeu Basil. "Você não sabe de nada. Garotas nunca sabem. Eu ouvi meus pais falando sobre ele. Ele mora em uma casa de campo velha, grande e isolada. Seu tio é tão ranzinza que ninguém chega perto dele sem permissão. Ele é corcunda e é horrível." "Eu não acredito em você," Mary disse dando as costas para o menino colocando os dedos nos ouvidos, pois não queria ouvir mais nada.</p>
<p>But she thought over it a great deal afterward; and when Mrs. Crawford told her that night that she was going to sail away to England in a few days and go to her uncle, Mr. Archibald Craven, who lived at Misselthwaite Manor, she looked so stony and stubbornly uninterested that they did not know what to think about her. They tried to be kind to her, but she only turned her face away when Mrs. Crawford attempted to kiss</p>	<p>Infelizmente ela pensou muito sobre isso depois, e quando a Sra. Crawford disse naquela noite que em poucos dias ela seria mandada para a Inglaterra para morar com seu tio, o Sr. Archibald Craven, que vivia na mansão Misselthwaite, a menina parecia tão aborrecida e teimosamente desinteressada que eles não sabiam o que pensar sobre ela. Eles tentaram ser gentis com Mary, mas quando a Sra. Crawford tentou beijá-la, ela</p>

<p>her, and held herself stiffly when Mr. Crawford patted her shoulder.</p>	<p>virou o rosto, e quando o Sr. Crawford deu um leve tapinha em seu ombro, ela se manteve rígida."</p>
<p>"Perhaps if her mother had carried her pretty face and her pretty manners oftener into the nursery Mary might have learned some pretty ways too. It is very sad, now the poor beautiful thing is gone, to remember that many people never even knew that she had a child at all."</p>	<p>"Se a mãe dela tivesse usado toda aquela beleza e boas maneiras para criar Mary, talvez as coisas fossem diferentes. É muito triste, ela teve que morrer, para lembrar que muitas pessoas sequer sabiam que ela tinha uma filha."</p>
<p>"I believe she scarcely ever looked at her," sighed Mrs. Crawford. "When her Ayah was dead there was no one to give a thought to the little thing. Think of the servants running away and leaving her all alone in that deserted bungalow. Colonel McGrew said he nearly jumped out of his skin when he opened the door and found her standing by herself in the middle of the room."</p>	<p>"Eu acredito que ela mal olhava para a menina," suspirou o Sr. Crawford. "Quando a aia dela morreu, não havia ninguém para dar atenção àquela coisinha. Pense nos servos fugindo e deixando-a sozinha naquele bangalô deserto. O coronel McGrew disse que quase morreu de susto quando abriu a porta e encontrou-a sozinha no meio da sala."</p>
<p>Mary made the long voyage to England under the care of an officer's wife, who was taking her children to leave them in a boarding-school. She was very much absorbed in her own little boy and girl, and was rather glad to hand the child over to the woman Mr. Archibald Craven sent to meet her, in London.</p>	<p>Mary fez uma longa viagem até a Inglaterra sob os cuidados da esposa de um oficial que estava levando os filhos para um internato. Ela estava bem concentrada em suas próprias crianças, e muito ficou contente em entregar a garotinha à mulher que o Sr. Archibald Craven enviou para encontrá-la em Londres.</p>
<p>The woman was his housekeeper at Misselthwaite Manor, and her name was Mrs. Medlock. She was a stout woman, with very red cheeks and sharp black eyes. She wore a very purple dress, a black silk mantle with jet fringe on it and a black bonnet with</p>	<p>A mulher era governanta da mansão Misselthwaite, seu nome era Sra. Medlock. Ela era uma mulher robusta, com bochechas vermelhas e olhos negros afiados. Usava um vestido roxo, um manto de seda preta com franjas e um chapéu preto com flores de</p>

<p>purple velvet flowers which stuck up and trembled when she moved her head. Mary did not like her at all, but as she very seldom liked people there was nothing remarkable in that; besides which it was very evident Mrs. Medlock did not think much of her.</p>	<p>veludo roxas que balançavam quando ela movia a cabeça. Mary não gostou dela, mas como raramente gostava das pessoas não havia nada demais nisso, além do que era muito evidente, a Sra. Medlock não pensava muito dela também.</p>
<p>"My word! she's a plain little piece of goods!" she said. "And we'd heard that her mother was a beauty. She hasn't handed much of it down, has she, ma'am?"</p>	<p>"Minha nossa! Ela é uma coisinha de aparência bem normal," comentou ela. "E nós ouvimos que sua mãe era uma beldade. Ela não puxou muito a genitora, não é, minha senhora?"</p>
<p>"Perhaps she will improve as she grows older," the officer's wife said good-naturedly. "If she were not so sallow and had a nicer expression, her features are rather good. Childrenaltersomuch."</p>	<p>"Talvez ela melhore à medida que envelhece," disse a esposa do oficial bemhumorada. "Se ela não fosse tão pálida e tivesse uma expressão mais agradável, suas características seriam boas. As crianças mudam bastante."</p>
<p>"She'll have to alter a good deal," answered Mrs. Medlock. "And, there's nothing likely to improve children at Misselthwaite—if you ask me!"</p>	<p>"Então ela terá que mudar para melhor," respondeu a Sra. Medlock. "E não há nada como Misselthwaite para melhorar as crianças, se você me perguntar!"</p>
<p>They thought Mary was not listening because she was standing a little apart from them at the window of the private hotel they had gone to. She was watching the passing buses and cabs and people, but she heard quite well and was made very curious about her uncle and the place he lived in.</p>	<p>As mulheres pensavam que Mary não estava ouvindo por estar um pouco distante delas. Ela estava na janela do hotel privado que tinham se hospedado, observava os ônibus, táxis e pessoas que passavam, mas ouviu muito bem, ficando curiosa sobre seu tio e o lugar em que ele morava.</p>
<p>What sort of a place was it, and what would he be like? What was a hunchback? She had never seen one. Perhapstherewerenone in India.</p>	<p>Que tipo de lugar era, e como ele seria? O que era um corcunda? Ela nunca tinha visto um. Talvez não houvesse nenhum na Índia.</p>
<p>Since she had been living in other people's</p>	<p>Desde que vinha morando na casa de outras</p>

<p>houses and had had no Ayah, she had begun to feel lonely and to think queer thoughts which were new to her. She had begun to wonder why she had never seemed to belong to anyone even when her father and mother had been alive. Other children seemed to belong to their fathers and mothers, but she had never seemed to really be anyone's little girl. She had had servants, and food and clothes, but no one had taken any notice of her. She did not know that this was because she was a disagreeable child; but then, of course, she did not know she was disagreeable. She often thought that other people were, but she did not know that she was so herself.</p>	<p>peessoas e não tinha aia, Mary começara a sentir-se sozinha e ter pensamentos estranhos que eram novidade para ela. Ela se perguntou por que nunca parecia pertencer a alguém, mesmo quando seu pai e mãe estavam vivos. Outras crianças pareciam pertencer aos seus pais e suas mães, mas ela nunca pareceu ser a garotinha de ninguém. A menina tinha servos, comida e roupas, mas ninguém se assumiu responsável por ela. Mary não sabia que isso era porque ela era uma criança desagradável, mas então, é claro, ela não sabia. Muitas vezes achava que outras pessoas eram, mas não pensava isso de si mesma.</p>
<p>She thought Mrs. Medlock the most disagreeable person she had ever seen, with her common, highly colored face and her common fine bonnet. When the next day they set out on their journey to Yorkshire, she walked through the station to the railway carriage with her head up and trying to keep as far away from her as she could, because she did not want to seem to belong to her. It would have made her angry to think people imagined she was her little girl. But Mrs. Medlock was not in the least disturbed by her and her thoughts. She was the kind of woman who would "stand no nonsense from young ones." At least, that is what she would have said if she had been</p>	<p>Ela achava a Sra. Medlock a pessoa mais desagradável que já tinha visto, com sua cara comum, altamente colorida e seu chapéu fino. Quando, no dia seguinte, elas partiram em sua jornada para Yorkshire, Mary caminhou pela estação até o trem com a cabeça erguida e tentando manter-se o mais longe possível da governanta, porque não queria que parecesse que pertencia àquela mulher, a deixava irritada pensar que as pessoas imaginavam que ela era sua filha.</p>

<p>asked.</p>	<p>A Sra. Medlock não estava nem um pouco perturbada com a garotinha e seus pensamentos. Ela era o tipo de mulher que "não ligava para as basteiras dos jovens", pelo menos, isso era o que teria dito se tivesse sido questionada.</p>
<p>She had not wanted to go to London just when her sister Maria's daughter was going to be married, but she had a comfortable, well paid place as housekeeper at Misselthwaite Manor and the only way in which she could keep it was to do at once what Mr. Archibald Craven told her to do. She never dared even to ask a question.</p>	<p>Ela não queria ter ido a Londres justamente quando a filha de sua irmã Maria iria se casar, mas tinha uma posição confortável e bem paga como governanta da mansão Misselthwaite, e única maneira de manter isso seria fazer de uma vez o que o Sr. Archibald Craven disse. Ela nunca se atreveu a fazer uma pergunta sequer.</p>
<p>"Captain Lennox and his wife died of the cholera," Mr. Craven had said in his short, cold way. "Captain Lennox was my wife's brother and I am their daughter's guardian. The child is to be brought here. You must go to London and bring her yourself."</p>	<p>"O capitão Lennox e sua esposa morreram da cólera," disse o Sr. Craven do seu jeito curto e frio. "Ele era o irmão da minha esposa e eu sou o guardião da filha deles. Você deve ir a Londres buscá-la e trazê-la para cá."</p>
<p>So she packed her small trunk and made the journey.</p>	<p>Então ela fez as malas e viajou.</p>
<p>Mary sat in her corner of the railway carriage and looked plain and fretful. She had nothing to read or to look at, and she had folded her thin little blackgloved hands in her lap. Her black dress made her look yellower than ever, and her limp light hair straggled from under her black crepe hat.</p>	<p>Mary sentou-se em seu lugar no vagão, parecendo irritada. Ela não tinha nada para ler ou olhar, por isso entrelaçou as mãos pequenas com luvas pretas no colo. O vestido preto a deixava mais amarela do que nunca, e seu cabelo claro e fino escorria por debaixo do chapéu preto.</p>
<p>"A more marred-looking young one I never</p>	<p>"A jovem mais mimada que vi em toda</p>

<p>saw in my life," Mrs. Medlock thought. (Marred is a Yorkshire word and means spoiled and pettish.) She had never seen a child who sat so still without doing anything; and at last she got tired of watching her and began to talk in a brisk, hard voice.</p>	<p>minha vida," pensou a Sra. Medlock. Ela nunca tinha visto uma criança que ficasse tão quieta sem fazer nada; enfim ela se cansou de observá-la, começando a falar com uma voz rápida e áspera.</p>
<p>"I suppose I may as well tell you something about where you are going to," she said. "Do you know anything about your uncle?"</p>	<p>"Eu suponho que deveria contar a você sobre o lugar que está indo," disse ela. "Sabe alguma coisa sobre o seu tio?"</p>
<p>"No," said Mary.</p>	<p>"Não," respondeu Mary.</p>
<p>"Never heard your father and mother talk about him?"</p>	<p>"Nunca ouviu seu pai e sua mãe falarem sobre ele?"</p>
<p>"No," said Mary frowning. She frowned because she remembered that her father and mother had never talked to her about anything in particular. Certainly they had never told her things.</p>	<p>"Não," disse Mary franzindo o cenho. A menina reagiu assim porque não se lembrava sobre o pai ou a mãe conversarem com ela sobre nada em particular. Certamente eles nunca lhe disseram nada.</p>
<p>"Humph," muttered Mrs. Medlock, staring at her queer, unresponsive little face. She did not say any more for a few moments and then she began again.</p>	<p>"Humph," murmurou Sra. Medlock, fitando a careta estranha de Mary. Ela não disse mais nada por instantes, mas então começou a falar novamente.</p>
<p>"I suppose you might as well be told something—to prepare you. You are going to a queer place."</p>	<p>"Na minha opinião, algo deveria ter sido dito para prepará-la. Afinal, você está indo para um lugar estranho."</p>
<p>Mary said nothing at all, and Mrs. Medlock looked rather discomfited by her apparent indifference, but, after taking a breath, she went on.</p>	<p>Mary nada disse, e a Sra. Medlock parecia bastante desconcertada com sua aparente indiferença, mas, depois de tomar um fôlego, ela continuou.</p>
<p>"Not but that it's a grand big place in a gloomy way, and Mr. Craven's proud of it in his way—and that's gloomy enough, too. The house is six hundred years old and it's on the edge of the moor, and there's near a hundred</p>	<p>"É um lugar grandioso, mas de uma forma sombria. O Sr. Craven orgulha-se da residência à sua maneira e de certo modo isto é sombrio também. A casa tem seiscentos anos e está à beira de uma charneca, há cerca</p>

<p>rooms in it, though most of them's shut up and locked. And there's pictures and fine old furniture and things that's been there for ages, and there's a big park round it and gardens and trees with branches trailing to the ground— some of them." She paused and took another breath. "But there's nothing else," she ended suddenly.</p>	<p>de cem quartos nela, embora a maioria esteja fechada e trancada. Há quadros, móveis antigos finos e coisas que estão lá há anos. Existe um grande parque ao redor, jardins e árvores com galhos que arrastam-se até o chão." Ela fez uma pausa e respirou fundo. "Mas, não há mais nada," disse a governanta por fim.</p>
<p>Mary had begun to listen in spite of herself. It all sounded so unlike India, and anything new rather attracted her. But she did not intend to look as if she were interested. That was one of her unhappy, disagreeable ways. So she sat still.</p>	<p>Mary tinha começado a ouvir alguém além de si mesma. Tudo soava tão diferente da Índia e algo novo a atraiu. Entretanto, ela não pretendia agir como se estivesse interessada, essa era uma de suas infelizes e desagradáveis maneiras. Então permaneceu calada.</p>
<p>"Well," said Mrs. Medlock. "What do you think of it?"</p>	<p>"Então," perguntou a Sra. Medlock. "O que acha?"</p>
<p>"Nothing," she answered. "I know nothing about such places."</p>	<p>"Nada," ela respondeu. "Eu não sei nada sobre lugares assim."</p>
<p>That made Mrs. Medlock laugh a short sort of laugh.</p>	<p>Isso fez a Sra. Medlock soltar uma risada curta.</p>
<p>"Eh!" she said, "but you are like an old woman. Don't you care?"</p>	<p>"Puxa!" disse ela, "mas você é como uma velha. Você não se importa?"</p>
<p>"It doesn't matter" said Mary, "whether I care or not."</p>	<p>"Não importa o que eu acho ou não," respondeu Mary.</p>
<p>"You are right enough there," said Mrs. Medlock. "It doesn't. What you're to be kept at Misselthwaite Manor for I don't know, unless because it's the easiest way. He's not going to trouble himself about you, that's sure and certain. He never troubles himself about no one."</p>	<p>"Você está certa," disse a Sra. Medlock. "Não importa. Desconheço o motivo pelo qual está sendo mandada para Misselthwaite, a não ser que seja porque é a coisa mais fácil a se fazer. Ele não vai se incomodar com você, disso tenho certeza. Ele nunca se preocupa com ninguém."</p>
<p>She stopped herself as if she had just</p>	<p>A Sra. Melock interrompeu-se como se</p>

rememberedsomething in time.	tivesse lembrado de algo bem a tempo.
"He's got a crooked back," she said. "That set him wrong. He was a sour young man and got no good of all his money and big place till he was married.	"Ele tem uma corcunda," disse ela. "Isso passa uma ideia errada dele. O Sr. Archibald era um jovem aborrecido que não aproveitava todo o seu dinheiro e grande fortuna até se casar."
Mary's eyes turned toward her in spite of her intention not to seem to care. She had never thought of the hunchback's being married and she was a trifle surprised. Mrs. Medlock saw this, and as she was a talkative woman she continued with more interest. This was one way of passing some of the time, at any rate.	Apesar de sua intenção de não parecer interessada, os olhos de Mary voltaram-se para ela. Isso a deixou um pouco surpresa, nunca tinha pensado em um aleijado sendo casado. A Sra. Medlock notou isso e como era uma mulher muito falante continuou com mais interesse. De qualquer jeito, essa era uma maneira de passar o tempo.
"She was a sweet, pretty thing and he'd have walked the world over to get her a blade o' grass she wanted. Nobody thought she'd marry him, but she did, and people said she married him for his money. Butshedidn't— shedidn't," positively. "When shedied—"	"Ela era uma mulher bonita e gentil. Ele teria andado o mundo inteiro para pegar uma folha de grama se ela quisesse. Ninguém pensou que ela se casaria com ele, mas ela casou, as pessoas diziam que foi por dinheiro, mas com certeza não foi por isso. Quando ela morreu..."
Mary gave a little involuntary jump.	Mary sobressaltou-se involuntariamente.
"Oh! did she die!" she exclaimed, quite without meaning to. She had just remembered a French fairy story she had once read called "Riquet a la Houppe." It had been about a poor hunchback and a beautiful princess and it had made her suddenly sorry for Mr. Archibald Craven.	"Oh! Ela morreu!" exclamou, sem querer. Ela acabara de recordar um conto de fadas francês que havia lido certa vez, chamado Riquê do Topete. O conto era sobre um pobre corcunda e uma linda princesa. De repente Mary sentiu pena do Sr. Archibald Craven.
"Yes, she died," Mrs. Medlock answered. "And it made him queerer than ever. He cares about nobody. He won't see people. Most of the time he goes away, and when he	"Sim, ela morreu," respondeu Sra. Medlock. "E isso o fez ficar mais esquisito do que nunca. Ele não se importa com ninguém, não vai ver as pessoas. Na maioria das vezes fica

<p>is at Misselthwaite he shuts himself up in the West Wing and won't let any one but Pitcher see him. Pitcher's an old fellow, but he took care of him when he was a child and he knows his ways."</p>	<p>fora, e quando está em Misselthwaite se fecha na ala oeste e não deixa ninguém vê-lo além de Pitcher. Pitcher é um velho amigo, mas cuidou do Sr. Archibald quando ele era criança e conhece seus hábitos."</p>
<p>It sounded like something in a book and it did not make Mary feel cheerful. A house with a hundred rooms, nearly all shut up and with their doors locked—a house on the edge of a moor whatsoever a moor was— sounded dreary. A man with a crooked back who shut himself up also! She stared out of the window with her lips pinched together, and it seemed quite natural that the rain should have begun to pour down in gray slanting lines and splash and stream down the window-panes. If the pretty wife had been alive she might have made things cheerful by being something like her own mother and by running in and out and going to parties as she had done in frocks "full of lace." Butshewasnotthereany more.</p>	<p>Aquilo parecia algo tirado de um livro e Mary não ficou contente. Uma casa com cem quartos, quase todos fechados e com portas trancadas - uma casa à beira de uma charneca, seja lá o que isso fosse - parecia sombrio. Um homem corcunda que se trancou lá também! Ela olhou para fora da janela com os lábios apertados. Parecia natural que a chuva tivesse começado a cair em linhas oblíquas cinzentas, respingando e escorrendo pelas vidraças. Se a bela esposa estivesse viva, ela poderia ter alegrado as coisas sendo alguém como sua própria mãe, entrando e saindo, indo a festas como ela fazia com vestidos "cheios de renda", entretanto, ela não estava.</p>
<p>"You needn't expect to see him, because ten to one you won't," said Mrs. Medlock. "And you mustn't expect that there will be people to talk to you. You'll have to play about and look after yourself. You'll be told what rooms you can go into and what rooms you're to keep out of. There's gardens enough. But when you're in the house don't go wandering and poking about. Mr. Cravenwon't have it."</p>	<p>"Não espere vê-lo, pois é uma chance em um milhão," disse a Sra. Medlock. "Não deve esperar que haja pessoas para conversar com você. Terá que brincar sozinha e cuidar de si mesma. Você será informada em quais quartos pode entrar e quais deve evitar. Há jardins suficientes, mas quando estiver em casa, não fique vagando e bisbilhotando. O Sr. Craven não vai aceitar."</p>
<p>"I shall not want to go poking about," said</p>	<p>"Não vou querer ficar bisbilhotando," disse a</p>

<p>sour little Mary; and just as suddenly as she had begun to be rather sorry for Mr. Archibald Craven she began to cease to be sorry and to think he was unpleasant enough to deserve all that had happened to him.</p>	<p>pequena e azeda Mary; e tão repentinamente como começou a sentir pena do Sr. Archibald Craven, começou a deixar de sentir e a pensar que ele era desagradável o suficiente para merecer tudo o que lhe acontecera.</p>
<p>And she turned her face toward the streaming panes of the window of the railway carriage and gazed out at the gray rain-storm which looked as if it would go on forever and ever. She watched it so long and steadily that the grayness grew heavier and heavier before her eyes and she fell asleep.</p>	<p>Ela virou o rosto para as vidraças da janela do vagão e olhou a tempestade cinzenta que parecia que iria durar para todo o sempre. Mary observou por tanto tempo com afincio que o cinza ficou cada vez mais pesado diante de seus olhos e ela adormeceu.</p>

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER IV	CAPÍTULO 4
MARTHA	MARTHA
<p>When she opened her eyes in the morning it was because a young housemaid had come into her room to light the fire and was kneeling on the hearth-rug raking out the cinders noisily. Mary lay and watched her for a few moments and then began to look about the room. She had never seen a room at all like it and thought it curious and gloomy. The walls were covered with tapestry with a forest scene embroidered on it. There were fantastically dressed people under the trees and in the distance there was a glimpse of the turrets of a castle. There were hunters and horses and dogs and ladies. Mary felt as if she were in the forest with them. Out of a deep window she could see a great climbing stretch of land which seemed to have no trees on it, and to look rather like an endless, dull, purplish sea.</p>	<p>Quando abriu os olhos pela manhã, foi porque uma jovem empregada tinha entrado em seu quarto. Ela estava ajoelhada no tapete da lareira limpando as cinzas ruidosamente para acender o fogo. Mary ficou deitada e a observou por alguns instantes, então começou a olhar ao redor do recinto. Ela nunca tinha visto um quarto como aquele, achou curioso e sombrio. As paredes eram cobertas por uma tapeçaria com uma cena de floresta bordada nela, haviam pessoas fantasiosamente vestidas sob as árvores e ao longe avistou as torres de um castelo. Naquela mesma imagem tinham caçadores, cavalos, cães e mulheres, Mary sentia como se estivesse na floresta com eles; por uma janela grande podia ver uma grande extensão de terra que parecia não ter árvores, mas se assemelhava a um mar infinito, sombrio e púrpuro.</p>
<p>"What is that?" she said, pointing out of the window.</p>	<p>"O que é aquilo?" disse ela, apontando para fora da janela.</p>
<p>Martha, the young housemaid, who had just risen to her feet, looked and pointed also.</p>	<p>Martha, a jovem empregada doméstica que acabava de se pôr de pé, olhou e apontou também.</p>
<p>"Thatthere?" shesaid.</p>	<p>"Aquilo ali?" ela perguntou de volta.</p>
<p>"Yes."</p>	<p>"Sim."</p>
<p>"That's th' moor," with a good-natured grin. "Does tha' like it?"</p>	<p>"É a charneca," respondeu com um sorriso bem-humorado. "Tu gostou?"</p>
<p>"No," answered Mary. "I hate it."</p>	<p>"Não," respondeu Mary. "Eu odiei."</p>

<p>"That's because tha'rt not used to it," Martha said, going back to her hearth. "Tha' thinks it's too big an' bare now. But tha' will like it."</p>	<p>"Isso é porque tu não tá acostumada," disse Martha, voltando para a lareira. "Agora tu acha que é muito grande e vazio, mas vai gostar."</p>
<p>"Do you?" inquired Mary.</p>	<p>"Você gosta?" Mary perguntou.</p>
<p>"Aye, that I do," answered Martha, cheerfully polishing away at the grate. "I justlove it. It'snonebare. It's covered wi' growin' things as smells sweet. It's fair lovely in spring an' summer when th' gorse an' broom an' heather's in flower. It smells o' honey an' there's such a lot o' fresh air—an' th' sky looks so high an' th' bees an' skylarks makes such a nice noise hummin' an' singin'. Eh! I wouldn't live away from th' moor for anythin'."</p>	<p>"Sim, eu gosto", respondeu Martha, alegremente limpando a lareira. "Eu simplesmente adoro. A terra não é desnuda, tá coberta de coisas crescendo com cheiro doce. É lindo na primavera e no verão quando os tojos, as giestas e as urzes florescem. Aqui tem muito ar fresco, cheira a mel, o céu parece tão alto, as abelhas, além de que cotovias fazem um barulho tão bom cantarolando e cantando. Ah! Eu não viveria longe da chameca por nada."</p>
<p>Mary listened to her with a grave, puzzled expression. The native servants she had been used to in India were not in the least like this. They were obsequious and servile and did not presume to talk to their masters as if they were their equals. They made salaams and called them "protector of the poor" and names of that sort. Indian servants were commanded to do things, not asked. It was not the custom to say "please" and "thank you" and Mary had always slapped her Ayah in the face when she was angry. She wondered a little what this girl would do if one slapped her in the face. She was a round, rosy, good-natured looking creature, but she had a sturdy way which made Mistress Mary wonder if she might not even slap back—if</p>	<p>Mary a ouviu com uma expressão perplexa. Os servos nativos com os quais estava acostumada na Índia não eram nem um pouco assim. Eles eram obedientes e servis, e não ousavam falar com seus senhores como se fossem seus iguais. Eles os cumprimentavam com <i>salaam</i>, uma saudação muçulmana, e os chamavam de "protetores dos pobres" ou nomes desse tipo. Os servos indianos eram ordenados a fazerem coisas, não solicitados. Não era costume dizer "por favor" e "obrigada". Mary sempre batia na cara de aia quando estava com raiva, ela se perguntou o que essa garota faria se alguém lhe desse uma tapa. Martha era uma criatura gordinha, rosada e de aparência bemhumorada, mas tinha um jeito bobalhão que</p>

<p>the person who slapped her was only a little girl.</p>	<p>fez a senhorita Mary questionar se ela se importaria de estapear de volta a pessoa que a esbofeteou - mesmo que essa pessoa fosse apenas uma garotinha -.</p>
<p>"You are a strange servant," she said from her pillows, rather haughtily.</p>	<p>"Você é uma criada estranha," disse ela de seus travesseiros, com bastante arrogância.</p>
<p>Martha sat up on her heels, with her blacking-brush in her hand, and laughed, without seeming the least out of temper.</p>	<p>Martha sentou-se nos calcanhares, com a escova de engraxar na mão, e riu, sem parecer nem um pouco irritada.</p>
<p>"Eh! I know that," she said. "If there was a grand Missus at Misselthwaite I should never have been even one of th' under housemaids. I might have been let to be scullery-maid but I'd never have been let up-stairs. I'm too common an' I talk too much Yorkshire. But this is a funny house for all it's so grand. Seems like there's neither Master nor Mistress except Mr. Pitcher an' Mrs. Medlock. Mr. Craven, he won't be troubled about anythin' when he's here, an' he's nearly always away. Mrs. Medlock gave me th' place out o' kindness. She told me she could never have done it if Misselthwaite had been like other big houses."</p>	<p>"Ah! Sei disso," disse ela. "Se Misselthwaite tivesse uma patroa, nunca que eu seria uma das empregadas, talvez copeira, mas nunca subiria as escadas. Eu sou muito comum e meu sotaque Yorkshire é muito carregado, mas essa casa é engraçada, apesar de ser tão grandiosa, parece que não tem nem dono nem dona, a não ser pelo o Sr. Pitcher e a Sra. Medlock. O Sr. Craven não se preocupa com nada quando ele tá aqui, e quase sempre tá ausente. A Sra. Medlock me deu essa posição por gentileza, ela disse que nunca teria feito isso se Misselthwaite fosse como as outras casas grandes."</p>
<p>"Are you going to be my servant?" Mary asked, still in her imperious little Indian way.</p>	<p>"Você será minha serva?" Mary perguntou, ainda de seu pequeno jeito imperialista britânico.</p>
<p>Martha began to rub her grate again.</p>	<p>Martha começou a esfregar a grade da lareira novamente.</p>
<p>"I'm Mrs. Medlock's servant," she said stoutly. "An' she's Mr. Craven's—but I'm to do the housemaid's work up here an' wait on you a bit. But you won't need much waitin'."</p>	<p>"Eu sou empregada da Sra. Medlock," disse ela com firmeza. "E ela é empregada do Sr. Craven, mas eu sou encarregada de cuidar dos serviços daqui de cima e de te ajudar um"</p>

on."	pouco, só que eu não acho que tu precise muito."
"Who is going to dress me?" demanded Mary.	"Quem vai me vestir?" Mary exigiu saber.
Martha sat up on her heels again and stared. She spoke in broad Yorkshire in her amazement.	Martha sentou-se nos calcanhares novamente e ficou olhando. Ela falou com um forte sotaque de Yorkshire com espanto.
"Canna' tha' dress thysen!" she said.	"Tu não consegue se ajeitar sozinha não?!" ela perguntou.
"What do you mean? I don't understand your language," said Mary.	"O que você quer dizer? Não entendo sua língua," disse Mary.
"Eh! I forgot," Martha said. "Mrs. Medlock told me I'd have to be careful or you wouldn't know what I was sayin'. I meancan'tyouputonyourownclothes?"	"Nossa! Eu esqueci," exclamou Martha. "A Sra. Medlock me disse pra ter cuidado ou tu não entenderia o que eu falo. Quero dizer, você não pode colocar suas próprias roupas?"
"No," answered Mary, quite indignantly. "I never did in my life. My Ayah dressed me, ofcourse."	"Não," respondeu Mary indignada. "Eu nunca fiz isso na minha vida. Minha aia me vestia, é claro."
"Well," said Martha, evidently not in the least aware that she was impudent, "it's time tha' should learn. Tha' cannot begin younger. It'll do thee good to wait on thysen a bit. My mother always said she couldn't see why grand people's children didn't turn out fair fools—what with nurses an' bein' washed an' dressed an' took out to walk as if they was puppies!"	"Bem," disse Martha, evidentemente nem um pouco ciente de que Mary era atrevida, "é hora de aprender. Antes tarde do que nunca, vai fazer bem pra ti. Minha mãe sempre diz que não entende como os filhos de gente rica não viram idiotas quando eles tem babás pra lavar, vestir e levar pra passear como se fosse um bando de cachorrinhos!"
"It is different in India," said Mistress Mary disdainfully. She could scarcely stand this.	"É diferente na Índia," disse Mary com desdém. Ela mal podia suportar isso.
But Martha was not at all crushed.	Mas Martha não ficou nada abalada.
"Eh! I can see it's different," she answered almost sympathetically. "I dare say it's because there's such a lot o' blacks there	"Ah! Eu posso vê que é diferente," ela respondeu quase simpática. "Me atrevo dizer que é porque tem muito preto lá em vez de

instead o' respectable white people. When I heard you was comin' from India I thought you was a black too."	brancos respeitáveis. Quando soube que tu vinha da Índia, pensei que tu também era preta."
Mary sat up in bed furious.	Mary sentou-se furiosa na cama.
"What!" she said. "What! You thought I was a native. You—you daughter of a pig!"	"O que!?" ela gritou. "Você pensou que eu era um nativa! Você... Sua filha de um porco!"
Martha stared and looked hot.	Martha a encarou e parecia brava.
"Who are you callin' names?" she said. "You needn't be so vexed. That's not th' way for a young lady to talk. I've nothin' against th' blacks. When you read about 'em in tracts they're always very religious. You always read as a black's a man an' a brother. I've never seen a black an' I was fair pleased to think I was goin' to see one close. When I come in to light your fire this mornin' I crep' up to your bed an' pulled th' cover back careful to look at you. An' there you was," disappointedly, "no more black than me—for all you're so yellin'."	"Quem tu tá xingando aí?" ela disse. "Não precisa ficar tão aborrecida. Essa não é a maneira de uma jovem dama falar. Não tenho nada contra gente preta, quando tu lê sobre eles em folhetos, eles são sempre muito religiosos. Tu sempre lê que eles também são homens e filhos de Deus. Nunca vi uma pessoa preta e fiquei bastante satisfeita em pensar que ia ver uma de perto. Quando entrei para acender o fogo da tua lareira hoje de manhã, fui de mansinho até a cama e puxei o cobertor pra olhar pra tua cara e lá tu tava: não mais escura do que eu, então por que tu tá sendo escandalosa?"
Mary did not even try to control her rage and humiliation.	Mary nem mesmo tentou controlar sua raiva e humilhação.
"You thought I was a native! You dared! You don't know anything about natives! They are not people—they're servants who must salaam to you. You know nothing about India. You know nothing about anything!"	"Você pensou que eu era uma nativa! Como ousa?! Você não sabe nada sobre os nativos! Eles não são gente, eles são servos que devem nos saudar. Você não sabe nada sobre a Índia. Você não sabe nada sobre nada!"
She was in such a rage and felt so helpless before the girl's simple stare, and somehow she suddenly felt so horribly lonely and far away from everything she understood and	Mary estava com tanta raiva e se sentiu tão impotente diante do simples olhar daquela garota, que de alguma forma experimentou a terrível sensação de estar solitária e longe de

<p>which understood her, that she threw herself face downward on the pillows and burst into passionate sobbing. She sobbed so unrestrainedly that good-natured Yorkshire Martha was a little frightened and quite sorry for her. She went to the bed and bent over her.</p>	<p>tudo que entendia e que a entendia. A menina se jogou de bruços nos travesseiros e começou a soluçar fortemente. Ela soluçava tanto que a afável Martha de Yorkshire ficou um pouco assustada, com muita pena dela, por isso foi até a cama e curvou-se sobre ela.</p>
<p>"Eh! you mustn't cry like that there!" she begged. "You mustn't for sure. I didn't know you'd be vexed. I don't know anythin' about anythin'—just like you said. I beg your pardon, Miss. Do stop cryin'."</p>	<p>"Ei! Não chora!" ela implorou. "Tu com certeza não deve chorar. Eu não sabia que tu ia ficar aborrecida. Eu não sei nada sobre nada, assim como tu disse. Me desculpa, senhorita. Para de chorar."</p>
<p>There was something comforting and really friendly in her queer Yorkshire speech and sturdy way which had a good effect on Mary. She gradually ceased crying and became quiet. Martha looked relieved.</p>	<p>Havia algo de reconfortante e realmente amigável em sua estranha fala de Yorkshire e em seu jeito vigoroso que teve um bom efeito em Mary. Ela gradualmente parou de chorar, ficando quieta. Martha parecia aliviada.</p>
<p>"It's time for thee to get up now," she said. "Mrs. Medlock said I was to carry tha' breakfast an' tea an' dinner into th' room next to this. It's been made into a nursery for thee. I'll help thee on with thy clothes if tha'll get out o' bed. If th' buttons are at th' back tha' cannot button them up tha'self."</p>	<p>"É hora de se levantar agora," disse ela. "A Sra. Medlock disse que eu devia leva o café da manhã, o chá e o jantar pro quarto do lado desse. Foi transformado em uma sala pra ti. Vou te ajudar com suas roupas se tu sair da cama, se os botões tiverem nas costas, tu não vai conseguir abotoar sozinha."</p>
<p>When Mary at last decided to get up, the clothes Martha took from the wardrobe were not the ones she had worn when she arrived the night before with Mrs. Medlock.</p>	<p>Quando Mary finalmente decidiu se levantar, as roupas que Martha tirou do guarda-roupa não eram as que ela usava quando chegara na noite anterior com a Sra. Medlock.</p>
<p>"Those are not mine," she said. "Mine are black."</p>	<p>"Essas não são minhas," disse ela. "Minhas roupas são escuras."</p>
<p>She looked the thick white wool coat and dress over, and added with cool approval:</p>	<p>Ela olhou para o casaco e vestido de lã branca grossa e acrescentou com uma fria aprovação:</p>

"Those are nicer than mine."	"Essas são melhores do que as minhas."
<p>"These are th' ones tha' must put on," Martha answered. "Mr. Craven ordered Mrs. Medlock to get 'em in London. He said 'I won't have a child dressed in black wanderin' about like a lost soul,' he said. 'It'd make the place sadder than it is. Put color on her.' Mother she said she knew what he meant. Mother always knows what a body means. She doesn't hold with black hersel'."</p>	<p>"Essas são as que deve ser colocadas," respondeu Martha. "O Sr. Craven ordenou que a Sra. Medlock trouxesse lá de Londres. Ele disse: 'Eu não vou deixar uma criança vestida de preto vagando como uma alma perdida, isso tornaria o lugar mais triste do que já é. Ponha cor nela.' Mãe disse que sabia o que ele queria dizer, ela sempre sabe o que uma pessoa transmite pela cor que ela tá usando. Ela mesma não usa roupas pretas."</p>
"I hate black things," said Mary.	"Eu odeio coisas pretas," disse Mary.
<p>The dressing process was one which taught them both something. Martha had "buttoned up" her little sisters and brothers but she had never seen a child who stood still and waited for another person to do things for her as if she had neither hands nor feet of her own.</p>	<p>O processo de vestimenta ensinou algo às duas. Martha havia "abotoado" suas irmãs e irmãos menores, mas nunca vira uma criança que ficasse parada e esperasse que outra pessoa fizesse coisas para ela como se não tivesse mãos ou pés.</p>
"Why doesn't tha' put on tha' own shoes?" she said when Mary quietly held out her foot.	"Por que tu não calça os próprios sapatos?" ela disse quando Mary quietamente estendeu o pé.
<p>"My Ayah did it," answered Mary, staring. "It wasthecustom."</p>	<p>"Minha aia fazia isso," respondeu Mary, olhando-a fixamente. "Era o costume."</p>
<p>She said that very often—"It was the custom." The native servants were always saying it. If one told them to do a thing their ancestors had not done for a thousand years they gazed at one mildly and said, "It is not the custom" and one knew that was the end of the matter.</p>	<p>Ela dizia isso "era o costume" com frequência. Os servos nativos sempre diziam isso, se alguém lhes dissesse para fazer algo que seus ancestrais não faziam há mil anos, eles olhavam suavemente para essa pessoa e diziam: "não é o costume" e assim sabiam que era o fim do assunto.</p>
<p>It had not been the custom that Mistress Mary should do anything but stand and allow herself to be dressed like a doll, but before</p>	<p>Não era costume que a senhorita Mary fizesse qualquer coisa a não ser ficar de pé e se permitir ser vestida como uma boneca,</p>

<p>she was ready for breakfast she began to suspect that her life at Misselthwaite Manor would end by teaching her a number of things quite new to her—things such as putting on her own shoes and stockings, and picking up things she let fall. If Martha had been a well-trained fine young lady's maid she would have been more subservient and respectful and would have known that it was her business to brush hair, and button boots, and pick things up and lay them away. She was, however, only an untrained Yorkshire rustic who had been brought up in a moorland cottage with a swarm of little brothers and sisters who had never dreamed of doing anything but waiting on themselves and on the younger ones who were either babies in arms or just learning to totter about and tumble over things.</p>	<p>mas antes de estar pronta para o café da manhã, ela começou a suspeitar que sua vida na mansão Misselthwaite terminaria por ensinar uma série de coisas novas como: calçar seus próprios sapatos, colocar as próprias meias, além de pegar coisas que ela mesma deixou cair. Se Martha fosse uma jovem doméstica bem treinada, ela teria sido mais submissa e respeitosa. A empregada saberia que a sua função era escovar os cabelos, pôr as botas e pegar coisas para Mary. Ela era, no entanto, apenas uma caipira inexperiente de Yorkshire que havia sido criada em uma cabana na charneca com um enxame de irmãos e irmãs que nunca sonharam em fazer nada além de cuidar de si mesmos e dos mais jovens que eram bebês de colo ou estavam aprendendo a engatinhar e tropeçar nas coisas.</p>
<p>If Mary Lennox had been a child who was ready to be amused she would perhaps have laughed at Martha's readiness to talk, but Mary only listened to her coldly and wondered at her freedom of manner. At first she was not at all interested, but gradually, as the girl rattled on in her good-tempered, homely way, Mary began to notice what she was saying.</p>	<p>Se Mary Lennox fosse uma criança acostumada a se divertir, talvez risse da disposição de Martha para falar, mas apenas a ouviu com frieza e se admirou com seu jeito extrovertido. A princípio, ela não ficou nem um pouco interessada, mas aos poucos, à medida que a menina tagarelava com seu jeito bem-humorado e caseiro, Mary começou a notar o que ela dizia.</p>
<p>"Eh! you should see 'em all," she said. "There's twelve of us an' my father only gets sixteen shilling a week. I can tell you my mother's put to it to get porridge for 'em all. They tumbleaboutonth' mooran' play there</p>	<p>"Ah! Tu devia vê eles," disse ela. "Nós é doze e meu pai só ganha dezesseis xelins por semana, mas minha mãe consegue fazer mingau pra todo mundo. Meus irmãos vão pra charneca e brincam lá o dia todo, minha</p>

<p>all day an' mother says th' air of th' moor fattens 'em. She says she believes they eat th' grass same as th' wild ponies do. Our Dickon, he's twelve years old and he's got a young pony he calls his own."</p>	<p>mãe fala que o ar da charneca engorda eles. Ela diz que acredita que eles comem grama igual os pôneis selvagens. Nosso Dickon tem 12 anos e tem um pônei bebezinho."</p>
<p>"Where did he get it?" asked Mary.</p>	<p>"Onde ele conseguiu um?" perguntou Mary.</p>
<p>"He found it on th' moor with its mother when it was a little one an' he began to make friends with it an' give it bits o' bread an' pluck young grass for it. And it got to like him so it follows him about an' it lets him get on its back. Dickon's a kindladan' animals likes him."</p>	<p>"Ele encontrou o pônei junto com a mãe dele quando o animal era pequeno, começou a fazer amizade com pedaços de pão e arrancando grama pra ele comer. O pônei começou a gostar dele, então segue ele e deixa que o Dickon suba nas costas dele. Meu irmão é um rapaz gentil e os bicho gosta dele."</p>
<p>Mary had never possessed an animal pet of her own and had always thought she should like one. So she began to feel a slight interest in Dickon, and as she had never before been interested in any one but herself, it was the dawning of a healthy sentiment. When she went into the room which had been made into a nursery for her, she found that it was rather like the one she had slept in. It was not a child's room, but a grown-up person's room, with gloomy old pictures on the walls and heavy old oak chairs. A table in the center was set with a good substantial breakfast. But she had always had a very small appetite, and she looked with something more than indifference at the first plate Martha set before her.</p>	<p>Mary nunca teve um animal de estimação e sempre achou que deveria gostar de um. Então ela começou a sentir um leve interesse por Dickon e, como nunca antes se interessou por ninguém além de si mesma, foi o surgimento de um sentimento novo. Quando entrou no quarto que havia sido transformado em uma sala para ela, descobriu que era bem parecido com aquele em que havia dormido. Não era um quarto de criança, mas sim de uma pessoa adulta, com fotos antigas sombrias nas paredes e cadeiras pesadas de carvalho. Uma mesa no centro estava posta com um café da manhã bem reforçado. Mas ela sempre teve pouco apetite e olhou com algo mais do que indiferença para o primeiro prato que Martha colocou diante dela.</p>
<p>"I don't want it," she said.</p>	<p>"Eu não quero isso," disse a menina.</p>
<p>"Tha' doesn't want thy porridge!" Martha</p>	<p>"Tu não quer o teu mingau?!" Martha</p>

exclaimed incredulously.	exclamou incrédula.
"No."	"Não."
"Tha' doesn't know how good it is. Put a bit o' treacle on it or a bit o' sugar."	"Tu não sabe como é bom. Coloca um pouco de melado ou um pouco de açúcar."
"I don't want it," repeated Mary.	"Eu não quero," repetiu Mary.
"Eh!" said Martha. "I can't abide to see good victuals go to waste. If our children was at this table they'd clean it bare in five minutes."	"Ah!" disse Martha. "Não posso tolera que alimentos bons sejam desperdiçados, se meus irmãos tivesse nessa mesa, eles limpariam em cinco minutos."
"Why?" said Mary coldly.	"Por que?" Mary quis saber friamente.
"Why!" echoed Martha. "Because they scarce ever had their stomachs full in their lives. They're as hungry as younghawks an' foxes."	"Por que?!" repetiu Martha. "Porque eles raramente ficam de barriga cheia. Eles tão sempre com fome que nem os falcões e as raposas."
"I don't know what it is to be hungry," said Mary, with the indifference of ignorance.	"Não sei o que é sentir fome," disse Mary, com a sua ignorância e indiferença.
Martha looked indignant.	Martha parecia indignada.
"Well, it would do thee good to try it. I can see that plain enough," she said outspokenly. "I've no patience with folk as sits an' just stares at good bread an' meat. My word! don't I wish Dickon and Phil an' Jane an' th' rest of 'em had what's here under their pinafores."	Seria bom se tu tentasse comer. Escuta aqui..." disse ela abertamente. "Eu não tenho paciência pra gente que fica que nem estátua olhando um bom prato de comida. Juro por Deus! Eu queria que o Dickon, o Phil, a Jane, e o resto deles tivesse o que tu tem na sua frente agora."
"Why don't you take it to them?" suggested Mary.	"Por que você não leva para eles?" sugeriu Mary.
"It's not mine," answered Martha stoutly. "An' this isn't my day out. I get my day out once a month same as th' rest. Then I go home an' clean up for mother an' give her a day's rest."	"Porque não é meu," respondeu Martha com firmeza. "E esse não é meu dia de folga. Eu tenho meu dia de descanso uma vez por mês igual todo mundo, aí vou pra casa limpar tudo pra minha mãe e dou pra ela um dia de descanso."
Mary drank some tea and ate a little toast and	Mary bebeu um pouco de chá e comeu um

some marmalade.	pouco de torrada com geléia.
"You wrap up warm an' run out an' play you," said Martha. "It'll do you good and give you some stomach for your meat."	"Tu se aquece, corre e brinca," disse Martha. "Isso vai te abrir o apetite."
Mary went to the window. There were gardens and paths and big trees, but everything looked dull and wintry.	Mary foi até a janela. Havia jardins, caminhos e grandes árvores, mas tudo parecia sombrio e invernal.
"Out? Why should I go out on a day like this?"	"Lá fora? Por que eu deveria sair em um dia como este?"
"Well, if tha' doesn't go out tha'lt have to stay in, an' what has tha' got to do?"	"Bem, se não sair, tu vai ficar. É isso que tu quer fazer?"
Mary glanced about her. There was nothing to do. When Mrs. Medlock had prepared the nursery she had not thought of amusement. Perhaps it would be better to go and see what the gardens were like.	Mary olhou ao seu redor. Não havia nada para fazer. Quando a Sra. Medlock preparou o quarto, ela não pensou em se divertir, talvez fosse melhor ir ver como eram os jardins.
"Who will go with me?" she inquired.	"Quem irá comigo?" ela perguntou.
Martha stared.	Martha ficou olhando.
"You'll go by yourself," she answered. "You'll have to learn to play like other children does when they haven't got sisters and brothers. Our Dickon goes off on th' moor by himself an' plays for hours. That's how he made friends with th' pony. He's got sheep on th' moor that knows him, an' birds as comes an' eats out of his hand. However little there is to eat, he always saves a bit o' his bread to coax his pets."	"Vai sozinha," respondeu ela. "Tu vai ter que aprender a brincar como as outras crianças fazem quando não tem irmãos e irmãs. Dickon vai pra charneca sozinho e brinca por horas. Foi assim que ele fez amizade com o pônei. Na charneca tem ovelhas que conhecem ele e uns pássaros que vem come na palma da mão dele. Mesmo que nossa comida seja pouca, ele sempre guarda um pouco do pão pra persuadir os animais de estimação."
It was really this mention of Dickon which made Mary decide to go out, though she was not aware of it. There would be birds outside though there would not be ponies or sheep.	Foi a menção a Dickon que de fato fez com que Mary decidisse sair, no entanto, ela não sabia disso. Não haviam pôneis ou ovelhas do lado de fora, mas haviam passarinhos,

<p>They would be different from the birds in India and it might amuse her to look at them.</p>	<p>eles eram diferentes dos pássaros da Índia e ela poderia se divertir olhando-os.</p>
<p>Martha found her coat and hat for her and a pair of stout little boots and she showed her her way down-stairs.</p>	<p>Martha deu a Mary um casaco, um chapéu e um par de botas robustas. Sendo assim, mostrou o caminho enquanto descia as escadas.</p>
<p>"If tha' goes round that way tha'll come to th' gardens," she said, pointing to a gate in a wall of shrubbery. "There's lots o' flowers in summer-time, but there's nothin' bloomin' now." She seemed to hesitate a second before she added, "One of th' gardens is locked up. No one has been in it for ten years."</p>	<p>"Se for por aqui, vai chegar nos jardins," Martha disse apontando para um portão em uma parede de arbustos. "Tem muitas flores no verão, mas não tem nada florescendo agora." Ela pareceu hesitar por um segundo antes de acrescentar: "Um dos jardins tá trancado. Ninguém entra faz dez anos."</p>
<p>"Why?" asked Mary in spite of herself. Here was another locked door added to the hundred in the strange house.</p>	<p>"Por que?" perguntou Mary. Aqui estava mais uma adição para a lista de cem portas trancadas naquela casa estranha.</p>
<p>"Mr. Craven had it shut when his wife died so sudden. He won't let no one go inside. It was her garden. He locked th' door an' dug a hole and buried th' key. There's Mrs. Medlock's bell ringing—I must run."</p>	<p>"O Sr. Craven fechou quando a esposa morreu. Ele não deixa ninguém entrar porque era o jardim dela; então ele trancou a porta, cavou um buraco e enterrou a chave. O sino da Sra. Medlock tá tocando, tenho que me apressar."</p>
<p>After she was gone Mary turned down the walk which led to the door in the shrubbery. She could not help thinking about the garden which no one had been into for ten years. She wondered what it would look like and whether there were any flowers still alive in it. When she had passed through the shrubbery gate she found herself in great gardens, with wide lawns and winding walks with clipped borders. There were trees, and flower-beds, and evergreens clipped into</p>	<p>Depois que Martha se foi, Mary desceu o caminho que levava à porta no matagal. A menina não conseguia deixar de pensar no jardim que ninguém visitava há dez anos, se perguntou como seria e se ainda haviam flores vivas. Assim que passou pelo portão cercado de arbustos, Mary viu-se em um lugar enorme cheio de gramados e caminhos sinuosos enfeitados. Havia árvores, canteiros de flores e arbustos cortados em formatos estranhos, além disso, tinha uma</p>

<p>strange shapes, and a large pool with an old gray fountain in its midst. But the flowerbeds were bare and wintry and the fountain was not playing. This was not the garden which was shut up. How could a garden be shut up? You could always walk into a garden.</p>	<p>grande piscina com um fonte velha da cor cinza bem no meio. Apesar disso, os canteiros de flores estavam vazios e congelados, a fonte não estava ligada. Este não era o jardim que estava fechado. Como um jardim pode ser fechado? Você sempre pode entrar em um jardim.</p>
<p>She was just thinking this when she saw that, at the end of the path she was following, there seemed to be a long wall, with ivy growing over it. She was not familiar enough with England to know that she was coming upon the kitchen-gardens where the vegetables and fruit were growing. She went toward the wall and found that there was a green door in the ivy, and that it stood open. This was not the closed garden, evidently, and she could go into it.</p>	<p>Ela estava pensando nisso quando viu que, no final do caminho que estava seguindo, parecia haver uma longa parede, com plantas trepadeiras crescendo sobre ela. Ela não estava familiarizada o suficiente com a Inglaterra para saber que estava chegando às hortas onde os vegetais e frutas cresciam. Mary foi em direção àquele muro e descobriu que havia uma porta aberta por debaixo daquelas heras. Este não era o jardim fechado, evidentemente, e ela poderia entrar nele.</p>
<p>She went through the door and found that it was a garden with walls all round it and that it was only one of several walled gardens which seemed to open into one another. She saw another open green door, revealing bushes and pathways between beds containing winter vegetables. Fruit-trees were trained flat against the wall, and over some of the beds there were glass frames. The place was bare and ugly enough, Mary thought, as she stood and stared about her. It might be nicer in summer when things were green, but there was nothing pretty about it now.</p>	<p>Ao entrar, descobriu que o jardim tinha paredes e que era apenas um dos vários outros que também eram murados. Um jardim dentro de outro jardim. A criança viu outra porta aberta, revelando arbustos e caminhos entre canteiros contendo vegetais de inverno. As árvores frutíferas eram apoiadas contra a parede e, sobre alguns dos canteiros, haviam molduras de vidro. O lugar estava vazio e feio o suficiente, pensou Mary, enquanto se levantava e olhava ao redor. Podia ser mais agradável no verão, quando as coisas eram verdes, mas não havia nada de bonito nisso agora.</p>

<p>Presently an old man with a spade over his shoulder walked through the door leading from the second garden. He looked startled when he saw Mary, and then touched his cap. He had a surly old face, and did not seem at all pleased to see her—but then she was displeased with his garden and wore her "quite contrary" expression, and certainly did not seem at all pleased to see him.</p>	<p>Logo, um velho com uma pá nos ombros entrou pela porta que dava para o segundo jardim. Ele pareceu surpreso ao ver Mary. O homem tinha um rosto velho e carrancudo, e não parecia nada satisfeito em vê-la, mas ela também não estava feliz vê-lo, além de estar desapontada com o jardim, exibia sua expressão "Mary Garotinha Chatinha".</p>
<p>"What is this place?" she asked.</p>	<p>"O que é este lugar?" perguntou.</p>
<p>"One o' th' kitchen-gardens," he answered.</p>	<p>"Uma das hortas," respondeu ele.</p>
<p>"What is that?" said Mary, pointing through the other green door.</p>	<p>"O que tem do outro lado?" Mary apontou para a outra porta verde.</p>
<p>"Another of 'em," shortly. "There's another on t'other side o' th' wall an' there's th' orchard t'other side o' that."</p>	<p>"Outro pomar como esse."</p>
<p>"Can I go in them?" asked Mary.</p>	<p>"Posso ir até lá?" perguntou Mary.</p>
<p>"If tha' likes. But there's nowt to see."</p>	<p>"Se quiser, mas não tem nada para vê."</p>
<p>She could see the tops of trees above the wall, and when she stood still she saw a bird with a bright red breast sitting on the topmost branch of one of them, and suddenly he burst into his winter song—almost as if he had caught sight of her and was calling to her.</p>	<p>Ela podia ver o topo das árvores acima da parede, e quando parou, viu um pássaro de peito vermelho brilhante sentado no galho mais alto, de repente ele explodiu em uma canção de inverno, quase como se tivesse pego a menina observando-o e agora chamava por ela.</p>
<p>She stopped and listened to him and somehow his cheerful, friendly little whistle gave her a pleased feeling—even a disagreeable little girl may be lonely, and the big closed house and big bare moor and big bare gardens had made this one feel as if there was no one left in the world but herself. If she had been an affectionate child, who</p>	<p>Se a menina fosse uma criança afetuosa, acostumada a ser amada, a música do passarinho teria partido seu coração, mas sendo "Mary Garotinha Chatinha" ela estava desolada e o pássaro de peito brilhante parecia olhar seu rostinho azedo quase com um sorriso. Ela o ouviu até que voasse. Ele não era como um pássaro indiano, mas</p>

<p>had been used to being loved, she would have broken her heart, but even though she was "Mistress Mary Quite Contrary" she was desolate, and the bright-breasted little bird brought a look into her sour little face which was almost a smile. She listened to him until he flew away. He was not like an Indian bird and she liked him and wondered if she should ever see him again. Perhaps he lived in the mysterious garden and knew all about it.</p>	<p>gostava dele. A menina perguntou se o veria novamente, talvez ele vivesse no jardim misterioso e soubesse tudo sobre como era lá dentro.</p>
<p>Perhaps it was because she had nothing whatever to do that she thought so much of the deserted garden. She was curious about it and wanted to see what it was like. Why had Mr. Archibald Craven buried the key? If he had liked his wife so much why did he hate her garden? She wondered if she should ever see him, but she knew that if she did she should not like him, and he would not like her, and that she should only stand and stare at him and say nothing, though she should be wanting dreadfully to ask him why he had done such a queer thing.</p>	<p>Talvez pensava muito no jardim deserto porque não tinha absolutamente nada para fazer. Ela estava curiosa sobre isso e queria ver como era. Por que o Sr. Archibald Craven enterrou a chave? Se ele gostava tanto da esposa, qual era o porquê de odiar o jardim dela? Ela se perguntou se deveria vê-lo um dia, mas sabia que, se o fizesse, não deveria gostar dele, e ele não gostaria dela, e que ela deveria apenas ficar parada e olhar para ele sem dizer nada, embora ela devesse estar terrivelmente querendo perguntar a razão de fazer uma coisa tão estranha.</p>
<p>"People never like me and I never like people," she thought. "And I never can talk as the Crawford children could. They were always talking and laughing and making noises."</p>	<p>"As pessoas nunca gostam de mim e eu nunca gosto das pessoas," pensou ela. "E eu nunca consigo falar como as crianças Crawford falavam. Elas estavam sempre conversando, rindo e fazendo barulho."</p>
<p>She thought of the robin and of the way he seemed to sing his song at her, and as she remembered the tree-top he perched on she stopped rather suddenly on the path.</p>	<p>Ela pensou no passarinho e na maneira como ele parecia cantar para ela, e quando ela se lembrou do topo da árvore em que ele se empoleirou, parou repentinamente no</p>

	caminho.
"I believe that tree was in the secret garden— I feel sure it was," she said. "There was a wall round the place and there was no door."	"Acredito que aquela árvore estava no jardim secreto, tenho certeza que estava," disse ela. "Tinha uma parede em volta do local e não havia porta."
She walked back into the first kitchen-garden she had entered and found the old man digging there. She went and stood beside him and watched him a few moments in her cold little way. He took no notice of her and so at last she spoke to him.	Ela voltou para a primeira horta em que havia entrado e encontrou o velho cavando ali. Ela ficou ao lado dele observando por alguns momentos com seu jeito esnobe. Ele não a notou e, por fim, ela falou com ele.
"I have been into the other gardens," she said.	"Já estive nos outros jardins", disse ela.
"There was nothin' to prevent thee," he answered crustily.	"Não tinha nada te impedindo," ele respondeu de maneira grossa.
"I went into the orchard."	"Eu fui ao pomar."
"There was no dog at th' door to bite thee," he answered.	"Não tinha nenhum cachorro na porta para te morder", respondeu ele.
"There was no door there into the other garden," said Mary.	"Não havia porta para o outro jardim", disse Mary.
"What garden?" he said in a rough voice, stopping his digging for a moment.	"Que jardim?" ele perguntou em uma voz áspera, parando de cavar por um momento.
"The one on the other side of the wall," answered Mistress Mary. "There are trees there—I saw the tops of them. A bird with a red breast was sitting on one of them and he sang."	"Aquele do outro lado da parede," respondeu Mary. "Há árvores lá, eu vi o topo delas. Um pássaro de peito vermelho estava pousado em uma delas cantando."
To her surprise the surly old weather-beaten face actually changed its expression. A slow smile spread over it and the gardener looked quite different. It made her think that it was curious how much nicer a person looked when he smiled. She hadn't thought of it	Para sua surpresa, o velho de rosto maltratado e castigado pelo tempo realmente mudou de expressão. Um sorriso lento se espalhou sobre ele e o jardineiro parecia bem diferente. Isso a fez pensar que era curioso como uma pessoa ficava mais bonita quando

before.	sorria. Ela não tinha pensado nisso antes.
He turned about to the orchard side of his garden and began to whistle—a low soft whistle. She could not understand how such a surly man could make such a coaxing sound.	O homem se virou para o lado do pomar no jardim começando a assobiar baixinho. Ela não conseguia entender como um homem tão rude poderia fazer um som tão agradável.
Almost the next moment a wonderful thing happened. She heard a soft little rushing flight through the air—and it was the bird with the red breast flying to them, and he actually alighted on the big clod of earth quite near to the gardener's foot.	No momento seguinte, uma coisa maravilhosa aconteceu. Ela ouviu um vô suave e rápido no ar. Era o pássaro de peito vermelho voando na direção deles, e ele realmente pousou no grande torrão de terra bem perto do pé do jardineiro.
"Here he is," chuckled the old man, and then he spoke to the bird as if he were speaking to a child.	"Aqui tá ele," riu o velho, e então falou com o pássaro como se estivesse conversando com uma criança. "Onde tu tava atrevido? Não te vi hoje. Começou a procurar uma namoradinha logo cedo nessa temporada? Seu espertinho!"
"Where has tha' been, tha' cheeky little beggar?" he said. "I've not seen thee before to-day. Has tha' begun tha' courtin' this early in th' season? Tha'rt too forrad."	
The bird put his tiny head on one side and looked up at him with his soft bright eye which was like a black dewdrop. He seemed quite familiar and not the least afraid. He hopped about and pecked the earth briskly, looking for seeds and insects. It actually gave Mary a queer feeling in her heart, because he was so pretty and cheerful and seemed so like a person. He had a tiny plump body and a delicate beak, and slender delicate legs.	O pássaro inclinou sua pequena cabeça de lado e olhou para o velho com seus olhos brilhantes que eram como gotas de orvalho negras. Ele parecia bastante familiarizado, nem um pouco com medo, a ave saltou e bicou a terra rapidamente, procurando sementes e insetos. Aquilo fez surgir um sentimento estranho no coração de Mary, porque ele era tão bonito e alegre que parecia um humano. Ele tinha um corpo minúsculo e rechonchudo, um bico delicado e pernas finas.

<p>"Will he always come when you call him?" she asked almost in a whisper.</p>	<p>"Ele sempre vem quando você o chama?" ela perguntou quase em um sussurro.</p>
<p>"Aye, that he will. I've knowed him ever since he was a fledgling. He come out of th' nest in th' other garden an' when first he flew over th' wall he was too weak to fly back for a few days an' we got friendly. When he went over th' wall again th' rest of th' brood was gone an' he was lonely an' he come back to me."</p>	<p>"Sim, eu conheço desde que era um filhote. Ele saiu do ninho do outro jardim, quando voou pela primeira vez sobre o muro, ele tava fraco demais pra voar de volta, ficou aqui por alguns dias e ficamo amigos. Quando ele voltou pra pular o muro, o resto da ninhada já tinha ido e ele ficou sozinho, então voltou pra mim."</p>
<p>"What kind of a bird is he?" Mary asked.</p>	<p>"Que espécie de pássaro é ele?" Mary perguntou.</p>
<p>"Doesn't tha' know? He's a robin redbreast an' they're th' friendliest, curiourest birds alive. They're almost as friendly as dogs—if you know how to get on with 'em. Watch him peckin' about there an' lookin' round at us now an' again. He knows we're talkin' about him."</p>	<p>"Tu não sabe? Ele é um tordo de peito vermelho e são os pássaros mais amigáveis e curiosos. Eles são quase tão amigáveis quanto cachorros se souber como lidar com eles. Observa ele bicando lá e olhando pra nós. Ele sabe que tamo falando sobre ele."</p>
<p>It was the queerest thing in the world to see the old fellow. He looked at the plump little scarlet-waistcoated bird as if he were both proud and fond of him.</p>	<p>Foi a coisa mais estranha do mundo ver o velho. Ele olhou para o pequeno pássaro rechonchudo de colete escarlate como se estivesse orgulhoso e apaixonado pelo mesmo.</p>
<p>"He's a conceited one," he chuckled. "He likes to hear folk talk about him. An' curious—bless me, there never was his like for curiosity an' meddlin'. He's always comin' to see what I'm plantin'. He knows all th' things Mester Craven never troubles hisself to find out. He's th' headgardener, he is."</p>	<p>"Ele é um vaidoso. Gosta de ouvir as pessoas falarem dele, além disso é curioso. Deus do céu! Nunca vi um bicho tão curioso e intrometido assim! Ele sempre vem pra ver o que eu to plantando. Ele sabe de tudo, se importa mais do que o patrão Craven, ele é o jardineiro chefe daqui."</p>
<p>The robin hopped about busily pecking the soil and now and then stopped and looked at</p>	<p>O pisco-de-peito-ruivo saltava ocupado bicando o solo e de vez em quando parava e</p>

them a little. Mary thought his black dewdrop eyes gazed at her with great curiosity. It really seemed as if he were finding out all about her. The queer feeling in her heart increased.	olhava um pouco para eles. Mary pensou que seus olhos negros a fitavam com grande curiosidade. Realmente parecia que ele estava descobrindo tudo sobre ela. A sensação estranha em seu coração aumentou.
"Where did the rest of the brood fly to?" she asked.	"Para onde o resto da ninhada voou?" ela perguntou.
"There's no knowin'. The old ones turn 'em out o' their nest an' make 'em fly an' they're scattered before you know it. This one was a knowin' one an' he knew he was lonely."	"Não tem como saber. Os mais velhos tiram eles do ninho e fazem eles voar, então eles se espalham antes que tu perceba. Esse daqui sabe como é ser sozinho."
Mistress Mary went a step nearer to the robin and looked at him very hard.	Senhorita Mary deu um passo para mais perto do tordo e fitou-o com muita atenção.
"I'm lonely," she said.	"Eu me sinto sozinha," disse ela.
She had not known before that this was one of the things which made her feel sour and cross. She seemed to find it out when the robin looked at her and she looked at the robin.	Ela não sabia antes que essa era uma das coisas que a deixava amarga e contrariada, pareceu descobrir quando o tordo olhou para ela e ela olhou para o tordo.
The old gardener pushed his cap back on his bald head and stared at her a minute.	O velho jardineiro empurrou o boné para trás na cabeça calva e olhou para ela por um minuto.
"Art tha' th' little wench from India?" he asked.	"Tu é aquela garota da Índia?" perguntou ele.
Mary nodded.	Mary acenou com a cabeça.
"Then no wonder tha'rt lonely. Tha'lt be lonelier before tha's done," he said.	"Então, não é de admirar que seja sozinha. Tu vai tá ainda mais sozinha antes disso aqui terminar." respondeu o homem.
He began to dig again, driving his spade deep into the rich black garden soil while the robin hopped about very busily employed.	Ele começou a cavar novamente, cravando a pá profundamente no rico solo negro do jardim enquanto o tordo saltava muito ocupado.
"What is your name?" Mary inquired.	"Qual é o seu nome?" Mary perguntou.

He stood up to answer her.	Ele se levantou para responder.
"Ben Weatherstaff," he answered, and then he added with a surly chuckle, "I'm lonely myself except when he's with me," and he jerked his thumb toward the robin. "He'sth' only friend I'vegot."	"Ben Weatherstaff," respondeu, e então acrescentou com uma risada mal-humorada, "Eu também sou sozinho, menos quando ele tá comigo", e apontou o polegar em direção ao tordo. "Ele é o único amigo que eu tenho."
"I have no friends at all," said Mary. "I never had. My Ayah didn't like me and I never played with any one."	"Não tenho amigos," disse Mary. "Nunca tive. Minha aia não gostava de mim e nunca brinquei com ninguém."
It is a Yorkshire habit to say what you think with blunt frankness, and old Ben Weatherstaff was a Yorkshire moor man.	Era um hábito de Yorkshire dizer o que pensava com franqueza, e o velho Ben Weatherstaff era um homem da charneca de Yorkshire.
"Tha' an' me are a good bit alike," he said. "We was wove out of th' same cloth. We're neither of us good lookin' an' we're both of us as sour as we look. We've got the same nasty tempers, both of us, I'll warrant."	"Então somos um tantinho parecidos," disse ele. "Farinha do mesmo saco, nenhum de nós é bonito e os dois mal-humorados como parecemos. Eu posso garantir pra tu que temos os mesmos temperamentos desagradáveis."
This was plain speaking, and Mary Lennox had never heard the truth about herself in her life. Native servants always salaamed and submitted to you, whatever you did. She had never thought much about her looks, but she wondered if she was as unattractive as Ben Weatherstaff and she also wondered if she looked as sour as he had looked before the robin came. She actually began to wonder also if she was "nasty tempered." She feltuncomfortable.	Isso era claro, e Mary Lennox nunca tinha ouvido a verdade sobre si mesma em toda a sua vida. Os servos nativos sempre a saudavam e se submetiam a ela, seja lá o que fizesse. Ela nunca tinha pensado muito sobre sua aparência, mas se perguntou se era tão feia quanto Ben Weatherstaff. Mary também quis saber se parecia tão azeda como ele parecia antes de o tordo chegar. Na verdade, ela também começou a se perguntar se tinha "temperamento desagradável" e isso a deixou desconfortável.
Suddenly a clear rippling little sound broke out near her and she turned round. She was	De repente, um pequeno som estourou perto da menina, então ela se virou, Mary estava

<p>standing a few feet from a young apple-tree and the robin had flown on to one of its branches and had burst out into a scrap of a song. Ben Weatherstaff laughed outright.</p>	<p>parada a poucos metros de uma macieira e o tordo voou para um de seus galhos cantando bem alto sua música. Ben Weatherstaff riu alto.</p>
<p>"What did he do that for?" asked Mary.</p>	<p>"Por que ele fez isso?" perguntou Mary.</p>
<p>"He's made up his mind to make friends with thee," replied Ben. "Dang me if he hasn't took a fancy to thee."</p>	<p>"Ele decidiu fazer amizade com tu," respondeu o jardineiro. "Que um raio caia na minha cabeça se ele não tiver gostado de ti."</p>
<p>"To me?" said Mary, and she moved toward the little tree softly and looked up.</p>	<p>"Sério?" perguntou Mary movendo-se suavemente em direção à pequena árvore e olhando para cima.</p>
<p>"Would you make friends with me?" she said to the robin just as if she was speaking to a person. "Would you?" And she did not say it either in her hard little voice or in her imperious Indian voice, but in a tone so soft and eager and coaxing that Ben Weatherstaff was as surprised as she had been when she heard him whistle.</p>	<p>"Você faria amizade comigo?" ela perguntou ao tordo como se estivesse falando com uma pessoa. "Faria?" A garota não disse isso com sua voz dura e arrogante como de costume, mas sim em um tom suave, ansioso e persuasivo que fez Ben Weatherstaff ficar tão surpreso quanto ela quando o ouviu assobiar.</p>
<p>"Why," he cried out, "tha' said that as nice an' human as if tha' was a real child instead of a sharp old woman. Tha' said it almost like Dickon talks to his wild things on th' moor."</p>	<p>"Ora," ele gritou, "Tu falou com ele como se fosse uma criança de verdade, em vez de uma velha astuta. Ficou parecida com o Dickon, quando ele fala com as criaturas selvagens na charneca."</p>
<p>"Do you know Dickon?" Mary asked, turning round rather in a hurry.</p>	<p>"Você conhece Dickon?" Perguntou Mary, virando-se com pressa.</p>
<p>"Everybody knows him. Dickon's wanderin' about everywhere. Th' very blackberries an' heather-bells knows him. I warrant th' foxes shows him where their cubs lies an' th' skylarks doesn't hide their nests from him."</p>	<p>"Todo mundo conhece. Dickon tá vagando por toda parte, as próprias amoras-pretas e urze-sinos conhecem ele. Garanto que as raposas mostram pra ele onde são os filhotes delas e as cotovias não escondem os ninhos dele."</p>
<p>Mary would have liked to ask some more</p>	<p>Mary queria fazer mais algumas perguntas.</p>

<p>questions. She was almost as curious about Dickon as she was about the deserted garden. But just that moment the robin, who had ended his song, gave a little shake of his wings, spread them and flew away. He had made his visit and had other things to do.</p>	<p>Ela estava quase tão curiosa sobre Dickon quanto sobre o jardim deserto, mas naquele exato momento, o tordo que havia encerrado sua música, agitou suas asas, abriu-as e voou para longe. Ele havia feito sua visita e tinha outras coisas para fazer.</p>
<p>"He has flown over the wall!" Mary cried out, watching him. "He has flown into the orchard—he has flown across the other wall—into the garden where there is no door!"</p>	<p>"Ele voou por cima do muro!" Mary gritou, olhando para ele. "Ele voou para o pomar através da outra parede! Ele voou para o jardim onde não há porta!"</p>
<p>"He lives there," said old Ben. "He came out o' th' egg there. If he's courtin', he's makin' up to some young madam of a robin that lives among th' old rose-trees there."</p>	<p>"Ele mora lá," disse o velho Ben. "Ele saiu do ovo lá. Se ele tá cortejando umas tordos fêmeas, também tá magoando algumas que vivem nas roseiras velhas de lá."</p>
<p>"Rose-trees," said Mary. "Are there rosetrees?"</p>	<p>"Roseiras," repetiu Mary. "Existem roseiras lá?"</p>
<p>Ben Weatherstaff took up his spade again and began to dig.</p>	<p>Ben Weatherstaff pegou sua pá novamente e começou a cavar.</p>
<p>"There was ten year' ago," he mumbled.</p>	<p>"Existiam há dez anos atrás," ele murmurou.</p>
<p>"I should like to see them," said Mary. "Where is the green door? There must be a doorsomewhere."</p>	<p>"Eu gostaria de ver," disse Mary. "Onde está a porta? Deve haver uma em algum lugar."</p>
<p>Ben drove his spade deep and looked as uncompanionable as he had looked when she first saw him.</p>	<p>Ben enfiou a pá bem fundo e parecia tão irritado quanto quando a viu pela primeira vez.</p>
<p>"There was ten year' ago, but there isn't now," he said.</p>	<p>"Tinha dez anos atrás, agora não tem mais," disse ele.</p>
<p>"No door!" cried Mary. "There must be."</p>	<p>"Deve haver uma porta!" ela gritou.</p>
<p>"None as any one can find, an' none as is any one's business. Don't you be a meddlesome wench an' poke your nose where it's no cause to go. Here, I must go onwithmywork. Get</p>	<p>"Ninguém pode encontrar essa porta e não é qualquer um que pode. Não seja uma jovem intrometida e meta o seu nariz onde não é chamada. Devo continuar meu trabalho, vai</p>

you gone an' play you. I've no more time."	brincar, não tenho mais tempo pra conversar."
And he actually stopped digging, threw his spade over his shoulder and walked off, without even glancing at her or saying goodby.	E ele realmente parou de cavar, jogou a pá por cima do ombro e saiu andando, sem nem mesmo olhar para trás ou se despedir.

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER VII	CAPÍTULO 7
THE KEY OF THE GARDEN	A CHAVE DO JARDIM
Two days after this, when Mary opened her eyes she sat upright in bed immediately, and called to Martha.	Dois dias se passaram. Quando Mary acordou, sentou-se na cama imediatamente chamando por Martha.
"Look at the moor! Look at the moor!"	"Olhe! Olhe para a charneca!"
The rain-storm had ended and the gray mist and clouds had been swept away in the night by the wind. The wind itself had ceased and a brilliant, deep blue sky arched high over the moorland. Never, never had Mary dreamed of a sky so blue. In India skies were hot and blazing; this was of a deep cool blue which almost seemed to sparkle like the waters of some lovely bottomless lake, and here and there, high, high in the arched blueness floated small clouds of snow-white fleece. The far-reaching world of the moor itself looked softly blue instead of gloomy purpleblack or awful dreary gray.	A tempestade tinha acabado. Durante a noite, a névoa cinzenta e as nuvens haviam sido varridas pelo vento e agora com a brisa cessada um céu brilhante e azul escuro erguia-se sobre a charneca. Mary nunca tinha visto um céu tão azul. Na Índia estava sempre quente e resplandecente enquanto na Inglaterra era de um azul frio e profundo que quase parecia cintilar como as águas de um lindo lago sem fundo, e aqui e ali, no alto, flutuavam pequenas nuvens de lã branca como a neve. O vasto mundo da charneca em si parecia suavemente azul ao invés de preto-púrpura sombrio ou cinza terrivelmente sombrio.
"Aye," said Martha with a cheerful grin. "Th' storm's over for a bit. It does like this at this time o' th' year. It goes off in a night like it was pretendin' it had never been here an' never meant to come again. That's because th' springtime's on its way. It's a long way off yet, but it's comin'."	"Sim," disse Martha com um sorriso alegre. "A tempestade passou um pouco. É assim nessa época do ano, ela desaparece durante a noite como se nunca tivesse tado aqui. Isso acontece porque a primavera tá chegando, tá um tantinho longe, mas tá chegando."
"I thought perhaps it always rained or looked dark in England," Mary said.	"Achei que na Inglaterra sempre chovesse ou ficasse escuro," disse Mary.
"Eh! no!" said Martha, sitting up on her heels among her black lead brushes. "Nowt o' th'	"Claro que não!" respondeu Martha, sentando-se sobre calcanhares com a escova

soart!"	de limpar a lareira e. "Conversa pra boi dormir!"
"What does that mean?" asked Mary seriously. In India the natives spoke different dialects which only a few people understood, so she was not surprised when Martha used words she did not know.	"O que isso significa?" perguntou Mary seriamente. Na Índia, os nativos falavam dialetos diferentes que poucas pessoas entendiam, então ela não se surpreendeu quando Martha usou palavras que ela não conhecia.
Martha laughed as she had done the first morning.	Martha riu como na primeira manhã.
"There now," she said. "I've talked broad Yorkshire again like Mrs. Medlock said I mustn't. 'Nowt o' th' soart' means 'nothin'-ofthe-sort,'" slowly and carefully, "but it takes so long to say it. Yorkshire's th' sunniest place on earth when it is sunny. I told thee tha'd like th' moor after a bit. Just you wait till you see th' gold-colored gorse blossoms an' th' blossoms o' th' broom, an' th' heather flowerin', all purple bells, an' hundreds o' butterflies flutterin' an' bees hummin' an' skylarks soarin' up an' singin'. You'll want to get out on it at sunrise an' live out on it all day like Dickon does."	"Vamo com calma," disse ela. "Falei com o sotaque de Yorkshire de novo quando a Sra. Medlock disse pra não fazer isso. 'Conversa fiada' significa que não é verdade," Martha pronunciou devagar e com cuidado. "Leva muito tempo pra isso acontecer, mas quando acontece, Yorkshire é o lugar mais ensolarado da terra! Eu disse que tu ia gostar da charneca em breve, espera só pra ver as flores florindo, as borboletas voando, os zumbidos das abelhas, as cotovias voando e cantando... Tu vai querer sair todo dia pra ver o sol nascer que nem o Dickon."
"Could I ever get there?" asked Mary wistfully, looking through her window at the far-off blue. It was so new and big and wonderful and such a heavenly color.	"Eu posso ir à sua casa?" perguntou Mary melancolicamente, olhando pela janela para o azul distante. Era tudo tão novo, grande, maravilhoso e de uma cor tão celestial.
"I don't know," answered Martha. "Tha's never used tha' legs since tha' was born, it seems to me. Tha' couldn't walk five mile. It's five mile to our cottage."	"Sei não," respondeu Martha. "Tu parece que nunca usou as pernas desde o dia que nasceu. São cinco milhas até a nossa casa, acho que tu não consegue andar tanto."
"I should like to see your cottage."	"Eu gostaria de ver seu vilarejo."

<p>Martha stared at her a moment curiously before she took up her polishing brush and began to rub the grate again. She was thinking that the small plain face did not look quite as sour at this moment as it had done the first morning she saw it. It looked just a trifle like little Susan Ann's when she wanted something very much.</p>	<p>Martha a fitou curiosamente por um momento antes de pegar a escova de polir e começar a esfregar a grade novamente. A empregada estava pensando em como o rosto pequeno de Mary não parecia tão azedo como na primeira vez em que a viu. Ela parecia com sua irmã mais nova Susan Ann quando queria muito algo.</p>
<p>"I'll ask my mother about it," she said. "She's one o' them that nearly always sees a way to do things. It's my day out to-day an' I'm goin' home. Eh! I am glad. Mrs. Medlock thinks a lot o' mother. Perhaps she could talk to her."</p>	<p>"Vou perguntar pra minha mãe" disse ela. "Ela é uma daquelas pessoas que sempre dá um jeito de fazer as coisas. Hoje é meu dia de folga e vou para casa. Ah! Eu fico muito feliz que a Sra. Medlock pensa na minha mãe, talvez ela podia falar com ela."</p>
<p>"I like your mother," said Mary.</p>	<p>"Gosto da sua mãe," disse Mary.</p>
<p>"I should think tha' did," agreed Martha, polishing away.</p>	<p>"Eu sei que sim," concordou Martha ainda limpando.</p>
<p>"I've never seen her," said Mary.</p>	<p>"Eu nunca a vi," disse Mary.</p>
<p>"No, tha' hasn't," replied Martha.</p>	<p>"É mesmo não é?" respondeu Martha.</p>
<p>She sat up on her heels again and rubbed the end of her nose with the back of her hand as if puzzled for a moment, but she ended quite positively.</p>	<p>Ela sentou-se nos calcanhares novamente e torceu o nariz como se estivesse confusa por um momento, mas terminou de fazer sua tarefa.</p>
<p>"Well, she's that sensible an' hard workin' an' good-natured an' clean that no one could help likin' her whether they'd seen her or not. When I'm goin' home to her on my day out I just jump for joy when I'm crossin' th' moor."</p>	<p>"Minha mãe é sensata, trabalhadora e bem-humorada de um jeito que ninguém pode gostar de deixar dela, mesmo que nunca tivesse visto ela pessoalmente. Quando vou pra casa no meu dia de folga, ela pula de alegria quando me vê cruzando a charneca."</p>
<p>"I like Dickon," added Mary. "And I've never seen him."</p>	<p>"Gosto de Dickon" acrescentou Mary. "E eu nunca o vi."</p>
<p>"Well," said Martha stoutly, "I've told thee that th' very birds likes him an' th' rabbits an'</p>	<p>"Oras," disse Martha com firmeza, "Eu te disse que todos os animais gostam dele. Fico</p>

wild sheep an' ponies, an' th' foxes themselves. I wonder," staring at her reflectively, "what Dickon would think of thee?"	pensando... O que o Dickon ia pensar de tu?"
"He wouldn't like me," said Mary in her stiff, cold little way. "No one does."	"Ele não gostaria de mim," Mary disse com seu jeito frio de sempre "Ninguém nunca gosta."
Martha looked reflective again.	Martha pareceu pensativa novamente.
"How does tha' like thysel'?" she inquired, really quite as if she were curious to know.	"É o que tu acha?" ela perguntou, como se realmente estivesse curiosa para saber.
Mary hesitated a moment and thought it over.	Mary hesitou por um momento e pensou a respeito.
"Not at all—really," she answered. "But I never thought of that before."	"Talvez," ela respondeu. "Mas eu nunca pensei nisso antes."
Martha grinned a little as if at some homely recollection.	Martha deu um meio sorriso como se tivesse lembrado de uma coisa.
"Mother said that to me once," she said. "She was at her wash-tub an' I was in a bad temper an' talkin' ill of folk, an' she turns round on me an' says: 'Tha' young vixon, tha'! There tha' stands sayin' tha' doesn't like this one an' tha' doesn't like that one. How does tha' like thysel'?' It made me laugh an' it brought me to my senses in a minute."	"Minha mãe me falou algo parecido isso uma vez," comentou ela. "Eu tava de mau humor falando mal do povo enquanto ela tomava banho, quando ela se virou pra mim e começou a me arremedar. 'Aquele moleque do Vixon! Fica dizendo que não gosta de fulano, fica dizendo que não gosta de ciclano!'. Ver tu falando assim me trouxe essa memória de novo."
She went away in high spirits as soon as she had given Mary her breakfast. She was going to walk five miles across the moor to the cottage, and she was going to help her mother with the washing and do the week's baking and enjoy herself thoroughly.	Martha foi embora logo após o desjejum de Mary. Ela estava animada, andaria oito quilômetros até a casa de campo onde ajudaria a mãe a se lavar, a fazer os assados da semana e a se divertir muito.
Mary felt lonelier than ever when she knew she was no longer in the house. She went out	Mary sentiu-se mais sozinha do que nunca quando soube que não estava mais em casa.

<p>into the garden as quickly as possible, and the first thing she did was to run round and round the fountain flower garden ten times. She counted the times carefully and when she had finished she felt in better spirits. The sunshine made the whole place look different. The high, deep, blue sky arched over Misselthwaite as well as over the moor, and she kept lifting her face and looking up into it, trying to imagine what it would be like to lie down on one of the little snowwhite clouds and float about. She went into the first kitchen-garden and found Ben Weatherstaff working there with two other gardeners. The change in the weather seemed to have done him good. He spoketoheroofhisownaccord.</p>	<p>Ela saiu para o jardim o mais rápido possível e a primeira coisa que fez foi correr dez vezes em volta do jardim da fonte. A menina contou as voltas com cuidado e ao terminar, seu ânimo estava melhor. O sol fazia todo o lugar parecer diferente. O céu, profundo e azul se arqueava sobre Misselthwaite, bem como sobre a charneca, e ela continuava erguendo o rosto e olhando para o alto, tentando imaginar como seria se deitar em uma das pequenas nuvens brancas como a neve e flutuar. Ela foi até a primeira horta e encontrou Ben Weatherstaff trabalhando lá com outros dois jardineiros. A mudança no tempo parecia ter feito bem a ele, tanto que falou com Mary por conta própria.</p>
<p>"Springtime's comin'," he said. "Cannot tha' smell it?"</p>	<p>"A primavera tá chegando," disse ele. "Consegue sentir o cheiro?"</p>
<p>Mary sniffed and thought she could.</p>	<p>Mary inspirou o ar e achou que podia.</p>
<p>"I smell something nice and fresh and damp," she said.</p>	<p>"Sinto um cheiro agradável, fresco e úmido," disse ela.</p>
<p>"That's th' good rich earth," he answered, digging away. "It's in a good humormakin' ready to grow things. It's glad when plantin' time comes. It's dull in th' winter when it's got nowt to do. In th' flower gardens out there things will be stirrin' down below in th' dark. Th' sun's warmin' 'em. You'll see bits o' green spikes stickin' out o' th' black earth after a bit."</p>	<p>"Essa é uma terra rica e boa," respondeu ele cavando. "Ela tá de bom humor, fazendo com que as coisas cresçam. Fico feliz quando chega a hora de plantar porque é monótono durante o inverno quando não tem mais o que fazer. Nos jardins de flores lá fora, as coisas tão se agitando embaixo da terra, o sol tá aquecendo elas. Tu vai ver os brotos verdes saindo do solo preto depois de um tempo."</p>
<p>"What will they be?" asked Mary.</p>	<p>"O que vai nascer?" perguntou Mary.</p>
<p>"Crocuses an' snowdrops an'</p>	<p>"Açafrões, flocos de neve e daffodils. Nunca</p>

daffydowndillys. Has tha' never seen them?"	viu?"
"No. Everything is hot, and wet, and green after the rains in India," said Mary. "And I think things grow up in a night."	"Não. Na Índia tudo era quente, úmido e verde depois da chuva," disse Mary. "E as coisas cresciam em uma noite."
"These won't grow up in a night," said Weatherstaff. "Tha'll have to wait for 'em. They'll poke up a bit higher here, an' push out a spike more there, an' uncurl a leaf this day an' another that. You watch 'em."	"Isso aqui não vai crescer em uma noite," disse Weatherstaff. "Vai ter que esperar. Primeiro elas vão cutucar um pouco pro alto aqui, depois empurrar uns espinhos ali, desenrolar umas folhas lá... Vai ter que ficar de olho."
"I am going to," answered Mary.	"Eu vou," respondeu Mary.
Very soon she heard the soft rustling flight of wings again and she knew at once that the robin had come again. He was very pert and lively, [Pg 81] and hopped about so close to her feet, and put his head on one side and looked at her so slyly that she asked Ben Weatherstaff a question.	A menina logo ouviu o farfalhar suave de asas novamente e soube imediatamente quem tinha voltado. O tordo era muito atrevido e animado, pulou perto dos pés dela inclinando a cabeça para o lado com tanta astúcia que ela teve que perguntar a Ben Weatherstaff.
"Do you think he remembers me?" she said.	"Você acha que ele se lembra de mim?" perguntou.
"Remembers thee!" said Weatherstaff indignantly. "He knows every cabbage stump in th' gardens, let alone th' people. He's never seen a little wench here before, an' he's bent on findin' out all about thee. Tha's no need to try to hide anything from <i>him</i> ."	"Se ele lembra de tu?!" Weatherstaff exclamou indignado. "Se ele conhece cada toco de repolho nos jardins, imagina as pessoas. Ele nunca viu uma menina aqui antes e tá decidido a descobrir tudo sobre tu. Nem tenta esconder nada dele."
"Are things stirring down below in the dark in that garden where he lives?" Mary inquired.	"As coisas também estão crescendo lá embaixo, no escuro, naquele jardim onde ele mora?" Mary perguntou.
"What garden?" grunted Weatherstaff, becoming surly again.	"Que jardim?" grunhiu Weatherstaff, tornando-se ranzinza novamente.
"The one where the old rose-trees are." She could not help asking, because she wanted so	"Aquele onde estão as roseiras antigas." ela não pôde deixar de perguntar, porque queria

<p>much to know. "Are all the flowers dead, or do some of them come again in the summer? Are there ever any roses?"</p>	<p>muito saber. "Todas as flores estão mortas ou algumas delas voltam no verão? Alguma vez houve rosas?"</p>
<p>"Ask him," said Ben Weatherstaff, hunching his shoulders toward the robin. "He's the only one as knows. No one else has seen inside it for ten year'."</p>	<p>Pergunta pra ele," respondeu Ben Weatherstaff, curvando os ombros na direção do tordo. "Ele é o único que sabe. Ninguém entrou lá por dez anos."</p>
<p>Ten years was a long time, Mary thought. She had been born ten years ago.</p>	<p>Dez anos era muito tempo, pensou Mary. Ela nascera há dez anos atrás.</p>
<p>She walked away, slowly thinking. She had begun to like the garden just as she had begun to like the robin and Dickon and Martha's mother.[Pg 82] She was beginning to like Martha, too. That seemed a good many people to like—when you were not used to liking. She thought of the robin as one of the people. She went to her walk outside the long, ivy-covered wall over which she could see the tree-tops; and the second time she walked up and down the most interesting and exciting thing happened to her, and it was all through Ben Weatherstaff's robin.</p>	<p>Mary se afastou lentamente, pensando: ela começou a gostar do jardim assim como começou a gostar do tordo, da mãe de Dickon e Martha, até mesmo da própria Martha. Esse parecia um bom número de pessoas para gostar quando você não estava acostumado a gostar de ninguém. Ela pensava no tordo como uma das pessoas. Saiu para caminhar fora da longa parede coberta de hera, sobre a qual ela podia ver as copas das árvores; e na segunda vez que subiu e desceu a coisa mais interessante e emocionante que aconteceu com ela foi através do tordo de Ben Weatherstaff.</p>
<p>She heard a chirp and a twitter, and when she looked at the bare flower-bed at her left side there he was hopping about and pretending to peck things out of the earth to persuade her that he had not followed her. But she knew he had followed her and the surprise so filled her with delight that she almost trembled a little.</p>	<p>Ela ouviu um gorjeio, e quando olhou para o canteiro de flores vazio à sua esquerda, ele estava pulando e fingindo bicar coisas da terra para persuadi-la de que não a seguiria, mas sabia que ele a tinha seguido e a surpresa a encheu de alegria que quase estremeceu.</p>
<p>"You do remember me!" she cried out. "You do! You are prettier than anything else in the</p>	<p>"Você se lembra de mim!" ela gritou. "Lembra sim! Você é mais bonito do que</p>

world!"	qualquer outra coisa no mundo!"
<p>She chirped, and talked, and coaxed and he hopped, and flirted his tail and twittered. It was as if he were talking. His red waistcoat was like satin and he puffed his tiny breast out and was so fine and so grand and so pretty that it was really as if he were showing her how important and like a human person a robin could be. Mistress Mary forgot that she had ever been contrary in her life when he allowed her to draw closer and closer to [Pg83]him, and bend down and talk and try to make something like robin sounds.</p>	<p>Mary cantou e ele gorjeou de volta balançando o rabo como se estivesse falando com ela. Ele estufava o peito vermelho como se estivesse mostrando que era realmente tão grandioso e tão bonito quanto um humano. Naquele momento, Mary esqueceu-se de como sempre fora ranzinza por toda sua vida, enquanto ele permitiu que ela se aproximasse cada vez mais dele tentando imitar os sons de um tordo.</p>
<p>Oh! to think that he should actually let her come as near to him as that! He knew nothing in the world would make her put out her hand toward him or startle him in the least tiniest way. He knew it because he was a real person—only nicer than any other person in the world. She was so happy that she scarcely dared to breathe.</p>	<p>Oh! Pensar que ele realmente a deixou chegar tão perto dele assim! O tordo sabia que nada no mundo a faria estender a mão em sua direção para assustá-lo, sabia disso porque ele era o ser mais legal desse mundo. Mary estava tão feliz que mal ousava respirar.</p>
<p>The flower-bed was not quite bare. It was bare of flowers because the perennial plants had been cut down for their winter rest, but there were tall shrubs and low ones which grew together at the back of the bed, and as the robin hopped about under them she saw him hop over a small pile of freshly turned up earth. He stopped on it to look for a worm. The earth had been turned up because a dog had been trying to dig up a mole and he had scratched quite a deep hole.</p>	<p>O canteiro de flores não estava totalmente vazio. Não tinha flores porque as plantas perenes haviam sido cortadas para o descanso de inverno, mas havia arbustos altos e baixos que cresciam juntos na parte de trás do pequeno jardim, e quando o tordo pulou sobre eles, ela o viu pousar sobre uma pequena pilha de terra recém mexida procurando uma minhoca. A terra havia sido revirada porque um cachorro cavou um buraco bem fundo enquanto tentava pegar uma toupeira.</p>

<p>Mary looked at it, not really knowing why the hole was there, and as she looked she saw something almost buried in the newly-turned soil. It was something like a ring of rusty iron or brass and when the robin flew up into a tree nearby she put out her hand and picked the ring up. It was more than a ring, however; it was an old key which looked as if it had been buried a long time.</p>	<p>Mary olhou para ele, sem saber realmente por que o buraco estava ali, e quando olhou viu algo quase enterrado no solo recémrevolvido. Era algo como um anel de ferro enferrujado ou latão, e quando o tordo voou para uma árvore próxima, ela estendeu a mão e pegou o anel. Era mais do que um anel, era uma chave velha que parecia estar enterrada há muito tempo.</p>
<p>Mistress Mary stood up and looked at it with an almost frightened face as it hung from her finger.</p>	<p>A senhorita levantou-se e olhou para ele com uma cara quase assustada enquanto o artefato pendia em seu dedo.</p>
<p>"Perhaps it has been buried for ten years," she said in a whisper. "Perhaps it is the key to the garden!"</p>	<p>"Talvez esteja enterrado há dez anos," disse ela em um sussurro. "Talvez seja a chave do jardim!"</p>

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER XIII	CAPÍTULO 13
"I AM COLIN"	"EU SOU COLIN"
Mary took the picture back to the house when she went to her supper and she showed it to Martha.	Mary levou a foto de volta para casa e quando chegou a hora do jantar, mostrou-a a Martha.
"Eh!" said Martha with great pride. "I never knew our Dickon was as clever as that. That there's a picture of a missel thrush on her nest, as large as life an' twice as natural."	"Ah!" disse ela cheia de orgulho. "Eu não sabia que o Dickon era tão esperto. A foto desse tordo aí em um ninho parece gigante e duas vezes mais natural do que na vida real".
Then Mary knew Dickon had meant the picture to be a message. He had meant that she might be sure he would keep her secret. Her garden was her nest and she was like a missel thrush. Oh, howshedid like that queer, common boy!	Oh, como ela gostava daquele garoto esquisito! Mary soube que Dickon queria que a imagem fosse uma mensagem; significava que ele manteria seu segredo, pois o jardim era seu ninho e ela o tordo.
She hoped he would come back the very next day and she fell asleep looking forward to the morning.	Ela esperava que ele voltasse no dia seguinte, dormiu ansiando por isso,
But you never know what the weather will do in Yorkshire, particularly in the springtime. She was awakened in the night by the sound of rain beating with heavy drops against her window. It was pouring down in torrents and the wind was "wuthering" round the corners and in the chimneys of the huge old house. Mary sat up in bed and felt miserable and angry.	mas você nunca sabe o que o tempo fará em Yorkshire, especialmente na primavera. A menina foi acordada no meio da noite pelo som de fortes gotas de chuva batendo contra a janela, chovia torrencialmente e o vento "uivava" por todos os lados da enorme casa velha. Mary sentouse na cama com raiva.
"The rain is as contrary as I ever was," she said. "It came because it knew I did not want it."	"Essa chuva é mais irritante do que eu! Só veio porque sabia que eu não a queria."
She threw herself back on her pillow and buried her	Ela se jogou novamente na cama

<p>face. She did not cry, but she lay and hated the sound of the heavily beating rain, she hated the wind and its "wuthering." She could not go to sleep again. The mournful sound kept her awake because she felt mournful herself. If she had felt happy it would probably have lulled her to sleep. How it "wuthered" and how the big rain-drops poured down and beat against the pane!</p>	<p>enterrando o rosto nos travesseiros. Não chorou, mas ficou deitada odiando o som do temporal, do vento e do barulho. O ruído infeliz a manteve acordada porque ela também se sentia triste, se estivesse alegre, provavelmente já teria adormecido, mas aquele barulho de água colidindo contra os vidros...</p>
<p>"It sounds just like a person lost on the moor and wandering on and on crying," she said.</p>	<p>"Parece uma pessoa vagando pela perdida pela charneca enquanto chora sem parar," refletiu ela.</p>
<hr/>	<hr/>
<p>She had been lying awake turning from side to side for about an hour, when suddenly something made her sit up in bed and turn her head toward the door listening. She listened and she listened.</p>	<p>Mary estava acordada, revirando no colchão de um lado para o outro por cerca de uma hora, quando de repente algo a fez sentar-se na cama e virar a cabeça em direção à porta para ouvir.</p>
<p>"It isn't the wind now," she said in a loud whisper. "That isn't the wind. It is different. It is that crying I heard before."</p>	<p>"Não é o vento agora," murmurou. "É diferente, é o choro que ouvi antes."</p>
<p>The door of her room was ajar and the sound came down the corridor, a far-off faint sound of fretful crying. She listened for a few minutes and each minute she became more and more sure. She felt as if she must find out what it was. It seemed even stranger than the secret garden and the buried key. Perhaps the fact that she was in a rebellious mood made her bold. She put her foot out of bed and stood on the floor.</p>	<p>A porta de seu quarto estava entreaberta e o som veio pelo corredor; parecia um choro distante e fraco. Ela escutou por algum tempo, e a cada minuto ela ficava mais certa de que precisava descobrir o que era. Aquilo era ainda mais estranho do que o jardim secreto e a chave enterrada, talvez o fato de ela estar com um humor</p>

	<p>rebelde a tenha tornado ousada.</p> <p>Mary ficou de pé e disse:</p>
<p>"I am going to find out what it is," she said. "Everybody is in bed and I don't care about Mrs. Medlock—I don't care!"</p>	<p>"Vou descobrir o que é. Todos estão na cama e eu não me importo com a Sra. Medlock, não mesmo!"</p>
<p>There was a candle by her bedside and she took it up and went softly out of the room. The corridor looked very long and dark, but she was too excited to mind that. She thought she remembered the corners she must turn to find the short corridor with the door covered with tapestry—the one Mrs. Medlock had come through the day she lost herself. The sound had come up that passage. So she went on with her dim light, almost feeling her way, her heart beating so loud that she fancied she could hear it. The far-off faint crying went on and led her. Sometimes it stopped for a moment or so and then began again. Was this the right corner to turn? She stopped and thought. Yes it was. Down this passage and then to the left, and then up two broad steps, and then to the right again. Yes, there was the tapestry door.</p>	<p>Ela pegou uma vela que havia ao lado da cama e saiu suavemente do quarto. O corredor parecia muito longo e escuro, mas Mary estava muito animada para se importar com isso, assim, pensou em quais cantos deveria virar para encontrar o corredor mais curto com a porta coberta com tapeçaria - aquele que a Sra. Medlock atravessou no dia em que se perdeu. O som estava vindo daquela passagem, então, ela continuou com sua luz fraca, quase Tateando, enquanto o coração batia forte de um jeito que ela achou que poderia ouvi-lo. O choro continuou guiando-a, às vezes parava por um momento ou mais para começar de novo. "Este é o lugar certo para virar?" ela pensou. "Sim, desça esta passagem, vire à esquerda, depois suba dois degraus largos e depois para a direita novamente. Vai haver uma tapeçaria."</p>
<p>She pushed it open very gently and closed it behind her, and she stood in the corridor and could hear the crying quite plainly, though it was not loud. It was on the other side of the wall at her left and a few yards</p>	<p>Mary empurrou a tal porta com muito cuidado e fechou-a atrás de si. Estava no corredor e podia ouvir o choro muito claramente, embora</p>

<p>farther on there was a door. She could see a glimmer of light coming from beneath it. The Someone was crying in that room, and it was quite a young Someone.</p>	<p>não fosse alto. Ficava do outro lado da parede à sua esquerda e alguns metros adiante havia uma porta, ela podia ver um lampejo de luz vindo por debaixo da fresta. Alguém estava chorando naquela sala, alguém muito jovem.</p>
<p>So she walked to the door and pushed it open, and there she was standing in the room!</p>	<p>Dessa maneira, ela caminhou até a porta e a abriu. Finalmente ela estava naquele lugar!</p>
<p>It was a big room with ancient, handsome furniture in it. There was a low fire glowing faintly on the hearth and a night light burning by the side of a carved fourposted bed hung with brocade, and on the bed was lying a boy, crying fretfully.</p>	<p>Era um grande quarto com móveis bonitos e antigos. Havia uma lareira com um fogo brilhando fracamente, uma vela queimava ao lado de uma cama de quatro colunas protegida com um mosquitoireiro. Ali deitado, havia um menino chorando.</p>
<p>Mary wondered if she was in a real place or if she had fallen asleep again and was dreaming without knowing it.</p>	<p>Mary se perguntou se estava em um lugar real ou se havia voltado a dormir sem saber.</p>
<p>The boy had a sharp, delicate face the color of ivory and he seemed to have eyes too big for it. He had also a lot of hair which tumbled over his forehead in heavy locks and made his thin face seem smaller. He looked like a boy who had been ill, but he was crying more as if he were tired and cross than as if he were in pain.</p>	<p>Seu rosto era fino e delicado da cor de marfim, seus olhos eram grandes, ele também tinha muito cabelo, com mechas grossas que caíam sobre a testa, fazendo o rosto magro parecer ainda menor. O menino parecia doente, mas chorava mais como se estivesse cansado e zangado do que com dores.</p>
<p>Mary stood near the door with her candle in her hand, holding her breath. Then she crept across the room, and as she drew nearer the light attracted the boy's attention and he turned his head on his pillow and</p>	<p>Mary estava perto da porta com a vela na mão, prendendo a respiração. Então ela se esgueirou pelo quarto e, ao se aproximar, a luz</p>

stared at her, his gray eyes opening so wide that they seemed immense.	atraiu a atenção do menino e ele virou a cabeça no travesseiro encarando-a fixamente com seus olhos cinzentos arregalados.
"Who are you?" he said at last in a half-frightened whisper. "Are you a ghost?"	"Quem é você?" perguntou ele finalmente em um sussurro meio assustado. "É um fantasma?"
"No, I am not," Mary answered, her own whisper sounding half frightened. "Are you one?"	"Não, não sou," respondeu Mary, seu próprio sussurro parecendo assustado também. "Você é?"
He stared and stared and stared. Mary could not help noticing what strange eyes he had. They were agate gray and they looked too big for his face because they had black lashes all round them.	Eles observaram um ao outro. Mary não pôde deixar de notar a cor estranha que os olhos dele possuíam, eram ágata cinza com cílios pretos envolta deles e pareciam grandes demais para seu rosto.
"No," he replied after waiting a moment or so. "I am Colin."	"Não," respondeu ele depois de esperar um momento ou mais. "Eu sou Colin."
"Who is Colin?" she faltered.	"Quem é Colin?" ela vacilou.
"I am Colin Craven. Who are you?"	"Eu sou Colin Craven. Quem é você?"
"I am Mary Lennox. Mr. Craven is my uncle."	"Eu sou Mary Lennox. O Sr. Craven é meu tio."
"He is my father," said the boy.	"Ele é meu pai," respondeu o menino.
"Your father!" gasped Mary. "No one ever told me he had a boy! Why didn't they?"	"Seu pai!" Mary engasgou. "Ninguém nunca me disse que ele tinha um filho! Por quê não?"
"Come here," he said, still keeping his strange eyes fixed on her with an anxious expression.	"Venha aqui," disse ele, ainda mantendo seus olhos estranhos fixos nela com uma expressão ansiosa.

<p>She came close to the bed and he put out his hand and touched her.</p>	<p>Ela se aproximou da cama e ele estendeu a mão tocando-a.</p>
<p>"You are real, aren't you?" he said. "I have such real dreams very often. You might be one of them."</p>	<p>"Você é real, não é?" quis saber o menino. "Eu tenho sonhos reais com frequência, você pode ser um deles."</p>
<p>Mary had slipped on a woolen wrapper before she left her room and she put a piece of it between his fingers.</p>	<p>Mary tinha vestido um xale antes de sair do quarto e agora colocava um pedaço do agasalho entre os dedos dele.</p>
<p>"Rub that and see how thick and warm it is," she said. "I will pinch you a little if you like, to show you how real I am. For a minute I thought you might be a dream too."</p>	<p>"Esfregue isso e veja como é espesso e quente," coordenou ela. "Vou beliscar você um pouco, se quiser, para mostrar como eu sou real. Por um minuto pensei que você também poderia ser um sonho."</p>
<p>"Where did you come from?" he asked.</p>	<p>"Você veio de onde?" ele perguntou.</p>
<p>"From my own room. The wind wuthered so I couldn't go to sleep and I heard some one crying and wanted to find out who it was. What were you crying for?"</p>	<p>"Do meu próprio quarto. O vento soprava tanto que eu não conseguia dormir, então ouvi alguém chorando e queria saber quem era. Por que você estava chorando?"</p>
<p>"Because I couldn't go to sleep either and my head ached. Tell me your name again."</p>	<p>"Porque eu também não consigo dormir, minha cabeça está doendo. Diga-me seu nome de novo."</p>
<p>"Mary Lennox. Did no one ever tell you I had come to live here?"</p>	<p>"Mary Lennox. Ninguém nunca te disse que vim morar aqui?"</p>
<p>He was still fingering the fold of her wrapper, but he began to look a little more as if he believed in her reality.</p>	<p>Ele ainda estava tocando o tecido de sua vestimenta, parecia que estava começando a acreditar nela.</p>
<p>"No," he answered. "They daren't."</p>	<p>"Não," respondeu ele. "Eles não ousariam."</p>

"Why?" asked Mary.	"Por que?" perguntou Mary.
"Because I should have been afraid you would see me. I won't let people see me and talk me over."	"Porque eu teria medo de que você me visse. Nunca deixo os outros me verem e falarem comigo."
"Why?" Mary asked again, feeling more mystified every moment.	"Por que?" Mary perguntou novamente, sentindo-se mais perplexa a cada momento.
"Because I am like this always, ill and having to lie down. My father won't let people talk me over either. The servants are not allowed to speak about me. If I live I may be a hunchback, but I shan't live. My father hates to think I may be like him."	"Porque eu sou sempre assim, doente e acamado. Meu pai também não deixa ninguém falar de mim, os servos não têm permissão. Meu pai odeia pensar que posso ser como ele."
"Oh, what a queer house this is!" Mary said. "What a queer house! Everything is a kind of secret. Rooms are locked up and gardens are locked up—and you! Haveyoubeenlockedup?"	"Oh, essa casa é muito esquisita!" Mary reclamou. "Tudo é uma espécie de segredo. Os quartos estão trancados, os jardins estão trancados... E você! Você foi trancado também?"
"No. I stay in this room because I don't want to be moved out of it. It tires me too much."	"Não. Eu fico neste quarto porque não quero ser tirado dele, isso me cansa muito."
"Does your father come and see you?" Mary ventured.	"Seu pai vem te ver?" Mary arriscou perguntar.
"Sometimes. Generally when I am asleep. He doesn't want to see me."	"Às vezes. Geralmente quando estou dormindo. Ele não quer me ver."
"Why?" Mary could not help asking again.	"Por que?" Mary não pôde deixar de perguntar de novo.
A sort of angry shadow passed over the boy's face.	Uma espécie de sombra raivosa passou pelo rosto do menino.
"My mother died when I was born and it makes him wretched to look at me. He thinks I don'tknow, but	"Minha mãe morreu quando eu nasci e ele fica péssimo só de olhar

I've heard people talking. He almost hates me."	para mim. Ele acha que eu não sei, mas já ouvi as pessoas falando. Ele meio que me odeia."
"He hates the garden, because she died," said Mary half speaking to herself.	"Ele odeia o jardim porque ela morreu," disse Mary, falando para si mesma.
"What garden?" the boy asked.	"Que jardim?" o menino questionou.
"Oh! just—just a garden she used to like," Mary stammered. "Have you been here always?"	"Oh! Apenas... Apenas um jardim de que ela gostava," gaguejou a menina. "Você sempre esteve aqui?"
"Nearly always. Sometimes I have been taken to places at the seaside, but I won't stay because people stare at me. I used to wear an iron thing to keep my back straight, but a grand doctor came from London to see me and said it was stupid. He told them to take it off and keep me out in the fresh air. I hate fresh air and I don't want to go out."	"Quase sempre. Eu já fui a lugares à beira-mar, mas não fico porque as pessoas me olham estranho. Eu costumava usar uma coisa de ferro para manter minhas costas retas, mas um médico bem renomado veio de Londres para me ver e disse que era aquilo era estúpido, mandou que tirassem e me mantivessem ao ar livre. Odeio ar fresco e não quero sair."
"I didn't when first I came here," said Mary. "Why do you keep looking at me like that?"	"Eu também odiava quando cheguei aqui," disse Mary. "Por que você continua me olhando assim?"
"Because of the dreams that are so real," he answered rather fretfully. "Sometimes when I open my eyes I don't believe I'm awake."	"Por causa dos sonhos que são tão reais," ele respondeu um tanto aborrecido. "Às vezes, quando abro os olhos, não acredito que estou acordado."
"We're both awake," said Mary. She glanced round the room with its high ceiling and shadowy corners and	"Estamos ambos acordados," Mary argumentou olhando ao redor da

<p>dim firelight. "It looks quite like a dream, and it's the middle of the night, and everybody in the house is asleep—everybody but us. We are wideawake."</p>	<p>sala com seu teto alto, cantos sombrios e luz fraca do fogo. "Parece um sonho, estamos acordados no meio da casa enquanto todos na casa estão dormindo, menos nós."</p>
<p>"I don't want it to be a dream," the boy said restlessly.</p>	<p>"Não quero que seja um sonho," disse o menino, inquieto.</p>
<p>Mary thought of something all at once.</p>	<p>Mary pensou em algo de repente.</p>
<p>"If you don't like people to see you," she began, "do you want me to go away?"</p>	<p>"Se não gosta que as pessoas vejam você," ela começou, "você quer que eu vá embora?"</p>
<p>He still held the fold of her wrapper and he gave it a little pull.</p>	<p>Ele ainda segurava a dobra do casaco de Mary e deu um pequeno puxão.</p>
<p>"No," he said. "I should be sure you were a dream if you went. If you are real, sit down on that big footstool and talk. I wanttohearaboutyou."</p>	<p>"Não," disse ele. "Eu teria certeza de que é um sonho caso você fosse, se for real, sente-se naquele banquinho e converse comigo. Quero ouvir sobre você."</p>
<p>Mary put down her candle on the table near the bed and sat down on the cushioned stool. She did not want to go away at all. She wanted to stay in the mysterious hidden-away room and talk to the mysterious boy.</p>	<p>Mary pousou a vela na mesa perto da cama e sentou-se no banquinho almofadado. Ela não queria ir embora de jeito nenhum, gostaria de ficar na sala misteriosa escondida e falar com o menino misterioso.</p>
<p>"What do you want me to tell you?" she said.</p>	<p>"O que você quer que eu diga?"</p>
<p>He wanted to know how long she had been at Misselthwaite; he wanted to know which corridor her room was on; he wanted to know what she had been doing; if she disliked the moor as he disliked it; where she had lived before she came to Yorkshire. She answered all these questions and many more and he lay</p>	<p>Colin queria saber há quanto tempo ela estava em Misselthwaite; em que corredor ficava o quarto dela; o que ela estava fazendo; se ela não gostava da charneca como ele não gostava; onde ela havia morado</p>

<p>back on his pillow and listened. He made her tell him a great deal about India and about her voyage across the ocean. She found out that because he had been an invalid he had not learned things as other children had. One of his nurses had taught him to read when he was quite little and he was always reading and looking at pictures in splendid books.</p>	<p>antes de vir para Yorkshire. Ela respondeu a todas essas perguntas e muitas mais, e ele deitou-se no travesseiro ouvindo-a. Ele a fez contar sobre a Índia e sobre sua viagem através do oceano. Mary descobriu que por ser adoentado, Colin não aprendera as coisas como as outras crianças; foi uma de suas enfermeiras que o ensinou a ler quando era bem pequeno, ele estava sempre lendo e olhando imagens em livros esplêndidos.</p>
<p>Though his father rarely saw him when he was awake, he was given all sorts of wonderful things to amuse himself with. He never seemed to have been amused, however. He could have anything he asked for and was never made to do anything he did not like to do.</p>	<p>Embora seu pai raramente o visse quando estava acordado, Colin recebeu todos os tipos de coisas maravilhosas para se divertir, entretanto, ele nunca pareceu se divertir. O menino poderia ter qualquer coisa que pedisse e nunca foi obrigado a fazer nada que não gostasse de fazer.</p>
<p>"Every one is obliged to do what pleases me," he said indifferently. "It makes me ill to be angry. No one believes I shall live to grow up."</p>	<p>"Cada um é obrigado a fazer o que me agrada," falou com indiferença. "Fico doente de raiva. Ninguém acredita que vou viver para crescer."</p>
<p>He said it as if he was so accustomed to the idea that it had ceased to matter to him at all. He seemed to like the sound of Mary's voice. As she went on talking he listened in a drowsy, interested way. Once or twice she wondered if he were not gradually falling into a doze. But at last he asked a question which opened up a new subject.</p>	<p>Ele disse isso como se estivesse tão acostumado com a ideia que já não importava mais. Colin gostava da voz de Mary, pois enquanto ela falava, ele ouvia com um ar sonolento e interessado. Uma ou duas vezes ela se perguntou se ele</p>

	não estava caindo aos poucos no sono, mas por fim, ele fez uma pergunta que abriu um novo assunto.
"How old are you?" he asked.	"Quantos anos você tem?"
"I am ten," answered Mary, forgetting herself for the moment, "and so are you."	"Eu tenho dez anos," respondeu Mary, esquecendo-se de si mesma por um momento, "e você também."
"How do you know that?" he demanded in a surprised voice.	"Como sabe disso?" ele exigiu com uma voz surpresa.
"Because when you were born the garden door was locked and the key was buried. And it has been locked for ten years."	"Porque quando você nasceu, a porta do jardim foi trancada e a chave enterrada. Está trancada há dez anos."
Colin half sat up, turning toward her, leaning on his elbows.	Colin que estava sentado, se virou para ela apoiando-se nos cotovelos.
"What garden door was locked? Who did it? Where was the key buried?" he exclaimed as if he were suddenly very much interested.	"A porta de qual jardim estava trancada? Quem foi? Onde a chave foi enterrada?" ele exclamou como se de repente estivesse muito interessado.
"It—it was the garden Mr. Craven hates," said Mary nervously. "He locked the door. No one—no one knew where he buried the key."	"Foi... foi o jardim que o Sr. Craven odeia," disse Mary nervosamente. "Ele fechou e ninguém sabe onde ele enterrou a chave."
"What sort of a garden is it?" Colin persisted eagerly.	"Que tipo de jardim é esse?" Colin persistiu ansiosamente.
"No one has been allowed to go into it for ten years," was Mary's careful answer.	"Ninguém teve permissão para entrar nele por dez anos," foi a resposta cuidadosa de Mary.
But it was too late to be careful. He was too much like herself. He too had had nothing to think about and the idea of a hidden garden attracted him as it had attracted	Infelizmente era tarde demais para ter cuidado. Ele era muito parecido com ela, também não tinha nada

<p>her. He asked question after question. Where was it? Had she never looked for the door? Had she never asked the gardeners?</p>	<p>para fazer e a ideia de um jardim escondido o atraía tanto quanto a ela. Ele fez pergunta após pergunta. Onde estava? Ela nunca tinha procurado a porta? Ela nunca perguntou aos jardineiros?</p>
<p>"They won't talk about it," said Mary. "I think they have been told not to answer questions."</p>	<p>"Eles não vão falar sobre isso. Eu acho que eles foram instruídos a não responder às perguntas."</p>
<p>"I would make them," said Colin.</p>	<p>"Eu os faria abrir," disse Colin.</p>
<p>"Could you?" Mary faltered, beginning to feel frightened. If he could make people answer questions, who knew what might happen!</p>	<p>"Você poderia?" Mary vacilou, começando a se sentir assustada. Se ele pudesse fazer as pessoas responderem a perguntas, quem sabe o que poderia acontecer!</p>
<p>"Every one is obliged to please me. I told you that," he said. "If I were to live, this place would sometime belong to me. They all know that. I would make them tell me."</p>	<p>"Todos são obrigados a me agradar. Eu já disse isso," respondeu Colin por fim "Se eu fosse viver, este lugar algum dia pertenceria a mim. Todos eles sabem disso. Eu os faria me dizer."</p>
<p>Mary had not known that she herself had been spoiled, but she could see quite plainly that this mysterious boy had been. He thought that the whole world belonged to him. How peculiar he was and how coolly he spoke of not living.</p>	<p>Mary não sabia que ela mesma tinha sido mimada, mas podia ver claramente que aquele menino misterioso tinha sido. Ele pensava que o mundo inteiro pertencia a ele. Quão peculiar ele era e com que frieza falava de não viver.</p>
<p>"Do you think you won't live?" she asked, partly because she was curious and partly in hope of making him forget the garden.</p>	<p>"Você acha que não vai viver?" perguntou ela, em parte porque estava curiosa e em parte na esperança de fazê-lo esquecer o jardim.</p>

<p>"I don't suppose I shall," he answered as indifferently as he had spoken before. "Ever since I remember anything I have heard people say I shan't. At first they thought I was too little to understand and now they think I don't hear. But I do. My doctor is my father's cousin. He is quite poor and if I die he will have all Misselthwaite when my father is dead. I should think he wouldn't want me to live."</p>	<p>"Acho que não vou," respondeu ele com a mesma indiferença que falava antes. "Desde que me lembro, tenho ouvido as pessoas dizerem que não vou conseguir. No início achavam que eu era muito pequeno para entender e agora acham que não escuto, mas escuto. Meu médico é primo do meu pai, ele é bem pobre e se eu morrer, ele terá Misselthwaite quando meu pai morrer. Eu deveria pensar que ele não iria querer que eu vivesse."</p>
<p>"Do you want to live?" inquired Mary.</p>	<p>"Você quer viver?" perguntou Mary.</p>
<p>"No," he answered, in a cross, tired fashion. "But I don't want to die. When I feel ill I lie here and think about it until I cry and cry."</p>	<p>"Não," respondeu ele, de uma maneira zangada e cansada. "Mas não quero morrer. Quando me sinto mal, fico aqui deitado e penso nisso até chorar."</p>
<p>"I have heard you crying three times," Mary said, "but I did not know who it was. Were you crying about that?" She did so want him to forget the garden.</p>	<p>"Eu ouvi você chorar três vezes," disse Mary, "Mas não sabia quem era. Você estava chorando por causa disso?" Ela queria muito que ele esquecesse o jardim.</p>
<p>"I dare say," he answered. "Let us talk about something else. Talk about that garden. Don't you want to see it?"</p>	<p>"Pode-se dizer que sim" respondeu ele. "Vamos conversar sobre outra coisa. Fale sobre aquele jardim. Você não quer vê-lo?"</p>
<p>"Yes," answered Mary, in quite a low voice.</p>	<p>"Quero," Mary respondeu, em uma voz baixa.</p>
<p>"I do," he went on persistently. "I don't think I ever really wanted to see anything before, but I want to see</p>	<p>"Quer?," ele continuou persistentemente. "Acho que nunca</p>

<p>that garden. I want the key dug up. I want the door unlocked. I would let them take me there in my chair. That would be getting fresh air. I am going to make them open the door."</p>	<p>quis ver nada antes, mas quero ver esse tal jardim. Quero a chave desenterrada e a porta destrancada. Eu faria os empregados abrirem, deixaria que me levassem lá na minha cadeira de rodas e assim pegaria ar fresco."</p>
<p>He had become quite excited and his strange eyes began to shine like stars and looked more immense than ever.</p>	<p>Colin ficou tão animado que seus olhos estranhos começaram a brilhar como estrelas e pareciam mais imensos do que nunca.</p>
<p>"They have to please me," he said. "I will make them take me there and I will let you go, too."</p>	<p>"Eles têm que me agradar," disse ele. "Vou fazer com que me levem lá e vou deixar você ir também."</p>
<p>Mary's hands clutched each other. Everything would be spoiled—everything! Dickon would never come back. She would never again feel like a missel thrush with a safe-hidden nest.</p>	<p>Mary cruzou as mãos firmemente. Ele estragaria tudo! Dickon nunca mais voltaria e ela nunca mais se sentiria como um tordo em seu ninho escondido e seguro.</p>
<p>"Oh, don't—don't—don't—don't do that!" she cried out.</p>	<p>"Oh, não faça isso!" ela gritou.</p>
<p>He stared as if he thought she had gone crazy!</p>	<p>Ele a encarou como se achasse que ela tinha enlouquecido!</p>
<p>"Why?" he exclaimed. "You said you wanted to see it."</p>	<p>"Por que?" exclamou. "Você disse que queria ver."</p>
<p>"I do," she answered almost with a sob in her throat, "but if you make them open the door and take you in like that it will never be a secret again."</p>	<p>"Sim," ela respondeu quase soluçando, "mas se fizer os empregados abrirem a porta, nunca mais será um segredo."</p>
<p>He leaned still farther forward.</p>	<p>Ele se inclinou ainda mais para frente.</p>
<p>"A secret," he said. "What do you mean? Tell me."</p>	<p>"Um segredo," ecoou ele. "O que quer dizer? Diga-me."</p>

Mary's words almost tumbled over one another.	As palavras de Mary quase tropeçaram umas nas outras.
"You see—you see," she panted, "if no one knows but ourselves—if there was a door, hidden somewhere under the ivy—if there was—and we could find it; and if we could slip through it together and shut it behind us, and no one knew any one was inside and we called it our garden and pretended that—that we were missel thrushes and it was our nest, and if we played there almost every day and dug and planted seeds and made it all come alive—"	"Você... Você..." ela ofegou, "Imagine que só nós dois sabemos sobre o jardim e que talvez tenha uma porta por debaixo da hera daninha, mas não é certeza, nós poderíamos encontrá-la, passar por ela juntos e fechar atrás de nós. Ninguém saberia que estamos lá dentro, então chamaríamos de o jardim secreto e fingiríamos que somos tordos em um ninho, brincando lá todos os dias, cavando e plantando sementes fazendo tudo ganhar vida."
"Is it dead?" he interrupted her.	"Está morto?" ele a interrompeu.
"It soon will be if no one cares for it," she went on. "The bulbs will live but the roses—"	"Logo estará, se ninguém fizer nada," ela continuou. "Os bulbos viverão, mas as rosas..."
He stopped her again as excited as she was herself.	Ele a parou novamente tão excitado quanto ela mesma.
"What are bulbs?" he put in quickly.	"O que são bulbos?"
"They are daffodils and lilies and snowdrops. They are working in the earth now—pushing up pale green points because the spring is coming."	"São plantas que vivem por um longo tempo. Narcisos, lírios e flores de sino; elas estão debaixo da terra agora, trabalhando para que os pontos verdes claros brotem porque a primavera está chegando."
"Is the spring coming?" he said. "What is it like? You don't see it in rooms if you are ill."	"Como é a primeira? Você não vê as estações quando está doente em um quarto."
"It is the sun shining on the rain and the rain falling on	"É o sol brilhando na chuva e a

<p>the sunshine, and things pushing up and working under the earth," said Mary. "If the garden was a secret and we could get into it we could watch the things grow bigger every day, and see how many roses are alive. Don't you see? Oh, don't you see how much nicer it would be if it was a secret?"</p>	<p>chuva caindo enquanto faz sol, as coisas crescem e florescem da terra," disse Mary. "Se o jardim fosse um segredo e pudéssemos entrar nele poderíamos ver as coisas crescerem a cada dia, e ver quantas rosas estão vivas. Você não vê como seria melhor se fosse um segredo? "</p>
<p>He dropped back on his pillow and lay there with an odd expression on his face.</p>	<p>Ele recostou-se no travesseiro e ficou deitado com uma expressão estranha no rosto.</p>
<p>"I never had a secret," he said, "except that one about not living to grow up. They don't know I know that, so it is a sort of secret. But I like this kind better."</p>	<p>"Eu nunca tive um segredo, exceto sobre esse de que não viverei o suficiente para me tornar adulto. Eles não sabem que eu sei disso, então é uma espécie de segredo, mas gosto mais desse tipo."</p>
<p>"If you won't make them take you to the garden," pleaded Mary, "perhaps—I feel almost sure I can find out how to get in sometime. And then—if the doctor wants you to go out in your chair, and if you can always do what you want to do, perhaps—perhaps we might find some boy who would push you, and we could go alone and it would always be a secret garden."</p>	<p>"Se não os obrigar a levá-lo ao jardim," suplicou Mary, "talvez... Tenho quase certeza de que poderei descobrir como entrar em algum momento. Então se o médico quiser que saia em sua cadeira de rodas, talvez possamos encontrar algum garoto para empurrá-la para você e se puder fazer o que quer, poderíamos ir sozinhos e isso sempre seria um jardim secreto."</p>
<p>"I should—like—that," he said very slowly, his eyes looking dreamy. "I should like that. I should not mind fresh air in a secret garden."</p>	<p>"Eu deveria..." disse ele muito lentamente, seus olhos parecendo sonhadores. "Eu gostaria disso. Não me importaria de ar fresco em um</p>

	jardim secreto."
<p>Mary began to recover her breath and feel safer because the idea of keeping the secret seemed to please him. She felt almost sure that if she kept on talking and could make him see the garden in his mind as she had seen it he would like it so much that he could not bear to think that everybody might tramp into it when they chose.</p>	<p>Mary começou a recuperar o fôlego e a se sentir mais segura porque a ideia de guardar o segredo parecia agradá-lo. Ela tinha quase certeza de que se continuasse falando e pudesse fazê-lo ver o jardim em sua mente como ela o vira, ele gostaria tanto que não suportaria pensar que todos poderiam pisar nele quando quisessem.</p>
<p>"I'll tell you what I <i>think</i> it would be like, if we could go into it," she said. "It has been shut up so long things have grown into a tangle perhaps."</p>	<p>"Vou lhe dizer como acho que seria, se pudéssemos entrar," disse ela. "Está fechado há tanto tempo que as coisas se tornaram um emaranhado, talvez."</p>
<p>He lay quite still and listened while she went on talking about the roses which <i>might</i> have clambered from tree to tree and hung down—about the many birds which <i>might</i> have built their nests there because it was so safe. And then she told him about the robin and Ben Weatherstaff, and there was so much to tell about the robin and it was so easy and safe to talk about it that she ceased to feel afraid. The robin pleased him so much that he smiled until he looked almost beautiful, and at first Mary had thought that he was even plainer than herself, with his big eyes and heavy locks of hair.</p>	<p>Ele ficou imóvel e ouviu enquanto ela falava sobre as rosas que poderiam ter escalado de árvore em árvore e se pendurado, sobre os muitos pássaros que poderiam ter construído seus ninhos ali por ser tão seguro. Finalmente ela contou sobre o tordo e Ben Weatherstaff, e havia tanto a contar sobre o tordo e era tão fácil e seguro falar sobre isso que ela parou de sentir medo. O tordo o agradou tanto que ele sorriu até ficar quase bonito, e a princípio Mary pensou que ele era ainda mais sem graça do que ela, com seus olhos grandes e grossas mechas de cabelo.</p>

<p>"I did not know birds could be like that," he said. "But if you stay in a room you never see things. What a lot of things you know. I feel as if you had been inside that garden."</p>	<p>"Eu não sabia que pássaros podiam ser assim," disse ele, "mas se você ficar em um quarto, nunca verá as coisas. Quantas coisas você sabe, sinto como se você tivesse estado dentro daquele jardim."</p>
<p>She did not know what to say, so she did not say anything. He evidently did not expect an answer and the next moment he gave her a surprise.</p>	<p>Ela não sabia o que dizer, então não disse nada. Ele evidentemente não esperava uma resposta e no momento seguinte ele a surpreendeu.</p>
<p>"I am going to let you look at something," he said. "Do you see that rose-colored silk curtain hanging on the wall over the mantel-piece?"</p>	<p>"Vou deixar você olhar uma coisa," disse ele. "Vê aquela cortina de seda rosa pendurada na parede acima da lareira?"</p>
<p>Mary had not noticed it before, but she looked up and saw it. It was a curtain of soft silk hanging over what seemed to be some picture.</p>	<p>Mary não tinha notado antes, mas olhou para cima e viu. Era uma cortina de seda macia pendurada sobre o que parecia ser uma imagem.</p>
<p>"Yes," she answered.</p>	<p>"Sim," ela respondeu.</p>
<p>"There is a cord hanging from it," said Colin. "Go and pull it."</p>	<p>"Há uma corda pendurada nela," disse Colin. "Vá e puxe."</p>
<p>Mary got up, much mystified, and found the cord. When she pulled it the silk curtain ran back on rings and when it ran back it uncovered a picture. It was the picture of a girl with a laughing face. She had bright hair tied up with a blue ribbon and her gay, lovely eyes were exactly like Colin's unhappy ones, agate gray and looking twice as big as they really were because of the black lashes all round them.</p>	<p>Mary se levantou, muito perplexa, e encontrou o cordão. Quando puxou, a cortina rolou para trás revelando uma imagem. Era a foto de uma garota com um rosto sorridente. Ela tinha cabelos brilhantes amarrados com uma fita azul e seus olhos alegres eram exatamente como os infelizes de Colin, cinza ágata e parecendo duas vezes maiores do</p>

	que realmente eram por causa dos cílios pretos ao redor deles.
"She is my mother," said Colin complainingly. "I don't see why she died. Sometimes I hate her for doing it."	"Ela é minha mãe," disse Colin reclamando. "Não vejo por que ela morreu. Às vezes a odeio por isso."
"How queer!" said Mary.	"Que estranho!" disse Mary.
"If she had lived I believe I should not have been ill always," he grumbled. "I dare say I should have lived, too. And my father would not have hated to look at me. I dare say I should have had a strong back. Draw the curtain again."	"Se ela estivesse viva, acredito que não teria ficado doente para sempre," resmungou ele. "Acho que eu viveria também, e meu pai não odiaria olhar para mim, ousou dizer que eu teria costas fortes. Feche a cortina novamente."
Mary did as she was told and returned to her footstool.	Mary obedeceu e voltou para o banquinho.
"She is much prettier than you," she said, "but her eyes are just like yours—at least they are the same shape and color. Why is the curtain drawn over her?"	"Ela é muito mais bonita do que você," disse ela, "mas seus olhos são iguais aos seus, pelo menos têm a mesma forma e cor. Por que a cortina está fechada sobre ela?"
He moved uncomfortably.	Ele se mexeu desconfortavelmente.
"I made them do it," he said. "Sometimes I don't like to see her looking at me. She smiles too much when I am ill and miserable. Besides, she is mine and I don't want every one to see her."	"Eu os obriguei a fazer isso," disse ele. "Às vezes não gosto de vê-la olhando para mim. Ela sorri demais quando estou doente e infeliz, além disso, ela é minha e não quero que ninguém a veja."
There were a few moments of silence and then Mary spoke.	Houve um momento de silêncio e então Mary falou.
"What would Mrs. Medlock do if she found out that I had been here?" she inquired.	"O que a Sra. Medlock faria se descobrisse que estive aqui?" ela perguntou.

<p>"She would do as I told her to do," he answered. "And I should tell her that I wanted you to come here and talk to me every day. I amgladyou came."</p>	<p>"Ela faria o que eu dissesse para fazer," respondeu ele. "E eu deveria dizer a ela que queria que você viesse aqui e conversasse comigo todos os dias. Estou feliz que veio."</p>
<p>"So am I," said Mary. "I will come as often as I can, but"—she hesitated—"I shall have to look every day for the garden door."</p>	<p>"Eu também, irei sempre que puder, mas..." a menina hesitou. "Terei de procurar todos os dias a porta do jardim."</p>
<p>"Yes, you must," said Colin, "and you can tell me about it afterward."</p>	<p>"Sim, você tem," disse Colin, "e pode me contar sobre isso depois."</p>
<p>He lay thinking a few minutes, as he had done before, and then he spoke again.</p>	<p>Ele ficou pensando por alguns minutos, como fizera antes, e então falou novamente.</p>
<p>"I think you shall be a secret, too," he said. "I will not tell them until they find out. I can always send the nurse out of the room and say that I want to be by myself. Do youknow Martha?"</p>	<p>"Acho que você também será um segredo," disse ele. "Não vou contar até que descubram. Sempre posso mandar a enfermeira sair da sala e dizer que quero ficar sozinho. Você conhece Martha?"</p>
<p>"Yes, I know her very well," said Mary. "She waitson me."</p>	<p>"Sim, eu a conheço muito bem," respondeu Mary. "É ela quem cuida de mim."</p>
<p>He nodded his head toward the outer corridor.</p>	<p>Ele indicou com a cabeça em direção ao corredor externo.</p>
<p>"She is the one who is asleep in the other room. The nurse went away yesterday to stay all night with her sister and she always makes Martha attend to me when she wants to go out. Martha shalltellyouwhento come here."</p>	<p>"É ela quem está dormindo no outro quarto. A enfermeira foi embora ontem para ficar a noite toda com a irmã e sempre manda Martha para ficar comigo quando quer sair. Ela vai dizer quando você deve vir aqui."</p>
<p>Then Mary understood Martha's troubled look when</p>	<p>Então Mary entendeu o olhar</p>

she had asked questions about the crying.	preocupado de Martha quando fez perguntas sobre o choro.
"Martha knew about you all the time?" she said.	"Martha sabia de você o tempo todo?" ela disse.
"Yes; she often attends to me. The nurse likes to get away from me and then Martha comes."	"Sim; ela costuma me atender também. A enfermeira gosta de se fugir de mim e aí vem Martha."
"I have been here a long time," said Mary. "Shall I go away now? You eyes look sleepy."	"Estou aqui há muito tempo," disse Mary. "Devo ir embora agora? Seus olhos parecem sonolentos."
"I wish I could go to sleep before you leave me," he said rather shyly.	"Eu gostaria de poder dormir antes de você me deixar," disse ele um tanto timidamente.
"Shut your eyes," said Mary, drawing her footstool closer, "and I will do what my Ayah used to do in India. I will pat your hand and stroke it and sing something quite low."	"Feche os olhos," disse Mary, puxando o banquinho para mais perto, "e farei o que minha aia costumava fazer na Índia. Vou dar um tapinha em sua mão, acariciá-la e cantar algo bem baixinho."
"I should like that perhaps," he said drowsily.	"Talvez eu goste disso," disse ele sonolento.
Somehow she was sorry for him and did not want him to lie awake, so she leaned against the bed and began to stroke and pat his hand and sing a very low little chanting song in Hindustani.	De alguma forma, ela sentia pena dele e não queria que ficasse acordado, então encostou na cama pegando na mão dele dando leves tapinhas enquanto cantava uma canção de ninar em hindustâni, uma língua do norte da Índia.
"That is nice," he said more drowsily still, and she went on chanting and stroking, but when she looked at him again his black lashes were lying close against his cheeks, for his eyes were shut and he was fast asleep. So she got up softly, took her candle and crept away	"Isso é bom," disse ele ainda mais sonolento. Mary ela continuou cantando e segurando a mão de Colin, mas quando ela olhou para ele novamente, seus cílios negros

<p>without making a sound.</p>	<p>estavam bem perto de suas bochechas, pois seus olhos estavam fechados e ele dormia profundamente. Então ela se levantou suavemente, pegou sua vela e se afastou sem fazer barulho.</p>
	<p>Mary ela continuou cantando e segurando a mão de Colin, mas quando ela olhou para ele novamente, seus cílios negros estavam bem perto de suas bochechas, pois seus olhos estavam fechados e ele dormia profundamente. Então ela se levantou suavemente, pegou sua vela e se afastou sem fazer barulho.</p>

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER XX	CAPÍTULO 20
"I SHALL LIVE FOREVER—AND EVER—AND EVER!"	EU VOU VIVER PARA SEMPRE
<p>But they were obliged to wait more than a week because first there came some very windy days and then Colin was threatened with a cold, which two things happening one after the other would no doubt have thrown him into a rage but that there was so much careful and mysterious planning to do and almost every day Dickon came in, if only for a few minutes, to talk about what was happening on the moor and in the lanes and hedges and on the borders of streams. The things he had to tell about otters' and badgers' and water-rats' houses, not to mention birds' nests and field-mice and their burrows, were enough to make you almost tremble with excitement when you heard all the intimate details from an animal charmer and realized with what thrilling eagerness and anxiety the whole busy underworld was working.</p>	<p>Entretanto as crianças foram obrigadas a esperar mais uma semana, porque primeiro vieram alguns dias de muito vento, e em seguida Colin ameaçou ficar resfriado. Sem sombra de dúvidas, as duas coisas acontecendo, uma após a outra, deixaram o menino furioso, mas havia um planejamento cuidadoso para que Dickon entrasse e contasse tudo o que estava acontecendo na charneca, nas vielas, nos jardins e nas beiras dos riachos. As coisas que ele tinha para dizer sobre as casas de lontras; texugos; ratos-d'água; ratos do campo e suas tocas; sem falar nos ninhos de pássaro, bastavam para vibrar de empolgação ao ouvir todos os detalhes íntimos de um encantador de animais, além de perceber o entusiasmo e a ansiedade com a qual o submundo estava ocupado trabalhando.</p>
<p>"They're same as us," said Dickon, "only they have to build their homes every year. An' it keeps 'em so busy they fair scuffle to get 'em done."</p>	<p>"Eles são igual a gente," disse Dickon, "só que precisam construir as casas deles todos os anos, e isso deixa eles tão ocupados que eles lutam pra concluir elas."</p>
<p>The most absorbing thing, however, was the preparations to be made before Colin could be transported with sufficient secrecy to the garden. No one must see the chair-carriage and Dickon and Mary after they turned a certain corner of the shrubbery and entered</p>	<p>Ainda mais interessante do que isso, entretanto, eram os preparativos a serem feitos para o transporte sigiloso de Colin até o jardim. Ninguém deveria ver a cadeira de rodas, nem Dickon ou Mary depois que eles dobrassem certa esquina do grande quintal e</p>

<p>upon the walk outside the ivied walls. As each day passed, Colin had become more and more fixed in his feeling that the mystery surrounding the garden was one of its greatest charms. Nothing must spoil that. No one must ever suspect that they had a secret. People must think that he was simply going out with Mary and Dickon because he liked them and did not object to their looking at him. They had long and quite delightful talks about their route. They would go up this path and down that one and cross the other and go round among the fountain flower-beds as if they were looking at the "bedding-out plants" the head gardener, Mr. Roach, had been having arranged. That would seem such a rational thing to do that no one would think it at all mysterious. They would turn into the shrubbery walks and lose themselves until they came to the long walls. It was almost as serious and elaborately thought out as the plans of march made by great generals in time of war.</p>	<p>começassem a caminhada fora das paredes cobertas de hera. A cada dia que passava, Colin se apegava cada vez mais em seu sentimento de que o mistério que cercava o jardim era um de seus maiores encantos. Nada deveria estragar isso, ninguém poderia suspeitar que tinham um segredo. As pessoas deveriam pensar que Colin estava saindo com Mary e Dickon simplesmente porque gostava deles e não se opunha a que olhassem para ele. Os três tiveram longas e agradáveis conversas sobre sua rota; iriam subir por este caminho e descer por aquele, cruzar o outro e dar a volta entre os canteiros de flores da fonte como se estivessem olhando as plantas que o jardineiro-chefe, Sr. Roach, havia arranjado. Pareceria uma coisa tão racional de se fazer que ninguém pensaria que era estranho. A caminhada desviaria para os arbustos até chegarem às longas paredes. Era quase tão sério e elaborado quanto os planos de marcha feitos pelos grandes generais em tempo de guerra.</p>
<p>Rumors of the new and curious things which were occurring in the invalid's apartments had of course filtered through the servants' hall into the stable yards and out among the gardeners, but notwithstanding this, Mr. Roach was startled one day when he received orders from Master Colin's room to the effect that he must report himself in the apartment no outsider had ever seen, as the invalid himself desired to speak to him.</p>	<p>Rumores sobre as novidades e curiosidades que estavam ocorrendo nos aposentos do inválido tinham, é claro, se espalhado na sala dos empregados, passando os pátios do estábulo e fora da mansão entre os jardineiros. Mas apesar disso, o Sr. Roach ficou um tanto surpreso quando um dia recebeu ordens para se apresentar nas acomodações do patrão Colin, onde nenhum estranho jamais tinha ido, pois o próprio</p>

	desejava falar com ele.
"Well, well," he said to himself as he hurriedly changed his coat, "what's to do now? His Royal Highness that wasn't to be looked at calling up a man he's never set eyes on."	"Ora, ora," ele disse a si mesmo enquanto trocava apressadamente o casaco, "o que será que ele quer? Sua Alteza Real que não gostava de ser visto, agora chama um homem que nunca viu."
Mr. Roach was not without curiosity. He had never caught even a glimpse of the boy and had heard a dozen exaggerated stories about his uncanny looks and ways and his insane tempers. The thing he had heard oftenest was that he might die at any moment and there had been numerous fanciful descriptions of a humped back and helpless limbs, given by people who had never seen him.	O Sr. Roach estava curioso. Nunca tinha visto o menino, mas tinha ouvido uma dúzia de histórias exageradas sobre sua aparência, seu jeito estranho e seu temperamento difícil. A coisa que ouvia com mais frequência era que Colin poderia morrer a qualquer momento. Além das inúmeras descrições fantasiosas sobre costas arqueadas e membros frágeis, dadas por pessoas que nunca o tinham visto.
"Things are changing in this house, Mr. Roach," said Mrs. Medlock, as she led him up the back staircase to the corridor on to which opened the hitherto mysterious chamber.	"As coisas estão mudando nesta casa, Sr. Roach," disse a Sra. Medlock, enquanto o conduzia escada acima para o corredor no qual se abria a câmara até então misteriosa.
"Let's hope they're changing for the better, Mrs. Medlock," he answered.	"Vamo torcer pra que elas sejam mudando pra melhor senhora," respondeu ele.
"They couldn't well change for the worse," she continued; "and queer as it all is there's them as finds their duties made a lot easier to stand up under. Don't you be surprised, Mr. Roach, if you find yourself in the middle of a menagerie and Martha Sowerby's Dickon more at home than you or me could ever be."	"Elas não poderiam ficar piores," ela continuou; "e por mais estranho que seja, elas estão deixando nossos deveres muito mais fáceis. Não se surpreenda ao se ver em meio a um zoológico ou Dickon e Martha Sowerby mais confortáveis do que você e eu jamais poderíamos ser. "
There really was a sort of Magic about Dickon, as Mary always privately believed. When Mr. Roach heard his name he smiled	Realmente havia uma espécie de magia em Dickon, como Mary sempre acreditou em particular. Quando o Sr. Roach ouviu seu

quite leniently.	nome, sorriu com tolerância.
"He'd be at home in Buckingham Palace or at the bottom of a coal mine," he said. "And yet it's not impudence, either. He's just fine, is that lad."	"Dickon se sentiria em casa fosse no palácio de Buckingham ou no fundo de uma mina de carvão," respondeu ele. "E ainda assim não seria atrevimento, ele é um bom rapaz."
It was perhaps well he had been prepared or he might have been startled. When the bedroom door was opened a large crow, which seemed quite at home perched on the high back of a carven chair, announced the entrance of a visitor by saying "Caw—Caw" quite loudly. In spite of Mrs. Medlock's warning, Mr. Roach only just escaped being sufficiently undignified to jump backward.	Talvez tenha sido bom que ele estivesse preparado ou poderia ter se assustado. Quando a porta do quarto foi aberta, um grande corvo, que parecia bastante em casa, empoleirado no encosto alto de uma cadeira entalhada, anunciou a entrada de um visitante dizendo "crau-crau" bem alto. Apesar do aviso da Sra. Medlock, o Sr. Roach escapou por pouco de pular para trás assustado.
The young Rajah was neither in bed nor on his sofa. He was sitting in an armchair and a young lamb was standing by him shaking its tail in feeding-lamb fashion as Dickon knelt giving it milk from its bottle. A squirrel was perched on Dickon's bent back attentively nibbling a nut. The little girl from India was sitting on a big footstool looking on.	O jovem rajá não estava na cama nem no sofá. Ele estava sentado em uma poltrona com um cordeirinho parado ao lado dele, sacudindo o rabo enquanto Dickon estava ajoelhado alimentando-o com uma mamadeira. Um esquilo estava empoleirado nas costas curvadas de Dickon, mordiscando atentamente uma noz. A garotinha da Índia estava sentada em um grande banquinho olhando.
"Here is Mr. Roach, Master Colin," said Mrs. Medlock.	"Aqui está o Sr. Roach, patrão Colin," disse a Sra. Medlock.
The young Rajah turned and looked his servitor over—at least that was what the head gardener felt happened.	O jovem rajá se virou e olhou para seu empregado, pelo menos foi o que o jardineiro-chefe sentiu que aconteceu.
"Oh, you are Roach, are you?" he said. "I sent for you to give you some very important orders."	"Oh, você é Roach, não é?" ele disse. "Mandeí chamá-lo para lhe dar algumas ordens muito importantes."
"Very good, sir," answered Roach,	"Muito bem, senhor." respondeu Roach,

wondering if he was to receive instructions to fell all the oaks in the park or to transform the orchards into water-gardens.	perguntando-se se deveria receber instruções para derrubar todos os carvalhos do parque ou para transformar os pomares em jardins aquáticos.
"I am going out in my chair this afternoon," said Colin. "If the fresh air agrees with me I may go out every day. When I go, none of the gardeners are to be anywhere near the Long Walk by the garden walls. No one is to be there. I shall go out about two o'clock and every one must keep away until I send word that they may go back to their work."	"Vou sair na minha cadeira de rodas esta tarde," disse Colin. "Se o ar fresco estiver bom para o meu gosto, posso sair todos os dias. Quando eu sair, nenhum dos jardineiros deve estar em perto da trilha ao longo dos muros do jardim. Devo sair por volta das duas horas e todos devem ficar longe até que eu mande dizer que podem voltar ao trabalho. "
"Very good, sir," replied Mr. Roach, much relieved to hear that the oaks might remain and that the orchards were safe.	"Muito bem, patrão," respondeu o Sr. Roach, aliviado em saber que os carvalhos poderiam permanecer e que os pomares estavam seguros.
"Mary," said Colin, turning to her, "what is that thing you say in India when you have finished talking and want people to go?"	"Mary," disse Colin, voltando-se para ela, "o que é aquela coisa que você diz na Índia quando termina de falar e quer que as pessoas se vá?"
"You say, 'You have my permission to go,'" answered Mary.	"Você diz: 'Você tem minha permissão para ir,' " respondeu Mary.
The Rajah waved his hand.	O rajá acenou com a mão.
"You have my permission to go, Roach," he said. "But, remember, this is very important."	"Você tem minha permissão para ir, Roach," disse ele. "Mas, lembre-se, isso é muito importante."
"Caw—Caw!" remarked the crow hoarsely but not impolitely.	"Crau-Crau!" observou o corvo com voz rouca, mas não indelicada.
"Very good, sir. Thank you, sir," said Mr. Roach, and Mrs. Medlock took him out of the room.	"Muito bem, senhor. Obrigado," disse o Sr. Roach, e a Sra. Medlock o tirou da sala.
Outside in the corridor, being a rather good-	Lá fora, no corredor, sendo um homem

natured man, he smiled until he almost laughed.	bastante afável, o Sr. Roach sorriu até quase rir.
"My word!" he said, "he's got a fine lordly way with him, hasn't he? You'd think he was a whole Royal Family rolled into one— Prince Consortandall."	"Santo Deus!" ele disse, "ele se comporta como um nobre, não é? Parece uma família real inteira reunida, sendo ele o príncipe consorte e tudo."
"Eh!" protested Mrs. Medlock, "we've had to let him trample all over every one of us ever since he had feet and he thinks that's what folks was born for."	"Sim!" protestou a Sra. Medlock, "tivemos que deixá-lo pisar em cada um de nós desde que nasceu e agora ele pensa que nascemos para sermos seus servos."
"Perhaps he'll grow out of it, if he lives," suggested Mr. Roach.	"Talvez ele mude, se viver," sugeriu o Sr. Roach.
"Well, there's one thing pretty sure," said Mrs. Medlock. "If he does live and that Indian child stays here I'll warrant she teaches him that the whole orange does not belong to him, as Susan Sowerby says. And he'll be likely to find out the size of his own quarter."	"Bem, uma coisa é certa: " disse a Sra. Medlock. "Se ele viver e aquela criança indiana ficar aqui, garanto que ela o ensinará que o mundo não gira em torno dele, como diz Susan Sowerby. E é provável que ele descubra o tamanho de sua própria empáfia."
Inside the room Colin was leaning back on his cushions.	Dentro da sala, Colin estava recostado nas almofadas.
"It's all safe now," he said. "And this afternoon I shall see it—this afternoon I shall be in it!"	"Está tudo bem agora," disse ele. "E esta tarde eu verei, esta tarde estarei nele!"
Dickon went back to the garden with his creatures and Mary stayed with Colin. She did not think he looked tired but he was very quiet before their lunch came and he was quiet while they were eating it. She wonderedwhyandaskedhimabout it.	Dickon voltou para o jardim com suas criaturas e Mary ficou com Colin. Ela não achou que ele parecesse cansado, mas ficou muito quieto antes de o almoço chegar e permaneceu calado enquanto comiam. Ela se perguntou por que e perguntou a ele sobre isso.
"What big eyes you've got, Colin," she said. "When you are thinking they get as big as	"Que olhos grandes você tem, Colin," disse ela. "Quando você está pensando, eles ficam

saucers. What are you thinking about now?"	grandes como bola de bilhar. No que está pensando agora?"
"I can't help thinking about what it will look like," he answered.	"Não consigo deixar de pensar em como será," respondeu ele.
"The garden?" asked Mary.	"O jardim?" perguntou Mary.
"The springtime," he said. "I was thinking that I've really never seen it before. I scarcely ever went out and when I did go I never looked at it. I didn't even think about it."	"A primavera," disse ele. "Eu estava pensando que realmente nunca vi ela antes. Eu quase nunca saía e quando saía, nunca olhava de verdade. Eu nem pensei sobre isso."
"I never saw it in India because there wasn't any," said Mary.	"Nunca vi isso na Índia também, porque lá não tem primavera," disse Mary.
Shut in and morbid as his life had been, Colin had more imagination than she had and at least he had spent a good deal of time looking at wonderful books and pictures.	A vida do menino tinha sido isolada e mórbida, por isso Colin tinha mais imaginação do que ela, mas pelo menos, passava muito tempo olhando livros e fotos maravilhosas.
"That morning when you ran in and said 'It's come! It's come!' you made me feel quite queer. It sounded as if things were coming with a great procession and big bursts and wafts of music. I've a picture like it in one of my books—crowds of lovely people and children with garlands and branches with blossoms on them, every one laughing and dancing and crowding and playing on pipes. That was why I said, 'Perhaps we shall hear golden trumpets' and told you to throw open the window."	"Naquela manhã, quando entrou correndo e disse 'Chegou! Chegou!' você fez com que me sentisse estranho. Parecia que uma grande procissão estava vindo com grandes explosões e músicas. Tenho uma imagem como essa em um dos meus livros: multidões de pessoas e crianças adoráveis com coroas de flores sobre suas cabeças, cada uma rindo e dançando, se aglomerando e tocando flauta. Foi por isso que eu disse, 'Talvez possamos ouvir trombetas douradas' e te disse para abrir a janela. "
"How funny!" said Mary. "That's really just what it feels like. And if all the flowers and leaves and green things and birds and wild creatures danced past at once, what a crowd	"Que engraçado!" disse Mary. "É exatamente desse jeito e se todas as flores, folhas, coisas verdes, pássaros e criaturas selvagens passassem ao mesmo tempo, que multidão

<p>it would be! I'm sure they'd dance and sing and flute and that would be the wafts of music."</p>	<p>seria! Tenho certeza que eles dançariam, cantariam e tocaram músicas bem altas com as flautas. "</p>
<p>They both laughed but it was not because the idea was laughable but because they both so liked it.</p>	<p>Os dois riram, mas não porque a ideia fosse ridícula, mas porque ambos gostaram.</p>
<p>A little later the nurse made Colin ready. She noticed that instead of lying like a log while his clothes were put on he sat up and made some efforts to help himself, and he talked and laughed with Mary all the time.</p>	<p>Um pouco depois, a enfermeira deixou Colin pronto. Ela percebeu que, em vez de ficar deitado como um tronco de árvore enquanto suas roupas eram colocadas, ele se sentava e fazia alguns esforços para se ajudar, enquanto conversava rindo com Mary o tempo todo.</p>
<p>"This is one of his good days, sir," she said to Dr. Craven, who dropped in to inspect him. "He's in such good spirits that it makes him stronger."</p>	<p>"Ele está em um de seus dias bons senhor," disse ela ao doutor Craven, que apareceu para inspecioná-lo. "O patrão Colin está de tão bom humor que ficou mais forte."</p>
<p>"I'll call in again later in the afternoon, after he has come in," said Dr. Craven. "I must see how the going out agrees with him. I wish," in a very low voice, "that he would let you go with him."</p>	<p>"Ligarei novamente no final da tarde, depois que ele chegar," disse o Dr. Craven. "Devo ver como ele vai reagir a saída. Eu gostaria," murmurou o médico, "que ele deixasse você ir com ele."</p>
<p>"I'd rather give up the case this moment, sir, than even stay here while it's suggested," answered the nurse with sudden firmness.</p>	<p>"Senhor, eu prefiro ficar aqui como foi sugerido inicialmente," respondeu a enfermeira com repentina firmeza.</p>
<p>"I hadn't really decided to suggest it," said the doctor, with his slight nervousness. "We'll try the experiment. Dickon's a lad I'd trust with a new-born child."</p>	<p>"Eu realmente não tinha sugerido isso," disse o médico, com um repentino nervosismo. "Vamos tentar a experiência. Dickon é um rapaz a quem eu confiaria um filho recém-nascido."</p>
<p>The strongest footman in the house carried Colin down-stairs and put him in his wheeled chair near which Dickon waited outside.</p>	<p>O laçao mais forte da casa carregou Colin escada abaixo e o colocou em sua cadeira de rodas perto da qual Dickon esperava do lado</p>

<p>After the manservant had arranged his rugs and cushions the Rajah waved his hand to him and to the nurse.</p>	<p>de fora. Depois que ele arrumou seus tapetes e almofadas, o rajá acenou com a mão para o homem que o ajudara e a enfermeira.</p>
<p>"You have my permission to go," he said, and they both disappeared quickly and it must be confessed giggled when they were safely inside the house.</p>	<p>"Vocês têm minha permissão para ir," disse ele, e os dois desapareceram rapidamente. Ambos riram quando estavam em segurança dentro de casa</p>
<p>Dickon began to push the wheeled chair slowly and steadily. Mistress Mary walked beside it and Colin leaned back and lifted his face to the sky. The arch of it looked very high and the small snowy clouds seemed like white birds floating on outspread wings below its crystal blueness. The wind swept in soft big breaths down from the moor and was strange with a wild clear scented sweetness. Colin kept lifting his thin chest to draw it in, and his big eyes looked as if it were they which were listening—listening, instead of his ears.</p>	<p>Dickon começou a empurrar a cadeira de rodas lenta e firmemente. Mary caminhou ao lado dele enquanto Colin se recostava erguendo o rosto para o céu. O arco parecia muito alto e as pequenas nuvens brancas pareciam pássaros brancos flutuando de asas abertas abaixo do céu azul cristalino. O vento soprava como grandes e suaves respirações, com um doce cheiro forte e selvagem. Colin não parava de inspirar para sentir aquele cheiro e seus olhos grandes pareciam como se estivessem ouvindo em vez de seus ouvidos.</p>
<p>"There are so many sounds of singing and humming and calling out," he said. "Whatisthatscentthepuffsofwindbring?"</p>	<p>"Existem tantos sons de cantos, zunidos e gritos," disse ele. "O que é esse cheiro que as rajadas de vento trazem?"</p>
<p>"It's gorse on th' moor that's openin' out," answered Dickon. "Eh! th' bees are at it wonderful to-day."</p>	<p>"É o tojo na charneca que tá se abrindo," respondeu Dickon. "Nossa! As abelhas tão maravilhosas hoje."</p>
<p>Not a human creature was to be caught sight of in the paths they took. In fact every gardener or gardener's lad had been witched away. But they wound in and out among the shrubbery and out and round the fountain beds, following their carefully planned route for the mere mysterious pleasure of it. But</p>	<p>Nenhuma criatura humana foi vista nos caminhos que eles tomaram. Na verdade, todo jardineiro ou ajudante parecia ter sido enfeitiçado, mas eles entravam e saíam entre os arbustos contornando ao redor da fonte, seguindo sua rota cuidadosamente planejada pelo mero e misterioso prazer dela. Quando</p>

when at last they turned into the Long Walk by the ivied walls the excited sense of an approaching thrill made them, for some curious reason they could not have explained, begin to speak in whispers.	finalmente entraram no caminho que levava a parede coberta de heras, a sensação de empolgação aumentou de um jeito que não podiam explicar, então a menina disse em um sussurro:
"This is it," breathed Mary. "This is where I used to walk up and down and wonder and wonder."	"É isso. Esse é o lugar onde eu costumava andar para cima e para baixo para me maravilhar."
"Is it?" cried Colin, and his eyes began to search the ivy with eager curiosity. "But I can see nothing," he whispered. "There is no door."	"É aqui?" gritou Colin, e seus olhos começaram a procurar a hera com uma ávida curiosidade. "Mas não consigo ver nada," ele sussurrou. "Não há porta."
"That's what I thought," said Mary.	"Foi o que pensei," disse Mary.
Then there was a lovely breathless silence and the chair wheeled on.	Então houve um silêncio confortável entre eles enquanto a cadeira girava.
"That is the garden where Ben Weatherstaff works," said Mary.	"Esse é o jardim onde Ben Weatherstaff trabalha," disse Mary.
"Is it?" said Colin.	"É mesmo?" disse Colin.
A few yards more and Mary whispered again.	Mais alguns metros e Mary sussurrou novamente.
"This is where the robin flew over the wall," she said.	"Foi aqui que o tordo voou por cima da parede."
"Is it?" cried Colin. "Oh! I wish he'd come again!"	"Aqui?!" exclamou Colin. "Oh! Eu queria que ele viesse de novo!"
"And that," said Mary with solemn delight, pointing under a big lilac bush, "is where he perched on the little heap of earth and showed me the key."	"E ali," disse Mary com alegria solene, apontando para um grande arbusto de lilases, "é onde ele se empoleirou no montinho de terra e me mostrou a chave."
Then Colin sat up.	Então Colin se sentou.
"Where? Where? There?" he cried, and his eyes were as big as the wolf's in Red Riding Hood, when Red Riding-Hood felt called upon to remark on them. Dickon stood still	"Onde? Onde? Lá?" ele gritou, e seus olhos estavam tão grandes quanto os do lobo em Chapeuzinho Vermelho, quando ela chegou mais perto para observá-lo. Dickon parou e a

and the wheeled chair stopped.	cadeira parou junto com ele.
"And this," said Mary, stepping on to the bed close to the ivy, "is where I went to talk to him when he chirped at me from the top of the wall. And this is the ivy the wind blew back," and she took hold of the hanging green curtain.	"E aqui," disse Mary, pisando no canteiro perto da hera, "é onde falei com ele quando ele gorjeou para mim do alto da parede. E esta é a hera que o vento soprou de volta". Mary segurou a cortina verde pendurada.
"Oh! is it—is it!" gasped Colin.	"Oh! É isso!" engasgou Colin.
"And here is the handle, and here is the door. Dickon push him in—push him in quickly!"	"E aqui está a maçaneta da porta. Dickon empurre-o para dentro, rápido!"
And Dickon did it with one strong, steady, splendid push.	E Dickon fez isso com um empurrão forte, firme e esplêndido.
But Colin had actually dropped back against his cushions, even though he gasped with delight, and he had covered his eyes with his hands and held them there shutting out everything until they were inside and the chair stopped as if by magic and the door was closed. Not till then did he take them away and look round and round and round as Dickon and Mary had done. And over walls and earth and trees and swinging sprays and tendrils the fair green veil of tender little leaves had crept, and in the grass under the trees and the gray urns in the alcoves and here and there everywhere were touches or splashes of gold and purple and white and the trees were showing pink and snow above his head and there were fluttering of wings and faint sweet pipes and humming and scents and scents. And the sun fell warm upon his face like a hand with a lovely touch. And in wonder Mary and Dickon stood and stared at	Colin levou um solavanco contra as almofadas, embora estivesse ofegante de animação. Ele cobriu os olhos com as mãos e assim foi até que estivesse dentro do jardim com a cadeira parada e a porta fechada. Somente então, ele os abriu e olhou em volta, assim como Dickon e Mary haviam feito. Nas árvores, sobre a terra, nos ramos e gavinhas balançando, o belo véu verde de pequenas folhas delicadas, rastejava. Na grama sob as árvores e nas urnas cinzentas nas alcovas aqui e ali, em todos os lugares, havia toques ou salpicos de dourado, roxo e branco. As árvores exibiam tons rosa e branco neve acima de sua cabeça, ouvia-se asas batendo e cantos tênues e zumbidos, cheiros e aromas. O sol brilhou quente no rosto de Colin como um toque gentil. Maravilhados, Mary e Dickon se levantaram e olharam para ele. Ele parecia tão estranho e diferente porque um tom rosado tinha

<p>him. He looked so strange and different because a pink low of color had actually crept all over him—ivory face and neck and hands and all.</p>	<p>realmente se espalhado sobre ele, rosto, pescoço de marfim, mãos e todo o resto. Na grama sob as árvores, nas urnas cinzentas, nas alcovas... Em todos os lugares haviam toques ou salpicos de ouro, roxo e o branco, além das árvores que mostravam rosa e branco neve acima de sua cabeça, também haviam asas batendo, suaves zumbidos e cheiros. O brilho sol caiu quente no rosto de Colin como uma mão com um toque adorável. Maravilhados, Mary e Dickon se levantaram e olharam para ele. Ele parecia tão estranho e diferente porque um tom rosado tinha realmente se espalhado sobre ele - rosto e pescoço de marfim e mãos e tudo.</p>
<p>"I shall get well! I shall get well!" he cried out. "Mary! Dickon! I shall get well! And I shall live forever and ever and ever!"</p>	<p>"Eu vou ficar bem! Eu vou ficar bem!" ele gritou. "Mary! Dickon! Vou ficar bem! E eu vou viver para sempre!"</p>

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER XXIII	CAPÍTULO 23
MAGIC	MAGIA
Dr. Craven had been waiting some time at the house when they returned to it. He had indeed begun to wonder if it might not be wise to send some one out to explore the garden paths. When Colin was brought back to his room the poor man looked him over seriously.	O Dr. Craven estava esperando há algum tempo em casa quando eles voltaram. Ele realmente começou a se perguntar se não seria sensato enviar alguém para procurá-los nos caminhos do jardim. Quando Colin foi trazido de volta para seu quarto, o pobre homem olhou para ele seriamente.
"You should not have stayed so long," he said. "You must not overexert yourself."	"Você não deveria ter ficado tanto tempo," disse ele. "Você não deve se esforçar demais."
"I am not tired at all," said Colin. "It has made me well. To-morrow I am going out in the morning as well as in the afternoon."	"Não estou nem um pouco cansado," disse Colin. "Isso me fez bem. Amanhã eu vou sair de manhã assim como à tarde."
"I am not sure that I can allow it," answered Dr. Craven. "I am afraid it would not be wise."	"Não sei se posso permitir isso," respondeu o Dr. Craven. "Temo que não seja sábio."
"It would not be wise to try to stop me," said Colin quite seriously. "I am going."	"Não seria sensato tentar me impedir," Colin respondeu muito sério. "Eu vou."
Even Mary had found out that one of Colin's chief peculiarities was that he did not know in the least what a rude little brute he was with his way of ordering people about. He had lived on a sort of desert island all his life and as he had been the king of it he had made his own manners and had had no one to compare himself with. Mary had indeed been rather like him herself and since she had been at Misselthwaite had gradually discovered that her own manners had not been of the kind which is usual or popular. Having made	Até mesmo Mary descobriu que uma das principais peculiaridades de Colin era que ele absolutamente não sabia o quão rude era o seu jeito de mandar nas pessoas. O menino viveu em uma espécie de ilha deserta toda a sua vida e como tinha sido o rei, havia criado suas próprias maneiras e não tinha ninguém com quem se comparar. De fato, Mary era bastante parecida com ele e, desde que começará a morar em Misselthwaite, descobriu aos poucos que seus próprios modos não eram nada agradáveis. Depois de

<p>this discovery she naturally thought it of enough interest to communicate to Colin. So she sat and looked at him curiously for a few minutes after Dr. Craven had gone. She wanted to make him ask her why she was doing it and of course she did.</p>	<p>fazer essa descoberta, ela naturalmente achou que era interessante o suficiente para comunicar isso a Colin. Então a menina se sentou e olhou para ele com curiosidade por alguns minutos depois que o Dr. Craven saiu. Queria que ele perguntasse por que ela estava fazendo isso e é claro que ele assim o fez.</p>
<p>"What are you looking at me for?" he said.</p>	<p>"Por que está olhando para mim?" ele disse.</p>
<p>"I'm thinking that I am rather sorry for Dr. Craven."</p>	<p>"Estou pensando que sinto muito pelo Dr. Craven."</p>
<p>"So am I," said Colin calmly, but not without an air of some satisfaction. "He won't get Misselthwaite at all now I'm not going to die."</p>	<p>"Eu também," disse Colin calmamente, mas não sem um ar de satisfação. "Ele não vai pegar Misselthwaite agora, eu não vou morrer."</p>
<p>"I'm sorry for him because of that, of course," said Mary, "but I was thinking just then that it must have been very horrid to have had to be polite for ten years to a boy who was always rude. I wouldneverhavedone it."</p>	<p>"Lamento por ele por causa disso também, é claro," disse Mary, "mas eu estava pensando que deve ter sido horrível ter que ser educado por dez anos com um menino que sempre foi rude. Eu nunca teria feito isso."</p>
<p>"Am I rude?" Colin inquired undisturbedly.</p>	<p>"Eu sou rude?" Colin perguntou imperturbável.</p>
<p>"If you had been his own boy and he had been a slapping sort of man," said Mary, "he would have slapped you."</p>	<p>"Se você fosse o filho dele e ele fosse o tipo de homem que bate," disse Mary, "ele teria dado um tapa em você."</p>
<p>"But he daren't," said Colin.</p>	<p>"Mas ele não ousaria" disse Colin.</p>
<p>"No, he daren't," answered Mistress Mary, thinking the thing out quite without prejudice. "Nobody ever dared to do anything you didn't like—because you were going to die and things like that. Youweresuch a poorthing."</p>	<p>"Não, ele não ousaria," respondeu a menina, pensando a respeito sem preconceito. "Ninguém jamais se atreveu a fazer nada de que você não gostasse, porque você ia morrer e essas coisas. Você era um coitadinho."</p>
<p>"But," announced Colin stubbornly, "I am</p>	<p>"Mas," anunciou Colin teimosamente, "não</p>

not going to be a poor thing. I won't let people think I'm one. I stood on my feet this afternoon."	vou ser digno de pena. Não vou deixar que as pessoas pensem que sou um coitadinho. Fiquei de pé esta tarde."
"It is always having your own way that has made you so queer," Mary went on, thinking aloud.	"É o seu jeito de ser que o torna sempre tão esquisito," continuou Mary, pensando em voz alta.
Colin turned his head, frowning.	Colin virou a cabeça, carrancudo.
"Am I queer?" he demanded.	"Eu sou esquisito?" Ele exigiu saber.
"Yes," answered Mary, "very. But you needn't be cross," she added impartially, "because so am I queer—and so is Ben Weatherstaff. But I am not as queer as I was before I began to like people and before I found the garden."	"Sim," respondeu Mary, "muito. Mas você não precisa ficar zangado," acrescentou ela com imparcialidade, "porque eu também sou esquisita, e Ben Weatherstaff também. Mas não sou tão esquisita quanto antes de começar a gostar de pessoas e antes de encontrar o jardim."
"I don't want to be queer," said Colin. "I am not going to be," and he frowned again with determination.	"Não quero ser assim," disse Colin. "Eu não vou ser assim," e ele franziu a testa novamente com determinação.
He was a very proud boy. He lay thinking for a while and then Mary saw his beautiful smile begin and gradually change his whole face.	Ele era um menino muito orgulhoso. Ele ficou pensando por um tempo e então Mary viu seu lindo sorriso começar a mudar gradualmente todo o seu rosto.
"I shall stop being queer," he said, "if I go every day to the garden. There is Magic in there—good Magic, you know, Mary. I am sure there is."	"Vou parar de ser esquisito," disse ele, "se for todos os dias ao jardim. Há magia ali - boa magia, você sabe, Mary. Tenho certeza de que existe."
"So am I," said Mary.	"Eu também," disse Mary.
"Even if it isn't real Magic," Colin said, "we can pretend it is. <i>Something</i> there— <i>something!</i> "	"Mesmo que não seja magia real", disse Colin, "podemos fingir que é. Algo está lá!"
"It's Magic," said Mary, "but not black. It's as white as snow."	"É magia," disse Mary, "não magia negra, mas clara como a neve."
They always called it Magic and indeed it	Eles sempre chamaram isso de mágica e de

seemed like it in the months that followed—the wonderful months—the radiant months—the amazing ones. Oh! the things which happened in that garden! If you have never had a garden, you cannot understand, and if you have had a garden you will know that it would take a whole book to describe all that came to pass there. At first it seemed that green things would never cease pushing their way through the earth, in the grass, in the beds, even in the crevices of the walls. Then the green things began to show buds and the buds began to unfurl and show color, every shade of blue, every shade of purple, every tint and hue of crimson. In its happy days flowers had been tucked away into every inch and hole and corner. Ben Weatherstaff had seen it done and had himself scraped out mortar from between the bricks of the wall and made pockets of earth for lovely clinging things to grow on. Iris and white lilies rose out of the grass in sheaves, and the green alcoves filled themselves with amazing armies of the blue and white flower lances of tall delphiniums or columbines or campanulas.

fato parecia que era nos meses que se seguiram. Meses esses que foram maravilhosos, radiantes e incríveis. Oh! As coisas que aconteceram naquele jardim! Se nunca teve um jardim, não pode entender, e se já teve, saberá que seria necessário um livro inteiro para descrever tudo o que aconteceu ali. A princípio parecia que os pontos verdes nunca cessariam de abrir caminho na terra, na grama, nos canteiros, até mesmo nas fendas das paredes. Então os pontos verdes começaram a mostrar botões e esses botões começaram a florir e a mostrar cores, todos os tons de azul, todos os tons de púrpura e todos os tons de carmesim. Em seus dias felizes, as flores estavam em cada centímetro, buraco e canto. Ben Weatherstaff tinha visto isso e ele mesmo raspou a argamassa entre os tijolos da parede e fez bolsões de terra para que lindas flores penduradas pudessem crescer. Íris e lírios brancos se erguiam da grama em feixes, as alcovas verdes se preenchiavam com um exército incrível de flores em formato de lanças altas azuis e brancas de delfínios, aquilegias ou campânulas.

"She was main fond o' them—she was," Ben Weatherstaff said. "She liked them things as was alluspointin' up to th' blue sky, she used to tell. Not as she was one o' them as looked down on th' earth—not her. She just loved it but she said as th' blue sky allus looked so joyful."

"Ela gostava muito dessas," disse Ben Weatherstaff. "Ela costumava dizer que gostava porque apontavam pro céu, não que ela não gostasse das plantas que tivessem presas na terra, mas ela preferia aquelas que apontavam pro céu azul, eram as que mais alegravam a dona."

<p>The seeds Dickon and Mary had planted grew as if fairies had tended them. Satiny poppies of all tints danced in the breeze by the score, gaily defying flowers which had lived in the garden for years and which it might be confessed seemed rather to wonder how such new people had got there. And the roses—the roses! Rising out of the grass, tangled round the sun-dial, wreathing the tree trunks and hanging from their branches, climbing up the walls and spreading over them with long garlands falling in cascades—they came alive day by day, hour by hour. Fair fresh leaves, and buds—and buds—tiny at first but swelling and working Magic until they burst and uncurled into cups of scent delicately spilling themselves over their brims and filling the garden air.</p>	<p>As sementes que Dickon e Mary plantaram cresceram como se fadas tivessem cuidado. Papoulas acetinadas, brilhantes como cetim e de todas as cores dançavam aos poucos com a brisa, alegremente desafiando as flores que viveram no jardim por anos e que se pudessem falar questionariam como essas pessoas novas haviam chegado ali. As rosas estavam erguendo-se da grama, prendendo-se em torno do relógio de sol, enrolando os troncos das árvores e pendurando-se em seus galhos, subindo pelas paredes e espalhando por elas como longas guirlandas caindo em cascatas, ganhavam vida dia a dia, hora a hora. Havia folhas frescas e botões que eram minúsculos no início, mas que iam inchando até que explodissem e se transformassem em recipientes de perfume, derramado-se delicadamente sobre suas bordas e enchendo o ar do jardim.</p>
<p>Colin saw it all, watching each change as it took place. Every morning he was brought out and every hour of each day when it didn't rain he spent in the garden. Even gray days pleased him. He would lie on the grass "watching things growing," he said. If you watched long enough, he declared, you could see buds unsheath themselves. Also you could make the acquaintance of strange busy insect things running about on various unknown but evidently serious errands, sometimes carrying tiny scraps of straw or feather or food, or climbing blades of grass</p>	<p>Colin viu tudo, observando cada mudança conforme ocorria. Todas as manhãs ele era levado para fora, quando não chovia, ele passava todas as horas de cada dia no jardim. Mesmo os dias cinzentos o agradavam. Ele ficava deitado na grama "vendo as coisas crescerem", disse ele. Se você observasse por tempo suficiente, declarou ele, poderia ver os botões se desembainhando. Além disso, você pode conhecer coisas estranhas e insetos ocupados correndo em várias tarefas desconhecidas, mas evidentemente sérias, às vezes carregando pequenos pedaços de palha,</p>

<p>as if they were trees from whose tops one could look out to explore the country. A mole throwing up its mound at the end of its burrow and making its way out at last with the long-nailed paws which looked so like elfish hands, had absorbed him one whole morning. Ants' ways, beetles' ways, bees' ways, frogs' ways, birds' ways, plants' ways, gave him a new world to explore and when Dickon revealed them all and added foxes' ways, otters' ways, ferrets' ways, squirrels' ways, and trout's and water-rats' and badgers' ways, there was no end to the things to talk about and think over.</p>	<p>penas ou comida, ou escalando folhas de grama como se fossem árvores de cujos topos pudessem dar uma visão do país. Uma toupeira jogando seu montículo no final de sua toca e finalmente abrindo caminho com as patas de unhas compridas que pareciam mãos de elfo, o absorveu uma manhã inteira. Os caminhos das formigas, dos besouros, das abelhas, dos sapos, dos pássaros, das plantas, deram-lhe um novo mundo para explorar e quando Dickon revelou todos e acrescentou os caminhos das raposas, das lontras, dos furões, os caminhos dos esquilos, os caminhos das trutas, dos ratos-d'água e dos texugos, não havia fim para as coisas para falar e refletir. Isso não era a mísera metade da magia. O fato de que ele realmente havia se levantado uma vez fez Colin pensar muito e quando Mary lhe contou sobre o feitiço que ela havia trabalhado, ele ficou animado e aprovou. Ele falava disso constantemente.</p>
<p>And this was not the half of the Magic. The fact that he had really once stood on his feet had set Colin thinking tremendously and when Mary told him of the spell she had worked he was excited and approved of it greatly. He talked of it constantly.</p>	<p>Isso não era a mísera metade da magia. O fato de que ele realmente havia se levantado uma vez fez Colin pensar muito e quando Mary lhe contou sobre o feitiço que ela havia trabalhado, ele ficou animado e aprovou. Ele falava disso constantemente.</p>
<p>"Of course there must be lots of Magic in the world," he said wisely one day, "but people don't know what it is like or how to make it. Perhaps the beginning is just to say nice things are going to happen until you make them happen. I am going to try and</p>	<p>"É claro que deve haver magia no mundo," disse ele sabiamente um dia, "mas as pessoas não sabem como é ou como fazê-la. Talvez para começar apenas deva dizer que coisas boas vão acontecer até que você as faça acontecer. Vou tentar experimentar."</p>

experiment."	
The next morning when they went to the secret garden he sent at once for Ben Weatherstaff. Ben came as quickly as he could and found the Rajah standing on his feet under a tree and looking very grand but also very beautifully smiling.	Na manhã seguinte, quando foram ao jardim secreto, ele mandou chamar Ben Weatherstaff imediatamente. Ben veio o mais rápido que pôde e encontrou o rajá de pé sob uma árvore e parecendo muito grandioso, mas também sorrindo lindamente.
"Good morning, Ben Weatherstaff," he said. "I want you and Dickon and Miss Mary to stand in a row and listen to me because I am going to tell you something very important."	"Bom dia, Ben Weatherstaff," disse ele. "Quero que você, Dickon e Mary fiquem em uma fileira e me escutem, porque vou lhes contar algo muito importante."
"Aye, aye, sir!" answered Ben Weatherstaff, touching his forehead. (One of the long concealed charms of Ben Weatherstaff was that in his boyhood he had once run away to sea and had made voyages. So he could reply like a sailor.)	"Sim, sim, senhor!" respondeu Ben Weatherstaff, tocando sua testa. (Um dos encantos ocultos de Ben Weatherstaff era que, em sua infância, uma vez ele fugiu para o mar e fez viagens. Portanto, ele podia responder como um marinheiro.)
"I am going to try a scientific experiment," explained the Rajah. "When I grow up I am going to make great scientific discoveries and I am going to begin now with this experiment."	"Vou tentar um experimento científico," explicou o rajá. "Quando eu crescer, farei grandes descobertas científicas e vou começar agora com esse experimento."
"Aye, aye, sir!" said Ben Weatherstaff promptly, though this was the first time he had heard of great scientific discoveries.	"Sim, sim, senhor!" disse Ben Weatherstaff prontamente, embora esta fosse a primeira vez que ele ouvia falar de grandes descobertas científicas.
It was the first time Mary had heard of them, either, but even at this stage she had begun to realize that, queer as he was, Colin had read about a great many singular things and was somehow a very convincing sort of boy. When he held up his head and fixed his	Foi a primeira vez que Mary ouviu falar daquilo, mas a garotinha começou a perceber que, estranho como era, Colin tinha lido sobre muitas coisas singulares e era de alguma forma um tipo de garoto muito convincente. Quando ele erguia a cabeça e

<p>strange eyes on you it seemed as if you believed him almost in spite of yourself though he was only ten years old—going on eleven. At this moment he was especially convincing because he suddenly felt the fascination of actually making a sort of speech like a grown-up person.</p>	<p>fixava aqueles olhos estranhos em alguém, era difícil de não acreditar no que dizia, embora ele tivesse apenas dez anos - quase onze. Nesse momento ele foi especialmente convincente porque de repente sentiu o fascínio de realmente fazer uma espécie de discurso como um adulto</p>
<p>"The great scientific discoveries I am going to make," he went on, "will be about Magic. Magic is a great thing and scarcely any one knows anything about it except a few people in old books—and Mary a little, because she was born in India where there are fakirs. I believe Dickon knows some Magic, but perhaps he doesn't know he knows it. He charms animals and people. I would never have let him come to see me if he had not been an animal charmer—which is a boy charmer, too, because a boy is an animal. I am sure there is Magic in everything, only we have not sense enough to get hold of it and make it do things for us—like electricity and horses and steam."</p>	<p>."As grandes descobertas científicas que farei," continuou ele, "serão sobre magia. Magia é uma coisa grande e quase ninguém sabe sobre ela, exceto alguns estudiosos em livros antigos, e Mary um pouco, porque ela nasceu na Índia, onde há faquires, aqueles tipos de pessoas que fazem magia. Acredito que Dickon saiba um pouco de magia, mas talvez ele não saiba que sabe. Ele encanta animais e pessoas. Eu nunca o teria deixado vir me ver se não fosse um encantador de animais, mas ele é um menino encantador também, porque o menino é um animal. Tenho certeza de que há magia em tudo, só que não temos bom senso para controlá-la e fazer com que ela faça coisas por nós, como eletricidade, cavalos e vapor."</p>
<p>This sounded so imposing that Ben Weatherstaff became quite excited and really could not keep still.</p>	<p>Isso soou tão forte que Ben Weatherstaff ficou muito animado e realmente não conseguia ficar parado.</p>
<p>"Aye, aye, sir," he said and he began to stand up quite straight.</p>	<p>"Sim, senhor," ele disse começando a se endireitar.</p>
<p>"When Mary found this garden it looked quite dead," the orator proceeded. "Then</p>	<p>"Quando Mary encontrou este jardim, parecia morto," prosseguiu o orador. "Então algo</p>

something began pushing things up out of the soil and making things out of nothing. One day things weren't there and another they were. I had never watched things before and it made me feel very curious. Scientific people are always curious and I am going to be scientific. I keep saying to myself, 'What is it? What is it?' It's something. It can't be nothing! I don't know its name so I call it Magic. I have never seen the sun rise but Mary and Dickon have and from what they tell me I am sure that is Magic too. Something pushes it up and draws it. Sometimes since I've been in the garden I've looked up through the trees at the sky and I have had a strange feeling of being happy as if something were pushing and drawing in my chest and making me breathe fast. Magic is always pushing and drawing and making things out of nothing. Everything is made out of Magic, leaves and trees, flowers and birds, badgers and foxes and squirrels and people. So it must be all around us. In this garden— in all the places. The Magic in this garden has made me stand up and know I am going to live to be a man. I am going to make the scientific experiment of trying to get some and put it in myself and make it push and draw me and make me strong. I don't know how to do it but I think that if you keep thinking about it and calling it perhaps it will come. Perhaps that is the first baby way to get it. When I wasgoingtotryto stand that

começou a empurrar as plantas para fora do solo fazendo as coisas aparecerem do nada. Um dia estavam lá e no outro não estavam. Eu nunca tinha visto nada assim antes, por isso me deixou muito curioso. Os cientistas estão sempre curiosos, então eu vou ser um cientista, eu fico dizendo para mim mesmo 'será que é isso mesmo?' porque pode ser alguma coisa, mas pode não ser nada. Não sei como se chama, por isso chamo de magia. Nunca vi o sol nascer, mas Mary e Dickon viram, e pelo que dizem, tenho certeza que é magia. É algo que só surge. Às vezes, desde que comecei a vir para o jardim, olho para o céu por entre as árvores e tenho a estranha sensação de estar feliz, como se algo estivesse empurrando e puxando meu peito me fazendo respirar rápido. A magia está sempre empurrando, puxando e criando coisas do nada. Tudo é feito de magia, folhas e árvores, flores e pássaros, texugos e raposas, esquilos e pessoas. Portanto, deve estar ao nosso redor, neste jardim e em todos os lugares. A magia deste jardim me fez levantar sabendo que vou viver para ser um homem. Vou fazer a experiência científica de tentar conseguir um pouco de magia para colocá-la dentro de mim fazendo com que eu empurre, atraia e me torne mais forte. Nem sei como fazer, mas acho que se você continuar pensando e chamando, talvez apareça. Um passo de cada vez, assim como quando eu tentei ficar em pé pela primeira

<p>first time Mary kept saying to herself as fast as she could, 'You can do it! You can do it!' and I did. I had to try myself at the same time, of course, but her Magic helped me— and so did Dickon's. Every morning and evening and as often in the daytime as I can remember I am going to say, 'Magic is in me! Magic is making me well! I am going to be as strong as Dickon, as strong as Dickon!' And you must all do it, too. That is my experiment. Will you help, Ben Weatherstaff?"</p>	<p>vez enquanto Mary repetia que eu conseguiria. É claro que eu tinha que fazer por mim mesmo, mas a magia dela me ajudou, e a de Dickon também... Todas as manhãs e todas as noites, e sempre que me lembro durante o dia, direi: 'A magia está em mim! A magia está me deixando bem! Vou ser tão forte quanto Dickon, tão forte quanto Dickon!' E todos vocês devem fazer isso também. Esse é o meu experimento. Você vai ajudar, Ben Weatherstaff?"</p>
<p>"Aye, aye, sir!" said Ben Weatherstaff. "Aye, aye!"</p>	<p>"Sim, senhor!" disse Ben Weatherstaff. "Sim, sim!"</p>
<p>"If you keep doing it every day as regularly as soldiers go through drill we shall see what will happen and find out if the experiment succeeds. You learn things by saying them over and over and thinking about them until they stay in your mind forever and I think it will be the same with Magic. If you keep calling it to come to you and help you it will get to be part of you and it will stay and do things."</p>	<p>"Se você continuar fazendo isso todos os dias com a mesma regularidade que os soldados fazem exercício, veremos o que acontecerá e descobriremos se o experimento foi bem-sucedido. Você aprende as coisas dizendo-as repetidamente e pensando sobre elas até que permaneçam em sua mente para sempre. Acho que é o mesmo com magia, se você continuar chamando-a para vir até você e ajudá-lo, ela fará parte de você fará as coisas."</p>
<p>"I once heard an officer in India tell my mother that there were fakirs who said words over and over thousands of times," said Mary.</p>	<p>"Certa vez, ouvi um oficial na Índia dizer à minha mãe que havia faquires que diziam palavras inúmeras vezes," disse Mary.</p>
<p>"I've heard Jem Fettleworth's wife say th' same thing over thousands o' times—callin'</p>	<p>"Já ouvi a esposa do Jem Fettleworth xingando ele de bêbado bruto milhares de</p>

<p>Jem a drunken brute," said Ben Weatherstaff dryly. "Summatallus come o' that, sure enough. He gave her a good hidin' an' went to th' Blue Lion an' got as drunk as a lord."</p>	<p>vezes," disse Ben Weatherstaffsecamente. "Dito e feito, ele deu uma surra nela e depois foi pro Blue Lion, acabou bêbado que nem um gambá."</p>
<p>Colin drew his brows together and thought a few minutes. Thenhecheeredup.</p>	<p>Colin franziu as sobrancelhas pensando por alguns minutos. Então se animou.</p>
<p>"Well," he said, "you see something did come of it. She used the wrong Magic until she made him beat her. If she'd used the right Magic and had said something nice perhaps he wouldn't have got as drunk as a lord and perhaps—perhaps he might have bought her a new bonnet."</p>	<p>"Bem," ele disse, "você vê que algo resultou disso. Ela usou a magia de forma errada, se tivesse usado do jeito certo e dito algo bom, talvez seu marido não tivesse ficado bêbado como um gambá, ele podia ter comprado um gorro novo para ela."</p>
<p>Ben Weatherstaff chuckled and there was shrewd admiration in his little old eyes.</p>	<p>Ben Weatherstaff deu uma risadinha, havia admiração em seus olhos pequenos e velhos.</p>
<p>"Tha'rt a clever lad as well as a straightlegged one, Mester Colin," he said. "Next time I see Bess Fettleworth I'll give her a bit of a hint o' what Magic will do for her. She'd be rare an' pleased if th' sinetifik 'speriment worked—an' so 'ud Jem."</p>	<p>"Tu é um rapaz tão inteligente, quanto tuas pernas são retas, patrão Colin," disse ele. "Da próxima vez que eu vê Bess Fettleworth, vou dar essa pequena dica de magia pra ela. A senhora vai ficar muito satisfeita se essa tal de magia funcionar no Jem."</p>
<p>Dickon had stood listening to the lecture, his round eyes shining with curious delight. Nut and Shell were on his shoulders and he held a long-eared white rabbit in his arm and stroked and stroked it softly while it laid its ears along its back and enjoyed itself.</p>	<p>Dickon ouvia a palestra, seus olhos redondos brilhando com um curioso deleite. Casca e Noz estavam em seus ombros, ele segurava um coelho branco de orelhas compridas em seus braços e fazia carinho suavemente enquanto o animal se divertia.</p>
<p>"Do you think the experiment will work?" Colin asked him, wondering what he was thinking. He so often wondered what Dickon was thinking when he saw him looking at him or at one of his "creatures" with his happy wide smile.</p>	<p>"Você acha que o experimento vai funcionar?" Colin perguntou a ele, imaginando o que estava pensando, Colin se perguntava muitas vezes o que se passava na cabeça de Dickon quando olhava para ele ou suas criaturas sorrindo largamente.</p>

<p>He smiled now and his smile was wider than usual.</p>	<p>Ele sorria alegremente agora e seu sorriso estava maior do que o normal.</p>
<p>"Aye," he answered, "that I do. It'll work same as th' seeds do when th' sun shines on 'em. It'll work for sure. Shallusbegin it now?"</p>	<p>"Sim," ele respondeu, " vai funcionar da mesma forma que as sementes fazem quando o sol brilha sobre elas. Vai funcionar com certeza. Vamo começar agora?"</p>
<p>Colin was delighted and so was Mary. Fired by recollections of fakirs and devotees in illustrations Colin suggested that they should all sit cross-legged under the tree which made a canopy.</p>	<p>Colin ficou encantado e Mary também. Estimulado pelas lembranças de faquires e devotos nas ilustrações, Colin sugeriu que todos deveriam sentar-se de pernas cruzadas sob a árvore que formava um dossel.</p>
<p>"It will be like sitting in a sort of temple," said Colin. "I'm rather tired and I want to sit down."</p>	<p>"Será como se sentar em uma espécie de templo," disse Colin. "Estou muito cansado e quero me sentar."</p>
<p>"Eh!" said Dickon, "tha' musn't begin by sayin' tha'rt tired. Tha' might spoil th' Magic."</p>	<p>"Nossa!" disse Dickon, "Não deve começar dizendo que tá cansado. Isso pode estragar a magia."</p>
<p>Colin turned and looked at him—into his innocent round eyes.</p>	<p>Colin se virou e olhou para ele - em seus inocentes olhos redondos.</p>
<p>"That's true," he said slowly. "I must only think of the Magic."</p>	<p>"Isso é verdade," disse ele lentamente. "Eu só devo pensar na magia."</p>
<p>"It all seemed most majestic and mysterious when they sat down in their circle. Ben Weatherstaff felt as if he had somehow been led into appearing at a prayer-meeting. Ordinarily he was very fixed in being what he called "agen' prayer-meetin's" but this being the Rajah's affair he did not resent it and was indeed inclined to be gratified at being called upon to assist. Mistress Mary felt solemnly enraptured. Dickon held his rabbit in his arm, and perhaps he made some charmer's signal no one heard, for when he</p>	<p>Tudo parecia mais majestoso e misterioso quando eles se sentaram em seu círculo. Ben Weatherstaff sentiu como se de alguma forma tivesse sido levado a comparecer a uma reunião de oração. Normalmente ele era contra ao que chamavam de 'grupo de oração', mas sendo este o caso do rajá, ele não ficava aborrecido e estava realmente inclinado a ficar satisfeito por ser chamado para ajudar. Mary sentiu-se solenemente extasiada. Dickon segurou seu coelho nos braços, e talvez tenha feito algum sinal</p>

<p>sat down, cross-legged like the rest, the crow, the fox, the squirrels and the lamb slowly drew near and made part of the circle, settling each into a place of rest as if of their own desire.</p>	<p>encantador que ninguém ouviu, pois quando ele se sentou de pernas cruzadas como os demais, o corvo, a raposa, os esquilos e o cordeiro se aproximaram lentamente fazendo parte do círculo, estabelecendo cada um em um local de descanso como se quisessem fazer aquilo também.</p>
<p>"The 'creatures' have come," said Colin gravely. "They want to help us."</p>	<p>"As criatura chegaram," disse Colin gravemente. "Elas querem nos ajudar."</p>
<p>Colin really looked quite beautiful, Mary thought. He held his head high as if he felt like a sort of priest and his strange eyes had a wonderful look in them. The light shone on him through the tree canopy.</p>	<p>Colin realmente parecia muito bonito, pensou Mary. Ele mantinha a cabeça erguida como se fosse uma espécie de padre e seus olhos estranhos tinham uma aparência maravilhosa. A luz brilhou sobre ele através da copa das árvores.</p>
<p>"Now we will begin," he said. "Shall we sway backward and forward, Mary, as if we were dervishes?"</p>	<p>"Agora vamos começar," disse ele. "Mary? Devemos balançar para frente e para trás, como se fôssemos dervixes?"</p>
<p>"I canna' do no swayin' back'ard and for'ard," said Ben Weatherstaff. "I've got th' rheumatics."</p>	<p>"Não posso balançar para trás e pra frente," disse Ben Weatherstaff. "Eu tenho reumatismo."</p>
<p>"The Magic will take them away," said Colin in a High Priest tone, "but we won't sway until it has done it. We will only chant."</p>	<p>"A magia vai levar isso embora Ben," disse Colin em um tom de Sumo Sacerdote, "mas não vamos balançar até que isso aconteça. Vamos apenas cantar."</p>
<p>"I canna' do no chantin'," said Ben Weatherstaff a trifle testily. "They turned me out o' th' church choir th' only time I ever tried it."</p>	<p>"Não posso cantar," disse Ben Weatherstaff um tanto irritado. "Eles me expulsaram do coro da igreja na única vez em que tentei."</p>
<p>No one smiled. They were all too much in earnest. Colin's face was not even crossed by a shadow. He was thinking only of the Magic.</p>	<p>Ninguém sorriu. Estavam todos muito sérios. O rosto de Colin nem mesmo foi atravessado por uma sombra, ele estava pensando apenas na magia.</p>

<p>"Then I will chant," he said. And he began, looking like a strange boy spirit. "The sun is shining—the sun is shining. That is the Magic. The flowers are growing—the roots are stirring. That is the Magic. Being alive is the Magic—being strong is the Magic. The Magic is in me—the Magic is in me. It is in me—it is in me. It's in every one of us. It's in Ben Weatherstaff's back. Magic! Magic! Come and help!"</p>	<p>"Então eu irei cantar," disse ele e começou, parecendo um espírito. "O sol está brilhando, está brilhando. As flores crescem, as raízes se mexem. A magia está em mim, está em mim. Está em cada um de nós, está nas costas de Ben Weatherstaff. Magia! Magia! Venha e ajude!"</p>
<p>He said it a great many times—not a thousand times but quite a goodly number. Mary listened entranced. She felt as if it were at once queer and beautiful and she wanted him to go on and on. Ben Weatherstaff began to feel soothed into a sort of dream which was quite agreeable. The humming of the bees in the blossoms mingled with the chanting voice and drowsily melted into a doze. Dickon sat cross-legged with his rabbit asleep on his arm and a hand resting on the lamb's back. Soot had pushed away a squirrel and huddled close to him on his shoulder, the gray film dropped over his eyes. At last Colin stopped.</p>	<p>Ele disse isso muitas vezes, não mil vezes, mas um bom número. Mary ouviu tudo transe. Ela se sentia ao mesmo tempo esquisita e bela e queria que ele continuasse indefinidamente. Ben Weatherstaff começou a se sentir calmo em uma espécie de sonho bastante agradável. O zumbido das abelhas nas flores misturou-se à voz cantante e, sonolentemente, se transformou em um cochilo. Dickon estava sentado de pernas cruzadas com o coelho dormindo em seu braço e uma mão apoiada nas costas do cordeiro. A fuligem afastou um esquilo e se aninhou perto dele em seu ombro, uma cor cinza caiu sobre seus olhos. Por fim, Colin parou.</p>
<p>"Now I am going to walk round the garden," he announced.</p>	<p>"Agora vou dar uma volta pelo jardim," anunciou.</p>
<p>Ben Weatherstaff's head had just dropped forward and he lifted it with a jerk.</p>	<p>A cabeça de Ben Weatherstaff acabara de cair para a frente e ele a ergueu com um solavanco.</p>
<p>"You have been asleep," said Colin.</p>	<p>"Você estava dormindo," disse Colin.</p>
<p>"Nowt o' th' sort," mumbled Ben. "Th'</p>	<p>"Nada disso," murmurou Ben. "O sermão foi</p>

sermon was good enow—but I'm bound to get out afore th' collection."	bom, mas devo sair antes da coleta."
He was not quite awake yet.	Ele ainda não estava totalmente acordado.
"You're not in church," said Colin.	"Você não está na igreja," disse Colin.
"Not me," said Ben, straightening himself. "Who said I were? I heard every bit of it. You said th' Magic was in my back. Th' doctor calls it rheumatics."	"Sei disso," disse Ben, endireitando-se. "mas quem disse que eu tava? Tu disse que tinha magia nas minhas costas, mas o médico diz que tem é reumatismo."
The Rajah waved his hand.	O rajá acenou com a mão.
"That was the wrong Magic," he said. "You will get better. You have my permission to go to your work. But come backto-morrow."	"Essa mágica foi usada errada," disse ele. "Você vai melhorar. Você tem minha permissão para ir para o seu trabalho, mas volte amanhã."
"I'd like to see thee walk round the garden," grunted Ben.	"Eu gostaria de ver tu caminhando ao redor do jardim," grunhiu Ben.
It was not an unfriendly grunt, but it was a grunt. In fact, being a stubborn old party and not having entire faith in Magic he had made up his mind that if he were sent away he would climb his ladder and look over the wall so that he might be ready to hobble back if there were any stumbling.	Não foi um grunhido hostil, mas foi um grunhido. Na verdade, sendo um velho teimoso e não tendo fé total na magia, ele decidiu que, se fosse mandado embora, subiria sua escada e olharia por cima do muro para estar pronto para mancar de volta se houvesse algum tropeço.
The Rajah did not object to his staying and so the procession was formed. It really did look like a procession. Colin was at its head with Dickon on one side and Mary on the other. Ben Weatherstaff walked behind, and the "creatures" trailed after them, the lamb and the fox cub keeping close to Dickon, the white rabbit hopping along or stopping to nibble and Soot following with the solemnity of a person who felt himself in charge.	O rajá não se opôs à sua permanência e assim a procissão foi formada. Realmente parecia uma procissão. Colin estava à frente com Dickon de um lado e Mary do outro. Ben Weatherstaff caminhava atrás deles, e os animais iam atrás deles, o cordeiro e o filhote de raposa mantendo-se perto de Dickon, o coelho branco pulando ou parando para morder e Fuligem os seguia com a solenidade de uma pessoa que se sentia no comando.

<p>It was a procession which moved slowly but with dignity. Every few yards it stopped to rest. Colin leaned on Dickon's arm and privately Ben Weatherstaff kept a sharp lookout, but now and then Colin took his hand from its support and walked a few steps alone. His head was held up all the time and he looked very grand.</p>	<p>Foi uma procissão que se moveu lentamente, mas com dignidade. A cada pouco metro, parava para descansar. Colin apoiou-se no braço de Dickon e Ben Weatherstaff manteve uma vigilância atenta, mas de vez em quando Colin tirava a mão do suporte e andava alguns passos sozinho. Sua cabeça ficava erguida o tempo todo e ele parecia grandioso.</p>
<p>"The Magic is in me!" he kept saying. "The Magic is making me strong! I can feel it! I can feel it!"</p>	<p>"A magia está em mim!" ele dizia. "A magia está me deixando forte! Eu posso sentir isso! Eu posso sentir isso!"</p>
<p>It seemed very certain that something was upholding and uplifting him. He sat on the seats in the alcoves, and once or twice he sat down on the grass and several times he paused in the path and leaned on Dickon, but he would not give up until he had gone all round the garden. When he returned to the canopy tree his cheeks were flushed and he looked triumphant.</p>	<p>Parecia muito certo que algo o estava sustentando e enaltecendo. Ele se sentou nos assentos nas alcovas, e uma ou duas vezes sentou-se na grama e várias vezes parou no caminho apoiando-se em Dickon, mas não desistiu até ter percorrido todo o jardim. Quando ele voltou para a árvore de dossel, suas bochechas estavam vermelhas e ele parecia triunfante.</p>
<p>"I did it! The Magic worked!" he cried. "That is my first scientific discovery."</p>	<p>"Eu consegui! A magia funcionou!" ele chorou. "Essa é minha primeira descoberta científica."</p>
<p>"What will Dr. Craven say?" broke out Mary.</p>	<p>"O que o Dr. Craven vai dizer?" interrompeu Mary.</p>
<p>"He won't say anything," Colin answered, "because he will not be told. This is to be the biggest secret of all. No one is to know anything about it until I have grown so strong that I can walk and run like any other boy. I shall come here every day in my chair and I shall be taken back in it. I won't have people whispering and asking questions and I won't</p>	<p>"Ele não vai dizer nada," Colin respondeu, "porque ele não vai ouvir. Este deve ser o maior segredo de todos. Ninguém deve saber nada sobre isso até que eu fique tão forte que eu possa andar e correr como qualquer outro menino. Virei aqui todos os dias na minha cadeira de rodas e serei levado de volta. Não permitirei que as pessoas sussurem ou façam</p>

<p>let my father hear about it until the experiment has quite succeeded. Then sometime when he comes back to Misselthwaite I shall just walk into his study and say 'Here I am; I am like any other boy. I am quite well and I shall live to be a man. It hasbeendoneby a scientificexperiment.'"</p>	<p>perguntas, nem deixarei meu pai ouvir sobre isso até que o experimento tenha sido bem sucedido . Então, algum dia, quando ele voltar para Misselthwaite, irei simplesmente entrar em seu escritório e dizer 'Aqui estou; sou como qualquer outro menino. Estou muito bem e viverei para ser um homem. Consegui através de experimento científico. ' "</p>
<p>"He will think he is in a dream," cried Mary. "He won't believe his eyes."</p>	<p>"Ele vai pensar que está sonhando," gritou Mary. "Não vai acreditar no que está vendo."</p>
<p>Colin flushed triumphantly. He had made himself believe that he was going to get well, which was really more than half the battle, if he had been aware of it. And the thought which stimulated him more than any other was this imagining what his father would look like when he saw that he had a son who was as straight and strong as other fathers' sons. One of his darkest miseries in the unhealthy morbid past days had been his hatred of being a sickly weak-backed boy whose father was afraid to look at him.</p>	<p>Colin corou triunfante. Acreditava que iria ficar bom, o que era mais da metade da batalha, se ele soubesse disso. O pensamento que o estimulou mais do que qualquer outro foi este imaginar como ficaria seu pai quando visse que tinha um filho tão vivo e forte quanto os filhos de outros pais. Um de seus sofrimentos mais sombrios nos últimos dias doentes e mórbidos foi seu ódio de ser um menino de dorso fraco cujo pai tinha medo de olhar.</p>
<p>"He'll be obliged to believe them," he said. "One of the things I am going to do, after the Magic works and before I begin to make scientific discoveries, is to be an athlete."</p>	<p>"Ele será obrigado a acreditar," disse ele. "Uma das coisas que vou fazer depois que a magia funcionar e antes de começar a fazer descobertas científicas, é ser atleta."</p>
<p>"We shall have thee takin' to boxin' in a week or so," said Ben Weatherstaff. "Tha'lt end wi' winnin' th' Belt an' bein' champion prizefighter of all England."</p>	<p>"Devemos te levar para o boxe em uma semana ou mais," disse Ben Weatherstaff. "Assim vai acabar ganhando o cinturão e vai ser campeão de toda a Inglaterra."</p>
<p>Colin fixed his eyes on him sternly.</p>	<p>Colin fixou os olhos nele severamente.</p>
<p>"Weatherstaff," he said, "that is disrespectful.</p>	<p>"Weatherstaff," disse ele, "isso é</p>

<p>You must not take liberties because you are in the secret. However much the Magic works I shall not be a prize-fighter. I shall be a Scientific Discoverer."</p>	<p>desrespeitoso. Você não deve tomar liberdades porque estamos em segredo. Por mais que a magia funcione, não serei um lutador. Serei cientista."</p>
<p>"Ax pardon—ax pardon, sir," answered Ben, touching his forehead in salute. "I ought to have seed it wasn't a jokin' matter," but his eyes twinkled and secretly he was immensely pleased. He really did not mind being snubbed since the snubbing meant that the lad was gaining strength and spirit.</p>	<p>"Perdão senhor," respondeu Ben, tocando a testa em saudação. "Eu deveria ter pensado que não era questão de brincadeira," mas seus olhos brilharam e secretamente ele estava imensamente satisfeito. Ele realmente não se importava de ser esnobado, já que isso significava que o rapaz estava ganhando força e espírito.</p>

Texto fonte (EN)	Texto alvo (PT)
CHAPTER XXVII	CAPÍTULO 27
IN THE GARDEN	NO JARDIM
<p>While the secret garden was coming alive and two children were coming alive with it, there was a man wandering about certain far-away beautiful places in the Norwegian fiords and the valleys and mountains of Switzerland and he was a man who for ten years had kept his mind filled with dark and heart-broken thinking. He had not been courageous; he had never tried to put any other thoughts in the place of the dark ones. He had wandered by blue lakes and thought them; he had lain on mountain-sides with sheets of deep blue gentians blooming all about him and flower breaths filling all the air and he had thought them.</p>	<p>Enquanto o jardim secreto ganhava vida e duas crianças ganhavam vida com ele, havia um homem vagando por alguns lugares lindos e distantes nos fiordes noruegueses e nos vales e montanhas da Suíça. Ele era um homem que por dez anos guardou sua mente enchendo-a de pensamentos sombrios de partir o coração. Ele não tinha sido corajoso; nunca havia tentado colocar quaisquer outros pensamentos no lugar dos sombrios, havia vagado por lagos azuis e pensado neles; havia se deitado nas encostas das montanhas com lençóis de gencianas de um azul profundo florescendo ao seu redor e o aroma de flores enchendo todo o ar enquanto pensava.</p>
<p>A terrible sorrow had fallen upon him when he had been happy and he had let his soul fill itself with blackness and had refused obstinately to allow any rift of light to pierce through. He had forgotten and deserted his home and his duties. When he traveled about, darkness so brooded over him that the sight of him was a wrong done to other people because it was as if he poisoned the air about him with gloom. Most strangers thought he must be either half mad or a man with some hidden crime on his soul. He was a tall man with a drawn face and crooked shoulders and the name he always entered on hotel registers was, "Archibald Craven, Misselthwaite</p>	<p>Uma terrível tristeza caiu sobre ele quando foi feliz e sua alma com tanta escuridão, que ele se recusou a permitir que qualquer feixe de luz entrasse. Aquele homem tinha esquecido e abandonado sua casa e seus deveres. Quando viajava, a escuridão pairava sobre ele de tal forma que vê-lo fazia mal a outras pessoas, porque era como se envenenasse o ar ao seu redor com escuridão. A maioria dos estranhos pensava que devia ser meio louco ou um homem com algum crime oculto na alma. Ele era um senhor alto, de rosto tenso e ombros tortos, e o nome que sempre registrava nos cartões dos hotéis era: "Archibald Craven, Misselthwaite Manor,</p>

Manor, Yorkshire, England."	Yorkshire, Inglaterra".
<hr/>	<hr/>
<p>The ivy hung thick over the door, the key was buried under the shrubs, no human being had passed that portal for ten lonely years—and yet inside the garden there were sounds. They were the sounds of running scuffling feet seeming to chase round and round under the trees, they were strange sounds of lowered suppressed voices—exclamations and smothered joyous cries. It seemed actually like the laughter of young things, the uncontrollable laughter of children who were trying not to be heard but who in a moment or so—as their excitement mounted—would burst forth. What in heaven's name was he dreaming of—what in heaven's name did he hear? Was he losing his reason and thinking he heard things which were not for human ears? Was it that the far clear voice had meant?</p>	<p>A hera pendia grossa sobre a porta, a chave estava enterrada sob os arbustos e nenhum ser humano havia passado por aquela porta durante aqueles dez anos solitários. Ainda assim, ouviam-se sons de dentro do jardim. Eram sons de pés correndo, parecendo que iriam parar atrás das árvores, eram sons estranhos de vozes abafadas e reprimidas, exclamações e gritos sufocados de alegria. Na verdade, parecia que havia crianças rindo, o riso incontrolável de crianças que tentavam não ser ouvidas, mas que em algum momento, conforme sua empolgação aumentava, iam explodindo. Santo Deus! Ele estava sonhando? Ele tinha mesmo acabado de ouvir aquilo? Ele tinha perdido a razão e começara a ouvir coisas que não eram para ouvidos humanos? Era isso que a voz em sua cabeça queria dizer?</p>
<p>And then the moment came, the uncontrollable moment when the sounds forgot to hush themselves. The feet ran faster and faster—they were nearing the garden door—there was quick strong young breathing and a wild outbreak of laughing shouts which could not be contained—and the door in the wall was flung wide open, the sheet of ivy swinging back, and a boy burst through it at full speed and, without seeing the outsider, dashed almost into his arms.</p>	<p>Então chegou o momento incontrolável em que os sons se esqueceram de se silenciar. Os pés correram cada vez mais rápido se aproximando da porta do jardim. Houve uma respiração rápida e forte, então uma explosão selvagem de gargalhadas que não puderam ser contidas. A porta na parede foi escancarada, as folhas de hera balançaram para trás e um menino passou a toda velocidade, sem ver a pessoa que estava do lado de fora, quase caindo em seus braços.</p>

<p>Mr. Craven had extended them just in time to save him from falling as a result of his unseeing dash against him, and when he held him away to look at him in amazement at his being there he truly gasped for breath.</p>	<p>O Sr. Craven estendeu as mãos bem a tempo de salvá-lo da queda como resultado de sua investida cega contra ele, e quando o segurou para olhá-lo surpreso por estar ali, ele realmente perdeu o fôlego.</p>
<p>He was a tall boy and a handsome one. He was glowing with life and his running had sent splendid color leaping to his face. He threw the thick hair back from his forehead and lifted a pair of strange gray eyes—eyes full of boyish laughter and rimmed with black lashes like a fringe. It was the eyes which made Mr. Craven gasp for breath.</p>	<p>Aquele era um menino alto e bonito. Ele brilhava cheio de vida e sua corrida enviou uma cor esplêndida ao seu rosto. Ele jogou o cabelo grosso para trás da testa e ergueu um par de olhos cinzentos estranhos - olhos cheios de riso infantil e com cílios negros e uma franja. Foram os olhos que fizeram o Sr. Craven respirar fundo.</p>
<p>"Who—What? Who!" he stammered.</p>	<p>"Quem... O quê? Quem?!" ele gaguejou.</p>
<p>This was not what Colin had expected—this was not what he had planned. He had never thought of such a meeting. And yet to come dashing out—winning a race—perhaps it was even better. He drew himself up to his very tallest. Mary, who had been running with him and had dashed through the door too, believed that he managed to make himself look taller than he had ever looked before— inches taller.</p>	<p>Isso não era o que Colin esperava, não era o que havia planejado. Ele nunca tinha pensado em tal reunião, no entanto, sair correndo e vencer uma corrida, talvez fosse ainda melhor. Ele se ergueu em sua altura máxima. Mary, que corraera com ele e também atravessara a porta, acreditava que ele conseguia parecer bem mais alto do que antes.</p>
<p>"Father," he said, "I'm Colin. You can't believe it. I scarcely can myself. I'm Colin."</p>	<p>"Pai!" disse ele. "Você não pode acreditar! Eu mal posso acreditar! Sou eu, Colin!"</p>
<p>Like Mrs. Medlock, he did not understand what his father meant when he said hurriedly:</p>	<p>Como a Sra. Medlock, ele não entendeu o que seu pai quis dizer quando falou apressadamente:</p>
<p>"In the garden! In the garden!"</p>	<p>"No jardim! No jardim!"</p>
<p>"Yes," hurried on Colin. "It was the garden that did it—and Mary and Dickon and the creatures—and the Magic. No one knows.</p>	<p>"Sim," apressou-se Colin. "Foi o jardim que fez isso, Mary e Dickon, os animais... E a magia. Ninguém sabe, nós o guardamos para</p>

<p>We kept it to tell you when you came. I'm well, I can beat Mary in a race. I'm going to be an athlete."</p>	<p>quando você viesse. Estou bem, posso vencer Mary em uma corrida. Eu serei um atleta."</p>
<p>He said it all so like a healthy boy—his face flushed, his words tumbling over each other in his eagerness—that Mr. Craven's soul shook with unbelieving joy.</p>	<p>Rosto corado e palavras tropeçando umas nas outras com ansiedade. Ele disse tudo tão como um menino saudável que a alma do Sr. Craven estremeceu de alegria incrível.</p>
<p>Colin put out his hand and laid it on his father's arm.</p>	<p>Colin estendeu a mão e pousou-a no braço do pai.</p>
<p>"Aren't you glad, Father?" he ended. "Aren't you glad? I'm going to live forever and ever and ever!"</p>	<p>"Você não está feliz, pai?" ele terminou. "Eu vou viver para sempre!"</p>
<p>Mr. Craven put his hands on both the boy's shoulders and held him still. He knew he dared not even try to speak for a moment.</p>	<p>O Sr. Craven colocou as mãos nos ombros do menino mantendo-o imóvel. Ele sabia que o filho não ousaria falar por um momento.</p>
<p>"Take me into the garden, my boy," he said at last. "And tell me all about it."</p>	<p>"Leve-me para o jardim, meu menino," disse ele por fim. "E me conte tudo sobre isso."</p>
<p>And so they led him in.</p>	<p>E então eles o conduziram.</p>
<p>The place was a wilderness of autumn gold and purple and violet blue and flaming scarlet and on every side were sheaves of late lilies standing together—lilies which were white or white and ruby. He remembered well when the first of them had been planted that just at this season of the year their late glories should reveal themselves. Late roses climbed and hung and clustered and the sunshine deepening the hue of the yellowing trees made one feel that one stood in an embowered temple of gold. The newcomer stood silent just as the children had done when they came into its grayness. He looked round and round.</p>	<p>O lugar era um deserto de ouro outonal, roxo, azul violeta e escarlate flamejante. Em todos os lados havia feixes de lírios tardios juntos - lírios que eram brancos ou brancos e rubi. Ele se lembrava bem de quando o primeiro deles havia sido plantado, para que justamente nesta estação do ano suas últimas glórias se revelassem. Rosas também tardias subiam, penduravam e se agrupavam, e o sol aprofundava o tom das árvores amareladas dando a sensação de estar em um templo ornamentado de ouro. O recém chegado ficou em silêncio, assim como as crianças ficaram quando chegaram ali pela primeira vez. Ele olhou em volta.</p>

"I thought it would be dead," he said.	"Eu pensei que estaria morto," disse ele.
"Mary thought so at first," said Colin. "But it came alive."	"Mary pensou assim no início," disse Colin. "Mas ele ganhou vida."
Then they sat down under their tree—all but Colin, who wanted to stand while he told the story.	Em seguida, eles se sentaram sob a árvore, todos menos Colin, que queria ficar de pé enquanto contava a história.
It was the strangest thing he had ever heard, Archibald Craven thought, as it was poured forth in headlong boy fashion. Mystery and Magic and wild creatures, the weird midnight meeting—the coming of the spring—the passion of insulted pride which had dragged the young Rajah to his feet to defy old Ben Weatherstaff to his face. The odd companionship, the play acting, the great secret so carefully kept. The listener laughed until tears came into his eyes and sometimes tears came into his eyes when he was not laughing. The Athlete, the Lecturer, the Scientific Discoverer was a laughable, lovable, healthy young human thing.	Foi a coisa mais estranha que ele já tinha ouvido, Archibald Craven pensou, enquanto era bombardeado com informações através do filho. Mistério, magia e criaturas selvagens, o estranho encontro da meia-noite, a chegada da primavera, a paixão do orgulho insultado que arrastou o jovem rajá para desafiar o velho Ben Weatherstaff cara a cara. O estranho companheirismo, a atuação teatral, o grande segredo guardado com tanto cuidado. O ouvinte riu até que as lágrimas brotassem de seus olhos e às vezes lágrimas brotavam de seus olhos quando ele não estava rindo. O Atleta, palestrante e cientista era um jovem humano alegre, adorável e saudável.
"Now," he said at the end of the story, "it need not be a secret any more. I dare say it will frighten them nearly into fits when they see me—but I am never going to get into the chair again. I shall walk back with you, Father—to the house."	"Agora," disse ele no final da história, "não precisa mais ser segredo. Atrevo-me a dizer que irão se assustar quando me virem, nunca mais irei sentar na cadeira de rodas. Eu devo caminhar de volta com você pai, para a casa."
<hr/>	<hr/>
Ben Weatherstaff's duties rarely took him away from the gardens, but on this occasion he made an excuse to carry some vegetables to the kitchen and being invited into the	As funções de Ben Weatherstaff raramente o tiravam dos jardins, mas nesta ocasião ele deu uma desculpa para levar alguns vegetais para a cozinha e, sendo convidado pela Sra.

<p>servants' hall by Mrs. Medlock to drink a glass of beer he was on the spot—as he had hoped to be—when the most dramatic event Misselthwaite Manor had seen during the present generation actually took place.</p>	<p>Medlock para o salão dos criados para beber um copo de cerveja, ele estava no local em desejava estar, quando o evento mais dramático que a mansão Misselthwaite presenciou durante a geração atual realmente aconteceu.</p>
<p>One of the windows looking upon the courtyard gave also a glimpse of the lawn. Mrs. Medlock, knowing Ben had come from the gardens, hoped that he might have caught sight of his master and even by chance of his meeting with Master Colin.</p>	<p>Uma das janelas das quais se via o pátio, também dava uma visão para o gramado. A Sra. Medlock, sabendo que Ben tinha vindo dos jardins, esperava que ele pudesse ter avistado seu patrão e até mesmo por acaso ter encontrado Colin.</p>
<p>"Did you see either of them, Weatherstaff?" she asked.</p>	<p>"Viu algum deles, Weatherstaff?" ela perguntou.</p>
<p>Ben took his beer-mug from his mouth and wiped his lips with the back of his hand.</p>	<p>Ben tirou a caneca de cerveja da boca e enxugou os lábios com as costas da mão.</p>
<p>"Aye, that I did," he answered with a shrewdly significant air.</p>	<p>"Sim, eu vi," ele respondeu com um ar significativamente astuto.</p>
<p>"Both of them?" suggested Mrs. Medlock.</p>	<p>"Ambos?" sugeriu a Sra. Medlock.</p>
<p>"Both of 'em," returned Ben Weatherstaff. "Thank ye kindly, ma'am, I could sup up another mug of it."</p>	<p>"Os dois," respondeu Ben Weatherstaff. "Muito obrigado, senhora, posso tomar outra caneca?"</p>
<p>"Together?" said Mrs. Medlock, hastily overfilling his beer-mug in her excitement.</p>	<p>"Juntos?" disse a Sra. Medlock, enchendo apressadamente sua caneca de cerveja com empolgação.</p>
<p>"Together, ma'am," and Ben gulped down half of his new mug at one gulp.</p>	<p>"Juntos, senhora," e Ben engoliu metade de sua bebida em um só gole.</p>
<p>"Where was Master Colin? How did he look? What did they say to each other?"</p>	<p>"Onde estava o senhor Colin? Como ele estava? O que eles disseram um ao outro?"</p>
<p>"I didna' hear that," said Ben, "along o' only bein' on th' step-ladder lookin' over th' wall. But I'll tell thee this. There's been things goin' on outside as you house people knows nowt</p>	<p>"Eu não ouvi nada," disse Ben, "eu só tava olhando por cima da parede, mas vou te dizer uma coisa: tem umas coisas acontecendo lá fora que vocês aqui de dentro não sabem, mas</p>

about. An' what tha'll find out tha'll find out soon."	vão descobrir em breve."
And it was not two minutes before he swallowed the last of his beer and waved his mug solemnly toward the window which took in through the shrubbery a piece of the lawn.	E não demorou dois minutos antes que ele engolisse o último gole de sua cerveja e acenasse solenemente com sua caneca em direção à janela que dava para um pedaço de gramado através dos arbustos.
"Look there," he said, "if tha's curious. Look what's comin' across th' grass."	"Olha ali," disse ele, "se tiverem curiosidade. Olhem o que tá acontecendo na grama."
When Mrs. Medlock looked she threw up her hands and gave a little shriek and every man and woman servant within hearing bolted across the servants' hall and stood looking through the window with their eyes almost starting out of their heads.	Quando a Sra. Medlock olhou, ela ergueu as mãos dando um pequeno grito que todos os empregados puderam ouvir dispararam pelo salão dos criados e ficaram olhando pela janela com os olhos quase saltando das cabeças.
Across the lawn came the Master of Misselthwaite and he looked as many of them had never seen him. And by his side with his head up in the air and his eyes full of laughter walked as strongly and steadily as any boy in Yorkshire— Master Colin!	Do outro lado do gramado vinha o senhor de Misselthwaite e parecia como muitos deles nunca o tinham visto. E ao seu lado, com a cabeça erguida e os olhos cheios de alegria, caminhava com tanta força e firmeza quanto qualquer menino em Yorkshire - Colin!

